

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Fabiela Bigossi

**As cidades da longevidade:
estudo antropológico sobre as práticas de durar em
Veranópolis - Rio Grande do Sul e Maués - Amazonas (Brasil)**



Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Antropologia Social
para obtenção do título de Doutora.

Orientadora: Profa.Dra. CorneliaEckert

Porto Alegre, 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Fabiela Bigossi

**As cidades da longevidade:
estudo antropológico sobre as práticas de durar em
Veranópolis - Rio Grande do Sul e Maués - Amazonas (Brasil)**

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Antropologia Social
para obtenção do título de Doutora.

Orientadora: Profa. Dra. CorneliaEckert

Porto Alegre, 2013

Fabiela Bigossi

As cidades da longevidade: estudo antropológico sobre as práticas de durar em
Veranópolis - Rio Grande do Sul e Maués - Amazonas (Brasil)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Antropologia Social.

Banca examinadora

CorneliaEckert (orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Alda Britto da Motta
Universidade Federal da Bahia

JohannesDoll
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Ronaldo de Oliveira Corrêa
Universidade Federal do Paraná

Ruben George Oliven
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Para minha mãe
Para meu pai

Agradecimentos

São inúmeras pessoas para agradecer neste trabalho coletivo. Cada um dos nomes mencionados aqui contribuiu para a realização deste trabalho ao longo de quatro anos.

Como não poderia ser diferente, agradeço em primeiro lugar a minha orientadora, Cornelia Eckert que tem exercido sua paciência e perseverança comigo desde junho de 2002, desde a minha primeira aula de Introdução à Antropologia. Minha admiração por ti aumenta a cada dia.

Ao Núcleo de antropologia Visual (Navisual – PPGAS/UFRGS), todas palavras de agradecimento seriam insuficientes para expressar minha gratidão a todas as pessoas que conheci no Núcleo e que são responsáveis pela minha chegada até aqui. Cada encontro com vocês foi marcado por momentos de aprendizagens. Os nomes a mencionar para agradecer ao longo desses anos são muitos, mas gostaria de registrar meus agradecimentos, em especial, à Liliane, à Maria Cristina, ao Luciano, à Rumi, à Fernanda, à Gutcha, ao Roberto, à Karin, ao João, ao Henrique, à Neiva, ao Gianpaolo, à Mabel, à Kátia, ao Yuri, ao Eduardo, à Jennifer e ao Ronaldo.

A todos os professores do PPGAS, em especial à professora Maria Eunice Souza Maciel, à professora Ceres Gomes Victora, ao professor Ari Pedro Oro e ao professor Ruben George Oliven pelos valiosos ensinamentos, alguns deles, imprescindíveis para pensar essa tese e, certamente, todos eles para pensar o fazer antropológico.

À Rose, sempre atenciosa e eficaz, obrigada pela ajuda desde meu ingresso no Navisual.

Aos colegas de doutorado pelas trocas valiosas durante as aulas no primeiro semestre do curso. Em especial agradeço ao Roberto que explorou Maués comigo em 2009 e pelo tempo compartilhado no Navisual, e à Maria Paula por tantos anos de amizade pelos corredores da universidade e na vida.

Ao professor Flávio Leonel Silveira Abreu pela orientação na Universidade Federal do Pará durante minha participação no convênio Procad. As minhas “descobertas” e a adaptação na Amazônia devem muito a ti.

À professora Agnès Fine pela orientação e dedicação durante o doutorado sanduíche e, igualmente, ao Jérômè Courduries pela atenção e acolhida em Toulouse.

Às minhas amigas e meus amigos de Veranópolis. Obrigada pela acolhida na casa de cada um de vocês, por dividir a vida comigo, por tanta confiança e carinho.

Esse trabalho não existiria sem vocês. Obrigada também a todos os familiares que facilitaram minha entrada em campo, apresentando avós, tias e pais.

A todos os “meus idosos” de Maués pelo carinho com que me acolheram desde o primeiro dia, que tanto me ensinaram e foram atenciosos comigo. Minha dívida com vocês é incomensurável. Ainda em Maués agradeço à Lúcia e Djalma, pelas discussões, observações e confiança depositada em mim. Agradeço, enfim, ao Vanderlei, pela amizade e companheirismo que iniciou em Maués e ultrapassou fronteiras.

À Neide, pela atenção em Veranópolis e a Euler, Ivana e Karim, por permitirem que eu acompanhasse suas pesquisas em Maués.

À Rochele, minha querida amiga desde o primeiro dia da graduação. Compartilhar contigo tantos projetos e tantas histórias, mesmo que a distância se imponha entre nós, é sempre gratificante.

À Luísa, minha querida amiga, que conheci no início do doutorado. Obrigada por tantas partilhas, discussões, viagens para congressos, horas ao telefone, e-mails carinhosos, almoços, enfim, obrigada por existir na minha vida e estar sempre ao meu lado. Tu tens uma grande parcela na concretização deste trabalho. Estendo meus agradecimentos a toda família Dantas pelas acolhidas em Belém.

À Daiana e Maicon. Obrigada por tantos momentos compartilhados, livros emprestados, discussões, enfim, pela amizade de vocês. Vocês foram fundamentais durante todo o percurso do doutorado e imprescindíveis para a finalização deste trabalho.

Ao Hélio e a Mariana, que foram ‘guias’ incríveis em Belém. A saudade de vocês é sempre grande. Agradeço também toda a família Ximenes pelo carinho e acolhida em Belém.

À Thaís, pela amizade, incentivo e generosidade: ainda não me acostumei a não te ter ao lado de casa. Obrigada, em especial, pelo apoio nesses momentos finais.

Ao João, meu querido amigo, pela amizade, dedicação e intermináveis projetos e sonhos para o nosso futuro.

À Letícia, ao Daniel, à Lorena e ao Felipe, amigos preciosos conquistados ao longo do doutorado.

À Marcilene, minha querida amiga, um dos maiores presentes que Toulouse me ofereceu. Agradeço também à Manue, pela amizade e por todos os momentos compartilhados, inclusive os de silêncio na biblioteca. Sempre digo que é impossível mensurar a falta que vocês me fazem, mas nesse momento é importante repetir que morro de saudades de vocês todos os dias. Agradeço também ao David, ao Filipo, à

Osvaldina, ao John e ao pequeno Heitor, obrigada pelo carinho e atenção permanente.

À minha mãe, meu pai e meu irmão, toda a dedicação e esforço vale a pena por vocês. Não tenho palavras para expressar minha gratidão por vocês pelo apoio incondicional nas minhas escolhas, pelo amor e pela diminuição da distância entre nós. Este trabalho é nosso.

Ao Cédric, pelo amor, dedicação e companheirismo, comigo e com 'a tese'...

RESUMO

As cidades da longevidade: estudo antropológico sobre as práticas de durar em Veranópolis - Rio Grande do Sul e Maués - Amazonas (Brasil).

Na sociedade complexa contemporânea, especialmente a partir da virada do século, tem aumentado a preocupação com o crescimento acelerado do número de idosos e da longevidade da população. No Brasil, o interesse é revelado pelas diversas áreas interdisciplinares de estudo científico, pelas ações na esfera do Estado e no âmbito privado, evidenciando a pluralidade e complexidade que envolve o processo de envelhecimento. Esta tese discute como a longevidade torna-se a identidade coletiva por excelência nos municípios de Maués – Amazonas e Veranópolis – Rio Grande do Sul (Brasil). Considerando os efeitos da globalização nas cidades contemporâneas, mesmo as de pequeno porte, que passam a buscar novas vocações – econômicas, culturais – de desenvolvimento, considero a existência de uma “cultura da longevidade” construída nos âmbitos biológico, social e político e problematizada na perspectiva antropológica. Através do método etnográfico esta pesquisa buscou identificar os valores que os longevos - ou aqueles que se aproximam desse enquadramento - atribuem à sua experiência de vida, às suas práticas e concepções e como esse estilo de vida é relacionado à possibilidade de ultrapassar os oitenta anos. Assim como, compreender a construção da “cultura da longevidade” no âmbito político em conjunto com os especialistas das áreas da saúde que foram os precursores nas investigações sobre a longevidade nos dois municípios.

Palavras-chave: “Cultura da Longevidade”, Identidade, Memória, Geração, Cidade.

ABSTRACT

The cities of longevity: anthropological study about the practices of “last” in Veranópolis – Rio Grande do Sul and Maués – Amazonas (Brasil).

In complex contemporary society, especially since the turn of the century, has increased the concern about the accelerated growth in the number of elderly and longevity of the population. In Brazil, the interest is revealed by the various interdisciplinary areas of scientific study, the actions in the sphere of the state and the private sphere, showing the diversity and complexity involved in the aging process. This thesis discusses how the longevity becomes the collective identity, for excellence, in the municipalities of Maués – Amazonas and Veranópolis – Rio Grande do Sul (Brazil). Considering the effects of the globalization in the contemporary cities, even the small ones, that go to seek new vocations – economic, cultural – of development, I consider the existence of a “culture of longevity”, constructed in the biological, social and political areas and that is discussed by an anthropological perspective. Through ethnographic method, this research sought to identify the values that the elderly- or those who approach this framework - attach to their life experience, their conceptions and practices and how this lifestyle is related to the possibility of overcoming the eighties. So as, this study intends to understand the construction of the "culture of longevity" in the political sphere in conjunction with experts from the fields of health, which were the forerunners in research on longevity in both cities.

Key-words: "Culture of Longevity", Identity, Memory, Generation, City.

RÉSUMÉ

Les villes de la longévité : étude anthropologique sur les pratiques de durer à Veranópolis - Rio Grande do Sul et Maués - Amazonas (Brasil).

Dans la société contemporaine complexe, surtout depuis de la fin du siècle dernier, s'est développée une inquiétude particulière au sujet de l'accroissement rapide du nombre des personnes âgées et de la longévité de la population. Au Brésil, cet intérêt se manifeste à travers les divers domaines interdisciplinaires d'études scientifiques et par les actions menées dans la sphère du pouvoir public et de la vie privée des personnes, mettant ainsi en évidence la pluralité et la complexité qu'implique le processus de vieillissement. Cette thèse traite de la façon dont la longévité devient une identité collective par excellence dans les municipalités de Maués - Amazonas et Veranópolis - Rio Grande do Sul (Brésil). Compte tenu des effets de la mondialisation dans les villes contemporaines, même celles de moindre importance, qui commencent à chercher de nouvelles vocations - économiques, culturelles - de développement, je considère l'existence d'une «culture de la longévité» construite dans les domaines biologique, social et politique et problématisé dans une perspective anthropologique. Grâce aux méthodes ethnographiques, cette recherche visait à identifier les valeurs que les personnes très âgées ou celles s'approchant de ce groupe générationnel, attachent à leur expérience de vie, leurs idées et leurs pratiques et comment ce mode de vie est liée à leur souhait de dépasser l'âge de quatre-vingt ans. Aussi, cette étude recherche à comprendre la construction de la «culture de la longévité» dans la sphère politique en collaboration avec des experts des domaines de la santé qui ont été les précurseurs dans la recherche sur la longévité dans les deux villes .

Mots-clés: "Culture de la Longévité»; Identité; Mémoire; Génération; Ville;

ÍNDICE DE IMAGENS

Capa

Imagem 1: Pórtico de Entrada de Veranópolis. Site www.panoramio.com. Foto sem autoria.

Capítulo 1

Imagem 2: Mapa do Brasil. IBGE, 2000.

Imagem 3: Mapa do Amazonas com a localização de Maués. IBGE, 2000.

Imagem 4: Mapa do Rio Grande do Sul com a localização de Veranópolis. IBGE, 2000.

Imagem 5: Vista de Maués antes de chegar ao porto. Maués, julho de 2009.

Imagem 6: Vista de rua da cidade na chegada pelo porto. Maués, julho de 2009.

Imagem 7: Praça da Igreja Matriz. Maués, julho de 2009.

Imagem 8: Rua da cidade que dá acesso ao porto e às praias. Maués, julho de 2009.

Imagem 9: Entrada do Centro de Convivência do Idoso. Maués, julho de 2009.

Imagem 10: Folder publicitário do Centro de Convivência do Idoso. Maués, julho de 2009.

Imagem 11: Pórtico de Acesso à cidade. Foto Parise.

<http://www.turismo.rs.gov.br/portal/index.php?q=galeria&cid=307&g=19>

Imagens 12 e 13: Paradas de ônibus do município. Veranópolis, novembro de 2009.

Capítulo 2

Imagem 14: Seu Aderbal ralando o guaraná em bastão na língua do pirarucu. Maués, agosto de 2010.

Imagem 15: Guaraná pronto para o consumo. Maués, agosto de 2010.

Imagem 16: Seu Luiz em direção ao guaranazal nos fundos da sua casa. Maués, agosto de 2010.

Imagem 17: Guaranazal. Maués, agosto de 2010.

Imagem 18: Seu Luiz. Maués, agosto de 2010.

Imagem 19: Seu Luiz explicando o processo de torrefação do guaraná e a preparação do bastão de guaraná. Maués, agosto de 2010.

Imagem 20: Utensílios e forno para preparação do guaraná e da farinha. Maués, agosto de 2010.

Imagem 21: Folder da cidade de Maués com uma imagem do guaraná. Maués, agosto de 2010.

Imagem 22: Máquina de costura no quarto de dona Joana. Veranópolis, fevereiro de 2010.

Imagem 23: Trabalhos de “fuxico” realizados por dona Joana. Veranópolis, fevereiro de 2010.

Imagem 24: Dona Joana e seus trabalhos com tecido. Símbolos religiosos na parede. Veranópolis, fevereiro de 2010.

Imagem 25: Terço de fuxico, que segundo dona Joana, é um dos trabalhos de maior procura para compra. Veranópolis, fevereiro de 2010.

Imagem 26: O quintal de dona Joana. Veranópolis, junho de 2010.

Imagem 27: A moto de seu Lídio. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 28: Objetos fabricados por seu Lídio. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 29: Seu Lídio explicando o mecanismo de funcionamento de um relógio antigo consertado por ele. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 30: Seu Lídio. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 31: Uma das máquinas de costura que seu Lídio coleciona na sua oficina. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 32: Relógio recuperado por ele. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 33: Antiga máquina de costura que ele consertou. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 34: Estocagem das peças e materiais que seu Lídio utiliza no trabalho. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 35: Oficina. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 36: Máquina para trabalhar parafusos e materiais utilizados nos consertos. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 37: Máquina para trabalhar a madeira. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 38: Máquina para serrar e trabalhar a madeira. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 39: Antiga carreta de bois construída por seu Lídio. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 40: A carreta de bois na sala de sua casa é uma lembrança da época que morava no interior. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 41: A ideia de seu Lídio era construir uma carreta desmontável. Veranópolis, julho de 2010.

Capítulo 3

Imagem 42: Dona Isabel fazendo um tapete com retalhos. Maués, agosto de 2010.

Imagens 43 e 44: Dona Isabel fazendo crochê. Maués, agosto de 2010.

Imagem 45: Dona Zenaide costurando panos para confeccionar um tapete. Maués, agosto de 2010.

Imagem 46 e 47: Dona Zenaide e dona Angelina partilhando o trabalho. Maués, agosto de 2010.

Imagem 48: Dona Antonieta, Seu Milton e dona Matilde. Maués, setembro de 2010.

Imagem 49: Seu Milton ouvindo o relato de dona Antonieta. Maués, setembro de 2010.

Imagens 50, 51 e 52: Dona Antonieta narrando os cuidados de saúde com o ex-marido. Maués, setembro de 2010.

Imagens 53, 54, 55 e 56: Dona Teresa. Maués, agosto de 2010.

Imagem 57: Seu Sabá e dona Maria. Maués, agosto de 2010.

Imagem 58: Seu Atinoel e dona Neuza. Maués, setembro de 2010.

Imagem 59: Seu Milton e dona Zenaide. Maués, agosto de 2010.

Imagem 60: Dona Sebastiana. Maués, agosto de 2010.

Imagem 61: Dona Zila. Maués, agosto de 2010.

Imagem 62: Seu Sabá e dona Isabel. Maués, agosto de 2010.

Imagem 63: Dona Isabel, dona Creusa e dona Sebastiana olhando uma revista de bordados. Maués, agosto de 2010.

Imagem 64: Dona Sebastiana, dona Neusarina e dona Joana na mesa do artesanato. Maués, agosto de 2010.

Imagem 65: Dona Neusarina. Maués, agosto de 2010.

Imagem 66: Detalhe do trabalho de dona Sebastiana. Maués, agosto de 2010.

Imagem 67: Dona Joana. Maués, agosto de 2010.

Imagem 68: Dona Antonieta. Maués, agosto de 2010.

Imagem 69: Dona Zenaide. Maués, outubro de 2010.

Imagem 70: Dona Amélia. Maués, setembro de 2010.

Imagem 71: Seu Samuel e seu Bento. Maués, setembro de 2010.

Imagem 72: Seu Pedro e seu Samuel. Maués, setembro de 2010.

Imagem 73: Seu Pedro e seu João. Maués, setembro de 2010.

Imagem 74: Seu Pedro. Maués, setembro de 2010.

Imagem 75: Seu João. Maués, setembro de 2010.

Imagem 76: Seu Sabá. Maués, setembro de 2010.

Imagens 77, 78 e 79: O jogo de cartas. Maués, setembro de 2010.

Imagens 80, 81 e 82: O jogo de dominó. Maués, outubro de 2010.

Imagem 83: A “mesa do artesanato”. Maués, agosto de 2010.

Imagem 84: A “mesa da conversa” sendo preparada para a “hora da merenda”. Maués, setembro de 2010.

Imagem 85: Dona Francisca e dona Teresinha. Maués, agosto de 2010.

Imagem 86: Dona Zenaide, seu Paulo e dona Carolina. Agosto de 2010.

Imagem 87: Dona Neusa. Agosto de 2010.

Imagem 88: Dona Teresinha. Agosto de 2010.

Imagens 89, 90 e 91: Espaço das aulas de alfabetização. Maués, setembro de 2010.

Imagens 92 e 93: Mural com as imagens que eu havia realizado em 2009. Maués, agosto de 2010.

Imagens 94 e 95: Reunião da Pastoral da Criança. Maués, agosto de 2010.

Imagens 96 e 97: Preparação e celebração de culto religioso no CCI. Maués, outubro de 2010.

Imagem 98: Dona Dulce com a camiseta de uma festa religiosa. Maués, setembro de 2010.

Imagem 99: Imagem religiosa na cozinha de dona Joana. Veranópolis, fevereiro de 2010.

Capítulo 4

Imagem 100: Folder da Pesquisa. Maués, julho de 2009.

Imagem 101: Chegada dos idosos para participação na pesquisa. Maués, julho de 2009.

Imagens 102 e 103: Coleta de sangue. Maués, julho de 2009.

Imagem 104: Mural com atividades do CCI. Maués, julho de 2009.

Imagens 105 e 106: Idosos aguardando a etapa do exame de visão, com os consentimentos em mãos. Maués, julho de 2009.

Imagens 107, 108: Etapa do questionário sócio econômico e verificação da pressão arterial. Maués, julho de 2009.

Imagem 109: Verificação da pressão arterial. Maués, julho de 2009.

Imagens 110 e 111: Etapa de avaliação física. Maués, julho de 2009.

Imagem 112: Deixando o CCI após o término da participação na pesquisa. Maués, julho de 2009.

Imagem 113: Notícia no jornal “Maués-Açú”. Maués, agosto de 2010.

Imagem 114: Reunião com o candidato a deputado estadual Chico Preto. Maués, agosto de 2010.

Imagens 115, 116, 117 e 118: Reunião de implementação no Conselho do Idoso. Maués, agosto de 2010.

Imagem 119: Dona Zila mostrando-me antigos participantes do CCI no folder da programação. Maués, agosto de 2010.

Imagens 120 e 121: Examinando o folder da programação. Maués, agosto de 2010.

Imagens 122, 123, 124 e 125: Momentos de participação das idosas durante a programação. Maués, agosto de 2010.

Imagens 126, 127 e 128: Preparação para o desfile do dia da Independência. Grupo representando a Família Real na chegada ao Brasil. Maués, setembro de 2010.

Imagem 129: Preparação para o desfile. Grupo representando o CCI. Maués, setembro de 2010.

Imagem 130: Posicionados na rua para o desfile. Maués, setembro de 2010.

Imagem 131: Dona Isabel. Maués, setembro de 2010.

Imagem 132: Dona Zenaide. Maués, setembro de 2010.

Imagem 133: Dona Socorro. Maués, setembro de 2010.

Imagem 134: Dona Ana. Maués, setembro de 2010.

Imagem 135: Seu Nonato aguardando o início do desfile com familiares. Maués, setembro de 2010.

Imagem 136: Dona Ana e a família. Maués, setembro de 2010.

Imagens 137 e 138: Últimos ajustes na roupa de dona Francisca. Maués, setembro de 2010.

Imagem 139: Atividade no Grupo da Longevidade. Veranópolis, junho de 2010.

Imagem 140: Educadora física do Grupo da Longevidade. Veranópolis, junho de 2010.

Imagem 141: Início do encontro do Grupo. Veranópolis, junho de 2010.

Imagem 142: Atividade. Veranópolis, junho de 2010.

Imagens 143, 144, 145 e 146: Jogo de cartas. Veranópolis, junho de 2010.

Imagens 147 e 148: Salão dos encontros do Grupo da Longevidade. Veranópolis, junho de 2010.

Imagem 149: Reportagem sobre a participação de uma longeva em uma atividade do município. Jornal Correio Livre, 2009.

Imagem 150: Boletim informativo do Sindicato Nacional de Aposentados. Janeiro de 2010.

Imagem 151: Informativo Publicitário Comercial dedicado aos idosos, distribuído em Porto Alegre e litoral norte do RS. Novembro de 2010.

Imagens 152 e 153: Cartilhas distribuídas aos idosos na reunião do Conselho Estadual do Idoso em Maués. Maués, 2010.

Imagem 154: Informativo produzido pelo CEI – RS com dados sobre maus-tratos aos idosos, como identifica-los e os órgãos de referência para denúncias. Junho de 2010.

Imagem 155: Folder publicitário de uma *maison de retraite* com a explicação das diferentes alas de acolhimento.

Imagem 156: Critérios de avaliação das *maisons de retraite* com a pontuação atribuída a cada item avaliativo. *La Gazette*, Maio de 2012.

Imagens 157 e 158: Problemas de alojamento nas *maisons de retraite* indicando a longa espera para obter um lugar. *La Gazette*, Maio de 2012.

Imagens 159, 160 e 161: Folder informativo sobre a *canicule* relativa aos cuidados com os idosos. Junho de 2012.

Capítulo 5

Imagem 162: Revista mensal para a terceira idade, *NotreTemps*. Fevereiro de 2012.

Imagens 163 e 164: Publicidades encontradas na mesma revista. Fevereiro de 2012.

Imagens 165 e 167: Chamada para eventos na Semana do Idoso, acompanhando um encarte especial do jornal Zero Hora que durante uma semana fez reportagens sobre o envelhecimento no Rio Grande do Sul. Zero Hora, setembro de 2007.

Imagem 166: Chamada para o SalondesSeniors. Revista *NotreTemps*. Fevereiro de 2012.

Imagem 168: Reportagem sobre longevidade na França, que aponta duas perspectivas de encarar o aumento da esperança de vida, do ponto de vista individual é apresentada como uma chance o que para a sociedade representaria um fardo. Revista *SciencesHumaines*. Dezembro de 2011.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1	32
Envelhecimento como questão contemporânea na sociedade ocidental .	32
1.1 Para além da idade, a longevidade	41
1.2 A descoberta da “Terra da Longevidade”	42
1.3 Encontrando os longevos	51
1.4 Outro olhar sobre a “Capital da Longevidade	55
1.5 Ponderações sobre a construção da interlocução	60
Considerações	62
CAPÍTULO 2	64
Etnografia sobre o cotidiano: contribuição para a compreensão da longevidade	64
2.1 Dia-a-dia na cidade: práticas que constroem os longevos	66
2.2 Das regras de nutrição que fazem viver mais	77
2.2.1 A descoberta do guaraná.....	77
2.2.2 Um especialista do guaraná	80
2.2.3 Encontrando um personagem famoso	85
2.2.4 Da compra ao consumo: regras a serem observadas	88
2.2.5 Das supostas origens do guaraná	89
2.2.6 Seguir uma dieta.....	92
2.2.7 Dos paradoxos nutricionais.....	93
2.2.8 O que caracteriza uma alimentação saudável	94
2.2.9 O cultivo dos alimentos.....	95
2.2.10 Farmácia no quintal de casa.....	96
2.3 “ <i>Não dá para parar</i> ”: o trabalho entre os idosos.....	98
2.3.1 A força que vem do trabalho.....	98
2.3.2 A necessidade de “se ocupar”	100
2.3.3 Criatividade não tem idade	103
Considerações	108

CAPÍTULO 3	110
Sabedorias sobre as memórias vividas no arranjo dos tempos narrados	110
3.1 Encontros geracionais	111
3.1.1 Conferindo status à pesquisadora	113
3.1.2 De mãe para filha	114
3.1.3 Em defesa das práticas antigas	115
3.1.4 A manutenção da família como valor	117
3.1.5 Das reconfigurações familiares	120
3.1.6 Tensões e medos: reflexões sobre os riscos da vida cotidiana	133
3.1.7 Das vivências compartilhadas	136
3.2 Práticas Religiosas	154
3.2.1 Religiosidade e sociabilidade	155
3.2.2 O <i>ethos</i> religioso	159
Considerações	165
CAPÍTULO 4	168
Políticas da Longevidade	168
4.1 Longevidade do homem da floresta	169
4.1.1 Das expectativas com a valorização do guaraná	179
4.1.2 Idosos e cidadãos: das maneiras de participar da política na cidade	181
4.2 Longevidade em Veranópolis	189
4.2.1 Os participantes da pesquisa em Veranópolis	197
4.3 Políticas públicas para o envelhecimento no Brasil	199
4.4 Políticas públicas para o envelhecimento na França	204
Considerações	210
CAPÍTULO 5	212
O processo de envelhecer: dilemas presentes	212
5.1 Envelhecimento: paradoxos, disputas e contradições	213
5.1.1 Das questões biológicas	215
5.1.2 Das questões políticas	226
5.1.3 Das questões sociais	232

Considerações	240
CONSIDERAÇÕES FINAIS	241
REFERÊNCIAS.....	246

Introdução

Nas sociedades contemporâneas os indivíduos são posicionados numa gama cada vez mais ampla de esferas e sistemas – Estados-nação, cidades, bairros, lares, locais de trabalho, famílias, redes virtuais – todas elas relacionadas de forma crescente entre os detalhes da vida cotidiana e fenômenos macrossociais no tempo e espaço comuns. A homogeneidade que constitui a nação, enquanto imaginação compartilhada (Anderson, 1989) dentro de suas fronteiras, cede lugar atualmente para o reconhecimento das diferenças, sejam elas de gênero, étnico-raciais ou de faixas etárias, dentre outras. As políticas de lutas sociais cedem lugar ou transformam-se em políticas de interesse público, na medida em que a “geração-eu” se desdobra em uma “geração-nós” e é permitido que os agentes escolham suas identidades e representações coletivas conforme um contexto, sendo possível acionar diversas identidades na pós-modernidade, configurada pela efemeridade e fluidez das fronteiras e pelo novo modo de conceber o pertencimento a uma nação (Comaroff e Comaroff, 2001).

A reivindicação pela diversidade segue um ritmo apropriado, de acordo com a construção de pontos de vista, do conhecimento adaptado à vida (Eckert e Rocha, 2000:9). É na afirmação da diferença, na luta por direitos de grupos diferenciados que emergem as reivindicações contemporâneas e, nesse contexto, a identidade pessoal e a afirmação enquanto coletividade protagonizam diversos embates, que por vezes, pressupõem a existência de uma ligação essencial na formação de determinados coletivos. A construção social da identidade, construída com o suporte do passado e que cria práticas no presente, bem como a relação entre questões globais e locais são permanentemente atualizadas na criação de novos contextos (Oliven, 1992).

O posicionamento nos cursos espaço-temporais da vida diária é também a acomodação dentro do curso vital, de faixas etárias. A longevidade da população mundial tem aumentado e o envelhecimento é considerado, na perspectiva antropológica, enquanto um processo, com continuidades e rupturas que correspondem à posição humana no ciclo vital biológico, mas também dotado de reflexão e que tem na memória e na capacidade de refletir

sobre a sua trajetória a possibilidade de lidar com as rupturas e reorganização constante da sua duração. Nesse campo de investigação, as discussões entre natureza e cultura ou fatores biológicos e sociais de envelhecimento dialogam em busca de ponderações para a compreensão do processo. Assim, o envelhecimento consolida-se também como uma área interdisciplinar de estudos no sentido estrito do termo, em que diversos profissionais consideram a produção em diferentes campos especializados, e dessa maneira tem se solidificado enquanto um campo em que os estudiosos e peritos na temática trabalham e pesquisam lado a lado.

Percebendo a cultura enquanto uma teia de significados (Geertz, 1989) e tomando como base a ideia de que a cultura é pública porque a significação o é, e em que o simbolismo não está no espírito, mas sim se trata de uma significação incorporada à ação e decifrável nela pelos outros atores em jogo (Ricoeur, 1994), é possível encontrar na sociedade contemporânea processos de construção social da “cultura da longevidade”. A cultura da longevidade emerge na sociedade complexa, que, nos termos de Gilberto Velho, caracteriza-se pela divisão social do trabalho e pela “divisão de riquezas delineiam categorias sociais distinguíveis com continuidade histórica” e a heterogeneidade cultural da coexistência de tradições plurais com diferentes bases (Velho, 1981: 14). Por sua vez, o termo moderno-contemporâneo que agrego para situar a cultura da longevidade no meio urbano acentua a construção de uma sociedade em que a complexidade é associada à “acentuada divisão do trabalho” (Velho, 1981: 15).

A “cultura da longevidade” tem como característica estar presente não apenas entre aquelas pessoas que já passaram dos 80 anos, mas faz parte das relações e representações coletivas de outros grupos etários e também da construção de uma identidade de pertença nas cidades de Maués e Veranópolis, situadas, respectivamente, nas regiões norte e sul do Brasil, e nas quais foi realizada esta pesquisa etnográfica.

A minha formação enquanto pesquisadora em Antropologia, além de proporcionada pelas disciplinas cursadas, se desenvolveu no âmbito do Núcleo de Antropologia Visual (Navisual)¹, do qual participo desde o segundo semestre do curso de Ciências Sociais, iniciado em 2003. A formação no Navisual é permanente, tanto através das pesquisas individuais que realizei, como por intermédio das orientações, oficinas práticas e teóricas e seminários de formação para os pesquisadores. No desenvolvimento de pesquisas antropológicas que utilizam recursos audiovisuais ou apenas visuais, como no caso dos estudos que desenvolvi, as imagens não são utilizadas como mera ilustração, mas sim como uma possibilidade interpretativa, de formulações teóricas através da compreensão do pesquisador sobre o tema estudado e também dialógica entre interlocutor e pesquisador, em uma troca que se estabelece especialmente no trabalho de campo. Dessa forma, é possível ampliar as condições para estabelecer uma etnografia compartilhada e um diálogo fecundo com indivíduos e grupos em suas diversas formas de interação social e expressão cultural. Conforme Luciana Bittencourt, “se a antropologia busca estabelecer um diálogo com o ‘outro’, essa disciplina depende de métodos que tornem possível a dinâmica negociação de sentidos inerente ao confronto de experiências humanas” (Bittencourt, 1998:209).

Concomitante à reflexão a partir da Antropologia Visual, as pesquisas com os temas que envolvem os projetos de vida, a família, as relações intrageracionais e intergeracionais, a memória e a cidade, fazem parte de meu horizonte de pesquisas desde o trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais. A primeira pesquisa que realizei como bolsista de iniciação científica (PIBIC/CNPq) conjugava meu interesse pela antropologia visual e as questões da etnicidade e transmissão de práticas religiosas na cidade de Porto Alegre. O interesse surgiu no trabalho realizado como pesquisa exploratória no primeiro semestre do curso de Ciências Sociais em duas casas de religião afrobrasileira

¹O Núcleo de Antropologia Visual é um projeto coordenado pela Profa. Dra. Cornelia Eckert, desenvolvido no Laboratório de Antropologia Social do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. O NAVISUAL tem se consolidado enquanto espaço de pesquisa antropológica com instrumentos audiovisuais e de produção científica produzida por pesquisadores do PPGAS e alunos de graduação. Os principais objetivos são dinamizar e difundir a utilização dos recursos audiovisuais disponíveis no NAVISUAL bem como estimular a pesquisa de forma teórico-metodológica através da Antropologia Visual.

no bairro Cidade Baixa e que, posteriormente, desenvolvi quando ingressei como bolsista no Núcleo de Antropologia Visual apresentando o resultado da pesquisa no Salão de Iniciação Científica². As duas casas possuem muito prestígio, uma tendo à frente a mesma mãe de santo desde a década de 70 e outra um pai de santo mais jovem, mas em uma casa que fora fundada em 1914. As duas casas são destaque no cenário religioso da cidade. O interesse em realizar a pesquisa partiu da consideração dos expressivos estudos em grupos de religião afro-brasileiras, muitos deles utilizando-se de imagens fotográficas, nos quais pouco era tratado sobre a inserção desses equipamentos fotográficos e a produção de imagens em pesquisas nas casas de religião. Foram trazidas à discussão questões éticas em antropologia visual, como a negociação do consentimento para obtenção das imagens fotográficas na manifestação de interditos. Esse trabalho foi minha iniciação na Antropologia, quando pude compreender e exercitar os ensinamentos básicos da disciplina, como a importância do diálogo entre interlocutor e pesquisador na condução da pesquisa a partir da negociação de ser aceito no processo do ritual como pesquisador.

Finalizado este trabalho, iniciei uma pesquisa sobre os projetos de vida de estudantes universitários que mudavam de cidade, saindo de perto de seus familiares, em geral pertencentes a camadas médias residentes em cidades de médio e pequeno porte, para cursarem faculdade na capital. A ideia desta pesquisa surgiu devido a minha própria experiência e da minha rede de amigos no processo de deslocamento interior-capital. Neste trabalho detive-me na análise das mudanças no estilo de vida interior-capital, no que tange às relações familiares, às tensões e conflitos no processo de desenvolvimento de estudos universitários e à construção de um projeto familiar em torno da obtenção de diploma de um curso superior. Esse trabalho foi desenvolvido a partir da pesquisa junto ao Núcleo de Antropologia Visual e foi apresentado no

² “A imagem autorizada ou segredo roubado? Questões éticas em pesquisa de Antropologia Visual com o grupo afro-religioso Centro de Umbanda Cacique Supremo da Montanha, Porto Alegre – RS. XV Salão de Iniciação Científica, novembro de 2003.

Salão de iniciação Científica da UFRGS (em 2004 e 2005), resultando também no trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais³.

Congregando parte das temáticas de interesse nas duas pesquisas que desenvolvi na graduação, durante o mestrado em Antropologia Social realizei uma pesquisa com estudantes universitários negros, motivada pelo problema social estabelecido a partir da discussão e implementação das cotas sociais e raciais nas universidades brasileiras, buscando compreender de que forma esses estudantes, ao narrarem suas biografias, trariam a questão étnica em consonância com a formulação constante de um projeto de vida de aquisição de capital cultural, econômico e social através de um projeto que envolva a passagem pela universidade. A especificidade do trabalho residiu especialmente em como, ao trabalhar com projetos de vida e trajetórias, o tema da identidade étnica era agenciado nas narrativas sobre o processo de construção de seus “projetos de vida” e interpretação de suas trajetórias sociais, constituindo-se assim nos dois eixos que nortearam a dissertação⁴.

Durante as duas pesquisas de campo com estudantes, com destaque para aquela realizada durante o mestrado, a presença dos avós nas narrativas era muito recorrente. Na medida em que narravam suas biografias mencionavam a importância desses familiares na construção do projeto de vida universitário, seja como forma de incentivo ou de cobranças, mas especialmente de reconhecimento pela memória desses avós que em raros casos tiveram a mesma oportunidade de estudos que os netos. Myriam Moraes Lins de Barros (1987) já levantava a importância do estudo geracional para a compreensão das dinâmicas da sociedade complexa no Rio de Janeiro. Assim, crescia e era alimentado, através do acompanhamento teórico da minha orientadora, o meu interesse em conhecer essa outra geração e aproximar-me das suas memórias, narrativas e experiências.

³BIGOSSI, Fabiela. Entre cidades, famílias e redes de pertencimentos: pesquisa antropológica e etnográfica sobre as trajetórias, itinerários, estilos e projetos de vida de estudantes universitários residentes em Porto Alegre oriundos de cidades interioranas. Porto Alegre, TCC, 2005.

⁴ BIGOSSI, Fabiela. Trajetórias universitárias: estudo etnográfico da construção de projetos de vida dos estudantes negros em Porto Alegre – RS. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado, 2009.

Associando o interesse pessoal com o projeto acadêmico de cursar o doutorado optei por estudar em Veranópolis, cidade gaúcha lembrada desde a década de 90 sob o *slogan* de Terra da Longevidade. Com esse projeto definido, eis que tomo conhecimento da cidade de Maués a partir da literatura e dados que eu buscava sobre a longevidade, bibliografia essa, muito mais numerosa na área da saúde do que na Antropologia e ciências humanas em geral. Com a oportunidade de participar do convênio Procad entre o Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UFRGS e o Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da UFPA, tive facilitada a minha pesquisa em Maués⁵, considerando a viabilidade de realizar o trabalho de campo na Amazônia pela distância e especialmente por tomar conhecimento de pesquisas realizadas com populações não indígenas, que são diversificadas quanto aos seus objetos e a abrangência de universos. Nesse período a orientação do professor doutor Flávio Leonel Abreu da Silveira foi de suma importância para minha aproximação com as questões amazônicas, especialmente as que envolviam as temáticas cidade e memória.

As etnografias em Maués e Veranópolis foram experiências bastante distintas, experiências estas que ficarão claras para o leitor ao longo dos capítulos. Em Maués, habitar na cidade possibilitou uma maneira de desenvolver os contatos e uma entrada na vida das pessoas com as características de uma etnografia intensa. Em Veranópolis as idas à cidade, diretamente ao encontro das pessoas, estabeleceu uma relação que caracterizo como “mais formal” onde eu era sempre aguardada como “uma visita”. A etnografia em Maués foi realizada durante quatro meses, em julho de 2009 e entre agosto e outubro de 2010 e em Veranópolis ao longo de 2010 e início de 2011, mas sem me estabelecer na cidade. Finalizadas as etapas de etnografia em Maués e Veranópolis realizei meu estágio sanduíche na Université de Toulouse II – Le Mirail, no Laboratoire Interdisciplinaire Solidarités, Sociétés, Territoires (LISST) – Centre de d’Anthropologie Sociale

⁵ O Procad entre a UFRGS e a UFPA é coordenado respectivamente pela professora Maria Eunice Maciel e pelo professor Heraldo Maués e trata-se de uma parceria entre os programas de pós-graduação que permitem a mobilidade acadêmica de alunos a fim de realizar estudos sob a tutela de um professor orientador na instituição de destino, acompanhando atividades em sala de aula e de pesquisa de campo. Quero aqui reiterar meus agradecimentos a Profa. Maria Eunice Maciel pelo apoio ao desenvolvimento deste intercâmbio e pesquisa.

(CNRS – EHESS) sob orientação da professora doutora Agnès Fine. Durante um ano de permanência no LISST, que congrega pesquisadores interessados em diversos temas da pesquisa antropológica, assim como, de outras áreas do conhecimento, permitiu a exploração teórica necessária para uma pesquisa complexa, que trata de um tema tido por multidisciplinar como o envelhecimento e que move estudiosos das mais diversas disciplinas, impondo inclusive essa circulação entre áreas para que se enriqueça a análise dos dados. A oportunidade de inserção em diversas redes de pesquisadores também contribuiu para a compreensão e reconhecimento das diversas, e ao mesmo tempo, comuns faces do envelhecimento. As discussões em torno do processo de envelhecimento na França, Bélgica, Japão, Argélia e Burkina Faso entre outros países, permitiram-me conhecer situações ímpares de pesquisa de campo, de abordagens teóricas, de configurações de um objeto e, sobretudo de práticas antropológicas.

O momento vivido pela França no que diz respeito ao envelhecimento, com um dos índices de esperança de vida mais crescentes do mundo, ficando atrás, conforme dados demográficos, apenas do Japão, também foi fator decisivo para conhecer as questões políticas envolvidas no debate sobre o aumento da longevidade da população. Além disso, a região de Toulouse, assim como outras próximas ao mediterrâneo é conhecida por concentrar um alto número de longevos e pelo desenvolvimento de pesquisas científicas em diversas áreas que buscam compreender esse fenômeno nas cercanias do mediterrâneo. As discussões sobre o envelhecimento iniciaram na França muito antes do que no Brasil através da tomada do fenômeno do aumento da população idosa como um problema social para os países europeus. As questões que os especialistas franceses e europeus, de forma geral, puseram-se na década de quarenta do século passado, no Brasil passaram a ser discutidas apenas nos últimos vinte anos. Atualmente, as preocupações nos países europeus sobre o envelhecimento recaem, sobretudo, na busca de soluções econômicas, ou seja, de que forma dar o suporte necessário para um envelhecimento digno equilibrando as contas do Estado. Evidentemente questões sobre os encargos da família, a diminuição de renda dos jovens e o desemprego da população economicamente ativa entram na discussão. Os

espaços destinados aos idosos, especialmente as possibilidades de habitação, são as grandes preocupações, que abrangem não apenas a reconfiguração física das *maisons de retraite*⁶ e a acessibilidade nas cidades (Cherubini, 2007; Becót, Guyar e Jean, 2007), mas também a solidariedade familiar e da rede de vizinhança, ou seja, as inquietações abrangem o espaço ocupado também em termos sociais e afetivos.

Os deslocamentos espaciais com a realização da pesquisa em Maués e Veranópolis e com experiências etnográficas também em Toulouse, põe em relevo no presente estudo uma das características da Antropologia enquanto uma ciência comparativa, valendo-se desse método no reconhecimento da alteridade e análise da sociedade. O método comparativo na Antropologia passou por diversos períodos conceituais, mas neste momento basta dizer que a perspectiva comparativa está presente neste trabalho como possibilidade hermenêutica de compreensão dos sujeitos. Juliana Braz Dias argumenta que a comparação “permite realizarmos a passagem do detalhe etnográfico para a construção de um quadro mais amplo, tanto em termos espaciais quanto temporais, permitindo localizarmos os dados de nossas investigações dentro de uma história em âmbito mundial” (Dias, 2012:9).

A prática da etnografia multissituada, conforme George Marcus (1995), considera também a realização da pesquisa em mais de um local com a observação de um mesmo fenômeno. O pesquisador não fica restrito a um mesmo grupo no interior de cada campo de observação, mas sim o objeto consiste num determinado fenômeno social, que no caso desta etnografia trata da construção da cultura da longevidade, e a análise é realizada a partir da superposição de determinadas situações, verificando os pontos nos quais a intersecções, ressonâncias e associações ocorrem (Marcus, 1995:106).

Compreender como a longevidade torna-se uma identidade coletiva nos municípios estudados perpassa o entendimento das práticas e dos significados conferidos ao processo de envelhecimento por parte das pessoas que vivem a longevidade, como ela é construída no âmbito político e o jogo com as categorias explicativas e conformativas do envelhecimento.

⁶ Casas de longa permanência.

Através do método etnográfico esta pesquisa buscou identificar os valores que os longevos - ou aqueles que se aproximam desse enquadramento - atribuem à sua experiência de vida, às suas práticas e concepções e como esse estilo de vida é relacionado à possibilidade de ultrapassar os oitenta anos.

A observação participante durante uma das etapas de pesquisa biomédica⁷ em Maués e entrevistas com uma das coordenadoras da pesquisa realizada em Veranópolis também são parte da metodologia desta pesquisa e proporcionaram a compreensão de como as pesquisas institucionais e o poder público municipal se comunicam e constroem a identidade municipal levando ao desenvolvimento de vocações turísticas, econômicas e de atrativos municipais pautados na sua população longeva. Direcionar o olhar para os processos políticos que ocorrem nos municípios em relação aos idosos não significa restringir-se somente às políticas públicas implementadas pelo poder público municipal, mas sim para a perspectiva política em sentido mais amplo: direcionar-se na compreensão dos processos políticos em sua manifestação do tipo trans-institucional, conforme John A. Barnes (1987) chama atenção. A análise através dessa esfera permite identificar os domínios de intervenção das políticas públicas no grupo social e como estas acabam por constituir os sujeitos no nível individual (Simões, 2003) e em decorrência, as interferências no cotidiano e estilo de vida dos longevos.

As diferentes técnicas empregadas nessa etnografia correspondem às distintas necessidades de conhecer o discurso público, as ações na vida cotidiana e a escuta das narrativas subjetivas dos idosos.

As narrativas biográficas elucidam como os indivíduos expressam suas avaliações conscientes acerca das condições subjetivas de interação social, de viver formas diversas de sociabilidade em que são consideradas as possibilidades que eles têm ou pensam ter no universo em que se inserem, numa perspectiva projetada para o devir, para o tempo pensado e desejado pelos sujeitos nas suas interações e ações (Eckert, 1998:14). Na medida em que os idosos narram sua vida, exteriorizam suas ações dentro do grupo, conjunto de práticas, *ethos* e tradições. A narrativa, na antropologia

⁷ Na minha primeira ida a campo em julho de 2009 acompanhei a realização da pesquisa sobre a "Longevidade do Homem da Floresta", que realiza estudos a fim de identificar causas genéticas e ambientais que impliquem na longevidade em Maués.

contemporânea, privilegia a interpretação em detrimento da explicação e possibilita o diálogo com os sujeitos. Conforme Guita Debert (1997), esse dialogar caracteriza-se pela não imposição, pelo pesquisador, de categorias que não dizem respeito aos interlocutores, referentes a teorias exteriores a eles ou dos próprios valores do pesquisador. Além disso, o diálogo dá condições aos informantes para que estes nos levem a ver outras dimensões e a pensar de várias formas a problemática que através deles nos propomos a conhecer e analisar. O sujeito é reflexivo e interpreta sua trajetória, permitindo que o pesquisador identifique valores, ideias, representações e as próprias condições históricas e como isso influencia na transformação das práticas e no estilo de vida ao longo do tempo. A narrativa biográfica não é uma técnica, por isso, ela não se basta a si mesma e sua importância está associada “a convivência prolongada que permite uma observação antropológica elaborada, o conhecimento dos ritmos e espaços da vida cotidiana, os complexos eventos coletivos, as múltiplas redes sociais onde os indivíduos circulam e negociam identidades” (Eckert, 1998:3). De acordo com Paul Ricoeur (1994), existe entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural, ou seja, o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal.

As imagens, neste trabalho antropológico, estão inseridas como parte do processo de construção da narrativa e conhecimento do outro. A narrativa imagética, assim como a textual, se constitui enquanto um diálogo. O antropólogo enquanto narrador necessita ter em mente essa tríade, formada pelo autor/tradutor/leitor (Eckert e Rocha, 2005:38). Além disso, a qualidade das narrativas construídas através da imagem está na possibilidade de estabelecer ininterruptamente novos diálogos e interpretações para a audiência que, por vezes, é limitada no espaço do texto. O próprio pesquisador, ao rever suas imagens tem facilitado o processo de reinterpretar o grupo, sendo este um exercício fundamental na construção do conhecimento e no entendimento das representações simbólicas contidas na imagem, além de revelar elementos anteriormente ocultos (Manguel, 2001).

A imagem fotográfica, também compreendida enquanto uma extensão da nossa visão, constitui-se em um instrumento da observação participante em busca de dados antropológicos (Rouillé, 1991 apud Guran, 2005) e possui a tríplice função: epistemológica, expressiva e metodológica. O processo de produção de conhecimento antropológico através de imagens consiste na aprendizagem de um novo olhar sobre as questões de campo e se insere como uma nova possibilidade de conhecer os interlocutores. É necessário exercitar uma determinada sensibilidade das várias formas culturais que podem se apresentar ao antropólogo, um olhar que capte nos agentes uma possibilidade de compreendê-los. É preciso, por sua vez, que o antropólogo desenvolva também a sensibilidade para traduzir o que lhe está sendo dito e aqui a imagem pode apresentar-se enquanto uma excelente metodologia para dizer aquilo que com palavras talvez nos fosse negado (Bittencourt, 1998).

A pesquisa etnográfica no contexto amazonense, na cidade de Maués (AM) foi realizada em julho de 2009 e nos meses de agosto, setembro e outubro de 2010. Em Veranópolis (RS) a inserção em campo foi em fevereiro de 2010 e o trabalho de campo foi realizado ao longo de 2010 até meados de 2011, em constantes idas para o município. Através destas experiências etnográficas foram especialmente problematizadas as estratégias cidadinas no que tange a saúde do idoso, visando projetos de qualidade de vida nas experiências de longevidade. Mas nestes contextos são os idosos, os atores sociais da longevidade em suas rotinas e inteligibilidades lógicas, com os quais “envelheci junto” (Schutz, 1979) e através dos quais busquei interpretar na interlocução e no reconhecimento de formas de sociabilidade, ritmos da vida cotidiana e relações com as políticas públicas.

O campo interpretativo do tema elegido por “cultura da longevidade” conhece uma linha de pesquisa consolidada no Brasil definida como estudos antropológicos e sociais do envelhecimento e tem autores como Guita Debert (1999; 2003), Myriam Moraes Lins de Barros (1987), Alda Brito Motta (2000; 2005; 2012), Clarice Peixoto (2003), Andrea Moraes Alves (2003), Cornelia Eckert (1997; 2003), Maria Cristina Caminha de Castilhos França (2002; 2009), Deborah Stucchi (2003), Júlio Assis Simões (2003), Monalisa Dias de Siqueira (2011), Russel Parry Scott (2002), Monica Soares Siqueira (2008), Lucas

Graeff (2005) que reúnem seus esforços e buscam desnaturalizar o conceito de velho, idoso, longo. Na França foram sobretudo Monique Membrado (2007; 2009; 2010), Serge Clément (2007; 2010), Vincent Caradec (2007; 2009) Sylvie Carbonnelle (2010), Jacqueline Trincaz (2000; 2007; 2008) e Bernardette Puijalon (2000; 2007; 2008; 2011) os autores que me orientaram na reflexão analítica dos dados empíricos. Sem esgotar aqui a lista de referências que apoiaram o desenvolvimento desta tese temática e que serão doravante referidos, dou início a apresentação da estrutura da tese.

No primeiro capítulo trago as questões contemporâneas em torno do envelhecimento. O aumento da população acima de sessenta ou sessenta e cinco anos, idade relativamente definida pela ONU de acordo com o IDH de cada país e que marca o ingresso na terceira idade e os desafios que a sociedade encontra a partir dessa nova configuração na pirâmide etária são apresentados aqui a partir do espaço-tempo da cidade. Uma questão orientadora se destaca: Como o envelhecimento se torna um problema social nas cidades através de demandas para garantir um envelhecimento digno, bem como o envelhecimento como uma nova proposta de desenvolvimento vocacional para as cidades. Enfim, os processos singulares dessa etapa da vida nas suas configurações urbanas. O capítulo 1 insere o leitor ou a leitora no universo de pesquisa nas cidades de Veranópolis e Maués no compasso do meu movimento de descoberta do campo entre idosos e idosas, poder público e pesquisas.

No segundo capítulo elejo como prioritário o tema da longevidade e da sua construção sempre plural, seja nas concepções ou nas experiências dos sujeitos que a vivenciam. A preocupação de esclarecer metodologicamente como a etnografia foi conduzida também está no início deste capítulo. Se no primeiro capítulo apresento ao leitor minha inserção em Maués e em Veranópolis com especial atenção as questões urbanas, ao pensar nos indícios antropológicos a partir da etnografia na cidade, no capítulo 2 insiro na discussão os interlocutores que me acompanharam e possibilitaram a concretização do meu projeto de compreensão da longevidade nessas cidades. A partir da etnografia trago as experiências, as biografias e os estilos de vida que através da memória no ato de narrar constroem a cultura da longevidade.

Entre narrativas, escritas e fotográficas, os interlocutores mostram as disparidades e contradições de um processo biológico, político e social, ou seja, que possui dissonâncias e encontros identitários. Os hábitos nutricionais e a importância do valor-trabalho são as duas categorias nas quais me apoiei para construir esse capítulo de aproximação entre leitores e interlocutores, visto que fazem parte majoritariamente entre os idosos, ao lado das questões religiosas, das *“dicas para se viver bem”* e por mais tempo.

O capítulo 3 segue a proposta de apresentação da etnografia realizada no capítulo anterior. A memória enquanto categoria interpretativa dos meus dados, mas especialmente enquanto capacidade reflexiva dos interlocutores aparece de maneira mais explícita neste capítulo, em que o jogo do tempo entre passado, presente e futuro se esclarece através das relações sociais entre gerações distintas e entre os pares. Nas trocas, nas relações de reciprocidades, na transmissão de conhecimento aparecem as preocupações com o tempo que passa, com o corpo que se modifica, com as gerações que ficam e com os valores contemporâneos que trazem aos interlocutores o sentimento de que eles estão fora do lugar. Por outro lado, a “resistência” é vislumbrada quando estão entre uma mesma geração, quando são solicitados a participarem nas atividades públicas e lhes é dado o poder da decisão ou quando encontram pessoas interessadas em aprender com eles.

O quarto capítulo traz o desenvolvimento das políticas públicas na construção da cultura da longevidade que identificamos na sociedade contemporânea. Entre políticas globais e locais trago a etnografia que realizei em Maués acompanhando um grupo de pesquisadores interessados em fatores biogenéticos de longevidade na cidade. Em Veranópolis, relato acontecimentos do que se passou após a realização de uma pesquisa sobre fatores biogenéticos entre os idosos do município. Acompanhar as duas pesquisas nos seus tempos diferentes e como elas agem junto com o poder público municipal na construção identitária e vocacional das cidades foi fundamental para a compreensão da complexidade que envolve a temática do envelhecimento. O capítulo 4 traz ainda um breve, mas necessário, panorama sobre as políticas públicas no Brasil e na França mostrando a consonância entre a formulação dessas políticas para idosos e problemas sociais que

envolvem toda a população e também como essas políticas são raramente preventivas, como preconizam os estudos dedicados ao processo de envelhecimento nas áreas da saúde.

O último capítulo traz a construção do envelhecimento enquanto uma temática interdisciplinar e como ele é compreendido no curso da vida humana. A mudança de percepção sobre o que acarreta ao ser humano durar, conjugada à forma de tratamento dada aos velhos desde os primeiros escritos sobre essa fase da vida. A busca por alcançar a maior idade possível ou a juventude eterna para encobrir a finitude do ser humano são temas tratados, assim como a religião entre os longevos como o principal recurso à longa vida e sem negligenciar, “com saúde”. São apresentadas as escolhas para a análise da construção da longevidade no âmbito biológico, político e social, que se encontram inseparáveis, seja na forma etnográfica ou analítica, constituindo o ser humano como um todo de múltiplas identidades, onde a identidade geracional, no caso das cidades onde realizei a etnografia, tem maior peso que as demais a partir do momento em que os interlocutores passam dos sessenta anos.

Enfim, apresento as considerações finais no esforço de analisar essa pesquisa no seu conjunto. A etnografia e a escrita dessa tese são marcadas por questões e caminhos tortuosos, que considero intrínsecos à investigação percorrida na busca de desvendar a construção da cultura da longevidade. A multiplicidade de fatores envolvidos nesse processo, assim como a complexidade dos atores que o constroem, é colocada em cena ao longo dos capítulos que seguem.

As fotografias foram realizadas com o consentimento verbal dos interlocutores, assim como a manutenção dos nomes verdadeiros. Os substantivos e pronomes que utilizo antes dos nomes próprios correspondem à maneira como eles se tratavam entre si no Centro de Convivência do Idoso (CCI). Em Veranópolis, eu respeitava a forma de tratamento dispensada aos interlocutores por quem me apresentava a eles e nas ocasiões que cheguei sozinha à casa deles pela primeira vez eu escolhia uma forma de tratamento com a qual eu me sentia à vontade.

CAPÍTULO 1

Envelhecimento como questão contemporânea na sociedade ocidental

O deslocamento conceitual que sobremaneira me colocou diante de uma experiência de ruptura epistemológica, ainda quando refletia sobre o projeto de tese que seria desenvolvido no doutorado foi a categoria do tempo, sobre o qual me indagava de diferentes maneiras. O tempo tornou-se rapidamente uma categoria mencionada com frequência pelas pessoas com as quais convivi durante o trabalho de campo. Ao mesmo tempo em que ele é gentil, permitindo o acúmulo de sabedoria e de lembranças e os anos a mais de vida, ele também deixa marcas dolorosas e nos lembra de que durar, no tempo biológico e social, tem um ônus.

Até a formação no mestrado em Antropologia, meu universo de pesquisa era formado por jovens universitários. Mesmo que o conceito de memória tenha sido sempre central no meu percurso acadêmico, nas pesquisas anteriores envolvendo trajetórias e projetos de vida, os interlocutores entusiasmavam-se e sorriam ao narrar sobre suas expectativas quanto ao futuro. Todos esperavam um longo caminho profissional, ultrapassar dificuldades, enfrentar mudanças, ser reconhecido na profissão que escolheram seguir. O futuro mostrava-se como um espaço de tempo suficientemente longo para ser preenchido e as ideias que tinham não eram jamais suficientes para preencher todo esse período. O presente era o que faziam agora para garantir esse longo futuro, de anos e mais anos que iriam se somar. O passado era sempre relacionado aos projetos e trajetória familiar, à importância e ao reconhecimento aos antecessores. A perseverança demonstrada no presente era para alcançar no futuro o que os pais e avós, muitas vezes, não puderam obter no passado, considerando os contextos aos quais pertenciam os interlocutores das pesquisas anteriores.

O deslocamento temporal do etnógrafo de voltar-se para o passado, acompanhando a memória narrada dos seus interlocutores, deve seguir

também o movimento de reflexão sobre as memórias e práticas no contexto da sociedade contemporânea e a complexidade que a envolve.

Os efeitos da globalização são vivenciados na reconstrução vocacional das cidades contemporâneas (Agier, 2011). Se até o século XX as cidades eram reconhecidas principalmente em termos de suas atividades de trabalho, o que ofereciam em termos de indústrias, quais os principais produtos produzidos para o consumo, qual o tipo de mão de obra empregado, quais as reservas e recursos naturais eram explorados, no século XXI as cidades contemporâneas redefinem-se através de outros termos, como por exemplo, fluxos de imigração, polos educacionais, oferta de requisitos considerados fundamentais para obter a pretensa 'qualidade de vida', seja em termos definidos individualmente, mas principalmente apoiando-se em aspectos definidos por coletivos, tais como a implementação de políticas diferenciadas e desenvolvimento de diversas modalidades de turismo.

A busca por novas vocações (Weber, 1987) é aliada ao surgimento e à transformação de contextos sociais. Uma dessas novas configurações que desafia as sociedades contemporâneas é o aumento da expectativa de vida e do número de pessoas que ultrapassa os 65 anos⁸, idade considerada pela ONU como o marco de entrada na terceira idade ou velhice⁹.

Enquanto as projeções para a virada do século eram de que o Brasil contasse com uma população acima de 65 anos superior a 8,7 milhões (Berquó 1999:38), os dados divulgados pelo IBGE em setembro de 2008 apontam um número de pessoas acima de 60 anos que se aproxima de 20 milhões de idosos, o que corresponde a mais de 10% do total da população nacional. Conforme o IBGE, estes dados revelam que o país encontra-se em processo de envelhecimento populacional, o que evidencia a crescente preocupação dos setores públicos e privados com relação a esse debate.

Em todos os países desenvolvidos e em desenvolvimento a expectativa de vida aumentou consideravelmente no último século e tem sido atribuída pelos gerontólogos, profissionais que se detêm sobre a temática do

⁸Conforme definição da ONU é considerada idosa as pessoas acima de 60 anos nos países em desenvolvimento e a partir dos 65 anos nos países desenvolvidos, onde a expectativa de vida é maior.

⁹As variações de conceitos e termos serão apresentados posteriormente nessa tese.

envelhecimento, à melhoria dos níveis de nutrição e dos serviços de saúde. Ao examinarmos os dados do censo populacional tem-se uma dimensão do aumento acelerado da expectativa de vida. Em 2000 a expectativa de vida no Brasil era de 64,8 anos para os homens e 72,5 para as mulheres. Dez anos depois, as mulheres vivem em média 77,7 anos, enquanto os homens 70,6, o que elevou a expectativa de vida ao nascer dos brasileiros para 74,08 (IBGE, 2012). Ao mesmo tempo em que ocorre o declínio acentuado e sistemático da fecundidade, os idosos têm sua proporção relativa aumentada no total da população, assistindo assim ao aumento da longevidade. No último censo realizado pelo IBGE, em 2012, o número de pessoas com mais de 60 anos era de 23,5 milhões no Brasil. As últimas projeções indicam que no ano de 2050 eles serão mais de 64 milhões, em uma população total de 233 milhões (IBGE, 2012). Considerando que a população atual é de cerca de 194 milhões, hoje eles representam 12% da população. Em 2050, serão aproximadamente 27%. O processo de envelhecimento brasileiro é um dos mais velozes no mundo¹⁰, com números próximos aos países mais desenvolvidos em termos de números absolutos e de participação dos idosos no somatório da população. O Centro Latinoamericano e Caribeño de Demografia - CELADE, órgão da Comisión Económica para América Latina y el Caribe - CEPAL, das Nações Unidas, classifica o envelhecimento brasileiro como um processo moderado avançado (IBGE, 2008).

A ênfase que as discussões sobre envelhecimento tomaram na Europa, em parte da Ásia e na América do Norte nos últimos vinte anos, a sociedade brasileira vive um momento de interesse crescente relacionado à temática do envelhecimento da população. As discussões, de forma geral, caracterizam-se pelos desafios que o reordenamento da pirâmide etária impõe à sociedade, sendo tratadas nas esferas pública e privada, juntamente a preocupações que versam sobre temas que abrangem a qualidade de vida, as políticas públicas, o sistema de previdência, as próprias redefinições e concepções de discursos e nomenclaturas ligados a essa etapa da vida, o desenvolvimento urbano (cidades, metrópoles, capacidade de acolhimento), estilo de vida nas situações moderno-contemporâneas e desenvolvimento

¹⁰<http://www.fundaj.gov.br/tpd/117a.html>. Página consultada em novembro de 2009.

científico-tecnológico (avanço da ciência e da medicina gerontológica privilegiadamente).

O processo de envelhecer é sempre diversificado nas suas experiências e o envelhecer na cidade agrega particularidades. As diferenças aparecem não apenas no nível subjetivo de quem vivencia o processo, mas também na configuração coletiva de como se organizam os espaços comuns com o aumento dos idosos. O tempo da cidade é outro, o ritmo é apressado e as mudanças velozes.

No Japão, país que tem a maior esperança de vida ao nascer, alcançando uma média de 83,91 anos e que possuía em 2012 uma população de pessoas com mais de 60 anos de 24%, é cada vez mais desafiante, segundo a geógrafa Estelle Ducom (2010), encontrar soluções para os problemas de segregação urbana a qual os idosos estão submetidos. O Japão, assim como o Brasil, também é um país com um nível de envelhecimento acelerado e os problemas de habitação têm transformado cidades. Os bairros habitados por idosos, que anteriormente eram definidos enquanto bairros operários, hoje são conhecidos como “bairros fantasmas”, pois ao mesmo tempo em que todos sabem que há alguém que habita nos apartamentos, as ruas são completamente vazias e os jardins sem cuidado, visto que a mobilidade é bastante limitada. Os prédios não possuem elevadores, tampouco facilidade de acesso e locomoção. Os idosos que habitam os poucos prédios adaptados enfrentam dificuldades na rua, uma vez que vários bairros não têm manutenção dos passeios públicos e sinalização, além da dificuldade de acesso aos centros e comércios; obrigando-os a utilizarem o transporte público, onde enfrentam, mais uma vez, a falta de adaptação dos meios de locomoção à mobilidade reduzida.

No Estado do Arizona, localizado no sudoeste dos Estados Unidos, a população de idosos também aumenta rapidamente, fazendo com que se torne o Estado com maior crescimento populacional no país. Esse fenômeno motivou os estudos de Paul Dutton (2012) sobre o que ele intitula *Arizona Paradox*. Seus estudos tratam da criação de cidades para idosos aposentados. Diferentemente das cidades que se readaptam ao aumento da geração acima de 65 anos, nessa região dos Estados Unidos há cidades construídas para

receber especificamente essa população. Concebidas na maior parte das vezes como imensos condomínios que oferecem todos os serviços necessários sem grandes deslocamentos, tais lugares são também sectários: a permanência de crianças e adolescentes é permitida dentro de determinados espaços e com restrições de horários e os idosos que não estão em boas condições de saúde, definidas pelos níveis de dependência, também são excluídos do espaço. As cidades são planejadas sem cemitérios e na maior parte sem hospitais ou centros de saúde. A criação das cidades implica a construção de um estilo de vida cultural, social e econômico (Dutton, 2012) para diferenciar-se, sobretudo, das pessoas idosas dependentes, ou seja, aquelas associadas à quarta idade. O Arizona, segundo as palavras dos interlocutores de Dutton, não é um lugar de velhos, mas sim de aposentados ativos que vivem em uma permanente colônia de férias. A oposição entre as categorias 'velhos' e 'aposentados' indicada entre os habitantes salienta a diferença percebida por eles entre os dois grupos e conseqüentemente o distanciamento medido pelos níveis de independência entre as duas categorias e as associações entre saúde em oposição à doença.

O Japão e os Estados Unidos são apenas dois entre muitos exemplos diferentes de situações dos idosos nas cidades. Na França, a partir de 2009, é cada vez mais comum encontrar idosas partilhando seus apartamentos com jovens universitários ou com os filhos que retornam ao lar. A crise econômica que se manifesta na diminuição do poder de compra e no aumento do desemprego para os mais jovens, aliados às mudanças no sistema de aposentadorias e pensões dos mais velhos, fez com que os dois lados buscassem diminuir os custos com habitação. A solução foi a partilha, seja de todo o imóvel, do aluguel de um quarto ou de uma pequena peça aos fundos das casas. Cabe dizer que essa troca não se baseia apenas na economia, mas na criação de um novo sistema de ajuda entre as gerações (Membrado, 2011). Em contrapartida, em Portugal e na Coreia do Sul o que preocupa os governantes é a quantidade cada vez maior de idosos morando sozinhos. No arquipélago de Madeira, por exemplo, o número de idosos que moram sozinhos aumentou 49% nos últimos 10 anos. A questão é como garantir

condições dignas de amparo e atendimento a esses idosos (Valente Rosa, 2012).

As mudanças climáticas ou catástrofes ambientais também suscitam inquietações nas cidades. As cidades japonesas próxima à Fukushima¹¹ sentiram as dificuldades de acesso aos idosos para prestar socorro quando da tragédia nuclear e após enfrentaram a migração de jovens para outras regiões do país, que já vinha dando sinais, mas aumentou drasticamente após o acidente nuclear, criando não mais bairros fantasmas, mas cidades inteiras.

*La canicule*¹² de 2003 provocou uma crise política na França devido ao número de mortes, sobretudo de idosos acima de 75 anos, nas cidades. As acusações de ineficiência das políticas públicas para a população idosa tombaram sobre o governo, e frente à dificuldade e despreparo deste para resolver a situação, a sociedade civil foi convocada para organizar-se e ajudar a combater os males das fortes ondas de calor. O apelo era para “vigiar” o seu vizinho como forma de zelar pela vida deste. A ajuda era fortemente demandada a quem habitava próximo às pessoas idosas. A medida política permanece e a cada ano que o verão se aproxima os *outdoors*, as paradas de ônibus, as instituições públicas, as escolas, fazem apelos para os cuidados que os habitantes devem ter nesse período, que vão desde os horários de exposição ao sol, alimentação e laços de sociabilidade, enfatizando que a manutenção de uma forte rede de vizinhança pode salvar uma vida.

As casas de longa permanência são também uma das diversas faces do envelhecimento nas cidades. Concebidas de diversas maneiras, desde financiadas pelo setor público, privadas ou geridas como associações e formuladas para atender as pessoas com mais de 60 anos que se encontram nas condições mais diversas de dependência e necessidades, elas se concentram em bairros ou espalham-se pelas cidades. No Brasil, as casas de longa permanência concentram-se, sobretudo, nos grandes centros urbanos, mas pouco a pouco as cidades conhecidas por proporcionarem boa qualidade

¹¹O acidente nuclear de Fukushima ocorreu em março de 2011 após um sismo seguido de um tsunami no norte do Japão.

¹²A canícula é uma forte onda de calor com temperaturas muito altas que duram diversos dias. Em 2003 o fenômeno fez com que em quase toda a Europa as temperaturas batessem recordes e a partir do evento foram criados programas de ação governamental para combater os efeitos das altas temperaturas a cada verão.

de vida aos idosos já dão sinais de investimentos privados e públicos nesse sentido, especialmente no interior do Rio Grande do Sul e no interior de São Paulo. Na França, mesmo que em cidades de oito mil habitantes seja fácil de encontrar, por vezes, até seis *maisons de retraite*, a procura pela qualidade de vida não diretamente relacionada à implementação de políticas públicas, mas sim proporcionada pelas condições climáticas do sul da França tem impulsionado a construção de *maisons de retraite* nessa região, especialmente aquelas que possibilitam a manutenção da independência dos aposentados¹³, com características de pequenas cidades, com níveis de violência muito baixos e redes de vizinhança coesas.

Em termos regionais, podemos tomar o exemplo da migração dos idosos no Rio Grande do Sul, formando o que comumente é denominada de Flórida Gaúcha no litoral norte do Estado. Na primeira década dos anos 2000 o crescimento dos municípios localizados nessa região já demonstrava indícios da nova configuração geográfica e os dados mostravam que enquanto a taxa média de crescimento dos municípios gaúchos era de 1,23%, os municípios do litoral norte cresceram entre 7,56% e 5,05%, atribuição essa ao estabelecimento de residência fixa de aposentados que até então tinham nesses municípios suas casas de praia¹⁴, permanecendo lá apenas alguns meses durante o ano.

As sociedades modernas geralmente são caracterizadas pela industrialização, urbanização e a administração pública, e os desafios do envelhecimento nas cidades, como podemos ver, não dizem respeito apenas às grandes aglomerações urbanas; as pequenas e médias cidades também se repensam e entram em ação para atender a inversão da pirâmide etária.

Dentre as congruências observadas entre o envelhecimento e a cidade com suas transformações, algumas cidades interioranas que no século XX foram ideologizadas pelo trabalho buscam destacar-se hoje através de outra premissa, na medida em que novas políticas começam a ser criadas e o

¹³A nova concepção na qual elas são construídas é mais voltada para um público de aposentados independentes que para idosos com dependências e necessidade de cuidados médicos. Criando assim uma identificação com um grupo, aposentados, e não com o grupo idoso, *personne âgée* ou terceira idade.

¹⁴<http://www.scp.rs.gov.br>

envelhecimento torna-se uma pauta permanente de discussão política, seja em termos de substituição de mão-de-obra, de previdência, de prevenção a dependências e da manutenção da autonomia. Tais cidades buscam uma nova proposta econômica, turística e de reconhecimento, destacando assim a longevidade da população como um atrativo de interesse.

É considerada longeva toda a pessoa com mais de 80 anos. A idade cronológica marca, especialmente para fins políticos e categorias médicas, o ingresso na quarta idade. A longevidade é construída em perspectiva biológica, social e política, e são esses desdobramentos que pretendo mostrar ao longo dessa etnografia realizada com idosos nas cidades de Veranópolis, no Rio Grande do Sul e de Maués, no Amazonas.

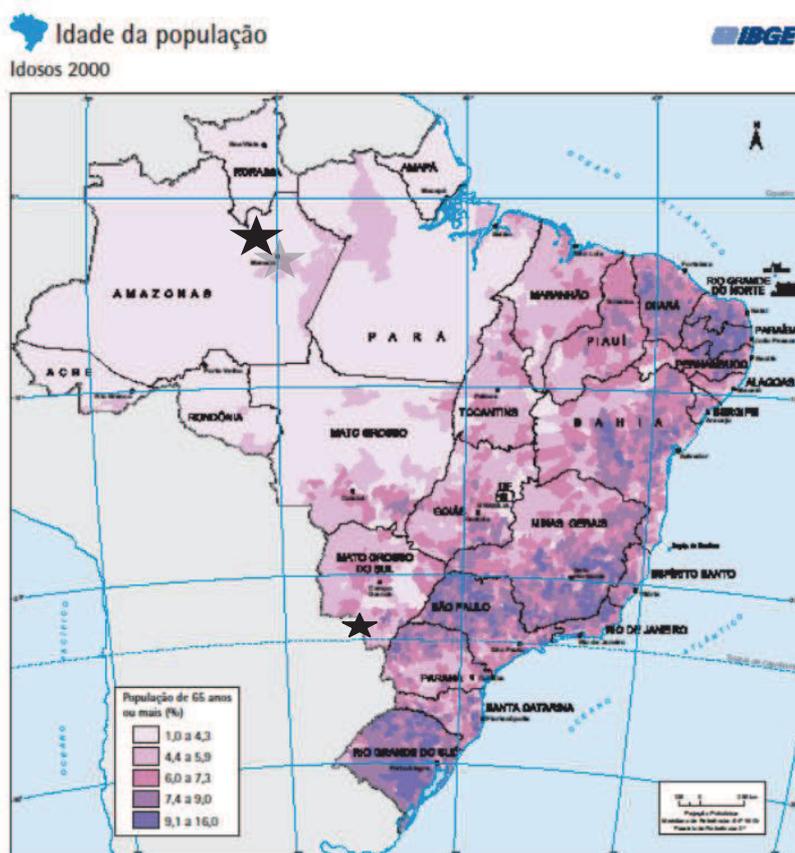


Imagem 2: Mapa do Brasil. IBGE, 2000.

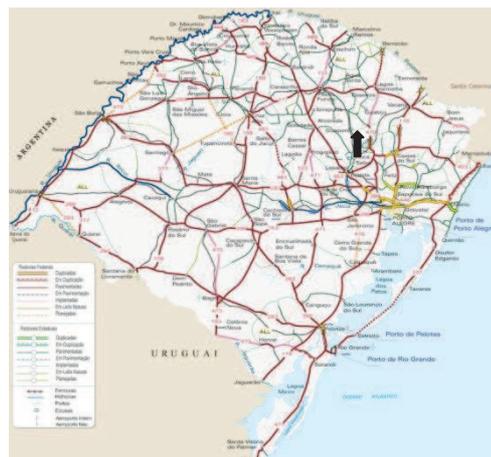
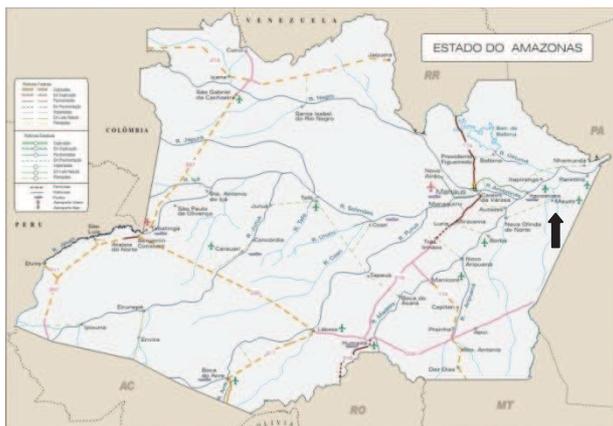


Imagem 3: Mapa do Amazonas com a localização de Maués. IBGE, 2000.

Imagem 4: Mapa do Rio Grande do Sul com a localização de Veranópolis. IBGE, 2000.

1.1 Para além da idade, a longevidade

Conforme Roy Wagner (2010:41) o objeto científico é criado na tentativa de representação mais objetiva e com a construção do objeto vão criando-se as ideias e as formas através das quais ele é inventado. Assim, através do método etnográfico, me propus a compreender as práticas e os significados conferidos ao processo do envelhecimento para atingir a longevidade. Tratarei da relação com os valores, as práticas e concepções, os modos de vida dos longevos e as afinidades e descompassos com as propostas dos setores públicos municipais, que transformam a longevidade, apoiados nos dados estatísticos e no interesse biomédico na população local, buscando as causas da esperança de vida diferenciada de outras cidades, em identidade e vocação (Weber, 1987).

Veranópolis e Maués passaram a destacar-se no cenário nacional a partir de eventos muito semelhantes, mesmo que em períodos temporais distintos, de promoção da cidade pelo alto número de longevos, com a divulgação dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o desenvolvimento de pesquisas biomédicas na busca dos fatores genéticos que possibilitariam a chegada à longevidade. Concomitante a isso, destaca-se também o desenvolvimento de políticas públicas municipais de reconhecimento e valorização dessa população e, o estilo de vida dos habitantes longevos, que complexifica o processo pela aderência ou resistência aos sistemas de valores

supostamente explicativos da longevidade conforme o discurso biomédico ou do poder público.

A problemática que me motivou na construção dessa tese foi compreender como essas duas cidades transformaram a longevidade em uma nova vocação e identidade dos seus habitantes. Tal empresa se deu através da etnografia com as pessoas com mais de 60 anos, especialmente aqueles com mais de 80 anos, bem como com os setores envolvidos na formulação das políticas públicas e que intervêm diretamente com os idosos, e os pesquisadores que buscam as causas da longevidade entre os habitantes dos dois municípios.

Através da pesquisa etnográfica analiso também de que forma esse grupo é pensado e representado nas instâncias de políticas públicas preocupadas com o aumento significativo de longevos no Brasil nesta primeira década do século XXI e com a expectativa de que esse crescimento seja ainda maior nas próximas décadas. A população mundial que hoje chega à chamada quarta idade, acima dos 80 anos, corresponde a 13% da população acima de 60 anos no mundo e a estimativa é de que em 2050 esse número ultrapasse os 20%, sendo que a média de crescimento da população longeva é de 3,9% ao ano, enquanto o crescimento da população em geral, considerando todas as idades é de 1,1% (IBGE, 2009).

A cronologização geral das etapas vida com uma série de idades compulsórias para a maioria das ações, como ingresso na escola, no mercado de trabalho, casamento, aposentadoria, também se encontra no rol de atuação do Estado moderno sobre os indivíduos, assumindo o papel de padronizar e universalizar as grades etárias, “estendendo-as para todos os grupos que eram obrigados a aceitá-las como direitos e deveres dos cidadãos” (Debert, 1998).

Considerando a realização da etnografia no contexto urbano, as narrativas dos interlocutores sobre suas experiências cotidianas nessas pequenas cidades são fundamentais para a apreensão do significado do viver no meio urbano. A experiência de viver na cidade em oposição ao tempo em que viviam no interior desses municípios surge na narrativa dos longevos evidenciando a diferença de ritmo entre esses espaços. Nesse contexto, é imprescindível compreender o grupo social em relação com o meio urbano e

“as multiplicidades e as singularidades que encerram o vivido humano no interior desse espaço existencial criado pelo homem da civilização” (Eckert e Rocha, 2005:83).

A reflexão antropológica no espaço urbano se dá também entre o grupo social delimitado para observação no diálogo com instituições e outras práticas sociais, “recortar um objeto ou tema de pesquisa na cidade não implica cortar os vínculos que mantém com as demais dimensões da dinâmica urbana” (Magnani, 1996:47), indicando assim o que caracteriza o fazer antropológico na cidade, que seria o duplo movimento de entrada no particular para emergir a fim de estabelecer comparações entre os diferentes estilos de vida e experiências vivenciadas nos espaços e que tem como marca a transcendência dos níveis local e nacional.

O reconhecimento enquanto longo prazo parte de políticas implantadas primeiramente pela esfera pública e estas motivam a adesão dos idosos a esta identidade a partir de programas de saúde. Essa inferência do espaço público no privado mostra-se na adequação de hábitos alimentares, das práticas associadas à saúde e bem estar, da construção do envelhecer saudável e com qualidade, além do reconhecimento e acionamento da identidade de idoso no que tange especialmente a assegurar os direitos concedidos pelo estatuto do idoso.

1.2 A descoberta da “Terra da Longevidade”

Maués, localizada no interior do Amazonas, surge na literatura que eu vinha buscando sobre a longevidade já no início do doutorado. Em março de 2009 os primeiros artigos de revistas e jornais que li sobre Maués destacavam o início de uma pesquisa coordenada por gerontólogos (médicos, enfermeiros, educadores físicos, biólogos) da Universidade Estadual do Amazonas e da Universidade Federal de Santa Maria e com a participação de pesquisadores espanhóis que buscavam as causas genéticas da longevidade em Maués. Em seguida, uma reportagem televisiva exibida na Rede Globo sobre longevidade¹⁵

¹⁵Programa Globo Repórter de abril de 2009.

reuniu esses especialistas para falarem sobre Maués e a esperança de vida de sua população.

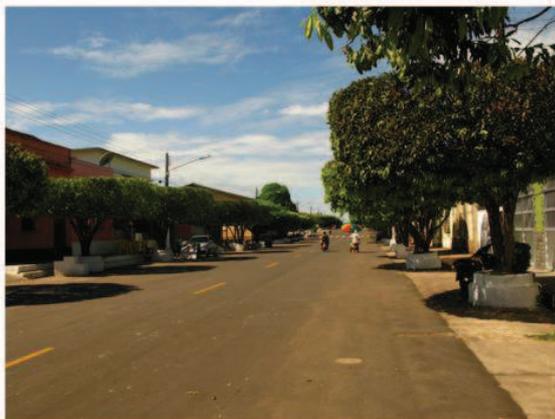


Imagem 5: Vista de Maués antes de chegar ao porto. Maués, julho de 2009.

Imagem 6: Vista de rua da cidade na chegada pelo porto. Maués, julho de 2009.

Imagem 7: Praça da Igreja Matriz. Maués, julho de 2009.

Imagem 8: Rua da cidade que dá acesso ao porto e às praias. Maués, julho de 2009.

Meu primeiro contato para iniciar meu campo em Maués foi Ivana e, posteriormente, foi através de Elorides que me estabeleci em campo no segundo ano de etnografia em Maués. Encontrei o contato de Ivana nas buscas *online* sobre longevidade em Maués ao me deparar com artigos que ela vinha escrevendo sobre o desenvolvimento e primeiros resultados da pesquisa no município. O contato de Elorides foi fornecido por Karin, pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e integrante da equipe e que conheci na oportunidade da primeira ida a Maués. Não conheço pessoalmente nenhuma das duas, o que não diminui minha gratidão e a importância delas para o desenvolvimento da pesquisa, considerando que inicialmente utilizava-me do contato realizado com elas, por e-mail, para apresentar-me em Maués.

Ivana da Cruz é pesquisadora da Universidade Federal de Santa Maria e juntamente com Euler Ribeiro, pesquisador da Universidade Estadual do Amazonas, desenvolve uma pesquisa em Maués, junto aos idosos, buscando relações biogenéticas entre o consumo de guaraná e a longevidade. Ivana foi a primeira pessoa que contatei, no início da pesquisa em 2009. A pesquisa realizada por ela e Euler era bastante difundida, seja em buscas virtuais, em programas televisivos a nível nacional e em artigos publicados em revistas de grande circulação. Estabeleci com Ivana uma correspondência através de e-mail e coincidentemente ela estaria em Maués no período em que eu pretendia conhecer a cidade e realizar um 'campo exploratório', em julho de 2009.

Elorides, por sua vez, prestou-me o apoio necessário para minha segunda incursão a Maués. Indicou-me desde hotel até os contatos responsáveis pelo Centro de Convivência do Idoso na prefeitura. Quando estive em Maués, Elorides já não residia no município. Morava em Manaus, mas continuava mantendo uma estreita relação com a Secretaria de Saúde de Maués. Todos na cidade a conheciam. Elorides foi quem forneceu os contatos com os funcionários do Centro de Convivência do Idoso e da Secretaria de Assistência Social do município.

O município de Maués localiza-se a 267 quilômetros de Manaus, às margens das águas negras do Rio Maués-Açu, sendo o sétimo município mais populoso do Estado, com aproximadamente 50 mil habitantes. Chega-se até Maués por barco ou em pequenos aviões, conhecidos como teco-teco, que operam o trecho Maués – Manaus três vezes por semana. Estima-se que vinte seis mil habitantes residam na área urbana e os demais em comunidades nas ilhas ao redor do vasto território.

Maués está entre os 10 municípios com maior proporção de idosos, sendo o único da região norte do país, com cerca de 1% de idosos longevos, enquanto que a média do Estado e da Capital Manaus está em torno de 0,5%.

No dia 21 de julho de 2009 parti de Manaus para realizar a primeira incursão em campo em Maués. Depois de quase um mês no norte do Brasil compreendia diferentemente as noções de distância que até então me acompanhavam. Perto e longe e fácil e difícil acesso já não eram palavras que me soavam de fácil interpretação. A água ao invés de estradas me mostrava

que os menos de 300 quilômetros que separavam Manaus e Maués não seriam percorridos com uma média que eu soubesse calcular. Três dias em Manaus buscando informações sobre Maués me deixavam ainda mais temerosa pela ausência destas e eu me sentia com uma incrível falta de pertencimento local. A primeira notícia que me alegrou foi que eu não precisaria percorrer todo o trajeto entre as duas cidades de barco. Havia a possibilidade de fazer parte do trecho de ônibus e parte de barco. O desafio depois da notícia foi descobrir onde se localizava a rodoviária de Manaus. Não havia telefone da rodoviária, endereço ou qualquer pessoa que pudesse dizer onde ela se localizava, afinal o transporte rodoviário não era prioritário e tampouco o predileto. A descoberta levou mais de vinte quatro horas, alguns ônibus errados, talvez um quilômetro a mais percorrido a pé.

Na companhia de Roberto, colega na Antropologia, no Navisual e amigo, saí da rodoviária de Manaus às seis horas. O transporte que segue para Maués e se divide entre um percurso de ônibus e outro de barco e sai de Manaus nas terças e sábados chega à cidade no mesmo dia. Fazer esse caminho todo por água dura em média 20 horas e as saídas do porto de Manaus são diárias, podendo-se optar ainda pelo porte do barco. A viagem de ônibus entre Manaus e Itacoatiara foi de aproximadamente quatro horas e meia.

Na viagem havia duas senhoras, uma delas usava hábito e contou-me que morava em Belém, a outra contou que morava em Boa Vista há mais de 30 anos, mas que era de Maués e gostava muito de visitar a cidade sempre que possível. Perguntaram-me se era a primeira vez que visitava a cidade. Respondi que sim e disseram-me que eu iria gostar do lugar, que era uma cidade muito bonita e que precisava experimentar o guaraná. Respondi que certamente experimentaria, afinal era esse o produto que parecia tornar Maués conhecida. Durante quatro horas e meia de viagem o ônibus faz duas paradas para lanche de 10 minutos cada. A paisagem durante o percurso permitiu que eu não dormisse, ora de encantamento, ora de um pânico que me assola toda vez que percorro estradas desconhecidas.

Chegando a Itacoatiara o ônibus parou na rodoviária e após seguiu até o porto da cidade. Descemos do ônibus em meio ao tumulto dos carregadores de bagagem que se confundem com os próprios passageiros na tentativa de

retirar do ônibus seus pertences. Descendo do ônibus seguimos os demais passageiros e ao virar à direita na rua e após descer uma escada encontramos o barco. Uma embarcação com capacidade para cem pessoas, com a inscrição “A Jato Maués”. Há quatro funcionários na embarcação, que possui uma modesta lanchonete e bancos confortáveis nos quais a maioria dos passageiros segue dormindo até o destino final. Algumas pessoas comentavam que por sorte o barco seguiria com poucos passageiros. De fato havia poucos passageiros, não chegávamos a 50. Ao entrar na embarcação me senti imensamente aliviada, pois o barco era muito maior do que eu esperava encontrar. Manifestando minha alegria com o fato para meu colega, uma moça que estava na fileira de bancos ao lado - há duas fileiras de bancos e cada fileira tem uma linha com três bancos - perguntou se era a primeira vez que íamos para Maués. Respondi afirmativamente. Ela me assegurou que a viagem era tranquila e muito bonita, ressaltou que a cidade também era muito linda e que precisávamos tomar o guaraná. Aguardando a partida abaixo de sol eu realmente pensava que um guaraná seria bem-vindo, claro, o único guaraná que eu conhecia até ir a Maués.

Contou que era “*nascida e criada*” em Maués e que há pouco tempo estava em Itacoatiara com a mãe. Perguntou se Roberto e eu éramos casados, respondi que éramos colegas na faculdade e contei que estava iniciando uma pesquisa com idosos e, então, decidi conhecer Maués. Perguntou onde ficaríamos em Maués, contei que não tínhamos reserva em hotel, mas que já havia pesquisado e sabia que tinha um hotel próximo ao porto da cidade. Ela disse que era um dos melhores e indicou mais um hotel na falta de lugar nesse em que pretendíamos nos hospedar. Falou ainda que havia pouco movimento na cidade nessa época, que os meses mais movimentados são setembro, quando ocorre o Festival de Verão e dezembro, quando tem a Festa do Guaraná. Lamentou também que não conheceríamos as ótimas praias que a cidade tem, porque o rio ainda estava alto. Muito simpática ela nos disse que da próxima vez que fossemos a Maués poderíamos ficar na casa dela, que tem dois pisos e o andar de baixo estava desocupado. Disse que seria um prazer e agradeceu o convite. Infelizmente ela recebeu um telefonema e encerrou a conversa. Ao desligar o telefone, despediu-se de nós. Pensei que ela seguiria

viagem, mas estava apenas acompanhando um senhor que foi até Maués. Ao despedir-se Kelly me abraçou, nos desejou boa viagem e disse que foi um prazer nos conhecer.

O barco partiu às onze horas e trinta minutos. Em seguida dois dos tripulantes passaram entregando o almoço numa marmita para os passageiros que vieram desde Manaus. O prato era arroz, feijão, carne, massa e a farofa recebida num saco plástico. Após o almoço grande parte das pessoas seguiu dormindo, uma senhora leu jornal, outra lia um livro de autoajuda e um homem lia um livreto sobre os santos da Igreja Católica, sendo ele evangélico da Assembléia de Deus, conforme a camiseta que o identificava. Os passageiros eram diversificados. Havia casais, alguns homens sozinhos, apenas duas mulheres sozinhas, uma mulher com dois filhos, as duas senhoras religiosas que se acompanhavam e um jovem casal de namorados. Durante a viagem o barco para em um porto flutuante na cidade de Itapeaçu e também nas casas dos ribeirinhos. As paradas são instantâneas, apenas para as ágeis descidas e subidas das pessoas.

Chegando em Maués o porto me pareceu grande e movimentado em relação às proporções que eu imaginava para a cidade e o reconhecimento posterior da cidade comprovou a dimensão e atividade no porto. O hotel fica na segunda quadra da rua em frente ao porto. Para nossa surpresa e felicidade conseguimos o último quarto disponível, constatamos isso com a chegada quase que no mesmo instante de outro passageiro que estava conosco na embarcação e que ao chegar ao hotel lhe foi comunicado que não havia mais lugares.

À noite, saímos para jantar às vinte horas. Antes de irmos para Maués nos foi recomendado que não deveríamos ficar na rua ao entardecer, pois era nesse período que os mosquitos transmissores da malária 'atacavam'. Quando saímos, a rua encontrava-se vazia, caminhamos um pouco e encontramos um casal e perguntei onde havia um local para jantar. Convidaram-nos para seguir com eles, pois no caminho para a casa da moça havia dois restaurantes. Os acompanhamos conversando sobre a cidade. Disseram-nos que é bastante tranquilo andar a noite, que nós, que éramos acostumados à cidade grande sentiríamos uma diferença imensa, mesmo que em momento algum

tivéssemos falado de onde éramos. Deixaram-nos em frente ao restaurante e voltaram para outro caminho. Muito simpáticos despediram-se dizendo que no dia seguinte nos encontrariam e queriam saber se o restaurante era bom. Agradecemos a companhia e a indicação do lugar.

Na manhã do segundo dia em Maués, dia vinte e dois de julho de 2009, sintonizando a emissora de rádio local, A Crítica, tomei conhecimento da pesquisa que se realizava na cidade, aquela coordenada por Euler Ribeiro e Ivana da Cruz. Era transmitida ao vivo uma entrevista com o professor coordenador da pesquisa, Euler Ribeiro e a ex-secretária de saúde de Maués, Elorides.

O primeiro fato de que tomei conhecimento ouvindo a transmissão era de que em Maués há problemas no gerador de energia elétrica para a cidade e em função da pesquisa, que encerra essa etapa no dia vinte e nove de julho, havia um esforço imenso para manter a energia. Alertando para que possivelmente a partir do dia vinte e nove a cidade ficaria um período sem energia elétrica. Lembrei que no dia anterior, aproximadamente às 18h30min houve queda de energia, mas durante alguns poucos minutos.

O entrevistador, que até então não havia participado, comenta que Maués é abençoada por ser escolhida pelos pesquisadores e então Euler passa a falar da importância mundial dessa pesquisa, *“o mundo tem que imitar Maués, fazendo as mesmas coisas, os mesmos tipos de exercício, a mesma alimentação”*. Em seguida, expôs o desejo e expectativa de que Maués fizesse parte de um núcleo de cidades que possa entrar no círculo turístico e que os idosos de Maués ensinem ao mundo como se deve envelhecer, *“o mundo todo quer nos conhecer”*, comentando sobre seu momento atual como professor na Espanha divulgando os resultados da pesquisa e sobre os jornais espanhóis que têm destacado Maués como uma cidade importante no cenário mundial. Segundo ele, os idosos de Maués têm mais energia que os do restante do mundo, e nesse momento disse que *“o esporte exclui possibilidades do desvio de caráter”*. Entre a importância mundial que a pesquisa tem proporcionado à cidade e a frase única sobre o esporte, Euler ressaltou novamente o turismo.

Finalizada a entrevista na emissora, saímos para almoçar no restaurante mais próximo ao hotel e perguntei para algumas pessoas que encontramos

pela rua qual era o trajeto para chegar até o CCI. Todos indicaram que era longe, mas fácil de chegar através da avenida principal, passando o hospital, que nós nunca conseguimos avistar apesar das placas indicativas, o estádio, a sede da rádio e quando víssemos a casa amarela da esquina, que era um mercado, era para dobrar lá mesmo que estaríamos no CCI.

Apesar das recomendações da distância excessiva entre onde nos encontrávamos e o CCI resolvemos arriscar e caminhar, assim aproveitaríamos para conhecer a cidade. O sol era forte demais e caminhávamos a passos largos para encurtar a distância, mesmo assim uma pausa se fez necessária. Paramos em um bar em frente ao que supúnhamos, conforme as indicações, ser a última rua pela qual deveríamos seguir. De fato era. Depois da parada breve seguimos em direção ao CCI e em menos de vinte cinco minutos estávamos no local.



Imagem 9: Entrada do Centro de Convivência do Idoso. Maués, julho de 2009.



Imagem 10: Folder do Centro de Convivência do Idoso. Maués, julho de 2009.

Ao passar pelo portão fui à procura da professora Ivana, único contato que eu tinha antes de chegar a Maués. Avistei ao lado esquerdo da casa, na sombra de uma árvore, sentada em uma grande mesa uma mulher sozinha que preenchia alguns papéis e resolvi perguntar a ela onde eu poderia encontrar Ivana. Aproximei-me e ela foi bastante receptiva. Contou-me que Ivana foi até Manaus, mas não seguiu para Maués por problemas pessoais, mas que ela, Lúcia, me apresentaria ao doutor Euler, coordenador da pesquisa. Foi

conhecendo Euler e a equipe de pesquisa e os funcionários municipais que iniciei minha etnografia em Maués.

Em Maués a longevidade é relacionada ao *ethos* do viver na floresta, em uma cidade ainda tranquila em comparação à capital, e também ao estilo de vida que busca seus principais recursos nutricionais na natureza, sustentado entre seus habitantes especialmente pelo consumo diário de guaraná, apesar das restrições médicas impostas aos longevos devido aos problemas de hipertensão verificados massivamente na população.

O cultivo do guaraná é a principal atividade econômica do município, e além da exportação gera lucros através do turismo, explorado a partir das festas da colheita do produto e na tese sustentada pelos mauesenses que de lá provém o melhor guaraná do mundo. Cada habitante sabe indicar um lugar onde se deve ou não tomar ou comprar guaraná, ressaltando ao final da conversa, que *“na verdade mesmo, o melhor é tomar o guaraná que se planta”*, além de darem preferência ao guaraná em bastão do que em pó.

O município tem nos últimos anos adaptado seus espaços e recursos para o atendimento dos longevos. Um desses importantes espaços é o Centro de Convivência do Idoso¹⁶. No Centro, há espaço para o lazer, a sociabilidade e cuidados médicos em geral. Os idosos têm transporte disponível para se deslocarem de suas casas até o local. A maioria das pessoas que participam das atividades oferecidas são mulheres que, muitas vezes, segundo os funcionários do CCI, vão para lá todos os dias. As atividades de dança, educação física e a *“roda de histórias”* são as preferidas. Esse relato do funcionamento do CCI me foi dado por Lúcia, funcionária da prefeitura municipal que trabalha junto aos idosos no Centro. Os homens pouco frequentam o espaço do CCI para as atividades, mas recorrem ao Centro para o encaminhamento dos exames rotineiros.

¹⁶Na semana que acompanhei as atividades ocorria no CCI um trabalho realizado conjuntamente entre a Universidade Estadual do Amazonas e a Universidade Federal de Santa Maria com o intuito de pesquisar fatores ambientais e genéticos que contribuam para a longevidade dessa população. Assim que, antes dessa etapa, agentes de saúde passaram nas residências e a partir desse levantamento do número de idosos deu-se o envio de convites com o dia e horário que os idosos deveriam comparecer ao Centro de Convivência de Idoso para participarem da pesquisa. A pesquisa recebe apoio para execução da Prefeitura Municipal e da Fundação Muraki (Instituição ligada a Universidade do Estado do Amazonas).

Em Maués a concentração de idosos do sexo masculino é maior que do feminino, assim como a média de idade dos homens alcança maiores proporções do que a das mulheres. É importante notar também o número considerável de homens solteiros que há no município, que moram sozinhos ou dividem a casa com mais algum irmão, também solteiro e que não possuem filhos. Alguns deles disseram-me que nunca quiseram casar, que não tinham interesse. Esses homens são responsáveis pelos cuidados da casa e trabalham, em sua maior parte, na agricultura.

A primeira etapa de trabalho de campo em Maués durou uma semana, observando e etnografando a realização de uma pesquisa com os idosos que será descrita mais adiante nessa tese. No momento, trouxe um pouco do panorama no qual me inseri em campo e na cidade, para assim inserir também o leitor desse trabalho no mesmo percurso que realizei.

1.3 Encontrando os longevos

A etnografia realizada em 2009 me permitiu descobrir a cidade e fomentar um desejo de me aproximar das pessoas que vivenciam a longevidade conceituada politicamente e biologicamente também no cotidiano.

Em agosto de 2010 me encontrava novamente na fila de embarque do ônibus que seguia de Manaus até Itacoatiara, para que depois eu trocasse meu meio de transporte e seguisse de barco para Maués. Refletia sobre o que sentia no momento, gostava e estava feliz, por outro lado pensava no processo de acomodação e impulso para ‘fazer o campo acontecer’. Chegamos a Itacoatiara em uma viagem que me pareceu mais breve que há de um ano atrás. Como da outra vez, nessa também havia uma religiosa no ônibus.

Antes de iniciar a viagem de barco ficamos parados mais de uma hora. Um senhor vendia bananas fritas e perguntou se eu queria. Recusei a marmita que distribuíram de almoço para os passageiros que vinham desde Manaus. Segui a viagem redescobrimo o encanto pela paisagem amazônica que tanto tinha me fascinado na primeira ida. Agora traçava os mesmos caminhos, mas

com muito menos água porque já era “*época da vazante*”¹⁷. Dessa vez eu veria a praia em Maués.

Cheguei a Maués na sexta-feira, dia seis de agosto de 2010. Já tinha reserva em um hotel indicado por Elorides, localizado próximo a Praça de Alimentação da cidade, diferente daquele em que eu me hospedara no ano anterior, localizado a uma quadra do porto. Foi fácil encontrar. No sábado pela manhã caminhei um pouco pelos lugares que eu já conhecia, identifiquei rostos que não me eram totalmente estranhos e almocei no restaurante que almoçara quase todos os dias na minha passagem por Maués no ano anterior. Comi inclusive o mesmo peixe: tambaqui, que também dava nome ao restaurante, fazia isso no esforço de recriar algum pertencimento à cidade. Seu Juraci continuava simpático, fazendo questão de passar na mesa de todos os clientes para cumprimentá-los, mas percebi que ele enxergava menos, no entanto, movimentava-se bem dentro do seu estabelecimento. Quando cansava sentava-se na cadeira de balanço ao fundo, posicionada entre a porta que levava à cozinha e o balcão do caixa.

Retornei ao hotel me sentindo mais integrada à cidade, efeito provável do chip telefônico que eu adquirira, indicando que eu ficaria lá três meses. Passei as horas seguintes aguardando o momento de sair mais uma vez e passear pela praia. Aproximando-se das dezesseis horas saí do hotel e caminhei até a orla da Praia Antártida, a maior delas e como eu constataria na sequência, a menos frequentada. Não fui até a areia, fiquei observando do calçadão as poucas pessoas que estavam na praia: dois casais, um homem e duas crianças. Adaptando-me ao fuso horário e a noite que chega mais cedo não fiquei muito tempo sentada e em seguida continuei minha caminhada pela rua paralela a que eu tinha percorrido para ir à praia. Descobri o que me pareceu ser a principal rua da cidade, pelo movimento de transeuntes e motocicletas e por ser a rua que leva ao porto e às descidas para o rio. Avistei a praia mais uma vez e o sol que se punha. Desse lado a praia se encontrava tomada pelas pessoas e a proximidade das ilhas em frente agora ficavam visíveis pelos nadadores que iam e voltavam entre o continente e as ilhotas. Os

¹⁷A vazante do rio Maués-Açú ocorre de julho a dezembro. Esse é o período da “*baixa dos rios*” e da escassez de chuvas.

meses de observação e vivência me ensinaram que a praia do calçadão é frequentada exatamente no passeio público enquanto a praia menor é frequentada pela sua beleza, pelo pôr do sol, pela proximidade com as ilhas, por poder ver os barcos ao longe.

No dia nove de agosto, segunda-feira, iniciei meus contatos para a realização do trabalho campo. E me dei conta de não ter garantia alguma de que eu poderia realizar minha pesquisa, mas preferi não pensar nesses imponderáveis. O contato que eu havia realizado com Elorides era na verdade para saber onde eu me instalaria e para tentar contatar possíveis aberturas para a etnografia com os idosos no Centro de Convivência ao Idoso, que eu considerava a melhor maneira de iniciar meu campo, levando em conta que eu não tinha outra rede possível. Sim, pensei na Igreja, mas essa não correspondia à maneira como eu gostaria de entrar em campo, pois passaria pelo constrangimento de selecionar as pessoas conforme critérios impostos de identidade geracional. No CCI eu não teria esse problema, visto que os frequentadores consideram-se todos idosos ou pertencentes à terceira idade.

Acordei às seis da manhã, ansiosa com o desenvolvimento do dia. No início da manhã liguei para o Deny, peguei o telefone que Elorides havia passado e telefonei. A voz que me atendeu do outro lado disse que não havia ninguém com aquele nome que trabalhasse naquele lugar. Tudo bem, eu tinha em mãos uma lista maior que eu ainda poderia utilizar. Mas resolvi que não faria mais contatos por telefone naquele momento.

Fui até a recepção do hotel e perguntei onde ficava a Secretaria de Assistência Social, pois havia compreendido na troca de e-mails com a Elorides que o Deny era o secretário de Assistência Social. Fui até a Secretaria, que fica a três quadras, no sentido da praia a partir do hotel, passando em frente à praça de alimentação. Antes mesmo de chegar ao local percebi de longe onde era o prédio. Havia muita movimentação em frente. O prédio é cercado por um muro alto, de modo que a movimentação dentro do terreno só era possível de ser vista quando se chegasse à frente do edifício. Quando cheguei em frente ao prédio vi que a movimentação era infinitamente maior dentro do local. Havia filas e pessoas esperando sentadas. Perguntei para uma moça que estava sentada atrás de uma mesa como eu poderia falar com algum responsável pelo

Centro de Convivência do Idoso. A moça usava um broche que imitava uma junção de sementes de guaraná e olhando rapidamente pareceu-me que as demais funcionárias também usavam o mesmo broche. Ela indicou que eu me dirigisse diretamente ao CCI para falar com a Janice que era a coordenadora do grupo. Agradei e saí.

Abri a sombrinha e caminhei até o CCI, longe uns quinze minutos do local onde estava. As pessoas utilizam muito moto-táxis, porém até o momento eu não era adepta de tal meio de transporte e fui caminhando até o CCI. Cheguei lá e vi os idosos espalhados pelo espaço da varanda que circunda a frente e laterais do CCI. Um grande grupo de mulheres, eram nove ao todo, estavam fazendo trabalhos manuais. Outra sozinha costurava próxima a estas. Havia um homem jogando bilhar sozinho e mais dois grupos de quatro homens que jogavam dominó. Entrei no salão em busca da Janice. O salão estava vazio. Olhei para minha esquerda e vi uma mulher sentada, lembrava-me dela, era Lúcia, que eu conhecera no ano anterior, fui lá e falei com ela. Prontamente me levou para dentro para falar com o Djalma, sem se dar conta que ele não estava na sala. A secretária do Djalma disse que ele não tardaria a voltar e eu me dispus então a esperá-lo. Voltei para fora com Lucia que já me colocou na mesa com as senhoras que faziam trabalhos manuais. Sentei com elas e elas continuaram a conversar e a fazer seus trabalhos já dizendo que no CCI não tem espaço para tristeza, que lá tudo elas transformam em alegria. Algumas se concentravam mais no trabalho e outras mais conversavam, no entanto, cada uma tinha algum trabalho em mãos. A senhora da ponta, ao meu lado, iniciava um chapéu com tiras finas de plástico verde, trabalhando com muita habilidade. Duas delas faziam, cada uma, um tapete com retalhos coloridos, mas diferentes na maneira de cortar o tecido. Outra senhora acabara de fazer um chapéu *“para um flamenguista”*, ou seja, nas cores preto e vermelho. Essa mesma senhora usava um chapéu amarelo com uma fita verde. Deve gostar de futebol!

Assim que Djalma voltou para o CCI fomos apresentados por Lúcia. Djalma é o atual coordenador do centro, no momento ele substituía Janice, que com o tempo eu soube que ela havia sido deslocada da função no CCI, cedida pela prefeitura para articular a campanha de um candidato a deputado estadual

que o prefeito da cidade apoiava. Ao longo da minha permanência na cidade vi que essa prática era corriqueira, tanto pelos funcionários que se ausentavam do CCI quando da proximidade da eleição, tanto pelos “passeios” de final de semana que esses mesmos funcionários articulavam com o intuito de arrecadar votos nas comunidades do interior. As discussões sobre política tomavam todos os espaços e acabei vivenciando esse período das mais diversas maneiras, com os idosos, com os funcionários municipais, com os professores do Instituto Federal do Amazonas, com os comerciantes locais e mesmo com os candidatos que eu acabava conhecendo no hotel.

Djalma tornou-se ao longo da pesquisa mais que um interlocutor apenas no espaço do CCI e pude acompanhar suas múltiplas atividades no município. Ele é coreógrafo de uma companhia de dança na cidade, a responsável pela representação da Lenda do Guaraná na principal festa do município e seu trabalho com os idosos não se restringe à coordenação do CCI, mas sim é ele quem busca a diversificação das atividades propostas aos idosos e, especialmente, a integração destes fora do CCI. Djalma autorizou-me verbalmente a iniciar a pesquisa no CCI, além de oferecer-me toda a colaboração que fosse necessária. Também usufruí do transporte diário para o CCI, que me pareceu de grande valia considerando o sol às 07h30min da manhã. Na primeira ida percebi que com o tempo essa carona significaria muito mais que não caminhar ao sol, mas sim uma experiência única de vivenciar a cidade com os interlocutores.

1.4 Outro olhar sobre a “Capital da Longevidade”

Conheci Veranópolis antes de cogitar a possibilidade de realizar uma etnografia no município. No entanto, a partir da opção de realizar um estudo etnográfico na cidade, o olhar que até então eu tivera sofreria um processo de estranhamento, aliado, nos termos de Roberto Cardoso de Oliveira (2000), aos atos de ver, ouvir e escrever como parte da prática da etnografia não enquanto simples ações, mas sim embebidas da relação e das experiências entre a

antropóloga e os interlocutores e do ato cognitivo de reflexão do pesquisador sobre sua posição no campo.



Imagem II: Pórtico de acesso à cidade. Foto Parise, Veranópolis.

Passei a observar mais atentamente as publicidades que relacionavam a cidade à longevidade. O pórtico do acesso principal ao município já deixava essa afinidade bastante explícita: Veranópolis, Terra da Longevidade! Inscrição essa em bronze, fixada em um monumento que homenageia a imigração italiana.

Os *outdoors* do comércio e indústria da cidade e especialmente as paradas de ônibus ao longo da rodovia RS 470, usam os mesmos apelos à longevidade. Na referida rodovia, que passa entre o município, chamava-me a atenção as frases inscritas, todas elas exaltando a longevidade no município. Tais frases, selecionadas por meio de concurso que elegeria as melhores frases sobre a cidade, e no qual participaram crianças com até 12 anos de idade, indicam a aderência a uma cultura da longevidade. Em nenhuma das doze paradas de ônibus ao longo da rodovia havia uma frase que não fizesse

menção à qualidade de vida e aos prazeres de se viver a longevidade em Veranópolis.



Imagens 12 e 13: Parada de ônibus no município. Veranópolis, novembro de 2009.

Dediquei-me também a acompanhar através do jornal do município as reportagens que mencionavam a longevidade e percebi que elas não estavam presentes apenas quando se falava sobre envelhecimento, mas também nas comemorações festivas municipais, na programação da paróquia do município, nas campanhas de promoção da saúde da população, nas atividades de lazer promovidas pelo poder público, enfim em tudo aquilo que diz respeito à vivência da cidadania.

A capital da longevidade, Veranópolis, está localizada na mesorregião nordeste do Rio Grande do Sul e é intitulada como a “terra da longevidade” no Brasil. A cidade apresenta uma intensa propaganda e é reconhecida devido à qualidade de vida dos idosos. Tal propaganda vem se estendendo ao longo dos anos também em programas televisivos ‘que educam’ as pessoas para um envelhecimento saudável.

Na região, a importância dada ao trabalho, enquanto atividade empregatícia, e a alimentação baseada na comida típica italiana são mencionadas como as grandes responsáveis pela longevidade dos seus moradores. O município é composto majoritariamente por descendentes de imigrantes italianos e a longevidade, por sua vez, vai ao encontro do reconhecimento desta etnia e do imigrante bem sucedido nessa “saga” de

colonização do município, juntamente com seus valores de alimentação farta, prática religiosa intensa e a ética de valorização do trabalho (Law, 1992).

Aliados às características atribuídas como estilo de vida dos imigrantes os atributos das condições de vida no município também são percebidos pelos longevos como fatores que aumentam a esperança de vida. O fato de morar em uma cidade pequena, com baixos índices de violência, apesar das queixas constantes de que essa realidade tem mudado nos últimos anos, em que se conhece grande parte dos moradores do bairro, onde ainda é possível morar em casas e assim manter o hábito de cultivar verduras, frutas e legumes na horta aparecem também como elementos que juntos, contribuem para a longevidade.

A história de Veranópolis e seus habitantes é também narrada dessa maneira nos livros, sejam eles elaborados como história oficial do município, enquanto relatório de pesquisa (Cruz e Moriguchi, 2002) ou quando tratam da instalação das primeiras famílias (Farina, 1987; Lusa, 2010), como pude constatar no acesso dos livros de família através de alguns interlocutores. Tais livros remontam à chegada dos primeiros imigrantes italianos no município, as dificuldades de adaptação e instalação e, aos poucos, o sucesso, sempre trabalhoso, desses imigrantes.

A pesquisa de campo em Veranópolis foi iniciada em 2009, quando conheci seu Guilherme e dona Joana. Quem possibilitou nosso encontro foi o filho de seu Guilherme, que com frequência comentava os feitos de seu pai, mesmo que este tivesse mais de 90 anos, e o fazia frequentemente em tom comparativo dizendo que ele, com seus cinquenta e poucos anos tinha dores por todo o corpo e, frequentemente, era obrigado a faltar o trabalho por problemas de saúde que se agravavam. No final nunca deixava de acrescentar: “*é, eu não puxei¹⁸ao pai*”. A rede de interlocutores foi estendendo-se na medida em que eles próprios apontavam outros possíveis interlocutores, aos quais sempre se referiam dizendo: “*seria muito interessante se tu conversasses com...*” e assim eu conheci os narradores que me possibilitaram construir esse trabalho. Alguns dos idosos entrevistados possuem parentesco entre si, outros

¹⁸Puxei, no sentido utilizado, pode ser traduzido por assemelhar-se.

apenas se conhecem por intermédio da participação em atividades religiosas e por pertencerem ao mesmo bairro.

Pode-se dizer que os moradores formam uma rede social (Both, 1976), na medida em que todos se relacionam, mesmo que não o seja de maneira direta e dentro destas formam-se os grupos que interagem regularmente, seja através da rede de parentesco e vizinhança ou da participação em atividades comunitárias e grupos de terceira idade.

As entrevistas com os idosos foram desenvolvidas nas suas casas, sempre previamente agendadas conforme a disponibilidade que me apresentavam. Costumava passar a tarde em companhia deles, enquanto conversávamos e conhecíamos o espaço doméstico. O período da manhã é reservado para cumprir as atividades na casa ou na rua porque *“Deus ajuda quem cedo madruga”* e à tarde, sim, há tempo para o lazer e outras distrações, mas cabe considerar que essa rotina pode mudar quando o inverno se aproxima e as dificuldades para se trabalhar na horta com a terra molhada pela manhã se impõem.

De maneira inversa ao meu ingresso no campo em Maués, foi apenas no segundo ano da etnografia que eu acionei o poder público municipal para conhecer outro interstício da construção da longevidade.

O município adotou longevidade enquanto a identidade de seus moradores baseando-se em um estudo epidemiológico do envelhecimento desenvolvido a partir de um projeto da Organização Mundial da Saúde em 1994, que desenvolveu na cidade o Projeto de Estudos sobre a Longevidade em Veranópolis, coordenado durante todo esse período, já que a pesquisa continua a existir, pelo professor doutor Emílio Moriguchi, geriatra da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC – RS). Meu contato para interlocução foi a coordenadora regional em Veranópolis, Neide Bruscatto. A partir do contato com Neide iniciei a etnografia no Grupo da Longevidade, grupo de encontro de idosos promovido pela prefeitura, com um encontro semanal, às terças-feiras à tarde em uma grande sala de festas pertencente a Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes, padroeira do município.

O município, com seus quase vinte três mil habitantes (IBGE, 2012), é vivenciado pelos idosos como uma cidade que tem se desenvolvido

rapidamente, que vem crescendo demais e trazendo insegurança aos seus moradores, sendo essa a principal preocupação não apenas dos interlocutores, mas também de suas famílias. Nas suas narrativas eles não deixam de comparar a época em que viviam no interior do município com o período atual, ou mesmo há tempos atrás quando já moravam na cidade, mas ela não era *“assim com tanta gente”*. Nos bairros com formação mais recente, há menos de vinte anos, é onde os idosos descrevem as principais mudanças, assim como, as mais aceleradas. Lembram que quando chegaram do interior e instalaram-se nesses locais não havia nenhum comércio, para tudo era necessário deslocar-se para o centro da cidade, não havia Igreja e nem calçamento nas ruas. No entanto, em um curto espaço de tempo essa configuração citadina foi se modificando e segundo dona Matilde *“hoje tem mais mercado que no centro”*, assim como, dona Joana percebe que nos últimos anos as mudanças fizeram com que atualmente tenha *“missa uma vez por semana na Igreja do bairro, além do que, todos os bairros tem um posto de saúde, só banco mesmo que não tem por tudo”*.

A insegurança é explicada por eles em decorrência do aumento populacional, devido àqueles moradores que *“vem de fora”* em busca de emprego e que não possuem parentes na cidade. A rede de vizinhança que antes assegurava o dia-a-dia tranquilamente hoje já não permite isso, porque *“já não se conhece todo mundo”*, contava-me seu Guilherme enquanto olhava através da janela de sua casa os transeuntes que passavam. *“Antes a gente vivia com a casa aberta, agora mesmo estando na cozinha tem que ficar trancada”*, lamentava Inês.

1.5 Ponderações sobre a construção da interlocução

A etnografia trouxe significativa legitimidade à pesquisa antropológica, especialmente com o trabalho de Bronislaw Malinowski. Conforme Mariza Peirano, *“todo bom antropólogo aprende e reconhece que é na sensibilidade para o confronto ou o diálogo entre teorias acadêmicas e nativas que está o potencial de riqueza da antropologia”* (Peirano, 1995:48). O método etnográfico

pressupõe o encontro com o outro, alteridade, a vivência, a observação direta, sendo que o encontro etnográfico é sustentado pelo consentimento, pela interação ética entre pesquisador e sujeito pesquisado. O antropólogo é, nesta posição dialógica, tradutor de como o outro interpreta e dá sentido à vida, trazendo na escrita análises conceituais aliadas à densa descrição etnográfica para a leitura e interpretação. A qualidade de uma boa etnografia está na sua densidade, que, ainda conforme Peirano, “precisa ser tão rica que possa sustentar uma reanálise dos dados iniciais” (Peirano, 1995: 50).

Roberto Da Matta (1997), quando escreve sobre o trabalho de campo na Antropologia Social, justifica esta técnica básica para a disciplina, por tratar-se de um modo de buscar novos dados sem nenhuma intermediação de outras consciências, sejam elas as dos cronistas, dos viajantes, dos historiadores ou dos missionários que andaram antes pela mesma área ou região. O contato direto do pesquisador, teoricamente seguro com o seu objeto, coloca muitos problemas e dilemas e é por meio destes dilemas que a Antropologia tende a se desenvolver e contribuir com as outras ciências sociais.

Etnografar nestas cidades exige pensá-las também em uma dimensão que associa concomitantemente a pequena cidade, em vias de crescimento, ainda ao campo, denominada por Max Weber (1979) de “cidade agrária” e caracterizando-se “como sede do intercâmbio de mercado e de típicas indústrias urbanas” e onde grande parte de seus habitantes cobre suas necessidades através da economia própria e alguns ainda produzem para o mercado. Nas observações realizadas em Maués e Veranópolis pude observar exemplos que se aproximam dessa categoria de cidade descrita por Weber, em que as famílias dispõem de alguma proporção de terra para cultivo e tiram desse espaço a maior parte do seu consumo de frutas, legumes e verduras, mas que se diferenciam também do conceito, na medida em que há um grupo bem específico da população que adere a esse sistema de produção e consumo. As pessoas acima de 60 anos e que mantêm uma relação seja de pertencimento emocional ou físico ao campo são os adeptos dessa prática de produção agrícola mesmo que em pequena escala para o consumo próprio e dos familiares e também que atuam na troca do excedente com a rede de vizinhança.

A rede social (Both, 1976) da vizinhança tem um papel de destaque nessas pequenas cidades, que fortalece a distinção entre viver numa metrópole e em uma cidade considerada, dentro dos padrões demográficos, de pequeno porte. Conforme Robert Park, a “proximidade e contato entre vizinhos são as bases para a mais simples e elementar forma de associação com que lidamos na organização da vida cidadina” (Park, 1979:31), além de considerar a vizinhança como a base do controle político, onde nascem as demandas e as associações locais que desenvolvem um sentimento local e de participação entre seus membros, e que, segundo Barnes, revela, entre outras coisas, “os limites e a estrutura interna dos grupos” (Barnes, 2010:175). As redes sociais de reciprocidade na família e na vizinhança são tomadas também enquanto procedimento metodológico, na perspectiva de Larissa Lomnitz (2009), que percebe a rede social como um campo de relações entre indivíduos, não se caracterizando enquanto grupo bem definido e limitado, “senão uma abstração científica que se usa para facilitar a descrição de um conjunto de relações complexas em um espaço social dado” (Lomnitz, 2009:18).

As sociedades complexas moderno-contemporâneas caracterizam-se e constituem-se, segundo Gilberto Velho, “por um intenso processo de interação entre grupos e segmentos sociais diferenciados” (Velho, 1981:38), com uma sociabilidade em que se valorizam as amizades, os encontros sociais, a reunião em grupos sem um caráter instrumental (Simmel, 1979) em que a atividade se justifica em si mesma na perspectiva do que o autor classifica enquanto uma cultura subjetiva que se associa a uma sociabilidade qualificada, “situando a todos nós nas experiências tecidas por memórias compartilhadas” (Eckert e Rocha, 2005:55).

Considerações

Breves contextos que diferenciam a experiência de viver o envelhecimento foram trazidos nesse capítulo como forma de acentuar a pertinência de um estudo antropológico que considere a longevidade na cidade com suas práticas e ritmos característicos. Em exemplos globais do que ocorre

no Japão, Estados Unidos e França em compasso com a mobilização nas cidades em que desenvolvi a etnografia nota-se também a pluralidade de abordagens das investigações que tratam da relação envelhecimento e cidades, decorrente da complexidade que envolve o tema e por uma cadeia de novos contextos e que reconfigura as dinâmicas locais e globais. O próprio limite de idade considerado como o marco de ingresso na terceira idade é exemplo disso, assim como a denominação do coletivo que integra esse corte etário. A minha utilização desde o início da categoria idoso está em consonância com a construção política do termo, mas também com a denominação atribuída a si quando se referem a sua identidade geracional.

Nesse capítulo o leitor ou leitora também entraram em contato com conceitos e termos correntes no estudo do envelhecimento e que estarão presentes nos capítulos posteriores, assim como, através da descrição da inserção em campo trago as principais categorias através das quais os interlocutores associam a sua longevidade. A religiosidade, a manutenção de redes de sociabilidades, o valor-trabalho e os hábitos de alimentação manifestados nas relações sociais figuram entre os primeiros indícios revelados pelos mauesenses e veranenses como práticas que levam à longevidade.

CAPÍTULO 2

Etnografia sobre o cotidiano: contribuição para a compreensão da longevidade

Nos diferentes dicionários a palavra velho/a é carregada de significados aos quais dificilmente alguém gostaria de ser associado. Do mesmo modo, quando pensamos em objetos ou coisas tampouco a conexão com o termo se torna positiva, em que a oposição velho e antigo é sempre apontada, dando o teor de qualidade ou depreciação de alguma coisa. Mas de que forma essa carga semântica é vivenciada na contemporaneidade em que a velhice, o envelhecimento e os velhos estão nos confrontando mais e mais em termos numéricos? A velhice sempre existiu, assim como os velhos e o processo de envelhecimento, mas parece que o destaque dessa população na pirâmide etária passa a torna-los visíveis socialmente e nós, especialistas ou não, somos diariamente confrontados com o envelhecimento, o nosso e o dos outros.

O aumento da esperança de vida faz com que cada vez mais, e em um ritmo acelerado as pessoas alcancem a longevidade. Esse cenário divide os pesquisadores, que discutem sobre os efeitos positivos ou negativos de se alcançar tal feito, seja em termos sociais, políticos ou biológicos. Ao mesmo tempo em que alguns pesquisadores buscam reverter os efeitos que consideram nefastos do envelhecimento a partir dos 80 anos da perda de autonomia e aumento dos níveis de dependência outros buscam mostrar que os níveis de independência são mantidos apesar da perda de autonomia. Há também pesquisadores que mantêm o foco no conceito de terceira idade e em como o envelhecimento é positivado nesse período, no entanto esquivando-se de pensar a forma negativa como o envelhecimento é visto na quarta e quinta idade. A longevidade, seja ela construída na esfera política, biológica ou social, tem contribuído para uma visão positiva das pessoas com mais de 80 anos, em um processo que se assemelha a construção da terceira idade enquanto categoria que caracteriza um grupo.

A construção da longevidade no cotidiano e a adesão dos próprios longevos a essa categoria é o que pretendo mostrar nesse capítulo.

Conforme nos aponta o antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro (2002), é essencial que o discurso do observador estabeleça uma determinada relação com o discurso do observado, o nativo, relação essa, de conhecimento. Nos mesmos termos, Roy Wagner (2010:22), reflete sobre a abordagem dialética para a subversão tanto da excessiva subjetividade quanto da objetividade em prol da mediação. Para se chegar a esse ponto impõe-se ao trabalho do antropólogo a participação nas atividades locais, diretamente relacionadas, ou não, ao objeto de estudo.

No mesmo sentido das preocupações de Eduardo Viveiros de Castro e Roy Wagner sobre o fazer etnográfico, o registro, na sua forma de escrita etnográfica, é um questionamento de Edward Bruner (1986), no lidar permanentemente com questões de poder na construção dos discursos etnográficos. A etnografia é vista como discurso, constituindo-se como um gênero específico de narrar (Bruner, 1986). A escrita etnográfica passou a ser concebida enquanto representações dos nativos e não à existência concreta ou a fatos reais, trazendo a experiência de vida para enriquecer o discurso que o antropólogo irá produzir. Por esses motivos, no momento em que meus interlocutores narram que a fé em Deus e o consumo diário do guaraná em jejum faz com eles vivam mais, é importante que esse registro apareça enquanto interpretação deles, aliado ao sistema simbólico que faz com que eles tenham aderido a essas ações como sistema cultural (Geertz, 1989). Minha tarefa é fazer a interpretação desse sistema de crenças através das suas narrativas, que dão o significado para o que experienciam, considerando a interpretação dos interlocutores sobre o seu eu na relação etnográfica.

Uma questão pertinente de ser esclarecida é como os interlocutores da minha pesquisa foram identificados como idosos ou longevos. A etnografia da entrada em campo, descrita no primeiro capítulo e nas páginas que se seguirão, foi elaborada com a preocupação constante em deixar clara a autoidentificação das pessoas, seja na frequência aos dos grupos de terceira idade ou quando das primeiras conversas que tive com os interlocutores que conheci por outras vias que não os grupos de encontro de idosos.

2.1 Dia a dia na cidade: práticas que constroem os longevos

Em agosto de 2010 cheguei a Manaus, dessa vez a estadia em campo seria por um período de tempo bem maior e eu fazia essa investida sem garantia alguma da aceitação dos idosos em colaborar comigo. Novamente, como no ano anterior, parti de Belém e fiz a conexão necessária em Manaus a fim de partir para Maués. Do aeroporto parti para a rodoviária. Cheguei lá não eram nem cinco horas, com uma bagagem pesada que me atormentava a cada movimento e com todos os que estavam lá, aproximadamente quinze homens e duas mulheres, olhando minha falta de destreza em conduzir aquele peso todo. Como já conhecia o espaço, fui direto sentar-me no local de espera da saída dos ônibus. Aproximando-se das cinco e trinta, fui até os guichês de venda de passagens. O guichê não estava aberto, mas como já havia se formado uma fila fiquei lá aguardando, com minhas duas mochilas e uma bolsa pendurada. Enfim comprei a passagem e voltei para aguardar mais uma vez. Sentei ao lado de duas senhoras e um senhor que falavam sobre quantidades e preços de castanhas do Brasil, do Pará e de Caju. Na hora marcada fui para a fila de embarque no ônibus.

Chegamos a Itacoatiara em uma viagem que me pareceu mais breve que há um ano atrás. Como da primeira experiência de ida a Maués, dessa vez também havia uma religiosa no ônibus, que me contou que há três anos ela reside na África e voltava ao município para uma visita aos seus pais.

Enfim cheguei a Maués e ali começaria minha incursão cotidiana com meus interlocutores, mas até então eu não sabia se meu projeto daria certo.

O Centro de Convivência do Idoso é indicado por uma grande placa na entrada. No terreno do CCI há uma construção posicionada no centro, e em volta um pátio com algumas poucas árvores. A casa é bem conservada, de construção recente. Possui um grande salão, três pequenas salas, uma para atendimento médico, outra funciona como secretaria do Centro e a terceira é um depósito dos materiais utilizados no dia a dia nos artesanatos, nos jogos e nas aulas de alfabetização. No interior da construção também existe uma pequena cozinha e dois banheiros, um masculino e outro feminino. No exterior há uma varanda coberta na frente e nas laterais. Quem chega ao CCI encontra

à sua esquerda, logo ao lado da porta de entrada, a mesa de sinuca e uma grande mesa onde ficam as mulheres que trabalham com artesanato. Em seguida, na lateral esquerda, fica a pequena mesa com a única máquina de costura, bem como a outra grande mesa “*para conversar*”, que observei sendo utilizada para leitura da bíblia, para jogos de cartas, para discussões administrativas, para conversar sobre situações problemáticas envolvendo os idosos, enfim, foi ao redor dessa mesa que eu ouvia grande parte das narrativas biográficas. Na parte esquerda há ainda uma pequena sala acessível apenas pelo exterior. Essa sala é reservada ao estudo da bíblia com os frequentadores do CCI que são neopentecostais. Assim, na primeira vez que acompanhei as atividades no Centro, no exterior da sala Lúcia falava sobre religião com os católicos e no interior, dispostos em cadeiras escolares, Marlene, que é Adventista do Sétimo Dia, coordenava a leitura da bíblia com os neopentecostais.

A partir do portão de entrada em direção ao lado direito do prédio estão quatro pequenas mesas (com quatro lugares cada) para os jogos. O mais popular entre eles é o dominó. Esse espaço era o mais masculinizado de todos. Os homens que mantinham a prática diária de jogar dominó se deslocavam apenas até a mesa de sinuca. No entanto, aqueles que participavam das aulas, que se reuniam ao redor da “*mesa da conversa*” e umas quatro ou cinco mulheres participavam no jogo de dominó na última hora diária passada no CCI. Na parte direita lateral é onde Leni ministra todas as manhãs suas aulas de alfabetização. Há um quadro negro na parede e os idosos dispõem-se de costas para a rua em carteiras escolares. Há entre os participantes os que frequentam diariamente as aulas, os que participam duas ou três vezes na semana e aqueles que ficam parte da manhã na aula e outro período frequentam outras atividades.

No pátio há alguns jambeiros¹⁹, a grama é alta e na parte da frente há algumas poucas flores coloridas. O terreno é fechado na frente por um muro que se estende alguns metros também nas laterais e também por uma cerca de arame farpado aos fundos e no restante das laterais. Foi no CCI que realizei

¹⁹ O jambeiro é uma árvore nativa da Ásia e encontrada no Brasil em regiões de clima quente e úmido.

a maior parte do meu trabalho de campo em Maués, onde encontrava diariamente meus interlocutores, estabeleci grande parte dos meus contatos, ampliava minha rede e compartilhava das suas experiências cotidianas e práticas que levam à longevidade. Nas páginas que seguem apresento os interlocutores que estão presentes nesta tese.

Interlocutores em Maués

Victor, 81 anos. Engenheiro agrônomo aposentado e guaranalista.

Sabá, 80 anos. Frequenta diariamente o CCI, dançarino disputado e hábil no jogo de sinuca. Irmão de Amélia

Carolina, 91 anos. Vai pouco o CCI porque seu marido não gosta que ela saia de casa, quando vai, aproveita para conversar com as “colegas”

Jorge, 75 anos. Passou a frequentar o CCI em busca de auxílio após ser expulso violentamente da sua casa. Irmão de Carolina.

Luís, 80 anos. Agricultor e guaranalista. Mora na ilha de Vera Cruz, a 20 minutos de lancha do centro da cidade. Famoso por participar de uma reportagem exibida em rede nacional.

Isabel, 62 anos. Professora aposentada. Faz crochês e bordados para ter uma renda extra. Frequenta diariamente o CCI.

Zenaide M, 80 anos. Viúva, frequenta diariamente o CCI e se integra com as colegas que fazem artesanato apenas quando fazem tapetes porque trabalhos mais minuciosos são difíceis de fazer com o problema de visão que ela tem.

Zenaide, 76. Gosta de dançar, é casada com Milton. Os dois são neopentecostais.

Joana, 82 anos. Bastante vaidosa, diz que adora fazer todos os trabalhos de artesanato que pode praticar no CCI, mas infelizmente não pode ir ao Centro todos os dias porque precisa cuidar dos netos.

Antonieta, 58 anos. A mais extrovertida de todas as mulheres que conheci no CCI. Não frequenta o Centro diariamente porque se ocupa com os cuidados ao ex-marido que está doente.

Milton, 84 anos. Casado há 47 anos com Zenaide. Gosta de atividades físicas e diz que esse gosto é da época que era agricultor. Agora cansou da agricultura e lamenta que no CCI não tenham mais possibilidades de exercícios físicos, como uma piscina, por exemplo, já que ele fora campeão estadual de natação.

Matilde, 86 anos. Frequenta diariamente o CCI, chegando a pé pela manhã, feito que causa admiração nas colegas, visto que sua casa é longe do Centro.

Sebastiana, 76 anos. Minha “vizinha”. Participa do CCI e da Pastoral da Criança e vai à novena na quarta-feira à noite e na sexta-feira pela manhã. Mora com um neto.

Margarida, 88 anos. Cuida do neto de quatro anos diariamente, o que lhe impede de ir ao CCI todos os dias, mas quando tem algum filho ou outro neto em casa aproveita e vai ao encontro das colegas tomando seu lugar à mesa do artesanato.

João, 70 e poucos. Está diariamente no CCI jogando dominó.

Francisca A, 62 anos. Frequenta o CCI com seu marido, que tem 40 anos e que ela diz parecer ser mais velho que ela. Todos os dias os dois chegam de bicicleta porque a condução da prefeitura não passa onde moram, quase no interior.

Francisca, 58 anos. Conheceu Manoel, seu namorado, no CCI. É viúva. Já trabalhou muito pelo interior com o falecido marido, por isso, quando vai ao CCI gosta de jogar dominó e não de fazer artesanato.

Tereza, 76 anos. É neopentecostal. Viúva, diz que sente muita falta do marido e foi depois de seu falecimento que ela passou a frequentar o CCI à convite de amigas da Igreja para não sentir-se tão sozinha

Marilene, 71 anos. Foi parteira e orgulha-se de ter passado o legado de trazer crianças ao mundo à sua filha.

Cândida, 78. Viúva. Mora em Boa Vista do Norte e frequenta o CCI toda vez que visita seus parentes em Maués.

Pedro, 79 anos. Visitou o CCI apenas duas vezes levado pelo seu filho que dizia que o pai estava muito sozinho em casa.

Socorro, 71 anos. Viúva, não gosta de fazer trabalhos artesanais mas sim de ficar olhando e conversando com as colegas.

Ana, 76 anos. Mora sozinha em Maués depois que todos os filhos partiram para Manaus, felizmente tem uma sobrinha que mora na cidade e que lhe visita todas as semanas.

Nonato, 79 anos. Cearense, chegou ao Amazonas para trabalhar e nunca mais voltou para o nordeste. Mora com a esposa e a sogra, que tem 102 anos. No CCI frequenta as aulas de alfabetização e antes de voltar para casa joga uma partida de dominó.

Dulce, 82 anos. Vai ao CCI às terças-feiras, no dia da celebração religiosa. Diz passar a maior parte do tempo em Manaus, na casa das filhas.

Amélia, 68 anos. Participa do CCI e da Pastoral da Criança, levando consigo a neta que a filha abandonou quando foi embora da cidade.

Creusa, 68 anos. “A Costureira”. Ela fica no limiar entre coordenadora de tarefas e participante do grupo. Pela manhã vai ao CCI e à tarde trabalha em casa. À noite, quando já está cansada, faz outra tarefa: disputar com os netos o controle da televisão. Diz que quer muito morar sozinha na sua casa, mas seus 4 netos não deixarão que seu sonho se realize.

Interlocutores em Veranópolis

Inês, 69 anos. Solteira, mora com a irmã em uma casa no bairro Medianeira. Frequenta eventualmente os encontros do Grupo de Mães no mesmo bairro.

Matilde, 79 anos. Costureira. Mora com Inês. As duas dividem os trabalhos domésticos e Matilde não gosta muito de sair de casa, apenas para visitar os familiares que residem no município.

Amábile, 91 anos. Viúva, mora com a filha e na casa ao lado do filho. Agricultora aposentada.

Lídio, 77 anos. Mantém uma oficina em casa, onde conserta desde máquinas de costura até relógios, além de fabricar as peças que necessita para o conserto e objetos de madeira.

Lídia, 77 anos. Casada com Lídio. É apaixonada por flores e tem na varanda da casa e no pátio uma quantidade de vasos de plantas que ela mesma perdeu a conta, dos quais se ocupa diariamente.

Talita, 90 anos. Mora sozinha na sua casa mas no mesmo terreno que o filho, assim ela desfruta dos cuidados e atenção de todos. Gosta de passar a tarde em frente a televisão acompanhando os canais que transmitem missas e novenas.

Guilherme, 96 anos. Nasceu no interior do município e mudou-se para a cidade para que os filhos pudessem continuar os estudos. Quando se aposentou passou a ir todos os dias para a chácara onde nasceu para cuidar da plantação.

Joana, 78 anos. Casada com Guilherme, Joana gosta muito de trabalhar com fuxico, além disso cuida de todo o trabalho da casa sozinha e da horta ao lado da casa.

Eva, 81 anos. Viúva, mora com a filha e o genro, que é filho de Lídio e Lídia. Não gosta muito de ficar o dia todo sozinha enquanto a filha e o genro estão no trabalho, mas sabe que se morasse sozinha seria ainda pior. Seus amigos ela encontra duas vezes por semana quando vai aos cultos na Igreja Quadrangular.

Em Veranópolis compartilhei essas práticas de longevidade sendo convidada a encontrá-los nas suas casas, em um espaço mais íntimo de seus cotidianos. Assim, quem iniciava a enquete eram eles: *“de que família tu és?”* foi a questão unânime. O interesse pela minha situação familiar, quem eram meus pais, profissão, onde moram, se eu tinha irmãos ou irmãs, a idade e estado civil (dos meus pais, minha e do meu irmão), enfim, questões da ordem das minhas relações familiares sempre vieram em primeiro plano. Passada essa etapa eu tinha alguns traços que me permitiam identificar por que eles participavam de entrevistas com alguém que eles não conheciam. E claro que responder a demanda de auxílio de alguém de suas redes também era fator decisivo, mas após a apresentação da minha trajetória familiar vinha um cumprimento pela minha disposição em trabalhar com *“gente velha”* e *“meio caduca”*, e que eu estava certa de fazer isso porque eles tinham *“muito a ensinar para os jovens”* e *“escrever um livro sobre isso é muito importante nessa época de valores familiares que estão se perdendo muito fácil e ninguém respeita dos idosos”*.

Cheguei à casa de Matilde e Inês Battagello quase às dezoito horas, acompanhada de um mapa feito pelo sobrinho de ambas. A casa fica no bairro Medianeira, em uma rua em que nenhuma casa me parece ter mais de 20 anos. O bairro é um dos mais novos na cidade e ao circular por ele percebe-se a frequente abertura de novas ruas, demonstrando o ritmo de expansão, assim como a construção de novas casas em terrenos antes destinados a plantações. A casa de Matilde e Inês é bonita, simples, bem conservada, com um jardim com diferentes flores e uma escadaria para alcançar a varanda da porta de entrada. Não há grades. As duas janelas da frente estavam abertas e através delas via-se as cortinas feitas de crochê.

Fui recebida por Inês e em seguida veio Matilde. Convidaram-me para entrar e sentamos na sala, cada uma em um sofá. Fiquei em um sofá entre as duas irmãs e de frente para a estante, na altura dos meus olhos via três retratos. Matilde foi logo se apresentando e contando que tinha setenta e nove anos, prestes a completar oitenta em outubro daquele ano, 2010. Alta, magra, quase sem rugas, cabelo curto e acinzentado, sorriso radiante e agilidade ao caminhar e ao manter-se sentada com as pernas cruzadas. Falou com orgulho

dos seus *“quase oitenta”* como recompensa pela vida que leva, *“acreditando em Deus, amando a família, se alimentando de forma saudável e principalmente respeitando o horário de trabalho e de descanso”*.

Matilde e Inês contam que antes se sentiam mais seguras na cidade, mas agora não muito e se desculparam por estarem com a porta trancada quando cheguei: *“depois da construção da barragem muita gente ficou por aqui, arrumou emprego e ficou, agora a gente vê bastante rosto desconhecido”*, continuou Inês. Falando do alto consumo de drogas na cidade disseram que ouviram falar que se as pessoas ficassem sabendo quem leva a droga para a cidade, toda a população ficaria espantada e as duas concluíram que a droga deve chegar por intermédio de quem tem muito dinheiro *“e que não se importa com o flagelo alheio”*. *“É coisa feia de se ver, a gente vê o vizinho aqui da frente, ele chega aí, se atira na área, dorme até que quer, depois levanta e vai, parece meio abobado”*.

Matilde e Inês gostam muito de ler e sempre estão lendo algum livro, além de assinarem dois jornais, o local – O Estafeta – e o jornal dos padres Capuchinhos. Disseram-me que leem um pouco todos os dias. São sócias da Biblioteca Municipal, através do programa “Amigos da Biblioteca”, onde já doaram diversos exemplares, além de terem doado livros que pertenceram ao seu pai para outra biblioteca da cidade, a Mansueto Bernardi. O gosto pela leitura, segundo elas, veio do pai, que sempre leu muito.

Na juventude contam que participaram muito das atividades sociais da comunidade e mencionam novamente o nome de Mansueto Bernardi como uma das lideranças das atividades culturais na comunidade. Matilde diz que participou de grupos de jovens e que era maravilhoso. Reuniam-se as moças e os rapazes e organizavam encontros e atividades. Com esse grupo fez várias excursões pelo Estado. Ia a festas, encontros e participava das atividades religiosas.

Perguntei se elas participam de algum grupo de terceira idade. Disseram-me que não. Inês participa do Grupo de Mulheres do bairro. Elas se encontram uma vez por mês para conversar, dançar, *“essas coisas”* e também fazem passeios para outras cidades: *“no último nós fomos lá nas Águas Termas em Nova Prata, nossa, que coisa linda de se ver, a paisagem lá é*

maravilhosa, eu disse para a Matilde que ela ia adorar". Matilde não participa mais do grupo, chegou a frequentar as reuniões algumas vezes, mas como sempre tinha costura para fazer deixou o grupo. As duas disseram-me, mais enfaticamente Inês, que gostariam de participar de mais coisas, como o coral da Igreja, mas morando longe do centro fica muito difícil.

Inês critica a irmã dizendo que esta é muito caseira, que ela deveria sair mais de casa. Os afazeres no centro da cidade, como pagamento de contas, compras, também ficam ao encargo de Inês.

Conheci vó Talita por intermédio de sua neta. Ela mora no centro da cidade. Vó Talita não frequenta grupos de terceira idade porque acha *"um horror aquele monte de velha sem-vergonha, que não se dá o respeito, ficar correndo atrás de homem"*. Conta que tentou ir a três encontros do grupo que se reúne semanalmente no salão paroquial da Igreja matriz da cidade, mas que não gostou de ver *"as mulheres se oferecendo para os homens, todas já passaram da idade de fazer essas coisas, são avós, bisavós"*. Diz que na época que era jovem aproveitou bastante, entre suas amigas foi ela quem se casou mais velha, com vinte e dois anos. Trabalhava em uma loja de tecidos desde muito jovem, porque a família precisava que ela ajudasse. *"A loja era bem no centro, ainda existe essa loja, muito famosa na cidade, sempre foi"*, passavam por lá muitos viajantes que entregavam os tecidos e armarinhos e assim ela conheceu muita gente e também era bastante conhecida na cidade porque era uma boa vendedora, muito simpática. Adorava trabalhar na loja. Fora o trabalho na loja conta também que namorou bastante. Ela e seu Guilherme, o marido, não moravam na mesma cidade e ele viajava muito, assim que os encontros para namorarem não eram tão frequentes. Conta que o marido sempre fora muito ciumento, especialmente quando eram jovens. Quando ia aos bailes sua mãe a acompanhava para que ela não dançasse com ninguém, mas vó Talita disse que sempre fora esperta e encontrava estratégias para passar quase que o baile todo dançando, afinal se sentia muito bonita e se arrumava muito para as festas, então seria um *"desperdício ficar sentada"*,

além do que, adorava dançar. Eis que um dia foi “*pega de surpresa*”! Havia mentido para o noivo que ficaria em casa enquanto ele estava viajando, seu Guilherme era caminhoneiro, mas na verdade fora ao baile. Na visita seguinte seu Guilherme indagou se ela tinha ido ao baile e ela lhe respondeu que não, que havia ficado em casa o final de semana todo. Ele então descreveu a ela a roupa com a qual ela tinha ido ao baile, um vestido amarelo claro, e todos os parceiros com os quais ela havia dançado. Depois disso não houve mais o que fazer, o casamento foi antecipado!

Quando casou o marido não deixou mais que ela trabalhasse na loja. Logo se mudaram de cidade e ela passou a ajuda-lo no plantio de cebolas. Disse que foi uma época muito difícil, trabalhava muito e cuidava dos filhos enquanto seu marido seguia viajando pelo Estado. Moravam em condições precárias e viviam com pouco dinheiro.

Reclama levemente da ausência do marido nos cuidados com os filhos e como companheiro, mas enfim não lhes restava alternativa para sobreviver. Aos poucos foram acumulando dinheiro através de uma madeireira que era propriedade do marido e do cunhado. Vó Talita diz que sempre ajudou muito o marido e foi bastante econômica.

A primeira vez que entrei na casa da vó Talita ela estava à mesa com seu filho, seu neto e seu bisneto jogando *bisca*²⁰. Lembrei-me da minha infância e das noites em que insistia para que meu pai jogasse comigo, ele muito a contragosto cedia e jogava as três partidas. Retrocedendo mais nas minhas próprias memórias, recordei quando acompanhava meu vô nas tardes de *carteado*, na época não tinha mais que oito anos e então ele me postava ao lado dele comendo salgadinho e chupando balas de menta enquanto ele tinha sua hora diária de *carteado* com os amigos.

Vó Talita e o filho discutiam, pois eram a dupla que perdia. Vitor, seu filho, logo me disse que era impossível jogar com ela porque ela não conseguia perder, ficava brigando e culpando seu parceiro no jogo pela derrota. Ao final da partida, que eu acompanhei encostada no fogão a lenha, ela disse que

²⁰Bisca ou bíscola é um jogo de cartas utilizando o baralho espanhol (de 40 cartas), cujo principal objetivo é acumular mais pontos que o adversário, baseando-se nas cartas que são pescadas e descartadas. O número de participantes pode variar de dois até quatro jogadores. Para quatro jogadores deve-se jogar em duplas.

deixou que o neto e o bisneto ganhassem porque o *“guri (neto) está aprendendo”*. Contaram-me que haviam ido dormir somente de madrugada, pois tinham ficado até altas horas da noite jogando e que todos gostavam muito do jogo. Vó Talita disse que precisava aproveitar quando tinha companhia, porque jogar *“só com o Vitor não tem graça”*.

Seu Guilherme e dona Joana assistem à missa dominical da Igreja Matriz, porque na Igreja do bairro Medianeira, onde moram, a missa acontece só uma vez na semana. Ele não vai à Igreja do bairro, enquanto Joana, esta sim, participa das missas com mais algumas amigas com as quais se reúne. O lazer preferido de seu Guilherme é juntar-se com os amigos em frente à casa. Hoje em dia, além de congregar aqueles próximos da sua geração ou da sua própria, como o irmão que mora próximo e é mais jovem que ele alguns anos, seu Guilherme diz que tem muitos amigos mais jovens, inclusive o farmacêutico que trabalha ao lado. Em frente à casa há uma grande mesa de pedra, com bancos de pedra também, em um jardim cuidado com muito capricho por dona Joana. É nesse espaço que acontecem as reuniões de final da tarde enquanto o sol vai se pondo e os amigos chegam para compartilhar o chimarrão.

Há pouco tempo atrás seu Guilherme ia ao bar, que fica na quadra ao lado da casa, para jogar cartas. Porém, a clientela do bar mudou com o crescimento da cidade e hoje quem frequenta o lugar são majoritariamente jovens, com os quais ele não gosta de jogar porque *“fica claro que eles só querem te passar para trás, não respeitam ninguém”*.

Dona Joana não é muito afeita a fazer visitas às casas das vizinhas, prefere que elas venham até sua casa. Diz que sempre foi mais de ficar em casa mesmo, cuidando de seu Guilherme e trabalhando. Não gosta muito *“disso de ficar na casa das vizinhas tomando chimarrão porque só sai fofoca”* e acrescentou que seu Guilherme também não gostava que ela fizesse isso. Preferiam então que as pessoas se reunissem na casa deles, todos os vizinhos sempre seriam bem vindos. Perguntei a dona Joana se ela não participava de

Grupos da Longevidade e ela disse-me que não. Até chegou a frequentar o Grupo de Mães²¹, mas apenas em ocasiões que tinha alguma coisa em especial, como palestras, cursos, porém, nunca fora assídua em outros tipos de eventos, e mais, seu Guilherme não gostava que ela participasse. Disse-me então que agora, que estava sozinha, referindo-se ao falecimento do esposo, pensava em “*mais adiante*” participar de algum grupo, mas por ora esperaria mais um pouco e continuaria apenas a frequentar a missa, cantando com o coral que forma com as vizinhas.

Seu Lídio contou que há alguns anos a esposa e ele formaram com alguns amigos um grupo para viagens. O grupo é composto por alguns amigos de longa data na cidade e também com outros companheiros que conheceram no Grupo da Longevidade, o maior grupo de terceira idade do município, do centro, bairro ao qual pertencem. Hoje, os dois pouco participam do Grupo da Longevidade, mas “*ainda damos uma passadinha de vez em quando*”, diz seu Lídio.

O grupo se reúne e decide qual é a próxima viagem, pagam uma prestação mensal e por fim viajam para o local escolhido. Os participantes são na maioria casais, da mesma faixa etária ou mais novos e algumas senhoras viúvas. Já viajaram para a Bahia, para Mato Grosso, Minas Gerais entre outras cidades no Brasil e diz que é uma ótima oportunidade para conhecer mais gente e divertir-se. Contou que em uma dessas viagens conheceram um casal que depois foi visita-los em Veranópolis e assim vão ampliando a rede de amizades.

As particularidades da inserção em campo em Maués e Veranópolis são desde já evidenciadas pela forma narrativa pela qual optei. Os extratos que

²¹O Grupo de Mães é um coletivo de mulheres ligado à Igreja Católica com encontros semanais a fim de promover diversas atividades, desde o lazer até a caridade.

trouxe aqui, além de mostrar a diversidade de interlocutores e apresentar brevemente seus contextos cotidianos, mostram meu início de etnografia com os principais interlocutores desse estudo.

Tive assim duas cidades onde realizei a etnografia, duas diferentes formas de entrar em campo e logo de início dois hábitos nutricionais defendidos como prática indispensável para se alcançar a longevidade.

2.2 Das regras de nutrição que fazem viver mais

A relação entre a longevidade e os hábitos nutricionais é reiterada nas narrativas dos interlocutores, na voz dos pesquisadores em que buscar essa relação é exatamente um dos objetivos das pesquisas biomédicas empreendidas e nos manuais de autoajuda que ensinam a envelhecer com qualidade.

As dietas e hábitos alimentares estão em conexão com as percepções espirituais em programas de comer para “alimentar a alma” e relacionados com ideais de saúde, beleza e preparação física (Fernandez-Armesto, 2004), considerando assim que a alimentação humana extrapola a dimensão biológica constituindo-se em um ato social e cultural.

Entre diferentes pontos de vista do que se deve ingerir, mudanças no modo de preparo que acompanham novas concepções científicas sobre saúde e alimentos, os idosos atribuem a maneira como nutrem o corpo enquanto uma das práticas por excelência que os torna longevos.

2.2.1 A descoberta do guaraná

O Guaraná

Existiu um dia a tribo dos índios Maués, não tinham anéis nos dedos e nem sapato nos pés. Sua maior riqueza era a beleza da mãe natureza... o protetor da tribo era um lindo menino. Tinha cabelos de fogo e olhos mais brilhantes que o sol, mais amoroso que o cravo, mais bonito que o girassol. Alguns guerreiros tinham inveja do menino, talvez por ser formoso ou simplesmente menino. A inveja que era pequenina foi crescendo, crescendo, crescendo...até que se transformou

numa cobra grande. Toda gente ficou com medo e o menino tão bonito, a malvada cobra matou.(...)

Longos dias se passaram cheios de desilusão. Mas certa noite quando todos os indiozinhos dormiam, Tupã falou: “Plantem os olhos do menino, reguem com lágrimas de amizade, a tristeza vais se acabar, vai voltar a felicidade”.

Ao raiar do dia a ordem de Tupã foi cumprida. Cada olhinho se mudou em semente e foram plantados na terra. Brotaram frutinhas vermelhas que a todos encantavam. Até os mais velhos foram olhar.

As frutinhas eram tão bonitas quão as contas dum colar. Davam força para os fracos, conservavam os fortes alegravam os meninos. Toda tristeza virou alegria. Tudo que estava morto reviveu. A zanga dos animais o guaraná converteu em paz. Os bichos voltaram a ser amigos. As plantas floresciam com ardor. As águas retornaram aos rios e o sol espalhou seu calor. Os peixinhos nadavam em festa e até a lua voltou a passear no céu. E num véu bordado brilhante, as estrelas no céu distante cobriram toda floresta de amor.(...)

Nas nossas palavras essa frutinha se chama guaraná, em tupi quer dizer “árvore da vida”. Mulher feia toma guaraná pra ficar bonita. Mulher velha toma guaraná para rejuvenescer. E o Saci Pererê toma que é pra ficar sempre bonito, ter saúde e ser feliz. (Dantas, 1984:48).

Em 2009, na primeira estadia em Maués, aproveitei para conhecer a cidade para além do trajeto entre o hotel e o CCI. Andei por ruas bastante distintas. Três largas avenidas, uma delas bem arborizada, que é a que leva à Igreja Matriz, de frente para o rio. À essas avenidas somam-se várias ruas, a maioria suficientemente amplas para o tráfego dos poucos carros, muitas bicicletas e incontáveis motocicletas. As ruas são asfaltadas e há umas poucas nos bairros mais distantes do centro que são de terra. Junto a essa descoberta da cidade e após dias ouvindo falar das propriedades do guaraná e da sua grande responsabilidade na longevidade da população, informações estas que me chegavam através dos geneticistas que faziam suas investigações sobre a planta ou das pessoas com quem eu tinha conversado no CCI e encontrado na cidade, também eu precisava descobrir a tal bebida preparada em Maués.

No final da tarde fomos ao mercado onde trabalha Suzana, que conheci no CCI e que tinha auxiliado na coleta de dados para a pesquisa que se encerrara no dia anterior. Hoje ela não estava e perguntei por ela, disse que queria me despedir porque partiria no dia seguinte. Seu marido disse que infelizmente os sábados eram seu dia de folga e questionou se Roberto e eu tínhamos provado o guaraná antes de partir, *“porque assim a gente tem*

certeza que vocês voltam ainda para a nossa Maués". Disse que infelizmente não, que eu não sabia onde poderíamos comprar. Prontamente ele chamou um funcionário e solicitou que ele nos levasse para tomar o guaraná no Zé Cabeludo, *"mas que é careca hein"*. O funcionário apareceu com uma moto e eu agradei a carona, mas expliquei que não andava de moto porque sentia muito medo e não tinha 'disposição etnográfica' suficiente para tentar acabar com isso naquele momento. Pedimos a indicação da rua e seguimos a pé, até porque era distante três quadras de onde estávamos e o final da tarde não havia sol.

Chegamos ao local indicado um pouco na dúvida se estávamos certos, pois o que encontramos foi uma agropecuária. Perguntamos se tinha guaraná e o funcionário nos indicou os fundos na loja. Lá, encontramos uma bancada com um banco e um liquidificador e, claro, todos os ingredientes para preparar o *"guaraná power"*. Dissemos que na verdade queríamos guaraná puro, como as pessoas de Maués tomavam. Seu Zé e a funcionária nos olharam aparentemente desconfiados, porém seguiram nossa recomendação. Prepararam um copo para que provássemos e depois de degustado eles nos contaram que na verdade só as pessoas mais velhas tomavam o guaraná puro, mas não os demais. O que as pessoas da cidade consomem, segundo eles, é essa mistura de guaraná, o tal do *"guaraná power"*. Fizemos o segundo pedido: o guaraná como vocês mais vendem então!

A mistura é de guaraná em pó, açúcar, munitã²², amendoim e banana. O gosto, para o meu paladar, era muito melhor e bem diferente da mistura simples de guaraná, açúcar e água. Ficamos por lá algum tempo, conversando com quem entrava e tomava seu guaraná. Explicaram-nos sobre as diversas ervas e raízes que estavam à venda no balcão, cada qual para a cura de uma enfermidade e encontradas apenas na Amazônia. Todas elas possuíam maneiras diferentes de preparar e esses conhecimentos eram transmitidos entre gerações, *"nada disso está escrito não"*, o que reforçava o caráter de saber tradicional transmitido apenas entre quem era escolhido para deter esse

²² "Ptychopetalum olacoides", conforme nos relataram é indicado para impotência sexual e é afrodisíaco.

saber, geralmente transmitido no seio familiar. Após explicações e indicações, compramos algumas ervas e saímos do local.

2.2.2 Um especialista do guaraná

O Mito do Guaraná

Contam os índios Mawé, que antigamente existiam na região do Rio Maués Açu, três irmãos: Ocuamató, Icuamã, (homens) e Onhiamuaçabê (mulher). A jovem não tinha marido e era cobiçada pelos animais da floresta. Os irmãos não queriam vê-la casada, pois Onhiamuaçabê quem conhecia todos os segredos das plantas medicinais do Noçokém (floresta encantada, onde ficam as plantas e animais úteis). Um dia uma serpente ficou à espreita. Quando a moça passou, tocou-a levemente na perna, engravidando-a. Nasceu então forte e bonito denominado Anumarei't. A mãe cantou para ele que plantou uma castanheira no Noçokém, mas os irmãos enciumados haviam tomado o lugar.

O menino quis provar das castanhas e acabou morto pelos guardas que os tios haviam deixado no Noçokém. Desesperada Onhiamuaçabê plantou na terra o olho esquerdo do menino e nasceu um cipó ruim (guaranarana, o falso guaraná). Plantou então o olho direito e daí surgiu o verdadeiro guaraná. E o solo escolhido virou chão sagrado (refere-se a região do município de Maués). Onhiamuaçabê exclamou profetizando: "Tu meu filho Waraná, serás a maior força da natureza, farás o bem a todos os homens, teu wará sagrará todas as festas e ritos; o amor fará de ti um símbolo e todos amigos e inimigos falaram o teu nome, porque és filho de Anuamauató". O guaraná foi crescendo e, de tempos saía da sepultura do menino um animal: nasceram assim o macaco coatá, o cachorro-do-mato e o porco queixada. E finalmente Onhiamuaçabê viu brotar de dentro da cova um menino: era o primeiro índio Sateré-Mawé, a origem da tribo e ao mesmo tempo o seu filho ressuscitado.

<http://www.satere.com.br/lendas.ph>

Às sextas-feiras ao entardecer participava, a convite inicial de Lúcia, da Pastoral da Criança. A Pastoral é formada por um grupo de senhoras católicas que ensinam às crianças a reza do terço, cânticos religiosos e trabalhos manuais. Nos encontros que acompanhei ao longo de dois meses sempre havia mais mulheres adultas do que de fato crianças participando. A reunião é realizada no quintal da casa de Heloísa, prima de Lúcia. Também estão sempre presentes dona Sebastiana, a professora Bezoneth, a professora

Francisca, dona Amélia e Maura, que orientam nas orações e trabalhos com em média cinco crianças, além dos dois netos de Lúcia que são menores de cinco anos e comparecem à reunião ficando no colo da avó sem participação nas tarefas.

Os encontros iniciam com a reza do terço, sendo que cada participante tem seu terço. As crianças recebem um terço quando iniciam sua participação no grupo, nas palavras de Lúcia, “*é um terço especial, todo colorido para as crianças*”. Minha boa recepção no grupo foi clara quando todos começavam a se preparar, após arrumar as cadeiras em um círculo, e para surpresa geral eu tinha meu próprio terço, mesmo que em miniatura, que minha mãe havia me dado há alguns anos atrás e que não por coincidência estava comigo nessa empreitada.

Havia sempre um pequeno altar montado especialmente para esses encontros, com uma imagem de nossa senhora, uma vela, um terço e um vaso de flores, dispostos sobre uma pequena mesa vermelha com uma toalha branca rendada sobre ela. As mulheres que participam da Pastoral estão de acordo sobre a importância da realização desse trabalho com as crianças. Segundo elas é importante que eles pratiquem a religião e como muitas vezes os pais não podem dispensar o tempo necessário aos filhos, ou no caso das crianças atendidas por elas, a maior parte possui pais ou avós que não querem se ocupar deles e que não conseguem perceber o quanto é importante despertar a religiosidade nas crianças. Intrínseco aos valores religiosos eles aprendem também os valores da família e de solidariedade e respeito ao próximo. Nesse relato sobre o grupo apontavam-me as crianças que estavam presentes e narravam o quanto elas tinham progredido no grupo especialmente na maneira de se relacionar e ter mais respeito ao próximo. Além das atividades em torno das orações as crianças aprendiam também a fazer trabalhos manuais, alguns, os mesmos praticados no CCI, como a feitura de fuxico em tecido, flores de garrafa pet e crochê para os “*mais experientes*”. Lembro em uma das reuniões de José²³, doze anos, o único menino, excluído os netos de Lúcia que não participavam das atividades, que reclamou por ter que fazer as mesmas atividades que as meninas, o que ele lhe parecia nada

²³ Pseudônimo

adequado para sua construção enquanto homem. Todas as mulheres responderam que ele faria a mesma atividade que as meninas pois isso faria dele um homem muito melhor quando ele tivesse filhos e uma família e enquanto esse dia não chegasse ele poderia presentear sua mãe e sua avó com as coisas que ele sabia fazer e, mesmo, poderia pensar em ganhar algum dinheiro para o sustento da família. Em diversas ocasiões posteriores fui abordada por José, oferecendo-me brigadeiros que ele mesmo fazia para ganhar seu próprio dinheiro.

Em um desses encontros Lúcia havia sugerido que seria muito bom que eu conversasse com seu cunhado Victor porque *“ele entende tudo de guaraná”* e em uma dessas oportunidades que cheguei cedo à casa de Heloísa pude conversar com Victor. Seu Victor saiu da casa e veio apresentar-se. Lucia havia falado de mim para ele. Ele sentou ao meu lado e perguntou o que eu queria saber e qual era minha área de estudo. Falei que era antropóloga e que queria saber sobre o guaraná, de que não conhecia nada. *“Nada, nada?”*, indagou-me seu Victor!

Seu Victor é agrônomo e funcionário da Ambev na Fazenda Santa Helena²⁴ desde 1972. A trajetória profissional dele na Fazenda é entusiasticamente narrada. Seu Victor Nogueira tem oitenta e um anos e mora em Maués desde 1960. Ele nasceu em Cobija, capital do Estado de Pando, na Bolívia. Esse fato descobri não através dele, mas sim de sua filha Maura, pois mesmo que narrasse sua biografia e voltasse várias vezes ao local onde havia nascido, sempre mencionava que era de *“uma cidade na fronteira bem perto da*

²⁴ O início do plantio de guaraná na Fazenda Santa Helena foi no ano de 1972 e permitiu à empresa aprofundar os estudos sobre a cultura do guaraná e repassar a tecnologia e os conhecimentos desenvolvidos no local para os demais fornecedores. O guaraná, antes cultivado de forma extrativista pelos agricultores da região, passou a ser estudado. Os primeiros pés do fruto foram plantados como a uva, com armações de madeira e arame, com base na observação de que a planta, no meio da floresta, se agarra e escala as árvores. Mais tarde, verificou-se que o guaraná só tem este comportamento devido à sua necessidade de sol, que faz com que suba nas árvores para superar a sombra formada por elas. A experiência demonstrou que, em ambiente aberto, o guaraná cresce naturalmente, sem necessidade de agarrar-se como as videiras. Na fazenda se estuda qual o melhor tipo de solo, de combate a pragas, de culturas paralelas, etc. Foi também no local que se descobriu a importância do ecossistema original na reprodução do fruto. Por não ser hermafrodita, o guaraná depende de agentes externos para reproduzir-se. É por essa razão que os 430 hectares de área cultivada da Fazenda Santa Helena estão distribuídos em 34 quadras dentro da mata nativa, promovendo o equilíbrio ecológico. A área total da fazenda é de 1.070 hectares. <http://www.guaranaantarctica.com.br/produtos/guarana-antarctica.aspx>

Bolívia". Viera para Maués para exercer a profissão de agrônomo, acabou casando-se e estabelecendo-se na cidade e assim colaborando na fundação da Fazenda Santa Helena, que ele considera como um dos maiores patrimônios, inclusive turístico, de Maués.

Segundo ele, o solo de Maués é o responsável pela qualidade do guaraná da região, solo que inclusive se diferencia de outras regiões que produzem o guaraná no Brasil, como a Bahia, mas também de outras regiões na Amazônia, como o Pará e Rondônia, dois Estados, que conforme me contou, também já fizeram a tentativa de firmar-se no plantio de guaraná, mas a baixa qualidade do produto nesses locais não criou competição com o guaraná cultivado em Maués. O solo de boa qualidade mencionado por ele possui três características imprescindíveis: *"é amarelo, pesado e poroso, assim que tem que ser o solo para o guaraná e é isso o que nós temos"*. A qualidade do guaraná é medida pelo teor de cafeína presente no produto. Os grãos produzidos em Maués têm cerca de 6% de cafeína, enquanto o produzido em outros lugares tem no máximo 2,5%.

Seu Victor conta que a Fazenda é a responsável pela continuidade do plantio de guaraná em Maués e ao mesmo tempo lamenta a falta de interesse dos agricultores em melhorar a qualidade dos seus plantios e o aumento da safra. Na Fazenda Santa Helena seu Victor trabalha diretamente na melhoria das mudas e faz questão de cuidar pessoalmente de milhares de mudas clonadas de guaraná²⁵. As mudas clonadas são há algum tempo desenvolvidas na Fazenda e distribuídas aos agricultores para o plantio, com a ajuda da prefeitura no que diz respeito ao transporte para as comunidades ribeirinhas.

Seu Victor explicou-me como se desenvolvem os clones de guaraná em uma entusiasmada narrativa. Na primeira etapa desenvolvem-se os clones do guaraná, quando as mudas estão prontas para ir ao solo a prefeitura disponibiliza as embarcações para a distribuição das mudas ao longo do município, ou seja, nas 166 comunidades ribeirinhas em uma área de mais de trinta e nove mil quilômetros quadrados. As embarcações depositam as mudas

²⁵ As mudas clonadas são àquelas produzidas a partir de um galho da árvore do guaraná e não da semente. A melhoria e cultivo das mudas clonadas são realizadas, em Maués, na Fazenda Santa Helena e na unidade da Embrapa. Os pequenos produtores dão preferência ao guaraná cultivado a partir da semente.

na margem e o trabalho dos agricultores é recolhê-las, planta-las e colher o guaraná. Um arbusto de guaraná clonado pode gerar frutos por mais de trinta anos, sendo que a primeira colheita é feita em menos de cinco anos.

Seu Victor reclamava da falta de interesse dos agricultores em manter o plantio de guaraná e que a cada ano a Ambev pagava mais pelo quilo das sementes, já torradas, e mesmo assim a safra diminuía. Criticava a falta de vontade que eles tinham em cuidar do solo, mesmo sendo o guaraná uma cultura que não exige grandes cuidados além de manter o solo limpo e estar atento a antracnose²⁶. Sua maior censura aos produtores é pelo fato destes não apreciarem o plantio de mudas clonadas, que segundo ele são infinitamente melhores na qualidade e rentabilidade, *“a produção é maior por árvore e por tempo, só se ganha com o guaraná clonado, mas a Ambev que tanto investe está só perdendo, é melhor pra eles esse guaraná, principalmente pra eles, mas eles não querem”*, referindo-se a oposição que os agricultores fazem ao plantio das mudas clonadas. Seu Victor também é guaranalista²⁷ desde que se estabeleceu em Maués e continua com uma pequena plantação *“lá no Moraes²⁸”*.

Perguntei ao seu Victor se ele tomava guaraná, questão a qual me respondeu com outra indagação: *“Sabe quantos anos eu tenho?”* e então contou que em dezembro faria oitenta anos e que mesmo aposentado continuava trabalhando como qualquer outro funcionário da Ambev. Ele sabia que era o mais antigo dentro da Fazenda e que era o que mais conhecia de guaraná...

“inclusive eu discuto e brigo muito lá dentro, porque a diretora não sabe nada além de escritório, nunca foi lá ver de perto um pé de guaraná e aí ela dá umas ordens sem cabimento. Eu cumpro as ordens dela, depois tudo dá errado, nós perdemos não sei quantas mudas e então ela vem me pedir desculpas”

²⁶ Doença causada por fungo que ataca a cultura principalmente quando a plantação é formada por mudas cultivadas e em agrupamentos que formam um pomar. Quando as plantações são atacadas pela antracnose o índice de perda é praticamente total.

²⁷ Como se denominavam a maioria dos produtores de guaraná, independente de serem os agricultores ou os proprietários da terra cultivada. São também denominados guaranacultores.

²⁸ Comunidade no interior do município com ligação terrestre ao centro urbano.

Seu Victor toma guaraná duas vezes ao dia, de manhã antes de ir para o trabalho e depois do almoço, antes do segundo turno de trabalho. Usa o guaraná em pó porque é mais prático e não vê diferença deste para aquele que é ralado a cada preparação. Na casa todos tomam guaraná. É hábito, que depois pude conferir quando viajei com Maura e Lúcia, que a bagagem de cada uma continha o pó de guaraná e o açúcar. *“Não se viaja sem isso e é a primeira coisa que se toma ao acordar”*. Desde que chegou a Maués seu Victor toma o guaraná, mas atribuir a longevidade somente ao guaraná como os pesquisadores têm tentado provar, nisso ele não acredita. O conhecimento sobre o solo permite que ele conclua que na verdade esse é o diferencial de Maués, o tipo de solo, que propicia a qualidade de tudo que vem da terra deste lugar, então, a longevidade é, para ele, o consumo de todas as frutas, legumes e guaraná plantados no solo mauesense.

2.2.3 Encontrando um personagem famoso

Aos domingos costumava passar o dia na Ilha de Vera Cruz com Claire, proprietária do hotel em que estava hospedada, sua família e seus amigos. A Ilha de Vera Cruz é a mais próxima do centro urbano, sendo mesmo possível, no período da vazante dos rios e de grandes secas, atravessar com água até os joelhos entre a cidade e a ilha. Em um desses domingos, depois do tradicional almoço de galinha d'angola ensopada e de um tempo considerável imersa na água em companhia das crianças que nadavam e investigavam minha vida em uma profundidade que provavelmente eu não conseguiria fazer com meus informantes, Claire sugeriu que seu Aderbal, marido dela, me acompanhasse até a casa de seu Luiz Neves, porque *“ele é famoso, foi um dos que apareceu no Globo Repórter”*, referindo-se ao programa televisivo que meses antes fora transmitido fazendo referência à longevidade em Maués. No caminho seu Aderbal me contava que já fora vereador por dez anos na cidade e que infelizmente a política em cidades como Maués ainda precisava ser paternalista. Cumprimentava todos que encontrava pelo caminho, já que fomos pelo caminho de dentro da comunidade e não beirando o rio. Após percorrer a

pé um caminho de 15 minutos chegamos na casa de seu Luiz. A casa é de taipa²⁹ e seu Luiz estava sentado com a esposa e uma vizinha logo após a porta de entrada. A casa é bem baixinha, com chão batido, dois cômodos e um corredor que é a cozinha. A temperatura era muito agradável, esqueci todo o calor que já senti em Maués. Seu Luiz foi quem apareceu no último Globo Repórter exibido³⁰. De óculos de sol e sem camisa, apenas de bermuda e tênis seu Luiz nos recebeu muito contente, abraçou-nos e agradeceu inúmeras vezes a nossa visita, dizendo que o importante na vida é isso, conhecer e ter boas relações com as pessoas. Logo que me sentei seu Luiz perguntou se eu queria provar o guaraná. Aceitei! Era a primeira vez que tomaria a bebida na minha segunda estadia em Maués. Ele buscou o bastão de guaraná, que estava em outro cômodo, a língua do pirarucu, para ralar o guaraná, o açúcar e a água gelada, pôs em cima da mesa e delegou a tarefa de preparação a seu Aderbal. Seu Luiz dizia que aquele guaraná sim era bom, porque era natural, o verdadeiro guaraná mesmo, fazendo oposição ao guaraná clonado. Além disso, me explicava que no seu guaranazal ele não usava nada de veneno, que era natural.

Entre explicações sobre o guaraná e de como seu Luiz tornou-se conhecido por *“ser um velho bem de saúde, que trabalha e tem disposição”*, segundo ele mesmo diz, ele ressalta que antes de qualquer coisa, para viver bastante tem que ter fé em Deus, *“isso é que faz viver bastante”*. Numa narrativa de orgulho de si mesmo contou que criou 11 filhos e todos estão muito bem de vida, alguns moram em Manaus, outros em Itacoatiara, enfim, todos tem profissão, família e são *“casados na Igreja”*. Tem um filho que trabalha no exército e mora em São Gabriel da Cachoeira e casou-se com uma índia que infelizmente, segundo seu Luiz, *“não sabe falar a língua da tribo dela, só o português mesmo”*, outro filho é assistente social, outro é catequista, ou seja, todos muito bem. Os filhos e as respectivas trajetórias, proporcionadas pelo trabalho e incentivo de seu Luiz para que eles estudassem, é motivo de

²⁹ A taipa de “pau-a-pique” é um tipo de construção em que a técnica consiste em barro armado com madeira, numa estrutura de ripas de madeira ou bambu, formando um gradeamento, com os vazios preenchidos de barro amassado.

³⁰ O Globo Repórter é um programa televisivo da Rede Globo e que no dia 13 de agosto de 2010 exibiu uma reportagem sobre a longevidade em Maués e seu Luiz foi um dos entrevistados pelos repórteres sobre qual é o segredo da longevidade.

muito orgulho para ele, assim como a manutenção dos valores cristãos e da crença em Deus acima de tudo.

Assim que terminei de tomar o guaraná, agradecendo e fazendo elogios, seu Luiz quis mostrar-me o guaranazal. Contou-me que tem pés de guaraná com mais de dezenove anos. Eu, que não conhecia a planta do guaraná, conheci logo um guaranazal! A limpeza no solo do guaranazal, exigida para que a planta produza e não seja atacada por pragas, e posteriormente a colheita dos frutos, é obra de seu Luiz e da esposa.

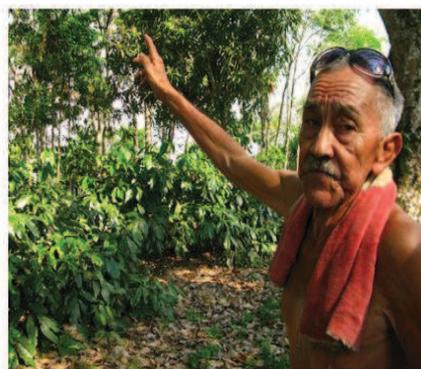
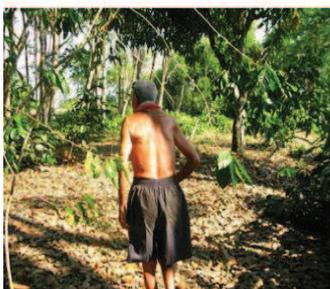


Imagem 14: Seu Aderbal ralando o guaraná em bastão na língua do pirarucu. Maués, agosto de 2010.

Imagem 15: Guaraná pronto para o consumo. Maués, agosto de 2010.

Imagem 16: Seu Luiz em direção ao guaranazal nos fundos da sua casa. Maués, agosto de 2010.

Imagem 17: Guaranazal. Maués, agosto de 2010.

Imagem 18: Seu Luiz. Maués, agosto de 2010.

Imagem 19: Seu Luiz explicando o processo de torrefação do guaraná e preparação do bastão de guaraná. Maués, agosto de 2010.

Imagem 20: Utensílios e forno para preparação do guaraná e da farinha. Maués, agosto de 2010.

Imagem 21: Folder da cidade de Maués com uma imagem do guaraná. Maués, agosto de 2010.

Seu Luiz tem oitenta anos e trabalha diariamente na roça e é guaranalista “*desde sempre*”. Faz também farinha e disse-me que a melhor farinha de Maués é a produzida em Vera Cruz. Mostrou-me o forno para torrar guaraná e as peneiras, que se localizam entre a casa e o guaranazal. Falou que há pouco tempo conversou com os filhos e como todos eles se dão muito bem, “*graças a Deus*”, pegou a assinatura de todos para transferir a escritura do guaranazal para o nome do filho mais novo, que o ajuda no cultivo. Fez isso porque os demais estão longe e ele não quer ver o mato invadir o guaranazal, assim, o filho mais novo, que já trabalha com ele, ficará sempre responsável pela terra deles. Próximas a casa, plantadas em linha reta, estão as árvores para extração de látex. Seu Luiz explicou-me o processo de extração do látex e diz que trabalhou também como seringueiro. As árvores são imensas, com o tronco marcado pelas linhas das quais escorria o látex para dentro das latas, que ficavam amarradas no tronco longe cinco palmos do chão.

O cuidado do pátio de seu Luiz também é resultado do trabalho dele e da esposa. Ouvia-se o forte barulho do motor que traz a água para a caixa e também que gera a luz, mas segundo seu Aderbal e seu Luiz, no próximo ano o Programa Luz para Todos chega ao município e o motor seria “*aposentado*”. As painéis estavam penduradas simetricamente sob uma árvore. Na árvore próxima à porta da casa havia três papagaios e assim ia se compondo o quintal de seu Luiz, que reclamava que Maués já não era a mesma, que agora havia violência e ele mesmo já havia sido roubado, tendo ficado sem o motor da sua voadeira em uma das vezes que fora até a cidade, ele diz que evita ao máximo suas saídas de Vera Cruz, “*mas às vezes não tem outro jeito*” e precisa ir até a cidade.

2.2.4 Da compra ao consumo: regras a serem observadas

A Lenda do Guaraná (versão - Cerêçaporanga)

A lenda conta a história da mais bela índia Sateré-Mawé, Cerêçaporanga, e sua paixão por um jovem guerreiro Mundurucu, tribo inimiga dos Mawé. Jaci, a Deusa da beleza, protegia Cerêçaporanga (a mais bela índia Sateré-Mawé)

*dando-lhe vida longa e beleza. Mesmo fiel a sua tribo, a índia apaixonou-se por um jovem da tribo inimiga (Mundurucu) e com ele fugiu. Houve uma grande perseguição dos índios guerreiros na tentativa de convencê-la a voltar. Para proteger seu amado dos inimigos, Cerêçaporanga, propôs a ele um pacto de morte, pois sabia caso fossem alcançados, que ele seria trucidado pelos guerreiros Sateré. Então junto a uma Sapupema (palavra originária do Guarani, SAPU e do Tupi PEME, raízes que desenvolvem com o tronco de outras árvores formando ao redor troncos divisões achatadas), fulminados por um raio certo, os enamorados dormiram para sempre. Ao vê-la morta os guerreiros ficaram tão triste que imploraram a Deusa Jaci que o espírito de Cerêçaporanga nunca os abandonasse. Jaci, comovida, dos olhos da índia morta fez nascer uma planta cuja semente, quando amadurece, lembra um par de olhos negros. Essa semente ingerida em chás e infusões e triturada daria aos irmãos de Cerêçaporanga, uma grande vitalidade, sendo além de tudo um alimento energizante que os faria forte em suas guerras e caças. E a árvore teria a beleza física da bela índia e viveria com a tribo para o resto da vida.
(<http://www.satere.com.br/lendas.php>)*

Dona Sebastiana perguntou o que eu havia feito no final de semana, contei que havia ido à praia e que passara a maior parte do tempo no hotel. Ela perguntou se eu já havia comprado o ‘meu’ guaraná. Falei que ainda não e ela indicou onde eu poderia comprar sem que fosse necessário encomendar antecipadamente mesmo, e assim encontrar um produto “fresco”. Eu deveria comprar ao lado da Igreja, perto da Câmara dos Vereadores, em uma farmácia que vendia ervas e produtos naturais. Enquanto ela me explicava, outras pessoas concordaram com gestos. Nesse momento alguém lembrou que havia guaraná no cozinha do CCI. Mas prontamente dona Isabel disse que não, que eu deveria tomar de manhã bem cedo, senão àquela hora me “tiraria a fome”. Ensinaaram-me a “temperar o guaraná”, mas alertaram-me que era para tomar pouco já que eu não era acostumada e poderia me dar “tremelique”.

2.2.5 Das supostas origens do guaraná

O Çapó

Trata-se do “guaraná em bastão ralado na água (...) seu preparo e consumo seguem uma série de práticas que

somadas resultam em uma sessão ritual. A natureza do ritual de consumo do guaraná é, porém, diversa da de um ritual formal, como são a da Festa da Tocandira³¹ ou a da leitura do Porantim³². Uma sessão de çapó foi descrita por Anthony Henman: "Essas práticas são essencialmente as mesmas em todas as circunstâncias, tanto se o çapó for preparado para o círculo familiar mais íntimo, ou para um encontro de todos os homens adultos durante uma festa ou reunião política.

Cabe à mulher do anfitrião ralar o guaraná, operação feita com uma língua de pirarucu ou uma pedra lisa e quadrada de basalto. Uma cuia aberta da espécie *Crescentia cujete* é colocada em cima de um suporte chamado patauí e enchida de água até um quarto do seu volume total. A ação de 'ralar' o guaraná molhado não busca a transformação do bastão em pó, como ocorre com o guaraná seco. Antes, trabalha-se o guaraná para que se forme uma baba, uma viscosidade que adere ao ralo e ao pedaço do bastão em uso, sendo dissolvida n'água mediante a periódica submersão dos dedos da raladora. Depois de preparado, o çapó é de novo diluído com água guardada ao lado da "dona" do guaraná em uma cabaça da espécie *Lagenaria siceraria*. A cuia, já a essas alturas cheia até um pouco mais da metade de çapó, é entregue pela mulher ao seu marido, que toma apenas um pequeno gole antes de passá-la aos outros presente, normalmente prestigiando os mais velhos ou alguns visitantes importantes, se os houver. Daí em diante, a cuia passa de mão em mão observando a proximidade física dos participantes, e não um rígido esquema de hierarquia, sendo acompanhado durante as sessões noturnas por um grande cigarro de tabaco enrolado numa casca de árvore. (...)

Nem sempre a cuia faz uma volta circular, sendo mais comum que passe em uma linha reta de um participante ao próximo, voltando pela mesma linha até chegar de novo nas mãos do dono. Quando são muitas as pessoas presentes, observa-se a formação de duas ou mais linhas deste tipo, já que uma só cuia raramente é tomada por mais de oito ou dez pessoas. O participante que não tiver muita vontade de tomar guaraná não irá rechaçar a oferta da cuia, mas manterá as formalidades, bebendo um golinho mínimo para não ofender o anfitrião. Outro detalhe importante é que ninguém acaba a bebida que tiver na cuia, e mesmo se receber uma quantidade mínima, cuidará de deixar sempre um resquício para devolver ao dono. Só este é que tem o direito de encerrar formalmente a sessão de çapó; (...)

Durante o intervalo em que a cuia circula entre as pessoas presentes, a mulher do anfitrião continuará esfregando o pedaço de guaraná contra o ralo, juntando uma baba que será prontamente dissolvida n'água assim que a cuia voltar às suas mãos." (1983:26-27) Cabe observar que cada sessão de çapó

³¹A Festa da Tocandira é um rito de passagem entre os índios Sateré-Mawé, que marca a transição de menino para homem. O principal ritual consiste em utilizar luvas tecidas em palha pintada com jenipapo, e adornadas com penas de arara e gavião para que o iniciado enfie a mão em um preparo líquido para ser ferroadado por dezenas de formigas tocandiras (*Paraponera clavata*).

³²O Porantim é o remo mágico, uma peça de madeira, a Bíblia dos Sateré-Mawé. De um lado está inscrito, através de desenhos geométricos em baixo relevo o mito de origem do guaraná e do outro o mito da guerra.

tem várias rodadas da bebida, ou seja, a mulher do dono da casa (ou sua filha, ou sua neta) irá preparar várias cuias de çapó conforme a disposição dos visitantes e familiares para tomar çapó e conversar.
<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/satere-mawe/969>

Foi dona Francisca, quando conversávamos no CCI, quem primeiro me falou sobre o çapó, contando que quando morava no interior tomava çapó com os índios. Nas suas palavras, *“o çapó é o guaraná preparado na cuia para consumo coletivo. A cuia vai passando para cada um da roda e todos têm que beber até voltar para o dono da casa. A cuia é passada por ordem de importância das pessoas”*. Dona Francisca trabalhava com a extração de látex e de pau rosa³³, *“aonde tinha pau rosa a gente ia”*, contando sobre a época que ela e o marido trabalhavam juntos pelo interior. Ela gostava bastante dessa época, sua narrativa ao lembrar é acompanhada por um olhar indicativo de felicidade e por gestos que aproximam o ouvinte da ambiência que ela relata. Esmera-se em narrar gesticulando e imitando os sons da mata. Diz que morou *“dois anos e meio com uma tribo indígena”* e aprendeu muito com eles. Comeu *“os bichos mais estranhos possíveis e gostava de tudo, menos de bucho de mutum”*³⁴, *porque o cheiro era muito forte, de resto, comia tudo*. Dona Isabel contou, quando dona Francisca findou sua narrativa, que na infância, à noite, comia muita saúva, infelizmente uma formiga diferente daquelas que vejo todo dia no portão de entrada do CCI e fazem com que eu me espante com seu tamanho. Dona Francisca e dona Isabel concordaram que saúva *“era coisa boa de se comer”*.

O guaraná é considerado a bebida da ‘fonte da juventude’, que dá força para o trabalho no dia a dia e vitalidade para enfrentar o tempo. Ingerir o guaraná não é como beber açaí, também presente nos hábitos diários de nutrição dos interlocutores. Esse último, mesmo que com horários definidos

³³Árvore típica da Amazônia, de cuja casca se extrai um óleo rico em linalol, utilizado como fixador de perfumes. O pau-rosa foi explorado em maior quantidade nas décadas de 20 e 30 do século passado. Para a extração do óleo era necessária a derrubada da árvore. Para extrair 180 litros de essência de pau-rosa, são necessárias de quinze a vinte toneladas de madeira, cerca de mil árvores. Hoje, há pesquisas dedicadas a extração do pau-rosa sem a derrubada da árvore e a produção do óleo em laboratórios, ou sintético.

³⁴ Ave de plumagem negra, que conforme dona Francisca, hoje está em extinção.

para consumo, não apresenta as mesmas propriedades, o mesmo ritual e a mesma importância na nutrição.

2.2.6 Seguir uma dieta

Vó Talita diz que não se importa em morar sozinha porque tem um filho e família perto, que moram no andar de baixo da sua casa. Narra que conta com a colaboração e os cuidados de todos com ela, *“não dá para reclamar, agora que é inverno a Ana quando acorda sobe aqui, traz o cesto de lenha e já acende o fogão pra mim, porque isso eu não consigo mais fazer”*. A nora também sempre vai procura-la antes de sair para o trabalho, a outra neta vai vê-la ao meio-dia e por vezes lhe leva o almoço e o filho fica perto de casa o dia todo. Ela diz que já não gosta de cozinhar porque fez isso durante muito tempo na sua vida e além do mais devia sempre cozinhar em grande quantidade porque com *“tanto homem na casa”* e a presença de convidados quase diariamente *“as panelas tinham que ser grandes”*. Hoje em dia ela faz sempre *“alguma comidinha bem leve”* e em pouca quantidade já que é só para ela mesma. Seu momento de fartura é no café da manhã, *“porque nesse horário diz que a gente tem que comer como um rei”* e no café da tarde *“porque eu como bem pouquinho à noite”*. Nessas duas refeições ela consome biscoitos e waffers *“do supermercado”* e pão, geleias e queijo feitos pela nora, *“que são uma maravilha”*. À noite come alguma coisa *“bem leve”*, assim como no almoço, que diz sentir pouco apetite porque com *“a idade que chegou”* e morando sozinha acaba acordando mais tarde, assim que, o intervalo entre o café da manhã e o almoço é curto. O que ela não dispensa é beber vinho diariamente. São três taças ao dia, uma no almoço e duas no jantar, *“para ajudar a sentir sono e como eu tenho problema no coração o médico receitou, mas eu sempre tomei e aí ele disse que era por isso então que eu cheguei aos noventa anos, todos já me disseram isso”*.

Vó Talita perguntou-me quantos anos eu achava que ela tinha, respondi que imaginava que ela estivesse próxima dos oitenta e um ou no máximo oitenta e três. Ela gargalhou e então disse: *“tu viu, ninguém diz que eu tenho*

noventa”. Anteriormente a neta havia me contado que certa vez alguém dissera a vó Talita, quando ela tinha oitenta e sete anos, que ela parecia ter mais de noventa certamente. Disse então que a avó tinha ficado imensamente chateada e frustrada passando a tratar mal o moço que lhe dissera tais palavras e perguntando a todas as pessoas que ela encontrava quantos anos eles imaginavam que ela tivesse.

2.2.7 Dos paradoxos nutricionais

Dona Amábile diz que sua alimentação mudou bastante depois de *“ficar doente”*. Ela tem hipertensão e diabetes. Antes da descoberta desses males comia um pouco de tudo, *“nunca fui enjoada para comer, nem podia”*, e o que nunca faltava na mesa era a polenta³⁵, comia no almoço e no jantar, *“mas lembro que meus pais, quando eu era pequena, comiam também no café da manhã, com leite”*. Mesmo que o alimento continue presente na dieta diária de dona Amábile, a quantidade é menor, o que parece não satisfazê-la. Outros alimentos, tais como iogurte, foram incluídos na dieta, além de suplementos alimentares, tudo sob a vigilância de uma nutricionista. Dona Amábile ainda reluta em assimilar os novos hábitos alimentares, mudança essa que faz menos de um ano que ela incorporou, após uma internação hospitalar em que o médico dissera que ela estava desnutrida. Como a quantidade de alimentos não era o problema, o médico e a família, que é quem toma conta de dona Amábile e que mora em uma casa ao lado, no centro da cidade, concluíram que o que estava errado eram os alimentos. Assim mudaram-se *“os costumes”*, aos quais ela relutava incorporar e que pensava que estavam longe de possuir alguma relação com um bom estado de saúde ou como uma possibilidade de restabelecer sua saúde. *“Se a gente sabe que o que faz bem é o que a gente faz em casa, conhece de onde veio, como que agora o que faz bem é o que a*

³⁵ A polenta é um alimento que tem como base a farinha de milho. Suas origens são reivindicadas por diferentes grupos. As origens da polenta enquanto comida típica italiana e consumida pelos imigrantes no Brasil remonta ao período do Império Romano, em que ela era preparada com farinha de aveia, após a introdução do milho na Europa é que ela passou a ser fabricada com a farinha de milho. Tradicional na região norte da Itália, seu consumo foi trazido pelos imigrantes tendo como pontos fortes o baixo custo do ingrediente e o valor nutricional.

gente compra na farmácia, nem é no mercado, é na farmácia que agora se compra comida!”

O impasse entre o médico e dona Amábile tomou proporções ainda maiores quando este lhe disse que à noite ela não dormia bem porque não comia os alimentos adequados, que devem ser alimentos leves: *“antes ele me diz para comer, depois diz para não comer, tu entendes uma coisa dessas? Durmo mal porque velho é assim, velho não dorme bem e além de tudo agora com fome”*.

2.2.8 O que caracteriza uma alimentação saudável

Matilde e Inês dividem as tarefas da casa, mas quem normalmente faz o almoço é Inês, enquanto Matilde não dispensa os cuidados diários com a horta e o pomar que ocupam todo o quintal atrás da casa, em um terreno de 12x9, medida precisada por elas para me dar a dimensão do espaço, já que no primeiro dia que me falaram do pomar era à noite e elas não puderam me mostra-lo. Inês não se dedica muito aos afazeres fora da casa porque começou a sentir dores na coluna. Depois do almoço as duas fazem os *“servicinhos da casa”* e dormem um pouco. Fazem um lanche às quinze horas e Matilde passa o restante do tempo costurando e fazendo crochê. Na sala há cortinas, guardanapos e almofadas que ela mesma fez. À noite tomam café e não abdicam da *“polenta brustolada bem fininha”*, não comem muito, mas não ficam sem comer polenta nenhum dia. Comem polenta também no café da manhã, *“com queijo ou requeijão fabricado lá em Lajeado pelo mano [referindo-se ao irmão]”*.

Matilde enfatizou muito o cuidado que as duas têm com a alimentação saudável, que compreende o consumo de alimentos produzidos por elas mesmas e sem agrotóxicos, diz que esse é um grande segredo para se manter saudável, além claro, de se fazer o que gosta, com horário de trabalho mas também respeitando o descanso. Diz que prefere consumir verduras, frutas e legumes que não são tão bonitos como aqueles do supermercado, mas sim prefere aqueles que ela sabe onde foram cultivados e por quem, garantindo o consumo de alimentos sem agrotóxicos e conservantes. Além disso, como

moram próximas a outros familiares e possuem boas relações na vizinhança sempre recebem e oferecem alimentos, criando um sistema de trocas que evita o desperdício de alimentos e aumenta a variedade, *“sem falar do custo, que como é troca fica bom para todo mundo e cada um divide o que tem”*.

Nenhuma das duas tem problemas crônicos de saúde. Inês sente atualmente dor nas costas e está tomando um remédio para *“acalmar o coração, que vinha batendo muito rápido”*, assim como Matilde, que também há pouco tempo passou a tomar um remédio para o coração, *“receitado pelo nosso médico, que é o prefeito”*. Mas ressaltam que são pequenos problemas, *“sem gravidade”*.

2.2.9 O cultivo dos alimentos

Dona Joana e seu Guilherme também mantêm um sistema de troca de alimentos com a família e os vizinhos. Na família, como os filhos e netos *“não tem tanto o gosto pela terra”*, seu Guilherme conta que eles mais dão do que recebem, mas fazem isso com prazer, sabendo que estão contribuindo com a *“alimentação correta”* dos familiares e também porque assim evitam desperdícios, pois como na casa são apenas ele e a mulher inevitavelmente mesmo que plantem pouco há excedentes. Dona Joana contou que recebe muita coisa das vizinhas, para quem também dá muita coisa que cultiva, e por vezes acaba repassando aos filhos de seu Guilherme.

No casal cada um possui áreas e plantação bem distintas. Seu Guilherme na antiga comunidade onde morou, no interior do município, e dona Joana no terreno cedido pelo vizinho, ao lado da sua casa, em que ela ocupa toda a área com o cultivo de verduras, legumes e temperos. Seu Guilherme planta milho, batata e mandioca na chácara.

Os dois dizem que não comem muita carne porque já enjoaram, *“é muita carne, carne, sempre carne”* e preferem *“alimentos mais naturais”* e claro, a polenta que acompanha qualquer prato na hora do almoço e o café na hora do jantar, *“porque a gente prefere comer alguma coisa mais leve à noite”*, conta dona Joana.

2.2.10 Farmácia no quintal de casa

Em Veranópolis, Seu Lídio também gosta de *“trabalhar na terra”* e diz que tem em seu quintal remédio para qualquer doença, *“ervas de todos os lugares, que muita gente vem aqui buscar, sabe que eu tenho uma farmácia natural e me procura”*. Disse-me que confia muito mais nos remédios da natureza e que na natureza há cura para tudo, basta conhecer e saber usar o que ela nos oferece. Deu-me a receita de um remédio infalível para dor na garganta feito com ervas e ainda mostrou seu conhecimento indicando outras plantas e suas respectivas funções de cura. Seu Lídio diz que raramente vai ao médico, *“porque se tu for ao médico, aí sim é que volta para casa doente, eles arrumam tudo o que é doença”*.

Certo dia dona Francisca queixava-se de dores no estômago, dizia que as dores continuavam apesar de já ter tomado vários medicamentos que o médico prescrevera e de ter tomado também diferentes remédios caseiros, referindo-se a infusões ou preparações a partir de plantas. Dona Sebastiana imediatamente lhe aconselhou um chá de casca de laranjeira, aliás, não exatamente a casca, mas sim aquela parte branca entre a casca e o gomo da laranja, *“tem que ser só com essa parte porque se não pode causar fazer bem para uma coisa e mal para outra”*. Dona Isabel por sua vez, que também ouvia as reclamações de dores constantes de dona Francisca lhe passara também uma receita: *“faz uma batida de babosa³⁶ com leite condensado que passa rapidinho e é bom de tomar”*.

São muitas as receitas que essas senhoras sabem e para os mais diversos males, muitas vezes falam nomes de plantas que não conheço e nem ouvi falar e me perco nas anotações.

Entre os saberes transmitidos entre os idosos no CCI a troca de receitas é uma das mais frequentes que pude observar, seja entre mulheres ou entre

³⁶ Aloe vera.

homens. A troca de conhecimentos sobre práticas nas plantações também é frequente: qual o melhor período de plantio de determinado produto, os cuidados necessários, alguma técnica específica que possa garantir uma melhor colheita. As receitas por sua vez dão conta de uma infinidade de males, muitas vezes não resolvidos e sequer descobertos pelo médico e que algumas vezes fizeram alguns deles se indagarem do por que da gratuidade dos medicamentos no Posto de Saúde se os remédios não produzem eficácia. A transmissão ao longo das gerações e dos encontros interculturais, visto que muitos fazem referência aos conhecimentos que aprenderam com os índios ou com os migrantes nordestinos que chegavam a Maués e aos arredores para trabalhar na extração de madeira e látex ou para trabalhar no garimpo.

As receitas de conselhos se estendem também em outros domínios, como dona Creuza que ensinou uma técnica que usa para deixar a roupa bem branca ou tirar manchas da roupa. Ela disse que é infalível deixar a roupa de molho com água e espremer folhas de mamão. *“Só com isso a roupa fica branquinha, branquinha!”*, ao que dona Sebastiana e dona Zenaide M. confirmavam com um gesto de cabeça.

Manter tais hábitos alimentares é relacionado pelos interlocutores à longevidade, mas os cuidados nutricionais não são suficientes nas explicações que eles têm sobre o envelhecimento saudável se não estiverem agregados a outros fatores, como a prática de atividades, seja com exercícios físicos e a manutenção de uma rede de sociabilidade ou das atividades laborais praticadas antes da aposentadoria.

2.3 “Não dá para parar”: o trabalho entre os idosos

Juntamente com o novo olhar sobre as faixas etárias, ampliam-se também as possibilidades de identidades nas quais o sujeito possa se enquadrar, seja pela continuidade ou na aderência a novas identidades,

trazendo força à ideia de “identidade-valor”. Nesse contexto, as redefinições políticas constantes na denominação das pessoas acima de 60 mostram a relevância de tratarmos de identidades plurais. É aqui, que o aposentado e o longevo se encontram. O “valor-trabalho”, intrínseco à ideologia da sociedade moderna e individualizante, tem um espaço importante nessa etnografia, tendo em vista que os longevos sustentam que manter-se ativo, através de diversas concepções de trabalho, na maioria das vezes no cultivo da terra, é fundamental para alcançar vida longa e com qualidade.

2.3.1 A força que vem do trabalho

Seu Guilherme foi meu interlocutor mais velho. Aos seus noventa e seis anos encontrei com ele pela primeira vez na sua casa, acompanhada de um de seus filhos e da esposa no verão de 2010.

Seu Guilherme e dona Joana moram no bairro Medianeira, que dá nome também a farmácia de sua propriedade e que fica anexa a sua casa. O bairro é próximo ao centro, porém dividido da parte central e mais antiga da cidade pela rodovia que passa em frente à casa deles. *“Antes a faixa [rodovia] era aqui, aqui nessa rua que tu estás vendo, depois de uns anos só é que foi aí mais para cima”*. Atualmente eles moram sozinhos, mas por alguns anos um dos filhos de seu Guilherme, junto com a mulher e dois filhos, moraram com eles. Os dois diziam que mesmo que a casa fosse grande e tivesse espaço para todos a situação era complicada porque a convivência com os netos era difícil, *“sabe como é, velho e gurizada junto não têm os mesmos horários”*. Os filhos de seu Guilherme fazem-se presentes semanalmente, alguns visitam o pai diariamente. Duas filhas não moram na cidade, mas telefonam seguidamente para saber como está o pai.

Muito carismático contou-me sobre suas atividades diárias, deixadas para trás há pouco mais de três meses porque sentia muita dor na perna esquerda, essa dor o incomodava há algum tempo, mas ultimamente tinha se tornado insuportável, obrigando-o a abandonar sua plantação. Antes dessa enfermidade, ele caminhava diariamente seis quilômetros, fazendo o percurso

sozinho até a localidade de Lagoa Azul, interior de Veranópolis, onde possuía uma chácara herdada dos pais e local esse onde havia “*se criado e criado os filhos*”. Seu Guilherme disse que hoje em dia era mais fácil percorrer essa distância porque a estrada já está asfaltada, então o pó da antiga estrada de chão batido já não atrapalhava a caminhada.

A chácara seu Guilherme herdou porque fora o último filho a sair da companhia dos pais. Trabalhou na agricultura ao lado deles e aos poucos foram “*progredindo na vida*” e construíram um moinho para moer o milho que plantavam. Seu Guilherme contou-me então a sua engenhosidade na concepção e construção do moinho. Dizia ele que muitas das peças que havia inventado ainda estavam guardadas no porão da casa, guardava “*de lembrança*”, ao que sua mulher assinalava negativamente, dizendo que na verdade aquilo era uma bagunça. Seu Guilherme convidou-me para conhecer as raridades que ele guardava no porão, escondido dos olhos de muita gente curiosa, que segundo ele, queriam que ele lhes desse várias dessas peças porque sabiam que “*tinham utilidade ainda*”, dona Joana, sua esposa, apenas disse: “*que vergonha, vai levar ela naquela bagunça*”. Seu Guilherme narrava e explicava através de gestos como funcionava a máquina principal para moer o milho, com seus moedores de pedra que encaixavam conforme uma engrenagem que ele havia concebido e “*o milho saía fininho, fininho*” e finalizando a explicação disse que um dia eu tinha que ir lá passar a tarde e então ele me mostraria tudo o que guarda no porão, que ele mesmo inventou. Infelizmente esse dia não chegou a tempo e seu Guilherme faleceu um mês após nosso encontro.

Seu Guilherme ficou viúvo com sete filhos pequenos. Ele e a primeira esposa moravam ainda no interior, a filha mais nova com pouco mais de dois anos. Certa noite sua esposa, como de costume na época, foi até o porão, de chão batido e pôs fogo “*para queimar umas coisas lá*”, enquanto os filhos estavam no andar de cima e seu Guilherme estava no bar da comunidade. Tragicamente ela tropeçou em uma gaiola que estava no chão e acabou caindo no fogo. Seu Guilherme disse que foram tempos difíceis para todos, que contou muito com a solidariedade dos vizinhos que cuidavam das crianças, da casa, da alimentação, enfim, prestaram solidariedade de várias formas. Tempos

depois se casou com Joana, que o ajudou a criar os filhos. Desse casamento não teve nenhum filho.

Nessa época mudaram-se para a cidade. Os filhos precisavam estudar e o moinho já não rendia tanto. O dinheiro incerto da agricultura também complicava o sustento da casa, *“mas a gente veio, nunca tive medo de trabalho, então a gente pegou e veio para a cidade com os filhos”*.

Seu Guilherme foi por longos anos empregado em uma famosa indústria de armas da cidade. Mesmo depois de ter se afastado formalmente da empresa continuou prestando assessoria informalmente, e disse que toda vez que não conseguiam resolver algum problema no desenvolvimento do projeto de uma nova arma recorriam a ele. Segundo ele, o problema é que hoje as etapas de concepção e construção de um produto encontram-se muito distante uma da outra, enquanto na época em que ele trabalhava todo o processo era desenvolvido pela mesma pessoa, se caso não fosse ele quem *“desse vida”* à sua criação, ele certamente acompanharia o empregado que estava fazendo a parte do trabalho manual. Orgulha-se também da amizade que com o dono da empresa, segundo ele, eles têm quase a mesma idade, sempre foram muito amigos, a diferença é que um era o patrão e o outro o empregado. Seu Guilherme demonstrava um misto de gratidão e admiração pelo antigo patrão e sempre amigo. Hoje restam em sua casa os exemplares de algumas das armas que já foram produzidas pela empresa e também as que ele mesmo criou *“que são únicas”*, essas, longe dos olhos das visitas, guardadas no guarda-roupa de um dos quartos. Todas as armas, frisava ele, em perfeito funcionamento, mas para tranquilizar-me quando me deu uma delas em mãos salientou que nenhuma tinha munição.

2.3.2 A necessidade de *“se ocupar”*

Dona Joana, esposa de seu Guilherme, tem 78 anos. Moravam os dois na espaçosa casa com pátio, horta e jardim muito bem cuidados por ela. Após o falecimento de seu Guilherme, em abril de 2010, ela mora sozinha na mesma casa.



Imagem 22: Máquina de costura no quarto de dona Joana. Veranópolis, fevereiro de 2010.

Imagem 23: Trabalhos de “fuxico” realizados por dona Joana. Veranópolis, fevereiro de 2010.

Imagem 24: Dona Joana e seus trabalhos com tecido. Símbolos religiosos na parede. Veranópolis, fevereiro de 2010.

Imagem 25: Terço de fuxico, que segundo dona Joana, é um dos trabalhos de maior procura para compra. Veranópolis, fevereiro de 2010.

Dona Joana não fica sentada sem o fuxico em mãos. Cria e faz trabalhos para vender com os pequenos tecidos cortados em círculos e presos por uma linha que lhes dá o formato de uma flor. Dona Joana diz que não consegue ficar parada. Dentro de casa cuidava de seu Guilherme e fazia seus fuxicos, fora dela, diariamente cuida da horta e do canário que fica na gaiola ora na varanda, ora na cozinha.

A primeira vez que fui a casa deles seu Guilherme orgulhoso falava do quanto a esposa trabalhava caprichosamente e era dedicada à casa. Dona Joana diz que sempre foi muito trabalhadora, aprendendo esse valor ainda quando criança porque via que sua mãe não gostava muito dela e então ela se esforçava ao máximo para ganhar alguma atenção. Aos quinze anos dona Joana ficou cega. Segundo ela uma cegueira que “*não se sabe como veio e depois foi embora*”. Foi nesse período que sua madrinha passou a cuidar dela, tirando-a da casa da mãe e então conheceu seu Guilherme. Dona Joana casou-se com seu Guilherme e mostrou-me o quadro do casamento,

pendurado na sala, contanto que casaram-se na Igreja, já que esse era o sonho dela e seu Guilherme, por ser viúvo teve a permissão de casar-se uma segunda vez na Igreja.



Imagem 26: O quintal de dona Joana. Veranópolis, junho de 2010.

Dona Joana disse-me que continuava com seu ritual diário de ir à horta pela manhã depois do café. Antes ia mais tarde porque acompanhava seu Guilherme enquanto ele tomava café, depois, enquanto ele recolhia o café da mesa ela já se dirigia para a horta. Agora tenta fazer outras coisas pela manhã para passar o tempo, inclusive porque com a proximidade do inverno mexer na terra de manhã não é muito viável. Olhava para a horta através da porta da cozinha entreaberta. Mais do que falar, parecia que pensava em voz alta: “*é, vou ter que plantar menos, agora sou só eu*”. Dona Joana disse-me que sempre plantaram quase todas as frutas, verduras e legumes que consomem, “*porque assim a gente sabe o que está comendo*”, enfatizando que não faz uso de agrotóxico algum na plantação e que por isso seus vegetais não ficam tão bonitos quanto os do supermercado, mas por outro lado ela fica segura com o que está consumindo. Apontou para o canário na gaiola pendurada na cozinha, com um pano por cima. Disse que deixava assim com o pano porque ele sentia frio e que ela notava que ele também andava triste, sentindo a falta do dono e disse que desde a morte de seu Guilherme o canário não havia mais cantado.

Dona Joana contou que agora retomaria seus trabalhos com fuxico, queria terminar uma colcha e fazer mais umas bolsas, mas que estava difícil conseguir retalhos de tecidos com as costureiras, porque essa arte de fazer (De Certeau, 1998) havia virado “*moda na cidade*”. Ganhei de dona Joana um

terço feito de fuxico, as ave-marias correspondiam a fuxicos brancos e os painhosos eram fuxicos rosa, o crucifixo era de metal. Disse que estava fazendo vários desses terços e que tinha diversas encomendas, fazia para todos os gostos, desde coloridos até somente brancos. Mas que gostava da combinação do que me dera e enfim disse-me que se eu não gostasse era para dar para minha mãe. Fiquei muito feliz e agradecida pelo presente e carinho dela.

2.3.3 Criatividade não tem idade

Seu Lídio tem setenta e sete anos e uma infinidade de invenções no currículo. Muito conhecido em Veranópolis, seu Lídio já exerceu várias atividades. Brinca ele que até já fez concorrência com os oftalmologistas da cidade, que muitas vezes eles mesmos encaminhavam seus pacientes para ele a fim de tirar alguma impureza que havia entrado no olho. O segredo de estar bem disposto nessa idade *“é um só: o amor ao trabalho com a fé em Deus”*. Seu Lídio mora no centro de Veranópolis, com a mulher, dona Lídia, e com um dos filhos. Orgulhoso ele conta que todos os filhos *“mais ou menos”* seguiram a mesma profissão que ele. Ele é um inventor, um mecânico e um apaixonado por motos dizendo-se o motoqueiro mais velho da cidade, mas que no naquele momento, outono de 2010, anda afastado desse prazer por uma dor na perna que lhe incomoda nos dias frios.



Imagem 27: A moto de seu Lídio. Veranópolis, julho de 2010.



Imagem 28: Objetos fabricados por seu Lídio. Veranópolis, julho de 2010.

Seu Lídio trabalhou na mesma empresa de armas que Seu Guilherme, porém não conta essa etapa da vida com tanto prazer como ouvira eu de Seu Guilherme. Seu Lídio diz que seu grande rancor é não ter o trabalho que fizera dentro da empresa reconhecido, especialmente em termos financeiros, conforme o acordo que havia firmado quando entrara na empresa e era responsável pela criação das armas. A trajetória profissional de Seu Lídio teve continuidade em uma empresa que confeccionava equipamentos para o trabalho no campo, desde plantadeiras manuais até maquinário pesado, como tratores. Contou-me que ele havia desenvolvido uma plantadeira manual de milho que era usada ainda hoje por muita gente, porém a patente acabou ficando no nome da empresa e não no seu nome. Mais uma vez sentiu-se lesado e mais que isso, abalado emocionalmente com a falta de reconhecimento de um trabalho desenvolvido por ele.

O reconhecimento que lhe faltou nas duas empresas Seu Lídio tem de sobra por parte dos filhos. Um deles mora em São Paulo e trabalha em uma empresa como engenheiro mecânico e seu Lídio conta que quando o filho não consegue resolver alguma coisa ele sempre lhe telefona pedindo ajuda. Mesmo por telefone muitas vezes ele consegue ajuda-lo solucionando os problemas que o filho tem no emprego, mas *“já teve vezes que eu fui para lá ajudar ele, aí nós vamos eu e a mulher e ficamos uns dias lá com ele, com os netos e eu vou na empresa com ele para resolver, ele me chama”*. Outros dois filhos dele também trabalham no mesmo ramo de manutenção de máquinas em empresas e diz que apesar das experiências que lhe entristeceram muito *“na época em que trabalhava para os outros”* tem certeza de que os filhos não repetirão a sua trajetória de não ter o devido reconhecimento profissional.

No porão da sua casa, Seu Lídio possui uma oficina que divide com um dos filhos a muito contragosto e segundo ele, motivo de muitas brigas porque *“eu não gosto que ele mexa, é muito desorganizado, eu tenho a minha bagunça, mas sei onde está tudo”*.

Na segunda vez que encontrei seu Lídio pude conhecer a sua oficina. Quando cheguei à sua casa ele me esperava na calçada em frente vestido não para trabalhar na oficina mas sim me deu a impressão de que estava

preparado para uma festa. As duas horas que passamos na oficina e o brilho nos olhos de seu Lídio quando explicava a particularidade de cada objeto e máquina que se encontrava lá me fez compreender que a festa era dele no seu “*espaço sagrado*”.

Seu Lídio, atualmente trabalha fazendo consertos em máquinas de costura e relógios antigos. Mostrava-me as diferentes engrenagens que movem os relógios e a impossibilidade de encontrar as peças para fazer esses consertos, nesse caso, é ele mesmo que refaz a peça e depois se encarrega da nova montagem. Mostrou-me algumas máquinas de costura também, algumas delas as donas acabaram por deixá-las com ele para que, se fosse o caso, ele pudesse reaproveitar as peças, mas ele não tinha coragem de desmontá-las para não remonta-las mais porque na verdade sabia que nem as donas apareceriam para recuperá-las e nem novos compradores interessados em máquinas antigas. Assim, disse que as mantinha lá cobertas por panos e com a perspectiva de aos poucos fazê-las funcionar novamente.

As máquinas que seu Lídio usa para serrar e fabricar as peças também foram criadas por ele, que me explicou detalhadamente como havia projetado cada uma delas e suas múltiplas funções. Esta é uma das características das invenções de Seu Lídio, o que pude concluir ao final da tarde depois de observar os equipamentos durante horas. A oficina de Seu Lídio ocupa um amplo espaço na parte de baixo da moradia e possui uma divisão entre a área de confecção de peças e consertos e a parte em que fica a pequena serralheria. Quando chegamos na serralheria ganhei de Seu Lídio um presente que modestamente o ajudei a confeccionar. Meu trabalho era acionar os botões das máquinas quando ele comandasse. Saí da oficina com uma agulha de tricô feita de madeira! E uma pequena mentira para não desagradá-lo: disse que usaria sim porque sabia e gostava muito de fazer tricô. Nem uma coisa e nem outra.



Imagem 29: Seu Lídio explicando o mecanismo de funcionamento de um relógio antigo consertado por ele. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 30: Seu Lídio. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 31: Uma das máquinas de costura que seu Lídio coleciona na sua oficina. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 32: Relógio recuperado por ele. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 33: Antiga máquina que ele consertou. Veranópolis, julho de 2010.

Logo na saída da oficina, Seu Lídio mantém um viveiro de aves. Um grande viveiro dentro do qual é possível ficar em pé tranquilamente e onde há inclusive uma árvore para os pombos que ele mantém nesse viveiro. Ele é quem cuida das aves enquanto dona Lídia cuida as orquídeas espalhadas por vasos na sala, na área em frente à casa e no muro lateral. Seu Lídio diz que ajuda a mulher nesse afazer, mas interfere pouco porque ela prefere cuidar sozinha das flores. Dona Lídia contou-me que várias pessoas deixam suas orquídeas aos cuidados dela quando percebem que a planta está morrendo, porque sabem que ela “ressuscita” as plantas. Com toda essa diversidade de atividades e de espaços o casal diz que criou a alternativa perfeita para não brigarem enquanto trabalham: *“quando um trabalha dentro de casa o outro também, no caso eu na oficina, depois a gente muda e os dois trabalham fora*

de casa, ela cuida das flores e eu dos passarinhos”, conta seu Lídio com muito bom humor, “*casal que trabalha unido permanece unido*”.



Imagem 34: Estocagem das peças e materiais que seu Lídio utiliza no trabalho. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 35: Oficina. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 36: Máquina para trabalhar parafusos e materiais utilizados nos consertos. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 37: Máquina para trabalhar a madeira. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 38: Máquina para serrar e trabalhar a madeira. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 39: Antiga carreta de bois construída por seu Lídio. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 40: A carreta de bois na sala de sua casa é uma lembrança da época que morava no interior. Veranópolis, julho de 2010.

Imagem 41: A ideia de seu Lídio era construir uma carreta desmontável. Veranópolis, julho de 2010.

Seu Lídio e dona Lídia são aposentados, mas ambos continuam trabalhando nos afazeres da casa, que cuidam sozinhos porque o filho trabalha fora e quase não tem tempo. Os dois disseram que não “*param quietos*”, buscam sempre envolver-se em alguma atividade e consideram imprescindível, além do trabalho em casa, “*envolver-se na comunidade*”, ajudando quem precisa, mas também divertindo-se. Seu Lídio disse que às vezes participam

dos encontros do grupo da longevidade do centro, bairro ao qual pertencem. Ultimamente, porém, como tem havido bastante trabalho na oficina, tem ido a poucos encontros do grupo da longevidade, assim como a esposa, que sempre arruma alguma coisa para fazer também, ou visita algum parente no interior para ajudar ou fica em casa trabalhando.

Considerações

A produção dos alimentos consumidos ou a classificação destes enquanto “naturais” e a relação com o trabalho é evidenciada pelo acompanhamento de todo o processo. Comer o que se planta é a garantia da qualidade e mais que isso de deter um conhecimento sobre a natureza. Esse conhecimento sobre a natureza que transformada em cultura (Lévi-Strauss, 1985), visto que é na produção e consumo de tais alimentos que repousa um dos ‘segredos’ da longevidade.

O principal interdito nutricional é ao nível da quantidade de alimentos necessários. A moderação é sempre recomendada, seja na alimentação de “origem italiana” ou no consumo do guaraná. No entanto, é bom esclarecer que a moderação é relativa e variável, dependendo das atividades previstas para realizar durante o dia e se no momento está com algum problema de saúde. Ingerir determinados alimentos pode também agravar problemas de saúde. Em Maués, a interdição de beber guaraná não era respeitada, conforme as narrativas dos idosos, já a proibição de consumir farinha, acompanhamento por excelência das refeições ao meio dia e à noite, era aceita mais facilmente. Os interditos e receitas de infusões e remédios mostram também o conhecimento sobre a natureza e a transmissão das práticas, pois sempre que a receita era narrada, esta era acompanhada da referência, sempre alguém “*mais velho*” que tinha aprendido de outro “*alguém mais velho*”, evidências que mostram que a alimentação humana extrapola a dimensão biológica e constitui-se em um ato social e cultural.

O trabalho, ao mesmo tempo em que indica a manutenção das capacidades físicas e intelectuais ao nível individual é ao nível social a

possibilidade de manter laços através da transmissão dos saberes, da partilha do conhecimento e também de valores morais.

Nutrir o corpo para *“ter força”*, a força necessária para o trabalho. Seguindo esse ritmo, meus interlocutores em Maués me ensinaram a comprar o melhor guaraná e a prepará-lo, insistindo comigo o quanto a bebida traz benefícios se tomada diariamente: *“tu vais ver Branca, tu vais ficar bem mais inteligente e ter força”*, dizia-me dona Zila. Seu Lídio presenteou-me com uma agulha de crochê para trabalhar: *“eu imagino que tu goste de fazer essas coisas”*. E para socializar-me na Igreja ou rezar em casa antes de dormir, ganhei um rosário de dona Joana: *“é sempre bom ter uma proteção ao lado da cama”*.

Capítulo 3

Sabedorias sobre as memórias vividas no arranjo dos tempos narrados

As relações de sociabilidade ordenam a experiência do envelhecimento no tempo. Na família, na vizinhança ou nos grupos de terceira idade é a confrontação com o outro que marca as diferenças e que traz os maiores desafios de se pensar enquanto idoso.

As formas de sociabilidade desenvolvida pelas pessoas e as redes de pertencimento se transformam com o avanço da idade. Na fase da vida denominada velhice, essa mudança de redes é marcada pela aposentadoria e pela perda dos amigos e familiares. Se os homens sentem essa ruptura com a aposentadoria e deixando colegas com os quais conviveram diariamente por anos e anos, as mulheres, que na sua maioria trabalhavam em casa ou com os maridos, sofrem com o distanciamento dos netos e com a morte das vizinhas e dos companheiros.

A formação de novas redes de sociabilidade na velhice se dá cada vez mais através de ações associativas, como os grupos de terceira idade, por exemplo, mas também através de ações das Igrejas, do poder público, das universidades. Essas propostas, no entanto, têm por característica reunir pessoas de uma mesma geração com o argumento de diminuir as discriminações com os idosos, e também pela preferência das próprias pessoas em se relacionar com quem está nas mesmas condições. Os valores atribuídos a essas formas de sociabilidade, “estão despidos de um caráter mais instrumental” (Velho, 1986: 19), os encontros e laços de amizade justificam-se por si mesmos (Simmel, 2006) e “os relacionamentos são profundamente sentidos e emocionais” (Simmel, 1979), característicos da vida de pequenas cidades.

A integração entre as diferentes gerações faz parte de iniciativas pontuais por meio de programações especiais de escolas, das casas de longa permanência ou de encontros específicos nos grupos de terceira idade.

No seio da família, a convivência entre as gerações tem as características da sociedade contemporânea, diversificadas conforme outras tantas conjunções e constantes reconfigurações familiares. No espaço da

família é onde existem os maiores conflitos entre gerações. A convivência com filhos e netos nem sempre é como se desejaria e o argumento da “velhice” explica a falta de habilidade e mesmo a culpabilização que as pessoas tomam para si quando da existência de conflitos.

Passado, presente e futuro entrelaçam-se nas pequenas historietas familiares. O passado, pela ligação com os que já se foram, pais ou esposos. O presente e o futuro se mesclam quando se pensa o legado que deixarão, o que é importante transmitir e os lamentos sobre os jovens, que já não tem os mesmos valores que “os velhos”. É no espaço familiar o lugar por excelência da transmissão de bens simbólicos entre as gerações e em torno da “ideia de transmissão de valores está presente a noção de um tempo que se repete, de um tempo cíclico” (Lins de Barros, 1987:35).

3.1 Encontros geracionais

Em Maués, Djalma e Lúcia haviam relatado que às sextas-feiras sempre preparavam alguma programação diferente para os idosos, preferencialmente fora do CCI. Era também nesse dia da semana que o Centro recebia o menor movimento e algumas vezes a abertura do Centro era mesmo cancelada na véspera. Na primeira sexta-feira que eu participei do CCI, a kombi³⁷ fez a segunda ida ao CCI quase vazia. Estávamos apenas dona Zila, dona Sebastiana e eu. Quando chegamos, Djalma logo anunciou que faríamos uma visita na escola ao lado para conferir a atividade diferente que os alunos realizavam naquele dia.

Quase todos fomos ao passeio, exceto os mais afincos jogadores de dominó, que nesse dia eram quatro homens, dona Zila e dona Francisca. Na escola fomos recebidos pela diretora que trabalhava junto aos alunos e que havia feito o convite para que os idosos fossem à escola naquela manhã. Todos estavam fora da sala de aula. Ela nos explicou que era uma gincana e na atividade de hoje os alunos deveriam comparecer à escola com os pais e

³⁷ Era pelo nome do veículo que participantes e funcionários do CCI se referiam a condução da prefeitura que transportava os idosos diariamente para as atividades.

com uma muda de flor ou árvore. Cada pai deveria trazer o número correspondente de mudas conforme o número de filhos que frequentavam a escola, sendo que cada pai que comparecesse pontuava para seu filho. A atividade fazia parte do Dia dos Pais e a proposta era integrar as gerações, transmitindo os conhecimentos e proporcionando um momento de partilha entre pais e filhos.

Os integrantes do CCI observaram a atividade que se desenvolvia, mas não se envolveram, apesar do apelo da diretora para que esses utilizassem sua experiência ensinando aos alunos o cuidado com o meio ambiente. Os idosos apenas comentavam entre eles, em voz baixa, que a quantidade de árvores era muita para tão pouco espaço, além do mais, não era a época de plantar árvore, mas sim de preparar a terra para que alguns meses depois, quando viessem as primeiras chuvas, as plantações pudessem ser feitas com maior sucesso.

Como alunos e idosos se entreolharam, mas não se aproximaram e nem trocaram palavras, a diretora propôs que lanchássemos junto com os alunos que se amontoavam na porta da cozinha esperando sua caneca de mingau de milho. As crianças abriram espaço para que os idosos fossem os primeiros a serem servidos, em copos plásticos descartáveis. Depois disso, foram servidos os alunos, em suas canecas azuis. O mingau de milho com jerimum (abóbora) foi uma sensação. Só dona Clarisse não quis provar, lamentando que houvesse comido muito no café da manhã.

Acabado o mingau voltamos para o CCI. O passeio durou menos de meia hora. Lúcia diz que às vezes eles dão uma volta na quadra, mas dessa vez voltamos pelo mesmo caminho da ida. Acompanhei ainda outras vezes a atividade 'diferente' realizada na sexta-feira: visitamos uma mulher doente que não falava e estava deitada na rede sendo abanada pelo marido. Ela faleceu três dias depois da visita. Fomos a um velório, de um homem que havia frequentado o CCI duas ou três vezes há muito tempo atrás, conforme me contou Lúcia, e uma vez também passeamos de ônibus para conhecer onde se localizava o IFAM³⁸.

³⁸ Instituto Federal do Amazonas, localizado há aproximadamente 5 Km do centro da cidade, na estrada que leva à comunidade Moraes.

3.1.1 Conferindo status à pesquisadora

Nesse mesmo dia do passeio, quando voltei ao CCI, dona Creuza logo me chamou para sentar à mesa do artesanato. Ela não estava com a máquina de costura, pois como não havia terminado a roupa da secretária precisava da máquina em casa. Todos os dias dona Creuza transporta a máquina entre o CCI e sua casa. Aproximei-me e ela me deu algumas revistas, umas cinco, para escolher o que eu iria bordar, mesmo que ela já tivesse uma sugestão. Olhei rapidamente as revistas, mas fiquei com o bordado que ela tinha indicado. Saber bordar conferiu-me prestígio entre as senhoras, independente delas bordarem ou não. Aos poucos iam se aproximando para ver o que eu bordava. Eu, justificando minha lentidão na tarefa, explicava que há tempo não bordava. Dona Creuza havia providenciado tudo: as revistas, o pano, as linhas (eram quatro e por isso ela tinha escolhido um bordado que utilizava apenas duas cores) e dois tipos de agulha para eu escolher. Então fiquei bordando sentada junto a elas, sob a admiração das que não sabiam bordar e sob a admiração das que um dia bordaram, mas que já não bordam porque “a vista” não permite mais. Dona Creuza disse que dona Isabel é quem bordava melhor e inclusive fazia muitos trabalhos para vender, o que vinha a corroborar a qualidade de seu trabalho.



Imagem 42: Dona Isabel fazendo um tapete com retalhos. Maués, agosto de 2010.
Imagens 43 e 44: Dona Isabel fazendo crochê. Maués, agosto de 2010.

Dona Margarida, em uma quarta-feira que dona Creuza estava ausente, ocupava a máquina de costura. Costurava panos coloridos com os quais faria um tapete. Ela diz que aprendeu a costurar muito nova e ainda gosta de costurar, apesar dos seus oitenta e oito anos, mas que infelizmente não tem máquina em casa. Foi sua mãe que lhe ensinou a costurar, mas que não

conseguiu transmitir o mesmo gosto para as filhas porque *“hoje em dia as moças não querem mais saber dessas coisas, mas tu eu já vi que tu sabe bordar, e costurar, tu costura também?”*. Suas filhas, que são professoras, não se interessam pelos trabalhos manuais e não gostam nem mesmo de cozinhar. Uma delas mora no interior e é dona Margarida que cuida do neto, o que faz com que nem sempre possa ir ao CCI e dedicar-se aos trabalhos manuais que faz no Centro em companhia das *“colegas”*, do jeito que ela gostaria.



Imagem 45: Dona Zenaide costurando panos para confeccionar um tapete. Maués, agosto de 2010.
Imagens 46 e 47: Dona Zenaide e dona Joana partilhando o trabalho. Maués, agosto de 2010.

3.1.2 De mãe para filha

Aproximei-me de dona Marilene, de setenta e um anos e dona Cândida, de setenta e oito, quando elas conversavam com dona Francisca sobre partos e a atividade de parteiras. Dona Marilene disse que faz partos há quinze anos, ao que imediatamente se corrigiu, dizendo que hoje já não faz mais, apenas em casos extremos porque tem medo de *“levar algum processo”*, mas que já fez muitos partos, tantos que perdeu a conta. Narrou o caso de um bebê que ela salvou com um remédio feito de folhas de algodão roxo. Dona Marilene contou que a mãe da criança havia *“desligado o nó no cordão umbilical e isso estava produzindo muito sangramento”* e então ela amassou a folha do algodão roxo, depois destas terem ido ao forno, e colocou sobre o umbigo do recém-nascido, *“hoje ele tem 17 anos e já é pai de família”*. Ela diz que costumava acompanhar a parturiente na gravidez, e também acompanhar a criança por algum tempo depois de nascida, *“igualzinho fazem os médicos”*. Muitas vezes encontra as crianças que trouxe ao mundo e é chamada por elas de vovó, o que a deixa bastante feliz.

Hoje dona Marilene tem uma filha enfermeira e diz que agora esses cuidados ficam com a filha, lá no hospital, mas diz também que quando alguém a procura e *“não tem outro jeito”* ela não nega ajuda, porque compreende que tem muita gente no interior que não tem como fazer todas *“essas coisas de pré-natal e vir pra cá ter filho”*, então acaba ainda trabalhando como parteira. A filha de dona Marilene mora no interior e trabalha no hospital na cidade. Dona Marilene cuida de *“quatro netos que os filhos deixaram”*, que moram com ela na sua casa: *“criei meus filhos, trouxe outros tantos ao mundo e cuido dos netos”*.

Dona Francisca comunga do ponto de vista de dona Marilene acerca das dificuldades de se trabalhar como parteira hoje em dia, mas diz que ainda faz esse trabalho também, mas raramente. Sempre indica para as mulheres procurarem o médico, mas diz que existem muitas que ainda se negam, que não querem saber de ir para hospital ter os filhos, que consideram muito melhor terem as crianças por parto normal e em casa, afirmação esta com a qual as três mulheres que conversam estão de acordo. O hospital, para elas, é relacionado à cirurgia, nesse caso às cesarianas, forma massiva de fazer as crianças virem à luz no ambiente hospitalar na cidade. Depois de contar um pouco sobre sua experiência como parteira, dona Francisca pegou seu tubo de guaraná e uma colher de dentro da bolsa e foi para a cozinha temperar seu guaraná, como faz habitualmente em torno de 10 horas da manhã. Esse é o primeiro guaraná do dia, porque quando acorda gosta de tomar café com leite. Além disso, diz que o guaraná, não lhe tira a fome, não tendo, assim, problema em tomar a preparação na metade da manhã ou perto do almoço.

3.1.3 Em defesa das práticas antigas

Foi possível identificar afinidades entre as gerações distintas e os laços criados a partir da convivência diária desde muito jovens, especialmente entre avós e netas. Em duas ocasiões pude conversar com Claudia. Ela se aproximou de mim no CCI perguntando de onde eu era e assim começamos a conversar, primeiro eu lhe contando sobre o que fazia em Maués e

posteriormente ela falando sobre si. Claudia, que junto com sua filha acompanhavam o avô, que ela chama de pai, conta que foi ele quem a criou, que ela teve pouco contato com o pai biológico, mesmo este morando em casa com a sua mãe. Diz que muito nova foi para a casa do avô e se sente muito responsável por ele porque ele sempre fez tudo por ela e considera que o mínimo que pode fazer por ele é acompanhá-lo nessas ocasiões. No dia seguinte, Claudia reapareceu no CCI, dessa vez acompanhando seu pai biológico, que ela faz referência enquanto *“o marido da minha mãe”*.

Claudia não escondeu o espanto de saber que eu tinha 24 anos e nenhum filho, ficou mesmo compadecida com a minha situação, já que ela tinha a mesma idade e descobrimos que nascemos no mesmo dia. Disse-me que esperava que no ano seguinte, quando eu fosse a Maués, eu pudesse lhe contar que teria um filho ou uma filha. Foi então que Claudia contou-me da experiência de sua avó e de sua mãe como parteiras. Falou que ainda havia muitas parteiras na cidade e que a maioria das mulheres preferia ter seus filhos em casa perto da família e não no hospital *“que é um lugar frio, que tem que ficar sozinha, ter filho em casa é bem melhor, todo mundo pode ficar junto e no hospital, quando eu tive nem a minha mãe pode ficar junto e era o primeiro que eu tinha”*. Claudia atribui à morte do filho recém-nascido à incompetência do médico que fez o parto e diz que se sente revoltada até hoje (em 2009 fazia oito anos) com sua mãe que não permitiu que ela tivesse o filho em casa e nem que a avó fizesse o parto. Na época ela era menor de idade e em termos legais, segundo ela diz, ela foi obrigada a fazer o parto no hospital.

O segundo filho ela decidiu que teria em casa e sua avó fez o parto. Na terceira gravidez fez o parto novamente no hospital e narra que no hospital, prestes a dar a luz, descobrira que estava grávida de gêmeos, um casal, mas para sua surpresa, ao acordar do parto só lhe restara uma menina:

“uma menina assim bem branquinha, bem limpinha como tu, que meu marido rejeita até hoje porque desconfia que não é filha dele, mas é sim e nós já brigamos muito por causa dela. E essa minha filha nunca fica sozinha, ela morre de medo porque diz que ela não nasceu sozinha, que ela sabe que falta uma parte dela e eu fico com muito dó quando ela me diz isso, porque eu também sei que ela não nasceu sozinha, que roubaram o meu filho, mas ninguém viu quem foi, nem eu vi”

O trauma gerado pelos partos em hospitais fez com que Claudia não quisesse mais ter filhos, apesar do desejo do marido e dela mesma de ter um filho homem. A confiança nas parteiras é justificada quando conta os partos da época da sua avó e da sua mãe, que foram todos em casa e *“nenhuma perdeu filho nem naquela época”*. Cada rede de vizinhança possui suas parteiras, e mesmo hoje, as mulheres optam por ter seus filhos em casa, exceto quando a gestante é jovem demais e em termos legais é proibida de dar à luz em casa.

Cláudia mostrava em seu relato que nem sempre o presente ou o que nos aguarda no futuro é melhor do que a vivência das gerações passadas e completou seu relato fazendo menção ao guaraná: *“mesmo hoje o guaraná, a gente não toma como eles tomam, foi misturando um monte de coisas, agora é aquela batida, a gente nunca vai viver tanto quanto eles vivem”*.

3.1.4 A manutenção da família como valor

Em Veranópolis, logo que cheguei à casa de seu Lídio, na segunda vez que o encontrava, ele mostrou-me o livro “Família Lusa e Descendentes” (Lusa, 2010). O livro fora obra do padre Ireneo Udilo Lusa, que há anos coletava material para a produção do livro. No encontro da família³⁹ em 2010, na cidade de Nova Pádua – RS houve o lançamento do mesmo.

Seu Lídio mostrou-me a sua colaboração na obra. Foi ele quem ajudou o autor a construir a genealogia da sua *“parte da família”*, compreendendo não apenas os filhos e netos de seu Lídio, mas também seus irmãos, com respectivos filhos, netos e bisnetos, em alguns casos. Disse que foi muito emocionante participar desse trabalho e que tem orgulho de contar a história da família. Narra que trabalhou por meses buscando informações junto aos familiares que ele fora incumbido da tarefa de apresentar no livro. O livro, além das genealogias da família Lusa, que está distribuída pelo Brasil, apresenta também a história da imigração italiana vivenciada pelos familiares.

³⁹ Foi criado inclusive um blog com notícias sobre a família e o encontro: <http://encontrolusa.blogspot.com/>

O valor família não raro se figura nas narrativas dos idosos entrevistados em Veranópolis, e logo referem as linhagens de imigração que costuram gerações na “velha pátria” (Itália) e na nova nação em que se consolidariam enquanto comunidades de trabalho (Eckert, 2012). Em uma dessas interlocuções orientadas sobre os predecessores e as relações familiares, Matilde contou-me que é da família de um dos primeiros sete imigrantes de Lajeado, comunidade no interior de Veranópolis. Mostrou-me imediatamente o porta-retratos com a foto do local, com a casa em meio a um vale, onde, segundo ela, avista-se outras comunidades e a cidade vizinha de Cotiporã. Contou orgulhosa a história de seu avô, que deixou os três irmãos na Itália e veio sozinho para o Brasil “*fare la cucagna*”⁴⁰, mas que chegando aqui encontrou só mato e animais, “*animais selvagens como tigre e onça*”. Estabelecido em Lajeado casou-se, por duas vezes, e do segundo casamento nasceu o pai de Matilde e de Inês. A mãe delas é da família Bavaresco, “*também de origem italiana*”. Enquanto falavam dos parentes, nomeavam a todos rapidamente, assim como tinham facilidade em lembrar as famílias vizinhas na comunidade de Lajeado, elencando-as pelos sobrenomes. “*De que família tu é?*” questão que me coube responder logo no início de todos os encontros em Veranópolis e o sobrenome “*de origem italiana de pai e mãe*” facilitou-me a acolhida entre os interlocutores.⁴¹

Os pais de Matilde e Inês casaram-se em 1930 e há uma foto deles em um quadro na sala. Em 1931 nasceu a filha mais velha, Matilde. Matilde começou a ir para a escola com sete anos e estudou só quatro anos, porque depois a família precisava dela em casa. O sustento da família vinha da agricultura, da produção de leite e queijo e da criação de porcos. Todos os filhos ajudavam em casa e ela diz que o que mais gosta de fazer ainda hoje é trabalhar na terra, e que tem muita saudade de quando era criança e trabalhava na roça com os pais e irmãos. Ela diz que era sofrido, mas o relato mesmo assim é muito mais de alegria e de saudade, diz ela que vive com

⁴⁰ Expressão que faz referência aos primeiros imigrantes italianos que vieram ao Rio Grande do Sul na busca de fazer fortuna.

⁴¹ Sobre a perspectiva do valor trabalho nas famílias de imigrantes italianos sugerimos a leitura de Maria Catarina Zanini (2002), Regina Weber (1996) e Maria Clara Mocellin (1993). Sobre o valor das festas para reunir as gerações de uma mesma linhagem familiar recorrer ao estudo de Maria Cristina Caminha de Castilhos França (2009).

saudade daquele tempo, de lembrar que a vida foi muito boa nesses setenta e nove anos. O pai, segundo ela, falecera novo, com setenta e quatro anos e a mãe, Amábile, faleceu com oitenta e oito anos, idade em que ainda trabalhava na terra.

Inês tem sessenta e nove anos. Morou em Bento Gonçalves “*uns meses*”, depois viveu trinta anos em Porto Alegre e mais “*alguns anos*” em Caxias do Sul. Estudou e cursou secretariado e enfatiza que “*sempre trabalhou*”. Voltou para Veranópolis quando se aposentou, no final da década de 90, tendo ido morar com a irmã, que havia se instalado na cidade, após deixar a casa dos pais em Lajeado, em 1993. Matilde diz que tentou sair antes da casa dos pais. Morou “*uns dois meses*” em Porto Alegre na casa da família Zanchetta fazendo costuras, mas sua presença foi mais uma vez requisitada em casa para auxiliar a família, “*enfim, compromissos de filha mais velha*”.

As duas nunca casaram e Matilde frisa que elas foram “*bastante procuradas*”, ou seja, não faltaram pretendentes, mas que a vocação delas não era essa. Elas têm ainda dois irmãos e mais quatro irmãs, sendo que destas, três são freiras e a outra mora na casa em frente com a família. Um dos irmãos mora em Santa Catarina e trabalha como professor enquanto o outro continua morando em Lajeado, dando sequência ao trabalho na agricultura e criação de vacas e porcos.

Conforme Matilde, “*Amar-se, respeitar-se e encontrar-se*” era a recomendação do pai para todos os filhos e elas contam que até hoje, mesmo com a distância do irmão e das irmãs – duas moram em Porto Alegre e uma em Caxias do Sul – todos mantêm contato frequente por telefone e todos encontram-se uma vez por ano, logo no início de janeiro. O encontro sempre é realizado em Lajeado, na terra que sempre foi da família, “*nas origens*”. “*As raízes*” são bastante significativas para elas, que recorrem o tempo todo à saga do avô no Brasil durante a narrativa. Retomando a narrativa sobre o estabelecimento em Lajeado por diversas vezes, elas me falam que na oportunidade em que a irmã foi à Itália ela conheceu a casa na qual o avô morara antes de vir para o Brasil. Mostraram-me então uma pasta com as fotografias que a irmã deu de presente para elas. Na pasta estavam as

imagens da viagem, realizada em maio de 2005. Todas coladas em papel ofício e com a descrição ao lado. Havia as fotos do encontro com o papa, das cidades visitadas, dos parentes encontrados e da casa do avô – imagens internas e externas – casa que hoje serve de depósito para máquinas agrícolas e já não pertence à família. A irmã de Matilde e Inês fora à Itália sem conhecer pessoalmente os parentes que encontraria lá, combinaram que se encontrariam no aeroporto e assim se passou. Mostraram-me, felizes, as fotografias, dizendo que mesmo que apenas pelas imagens, puderam sentir e compartilhar a alegria da irmã que conheceu os parentes que ficaram na Itália e a casa do avô. Disseram-me que guardam muitas imagens da família, que gostam bastante de fotografia e que sempre fazem fotos dos encontros da família, mesmo dos almoços mais simples do final de semana, como também das festas de aniversário.

Contaram-me que fazem questão de comemorar os aniversários com a família, sempre apontando com o dedo a casa da frente, onde mora a irmã que casou e teve filhos. Dizem que sempre fazem um bolo para comemorar o aniversário, *“coisa simplesinha”*, mas não deixam *“passar em branco a celebração da vida para agradecer a Deus”*.

3.1.5 Das reconfigurações familiares

Dona Amábile cuidou do marido doente até que ele falecesse, há mais de dez anos. Nunca mantiveram um casamento como ela havia idealizado, e nos últimos anos da vida a dois, *“já velhos mesmo”*, a situação estava cada vez pior e ela não suportava as traições do marido. Não dividiam mais a cama desde muitos anos antes que ele adoecesse, mas continuaram morando na mesma casa. Diz ela que toda a cidade sabia que ele procurava outras mulheres. Depois de aposentado ele fazia pequenos trabalhos, limpava terrenos baldios e mantinha pequenas plantações nos terrenos de vizinhos e amigos no bairro. Trabalhava não pelo dinheiro, pois ganhava muito pouco com esses serviços, mas porque gostava, e claro, encontrava a solução para não ficar em casa com a esposa: *“Ele dizia que trabalhava, que ia limpar terreno e*

ia procurar mulher, todo mundo vinha me contar, os filhos mesmo já viram, as netas, sem-vergonha na cara". Ressente-se de que, apesar do longo casamento, sempre enfrentando dificuldades muitas vezes dadas pela teimosia do marido, o casamento tenha terminado assim, em uma época que eles poderiam viver bem juntos, já que todos os filhos estavam bem na vida e eles teriam tempo *"para continuar até o fim com respeito"*.

Quando casaram eram os dois muito pobres e foram morar com a família do marido. *"Era muita gente, filho, pai, sogra, muita gente"* e em pouco tempo iniciaram-se as brigas por disputa de herança. Dona Amábile e o marido foram praticamente expulsos da casa e começaram uma vida independente da família dele. *"A gente nunca brigou com eles, nunca negou ajuda, mas foi uma coisa que machucou"*. Conta que quando dividiam a casa com os familiares sentia-se desconfortável porque seus filhos eram visivelmente tratados de maneira diferente pelos avós, eram os que menos recebiam carinho. Ela e o marido por sua vez, trabalhavam de sol a sol na roça e também não tinham tempo para dispender com o cuidado dos filhos, que nasciam um atrás do outro. Se ela ficasse em casa, não indo trabalhar por causa da gravidez, também era mal vista pelas cunhadas e pela sogra. Enfim, seguiram-se os constrangimentos familiares e eles optaram por sair *"com uma mão na frente e outra atrás"* para constituírem a sua família.

Continuaram trabalhando no interior com agricultura, *"hoje já nem é interior, é cidade onde nós morávamos, é logo aqui, perto do Carnevali, atravessando o asfalto"*. Os filhos eram levados por eles para a roça e assim todos começaram a trabalhar cedo, em especial os mais velhos. Os dois mais novos saíram de casa cedo e foram morar com famílias de amigos que viviam na cidade e assim puderam estudar. São os únicos dois que posteriormente foram embora do município e que são advogados. A única filha do casal, que mora com dona Amábile, possui necessidades especiais, e sua grande preocupação é o que será do futuro da filha, quando dona Amábile falecer. *"Ela precisa ser controlada, porque senão ela vive na rua e me deixa aqui sozinha"*. É a filha quem faz todos os afazeres de casa e há pouco tempo também é ela que cozinha, atividade até então realizada por dona Amábile.

Dona Amábile ressentia-se muito com a ausência dos netos. *“Fora a Pati que mora aqui do lado e faz todos os serviços para mim”*, o que inclui leva-la ao médico, sacar o dinheiro de sua aposentadoria, pagar contas bancárias, comprar os remédios e conferir diariamente se está tudo bem com a avó. Os demais netos são bastante ausentes, alguns, por não morarem na cidade, mas outros simplesmente não a visitam, somente no Natal. Por isso, a comemoração do aniversário de 90 anos, com a missa, em que estavam todos reunidos, emocionou muito dona Amábile e como disse a neta, *“nossa, a gente pensou que ela ia morrer, ter um infarto quando viu todo mundo”*. Os filhos que moram na cidade costumam visitá-la a cada quinze dias, um ou outro uma vez na semana.

Dona Amábile disse que nos últimos tempos, quando ainda saía sozinha pela cidade, preocupava-se também com a violência, *“mesmo sendo uma cidade assim pequena, como dizem, mudou muito, está perigoso, eu acho que cresceu demais a cidade”*.

Em Maués, depositando confiança na pesquisadora, dona Maria, oitenta e sete anos, falou do seu casamento enquanto um período *“de tristeza da vida”*, narrando a sucessão de infelicidades, levantando a cabeça e fazendo pequenas pausas na fala com um olhar que perdia-se no horizonte.

Na mesa em que ficam as senhoras que se dedicam ao bordado, crochê e outros trabalhos manuais, as posições ocupadas são as mesmas diariamente. Dona Maria senta-se à mesa em frente à dona Sebastiana e a esquerda de dona Isabel, que senta na ponta. Sempre com seu chapéu laranja e cabeça baixa ela trabalha com um meio sorriso no rosto. Dona Maria tem seis filhos. Casou-se com treze anos porque foi a única maneira que sua irmã encontrou para tirá-la da casa do pai, que batia demais nela. A mãe de dona Maria faleceu e seu pai foi quem cuidou dela depois que a avó também faleceu, com cento e cinco anos. Foi a avó que lhe ensinou a costurar. Tem boas lembranças da avó e dizia que ela era muito sábia, que profetizava que um dia o homem voaria mesmo sem ter asa e que as pessoas conseguiriam conversar de longe e sem se ver e que existiria um aparelho que mostraria as pessoas

sem elas estarem perto, referindo-se ao avião, ao telefone e a televisão, objetos esses que foram inventados e que sua avó, que não conhecia nada disso, já fazia referência.

Depois que a avó faleceu só ficou ela e a irmã, que já era casada, mas sempre ajudou dona Maria. Dona Maria foi morar com o pai e a madrasta. Com eles apanhou e trabalhou muito. Como o pai não tinha filhos homens ela é quem era “o braço” dele, trabalhando desde criança na roça, *“limpando, plantando e colhendo guaraná, macaxeira, milho e tudo o que se plantava, fazia farinha e tudo”*.

Então a irmã teve uma ideia: casar dona Maria para que ela saísse da companhia do pai. Escreveu uma carta para um rapaz que sabia que estava solteiro, fazendo-se passar por dona Maria e depois escreveu uma carta para dona Maria fazendo-se passar pelo rapaz. Dona Maria não sabia escrever, aprendeu somente no CCI. A carta chegou às mãos do pai de dona Maria, que não concordou com o pedido de casamento do rapaz, Manoel, o mesmo nome de seu pai. Mas a irmã tanto fez que conseguiu fazer com que ele ouvisse o rapaz.

O rapaz foi até a casa de dona Maria e formalizou o pedido. Ele tinha vinte e cinco anos. Seu Manoel disse que se acaso casassem, o marido deveria *“aguentar os desaforos”* de sua filha porque ela era muito nova para casar e logo viriam outros homens e ela o trairia. O pai também disse a dona Maria que ela deveria suportar os desaforos do marido, que mandaria nela e sairia à procura de outras mulheres. Além disso, ele não ajudaria o casal em nada e a madrasta ainda acrescentou que *“se um dia lhe doesse o dente ela não lhe daria nenhum remédio”*. Um mês depois estavam casados.

O marido da irmã de dona Maria ajudou o casal a construir a casa e outras coisas que precisaram. Foi quando foi até a casa da madrasta para pedir farinha que Dona Maria se deu conta do que a madrasta lhe disse. A farinha havia acabado na casa de dona Maria e não havia o que comer até receberem novamente. A madrasta lhe negou e então dona Maria entendeu o que ela havia lhe dito com aquele ditado sobre o dente.

O casamento correu bem durante quatro anos, mas depois disso as coisas mudaram. Ainda assim ficaram muito tempo casados, até que seu

marido faleceu, mais de 20 anos depois. Dona Maria diz que sempre pensou que seria ela quem não ia mais querer saber do marido, mas não foi isso que aconteceu, o marido *“foi atrás de outra mulher”*. Ela nunca brigou com ele por causa disso, mas a partir dos quatro anos foram anos infelizes ao lado dele. Tiveram seis filhos. Três deles não lhe dão nenhuma preocupação, trabalham e estão bem. Um dos filhos é *“perturbado por espíritos, mora na rua e cata lixo, se alimentando dele também”*. Dona Maria foi algumas vezes para Manaus visitá-lo, mas já faz muitos anos que não tem mais notícias do filho, que até já tentou matá-la. Ela disse que sua avó já dizia que as guerras um dia seriam dentro de casa e ela disse que na dela, infelizmente, é assim. Tinha uma filha que morava com ela, mas brigaram tanto que sua filha saiu de casa. Há pouco tempo a filha teria pedido desculpas para dona Maria, mas ela disse que é muito maltratada por ela e não quer mais saber da filha. Mora só com a neta que é filha dessa mesma filha.

Dona Eva tem oitenta e um anos e mora com a filha e o genro em Veranópolis. Ela é viúva e diz que não gosta de ficar em casa sozinha o dia todo e vem insistindo com a filha para que esta deixe de trabalhar fora ou que trabalhe apenas durante um turno. Dona Eva gosta de contar histórias, em especial das assombradoras, do tempo em que era criança e viu *“muita coisa lá no interior onde morava”* com os pais. Conta sua infância sofrida e a discriminação frente aos irmãos porque era a mais parecida com a avó, que era *“mais escura”*. Com esse estigma, foi a única que não pôde aprender a ler e escrever e a que mais trabalhava entre os irmãos. Narrou que enquanto seu pai estava vivo, a situação era um pouco mais fácil, porque ele, por vezes, impedia que seus irmãos ou a mãe a discriminassem. Quando seu pai faleceu ela não conseguia pensar em outra solução para sair de casa, foi então que se casou. Casou-se como uma possibilidade de partir, conheceu seu marido quando este foi realizar um trabalho próximo à casa dela e nove meses depois estavam casados, *“eu na verdade nem conhecia nada dele, mas pensei que piorar é que não podia”*.

Amavam-se tanto que depois de casados Eva sempre acompanhou o marido pelas estradas. Ele era funcionário do Daer⁴² e trabalhava na abertura de rodovias. Diz que ele sempre gostou muito dela e que sempre se deram muito bem, de modo que ela nunca se importou com a necessidade constante de mudanças. As mudanças eram necessárias porque assim que seu marido terminava um trabalho, já devia se mudar para outra região. Como os dois não gostavam de viver longe, dona Eva e os filhos partiam com seu Adão. Tiveram sete filhos e ela, feliz e orgulhosa, conta que proporcionou estudo a todos eles. Instalaram-se em Veranópolis também por causa do trabalho do marido. Quando foram para Veranópolis não era exatamente com o intuito de lá se estabelecer, mas seu Adão faleceu e dona Eva resolveu ficar por lá porque gostava bastante da cidade, fez muitos amigos e “*se dá bem*” com todas as pessoas que conhece. Diz que a cidade é “*uma benção*”, fazendo comparações ao lugar onde morava quando era criança, no interior do município de Lagoa Vermelha.

Dona Zenaide M. sentou-se ao meu lado quando chegamos ao CCI naquela manhã e depois que mostrei o início do meu bordado para todas as senhoras sentadas à mesa, ela apenas me disse: “*ih, minha vida é um romance*!”. Respondi que gostava muito de romances e que ela poderia me contar que eu adoraria ouvir. A essa altura, eu frequentava o CCI há exatamente uma semana.

Dona Zenaide M. tem oitenta anos. É uma senhora muito bonita, sempre sorridente, com os cabelos quase totalmente brancos. Foi “*professora leiga*”, completou o magistério apenas quando tinha sessenta e quatro anos. Nasceu no interior e aos nove anos veio para a cidade. Ao todo eram cinco irmãos. Ela é a segunda filha e dona Zila, que também frequenta o CCI, é a irmã mais nova. Dos outros três irmãos, um mora no interior de Maués, outro mora em Pelotas, no Rio Grande do Sul, irmão este que dona Zenaide M. não vê desde a década de 70. Um outro irmão das duas é falecido. Dona Zenaide M. saiu do

⁴² Departamento Autônomo de Estradas de Rodagens – RS.

interior com a família porque não tinha mais como estudar. Chegando à cidade estudou e fez curso de datilografia. Seis meses foram pagos pelo seu pai e o restante o cartório em que ela trabalhava arcou com os custos, já que ela era uma ótima funcionária e queriam que ela continuasse seu trabalho com mais qualificação. Começou a trabalhar no cartório com dezesseis anos, e o proprietário do cartório, futuramente, tornou-se seu sogro. Aos dezoito anos ela fez a *“prova de admissão”* a convite do prefeito. Foi aprovada e então passou a lecionar como *“professora leiga”*. Com vinte anos casou-se e voltou a morar no interior porque o marido tinha uma guaranazal: *“lh, plantei muito, muito, muito milho na minha vida, trabalhei muito com guaraná”*. Ela conta que pela manhã trabalhava com o marido na agricultura e à tarde lecionava. Com seis anos de casada veio o primeiro filho e então ela parou de dar aulas por algum tempo.

Então aconteceu uma surpresa na vida do casal: *“apareceram dois índios”* para ela cuidar, filhos do seu marido com duas índias. Ela então os criou. Segundo ela, os filhos eram anteriores ao seu casamento. Dona Zenaide M. diz que as mulheres, suas vizinhas, lhe perguntavam se ela não sentia ciúmes do marido, ao que ela respondia negativamente, disse que nunca sentiu. Para ela *“ter ciúme é cuidar da casa, da roupa, da comida, cuidar do marido, não arrumar briga com ele e nem prender demais”*.

Dona Zenaide M. teve quatro filhos: duas mulheres e dois homens. Estava contente porque um deles será professor na universidade (Universidade Estadual do Amazonas) em Maués. Ele é formado em contabilidade e em ciência política e estudou em São Paulo. O outro filho também fez ciência política. Aliás, lendo o jornal da cidade percebi que essa é uma formação bastante comum na cidade. O curso é realizado a distância. Uma das suas filhas é professora, com magistério, ressalta ela. E a outra ainda não sabe bem o que quer, casou, mas não deu certo e agora vai para Parintins fazer curso de enfermagem. A neta, que mora com ela, é uma menina de onze anos que dona Zenaide sempre cuidou. Ela incentiva a filha a cuidar da vida, se formar em enfermagem e cuidar ela mesma dos filhos, porque segundo dona Zenaide M, ela está *“no fim”* e quer que seus filhos *“se virem”*. Ela conta que todos os filhos e netos estudaram, menos um, que *“aquele não deu pra nada, parou de*

estudar porque era maior que os colegas e não se sentia bem”, conta ela desaprovando a atitude.

Dona Zenaide M. também trabalhou por vinte anos no hospital, e diz que quando saiu do emprego, já tinha mais de setenta anos. Conta que ingressou no hospital quando o prefeito a convidou. Chegou lá como auxiliar de enfermagem, mas a colocaram para capinar. Ela não reclamou e foi capinar. Fez esse trabalho durante um mês e logo em seguida iniciou outros trabalhos dentro da instituição, dizendo que os únicos lugares pelos quais ela não passou foram os setores da limpeza e da cozinha. De resto ela fez um pouco de tudo, desde cuidar dos pacientes até auxiliar na sala de cirurgia. E assim foi aprendendo enfermagem com a experiência de trabalho. Dona Zila também trabalhou no hospital e dona Zenaide M. conta que elas brigavam bastante no trabalho e quando alguém as lembrava que eram irmãs e não deviam brigar elas brincavam respondendo que brigavam porque não eram filhas do mesmo pai, *“tudo mentira”!*

Dona Zenaide M. não enxerga com o olho direito e percebi que a claridade lhe incomoda demais. Ela não usa óculos. Já fez cirurgia com a equipe do Dr. Jacó Moisés Correa, mas quem fez a cirurgia dela *“foram aqueles curumins dele, porque se tivesse sido ele teria dado certo”*. Antes ela bordava e costurava bastante, mas com o problema de visão parou de fazer isso porque enxerga mal mesmo. Diz que é neta de mundurucu⁴³ por parte de pai e daí vem seu gosto pelo trabalho, diz que sempre trabalhou muito na sua vida.

Dona Joana casou-se bastante jovem com seu Guilherme, *“foi amor mesmo, porque a situação dele não era para qualquer uma”*. No início, tomar conta das crianças foi bastante difícil para ela, especialmente os mais velhos, que não tinham muito respeito por ela. Contou-me que sofreu bastante até fazer com que eles se acostumassem com sua presença e percebessem que ela queria ajudar, mas *“sem baixar a cabeça, quando era para bater eu batia,*

⁴³ Grupo indígena.

se não obedecesse eu batia para ensinar". Como seu Guilherme já tinha sete filhos, no casamento com Joana eles acabaram não tendo nenhum outro, pois ele preferia assim, conta ela com expressão contrariada. Dona Joana 'criou' "os filhos dele", mas como ela mesma frisou nenhum a chamou de mãe e como constatei entre os quatro que conheci todos a chamam apenas pelo primeiro nome. Já os filhos de seus enteados a chamam de vó.

Dona Joana é bastante carinhosa e preocupada com os netos, fala bastante neles: quais costumam "aparecer" para o almoço, quais são os que "mais aprontam", quem costuma visita-la. No dia do seu aniversário, quando fui visita-la, quinze dias após o falecimento do marido, ela aguardava pela chegada de algum neto ou de algum filho do marido. Pelo cuidado que tivera em preparar alguns doces, pude perceber a ansiedade dela em receber alguma visita. Disse que até aquele horário, já era dezessete horas de um sábado, apenas um tinha aparecido, mas que ela compreendia, porque no sábado os netos preferem ficar com os amigos e não "visitar velhos". Mesmo com todo o carinho que sente por eles compreendia que muitas vezes, especialmente quando estavam acompanhados dos pais, as visitas a sua casa eram forçadas e que eles logo buscavam uma desculpa para retirar-se.

Dona Cândida ouvia a tudo e numa voz muito baixinha ia comentando aos poucos, como que para si mesma. Ela frequenta pouco o CCI, mora em Boa Vista do Norte⁴⁴. Sozinha, viúva há mais de dez anos, ela diz que toma conta da vida dela e faz o que quiser, nunca mais quis "saber de homem nenhum" depois do falecido marido, assim, quando quer ir para qualquer lugar, vai sozinha. Dona Cândida conta que quando era criança sua mãe, "mãe-avó", passava no corpo dela uma erva para tirar a preguiça do corpo e por isso ela não consegue ficar parada. Ela não lembrava o nome da erva, mas lembrava dos momentos em que a avó fazia isso com ela e os irmãos, pois assim teriam sempre vontade de trabalhar, "era um remédio para preguiça, muito usado antigamente". Quando estava em casa, até bem pouco tempo atrás, ela mesma

⁴⁴ Cidade vizinha de Maués.

fazia sozinha panela de barro, tipiti⁴⁵, cesto, *“fazia artesanato como as mulheres no CCI, mas agora a vista não deixa”* e não quer se submeter a cirurgia porque o tempo de recuperação é muito longo e ela não gosta de ficar na rede e nem dentro de casa, *“o jeito é aceitar os problemas de velho”*. Quando vem para Maués, fica na casa do sobrinho Assis, que leva ela na moto para onde ela quiser, mas mesmo assim, com a presteza e conforto oferecido pelo sobrinho, ela não fica muito tempo na cidade, gosta mesmo é de ficar na sua casa mesmo que ainda viaje bastante para Maués, Itacoatiara, e Manaus, as três cidades onde tem filhos.

Dona Cândida não foi a única pessoa que conheci que mora em outra cidade, mas quando vai a Maués procura o CCI. Pedro também começou a fazer isso nas últimas vezes que foi a Maués. A primeira vez que chegou ao Centro foi levado pelo filho que disse que via diversos idosos reunidos quando passava em frente ao CCI e então pensou que como o pai era bastante sozinho e quando vinha a Maués ficava difícil para ele, o filho, lhe dar atenção, assim como para a esposa, que também trabalhava, e os netos que estudavam e no tempo livre não queriam ficar com o avô, *“sabe como é, não se entendem e ele é meio surdo, se cansa com as crianças, não gosta muito”*, fora isso que seu filho me dissera quando o encontrei acompanhando o pai ao CCI.

Dona Antonieta costuma chegar ao CCI próximo às dez horas, pois não sai de casa cedo porque não pode deixar o ex-marido sozinho. Chega sempre muito animada, um sorriso largo e passos apressados para encontrar as colegas, lamentando a impossibilidade de comparecer todos os dias, uma vez que vai até lá somente uma ou duas vezes na semana. Conta ela que precisa ir ao CCI para dançar, por isso, mesmo que chegue tarde, ao menos consegue chegar para dançar um pouco. Se não fizer isso, diz, a pressão arterial sobe e então ela não fica bem. Ao final de tudo, sempre fala do ex-marido: *“Deus há de me dar paciência para cuidar desse homem até ele morrer”*.

⁴⁵ Palha trançada que utilizada como uma espécie de espremedor e serve para extrair o líquido e secar a mandioca ralada.

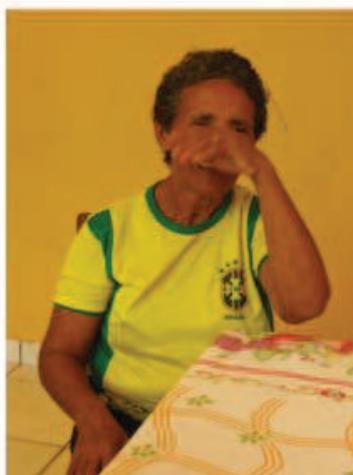
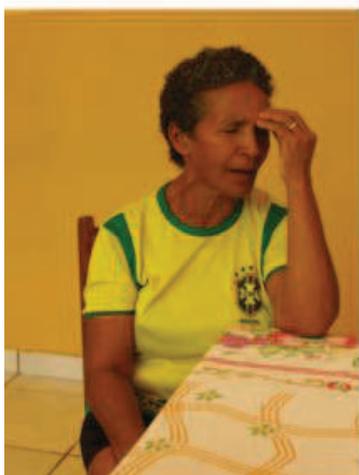


Imagem 48: Dona Antonieta, Seu Milton e dona Matilde. Maués, setembro de 2010.

Imagem 49: Seu Milton ouvindo o relato de dona Antonieta. Maués, setembro de 2010.

Imagens 50, 51 e 52: Dona Antonieta narrando os cuidados de saúde com o ex-marido. Maués, setembro de 2010.

Certo dia dona Antonieta chegou e sentou-se à mesa do artesanato para costurar os pequenos pedaços de pano para ajudar dona Amélia na confecção de um tapete, enquanto cantarolava e citava trechos de músicas de Caetano Veloso e Chico Buarque. Passados alguns minutos, dona Antonieta começou a contar da receita que aprendera e que poderia ser útil para outras mulheres que se encontravam lá. Fez-se um silêncio geral, todas olharam dona Antonieta e imediatamente indagaram para que servia a receita, algumas palpitavam, outras faziam sinal para que se fizesse silêncio e a detentora da misteriosa receita pudesse falar. Dona Antonieta disse que cada uma poderia compreender e utilizar a receita com quem desejasse, ela não daria ideias, finalizando com uma gargalhada.

Foi então que ela contou a receita do “chá de lâmpada” que um amigo havia lhe ensinado quando trazia seu “ex-poso”, acamado, marcando bem a

pronúncia e soletrando a grafia, de Manaus para Maués. Todas ficaram atentas e ela contou o que o homem lhe dissera: *“pega uma lâmpada dessas grandes, pisa bem, bem, bem, deixa bem esmagadinha e vai misturando na comida, que é como Deus por a mão”*. Algumas mulheres riram, outras fizeram sinais negativos com a cabeça e Lúcia começou suas orações pedindo que Deus perdoasse dona Antonieta.

Dona Antonieta contou então que tinha três dias para encontrar uma companhia para o marido porque queria muito ir a um festival em Itacoatiara, cidade vizinha de Maués, um festival de música onde ela fica quatro dias sem dormir, só dançando:

“aí antes de ir para casa, que eu fico na casa da minha irmã, eu passava na padaria pegava pão e chegava em casa e ela sempre me xingava dizendo Antonieta, tu não tem vergonha, uma velha da tua idade chegando em casa essa hora e eu respondia, calma irmãzinha, eu estava esperando a padaria abrir, não estava na festa não”

Narrava como se passava entre ela e a irmã e gargalhava, divertindo a todas as amigas do CCI, que dizem que *“dá gosto de vir nos dias que ela vem também no CCI”*. Contava que seu marido, apesar de acamado, não parou de beber e fumar e ela diz que, se ele pedir, vai dar cachaça até dentro do caixão dele. Dona Antonieta era assim, sempre narrava suas histórias com muito bom humor, fazendo com que todas fiquem atentas na narrativa e reunindo um grande número de ouvintes ao redor dela. Ao receber todos os meses a aposentadoria do marido a primeira coisa que faz quando sai do banco é comprar-lhe as quarenta e oito garrafas médias de cachaça que ele toma por mês e os quatro pacotes de cigarro. Ela diz que ele já não come, só bebe a cachaça, que fica embaixo da cama. Dona Virgilina lhe perguntou qual era mesmo a doença do marido e dona Antonieta respondeu: *“a cachaça, a cachaça minha senhora”!*

Naquela semana o Conselho Tutelar havia ido a sua casa na terça-feira, o que impediu que ela fosse ao CCI. O Conselho Tutelar teria recebido denúncias de que ela maltratava o marido. Contava isso bastante descontente com a atitude do Conselho, porque das *“crianças que se drogam eles não*

cuidam”, mas na sua casa, por causa dos vizinhos que não sabiam o que realmente se passava lá dentro, os conselheiros perdiam seu tempo. Enfim, o Conselho havia verificado que nada estava errado, que as condições de higiene eram boas, que a assistência ao paciente também era boa e que o médico e os remédios também estavam em ordem. Ao final ela disse que compreendia também a atitude que os vizinhos tiveram, já que *“seu paciente”* passa o dia todo gritando por socorro e por isso pensam que ele é maltratado.

Dona Antonieta enfrentou - e ainda enfrenta - muitas dificuldades para tomar conta do marido. Os filhos não moram com ela e agora quem lhe ajuda é um neto que está desempregado e foi morar com eles para tomar conta do avô. Dona Antonieta já era separada do marido quando este começou a adoecer. Separou-se do marido há tempos, logo depois do último filho, que tem dezenove. Morou ainda dois anos em Maués, mas como o ex-companheiro a perseguia resolveu ir morar em Manaus com os filhos. Em Manaus fez um *“curso de acompanhante”*⁴⁶ e diz conhecer todos os hospitais da cidade. Conta que chegava em casa às 16 horas e às 18 horas já saía novamente para trabalhar. Assim conseguiu comprar uma *“casa grande em Manaus”*, onde faziam todas as reuniões de Natal e Ano Novo, *“com muita bebida, festa, música, dança e toda a casa cheia, bem como eu gosto”*. Os filhos que ficaram em Maués contaram-lhe então da situação do pai, ao que ela, para não encarregar os filhos que precisavam cuidar da vida deles, disse que tomaria conta do ex-marido: *“até Bombril ele já comeu, estava louco, louco, tudo de bebida”*. Nesse período o marido teve que ir para Manaus para ser internado, *“começaram a sair tumores pelo corpo que em seguida desapareciam, nunca se descobriu o que era, para mim é tudo da maldita cachaça”*. Depois de um longo tempo em Manaus, no Hospital Tropical⁴⁷ e com tentativas frustradas de interná-lo no sanatório, eles voltaram para Maués, para ele ficar na casa onde haviam morado quando estavam ainda casados e morrer lá.

Dona Antonieta diz que a casa é sua, que foi a ela que foi dada na construção por *“puxirum”*⁴⁸ e que o marido vivia dizendo por aí que ia tomar a casa dela porque ela o abandonou. Ela diz que quando foi embora para

⁴⁶ Cuidadora

⁴⁷ Hospital Tropical de Manaus.

⁴⁸ Mutirão.

Manaus “até mulher ele colocou dentro da casa que era dela” e mesmo assim ela nunca reclamou de nada. Quem ouvia a história, corroborava a versão de dona Antonieta e me pareceu que o fato de conhecerem o ex-marido de quem ela tanto falava, deixava ainda mais verossímil a narrativa, pois ele havia frequentado o CCI, tinha sido um dos primeiros frequentadores, antes mesmo que dona Antonieta, mas, por causa da sua dependência alcoólica havia desistido de participar.

3.1.6 Tensões e medos: reflexões sobre os riscos da vida cotidiana

A primeira vez que estive em Maués, em 2009, ouvi um relato sobre agressões a uma idosa que havia ido ao CCI para participar da pesquisa biomédica. Segundo a assistente social, já havia indícios anteriores de que ela sofria maus tratos na família e neste dia ela chegou com machucados visíveis nos braços. Assim, tanto as funcionárias da prefeitura, quanto a equipe de pesquisa, mobilizaram-se para tratar do caso. A idosa foi encaminhada para a secretaria de assistência do município. O agressor, supostamente, era seu filho.

Em 2010, na última semana em Maués conheci seu Jorge. Ele passara a frequentar o CCI levado por dona Carolina, sua irmã. Seu Jorge estava morando com ela há dois dias, depois de abandonar sua própria casa, construída em um terreno que divide com o sobrinho e a família. Seu Jorge contou-me, enquanto mostrava os hematomas nas pernas, nas costas, nos braços e no peito, que o sobrinho havia entrado em sua casa enquanto ele dormia, durante a madrugada, e sem motivo algum havia batido nele. Seu Jorge mora sozinho e para defender-se disse que se fingiu de morto porque sabia que jamais teria forças para brigar com o sobrinho. Sem conseguir levantar-se ele esperou amanhecer o dia e então chamou por socorro até o

vizinho acudi-lo. Seu Jorge tirou o boné e finalizou o relato dizendo: *“a sorte é que ele não me deu na cabeça, olha, não tem nada”*.

A primeira vez que conversei com seu Milton, em Maués, ele disse-me que não gostaria de viver muito, não gostaria de *“ficar velho”* porque pensa que hoje em dia os velhos sofrem demais com o desrespeito e abandono da família. Seu Cacau, funcionário da prefeitura que por vezes trabalhava no CCI, e que até então acompanhava calado a conversa, concordava com ele e dizia que as leis atuais não beneficiam os idosos, *“os direitos das crianças e dos jovens são muitos e isso acaba diminuindo o respeito com os idosos”*, citando como exemplo, o Conselho Tutelar que na sua visão se preocupa com a defesa incondicional das crianças e adolescentes e que nem sempre o procedimento deveria ser esse. Seu Cacau contou que há dias atrás coordenou uma equipe de jovens da Igreja que se reuniram em Parintins e falou da dificuldade em fazer com que esses jovens participassem das atividades da Igreja e do desrespeito deles pelos coordenadores, majoritariamente idosos leigos e religiosos.

Vó Talita mora sozinha numa ampla casa no centro da cidade em Veranópolis. A casa tem dois andares e um de seus filhos mora com a família na parte de baixo da casa, que não tem ligação interna. Ela passa o dia lendo jornal e assistindo a telejornais. Há alguns meses atrás ficava horas debruçada na cerca em frente à casa e conversava com quem por aí passasse e parasse. As conversas giravam sempre em torno do que havia lido no jornal ou do que estava acontecendo na cidade, notícias essas trazidas pelos transeuntes. Hoje ela já não fica no jardim, porque a rua passou a ter muito movimento e ela não se sente mais segura, tanto que vive com as portas, a de grade e a de madeira, chaveadas o dia todo. Além disso, seu problema cardíaco tem lhe incomodado

e o médico recomendou que não fizesse nenhum esforço, incluindo caminhadas.

Vó Talita diz que hoje em dia tem que ficar trancada, com a porta e a grade que dão para a rua chaveadas, porque a cidade tem ficado perigosa. A porta dos fundos, que antes ficava aberta, agora também fica fechada quando ela sabe que no andar de baixo não há ninguém em casa, *“porque o Léo [cachorro] fica acompanhando o Vitor e é muito manso, não serve para cuidar da casa”*. A casa dela fica no centro da cidade, em uma rua de grande movimento, tanto de pedestres quanto de carros e é isso que a deixa assustada. Diz que hoje em dia já não se conhece a maioria das pessoas que passam por lá e seguem para os bairros, além de que, agora há também o trânsito de ônibus pelo local, com uma das paradas exatamente em frente a sua casa. Contou-me que pelo jornal da cidade e pelas notícias da estação de rádio do município tem acompanhado o crescimento da violência, na sua maioria roubos e assaltos, mas também com alguns casos de sequestro.

Por esses motivos sente-se insegura estando em casa sozinha e diz ficar alerta a qualquer barulho, já que as noites de sono não são mais as mesmas por causa da idade. Durante o dia procura saber exatamente os horários das netas, do filho e da nora no caso de ocorrer alguma situação inesperada. *“Há alguns anos atrás era muito mais tranquilo, vivia com tudo aberto, mas com o crescimento da cidade agora ficou assim”*.

Matilde e Inês contam que antes se sentiam mais seguras em Veranópolis, mas agora sabem que aumentou o consumo de drogas na cidade, o que a torna mais perigosa: *“e que não se importa com o flagelo alheio”*. Concluindo que a partir do consumo de drogas muitos problemas são desencadeados e não são apenas os consumidores, jovens, que sofrem com isso, mas principalmente os pais e avós que muitas vezes se culpam por não encontrar soluções que ajudem os filhos e netos a abandonarem o vício.

3.1.7 Das vivências compartilhadas

Os frequentadores do CCI em Maués também costumam frequentar grupos de terceira idade quando vão para Manaus. Alguns se deslocam com certa frequência para a capital e outros nem tanto, mas entre os dois grupos é comum que quando cheguem a Manaus para ficar na casa de parentes, normalmente dos filhos ou netos, eles participem das atividades dos grupos de terceira idade que se reúnem nos bairros ou nas festas com os participantes de todos os grupos da cidade.

Dona Zenaide e Seu Milton são casados há quarenta e sete anos. Ele tem oitenta e quatro e ela setenta e seis anos. Nunca vi seu Milton com a camiseta do CCI, a maioria dos participantes rotineiros chegava uniformizada ao Centro, ou seja, com a camiseta branca com as inscrições do CCI na parte da frente e que nas costas tem o desenho de um fruto de guaraná e a referência da prefeitura municipal. Mas ele me chamava atenção porque estava sempre de calça social e camisa, tudo combinando, no mesmo tom de cor. Tinha sempre sua mochila de um ombro só a tiracolo e não largava-a nem quando dançava. Tinha um cordão prateado no pescoço com o escudo do Flamengo. O cabelo estava bem penteado e com gel. Dona Zenaide usava a camiseta do CCI.

Gostam de dançar e frequentam o CCI há bastante tempo. Antes frequentavam o grupo da terceira idade, que funcionava em outro local, mas depois acabou fechando. Dona Zenaide conta que com o outro grupo eles fizeram diversas viagens para Manaus. iam de barco direto até Manaus ou também parte de barco e parte de ônibus. Conta que houve uma vez que ficaram quatro dias por lá com os “*colegas da terceira idade*”. Ficavam em hotel e participavam das atividades no Sesc⁴⁹ junto com o grupo da terceira idade de Manaus. Para ela, eram muito bons esses passeios, conheciam pessoas e lugares. No primeiro passeio ela foi sozinha, depois Seu Milton passou a acompanhar a esposa. Quando o CCI deixou de organizar esses encontros com outros grupos, seu Milton e dona Zenaide se deslocaram ainda algumas

⁴⁹ Serviço Social do Comércio

vezes por conta própria para participar das olimpíadas da terceira idade em Manaus, tendo ele conquistado o primeiro lugar na natação, com competidores de todo o Estado. Eles lamentam que hoje não tenham mais condições para participar e que o CCI não financie mais esse tipo de encontro.

Seu Milton brigava *“carinhosamente”* com a esposa porque ela insiste em fazer todos os afazeres de casa e não quer ninguém para ajudá-la. Ele diz que insiste com ela para *“pegarem”* alguém para ficar lá com eles, já que quando a filha e o neto saem ficam só eles dois. E agora com a previsão de saída de casa da filha, ficariam sempre apenas eles dois. Dona Zenaide teve glaucoma e não enxerga nada no olho esquerdo, o que tem feito com que ela quebre muita louça em casa. Contou-me que às vezes não vê os copos em cima da toalha na mesa ou mesmo na pia, então se atrapalha e acaba passando a mão e quebrando. Diz que tem que estar sempre comprando louça. Seu Milton continuava insistindo que deveriam ter outra pessoa em casa.

Contaram-me que têm três filhos. Um deles, de vinte seis anos, conforme frisou seu Milton, mora em Manaus. Quanto às outras duas filhas, uma é professora e ambas moram em Maués.

Os dois foram agricultores. Hoje permanecem com o sítio, que fica quase na cidade, *“já tem até luz lá e só precisa pegar o barco para atravessar”*, mas já não cultivam mais nada. Até alguns anos atrás continuavam a ir lá, mas depois *“foram ficando velhos e não queriam mais saber”*. Dona Zenaide ainda faz algumas investidas esporádicas até o local. Seu Milton já tentou vender o sítio, mas ninguém tem dinheiro para comprar. O sítio está à venda por R\$ 6.000,00, tem 600 metros de frente e 800 de fundo. Seu Cacau acompanhava a conversa e dizia que por esse preço *“estava de graça”*. No sítio, que sustentou a família por muito tempo, eles plantavam açaí, guaraná, laranja e manga. *“Ainda tem alguns pés de açaí, mas a laranja foi a primeira a morrer”*, porque, conforme seu Milton, *“ela sente falta do dono”*. Dona Zenaide diz que os vizinhos *“destruíram tudo lá, levaram tudo da casa, todas as madeiras, não sobrou nada”*.

Hoje são aposentados e moram na cidade há mais de vinte anos. Quando se casaram, seu Milton já tinha trinta e seis anos, ela disse que ele aprontou bastante antes do casamento e depois também acabou *“fazendo as*

dele”. Contou-me que na verdade eles têm apenas uma filha, a mais velha, que é professora. A outra filha ele teve com uma mulher que trabalhava na casa deles. Então eles acabaram criando ela e hoje ela gosta mais da dona Zenaide que da mãe verdadeira. Já o filho mais novo é filho de um irmão de seu Milton. Esse irmão de seu Milton ficou viúvo muito cedo. A esposa morreu afogada deixando dez filhos. A mais velha tinha quinze anos e o mais novo, que é o filho de seu Milton e dona Zenaide, não tinha nem um ano de idade. Dona Zenaide conta que ele ainda nem andava e que eles pediram para o irmão de seu Milton se eles poderiam ficar com a criança. Ele disse que sim e ela conta que hoje ele nem chama seu Raimundo de pai.

Seu Milton conta que chegou uma época que o menino não queria estudar, só queria ir embora para Manaus. Seu Milton não permitiu e fez *“um trato com ele”*: que ele deveria acabar de estudar e então sim teria permissão para ir para Manaus. O menino aceitou, mas deixou claro para o pai que já que ele insistia tanto que ele deveria estudar, ele não iria ajudá-lo no guaranazal, porque se era para fazer isso ele já havia estudado o suficiente. Seu Milton diz que ele estava certo, que de fato para ser agricultor não precisaria estudar. Enfim foi o que aconteceu, ele terminou os estudos e foi para Manaus, está lá há sete anos e vem para Maués apenas para passear, mas os dois preocupam-se muito com ele e mesmo ele trabalhando ajudam-no financeiramente quando solicitados.

Têm uma filha que ainda mora com eles, casou-se, mas se separou, foi deixada pelo marido. Ela tem um filho de quatro anos, que segundo dona Zenaide *“é inteligente que só”*. *“Os dois são limpos [referência à cor da pele branca]”*. Ela diz que o menino toma bastante guaraná, que ele adora e a filha também, chega em casa perguntando se o pai preparou guaraná e então reúnem-se para compartilhar a bebida.

Dona Zenaide e o marido tomam guaraná todas as manhãs. Ralado na língua do pirarucu, com água e açúcar. É seu Milton que prepara para os dois. Não ficam sem a bebida. Antes vendiam o guaraná que produziam, depois de torrá-lo e descascá-lo, hoje compram para o consumo diário.

Dona Zenaide não usa óculos, diz que o médico não passa a receita. Djalma perguntou se eu já havia percebido que a maioria deles tinha problema

de visão, respondi que sim e ele disse que mesmo assim eles se negam a usar óculos. Percebi que as únicas pessoas que usam óculos são a costureira e uma professora aposentada. Os demais, mesmo com catarata ou glaucoma não usam óculos de grau, alguns deles usam óculos de sol permanentemente enquanto estão no Centro, independente de estarem dentro do salão.

Dona Creuza tem quatro netos, filhos de sua filha, que estão sempre na casa dela. Diz que eles gostam da comida dela e de ficar lá jogando videogame, o que às vezes atrapalha a única novela que ela gosta de ver, a das oito.

Dona Creusa é costureira. Aprendeu a costurar na máquina com nove anos. Sempre teve uma vida difícil. Nasceu no interior e foi criada pela avó. Veio para a cidade com sete anos e sua avó a colocou na casa da mulher do delegado para *“aprender alguma coisa e frequentar a escola”*, pois *“não queria ver a neta burra como ela”*. Então Dona Creusa passou a cuidar das crianças na casa do delegado e a ir para a escola. Contou que chegado o final de ano fez uma peça teatral, na qual tinha um papel importante. Enquanto narrava sua vida, ela fez uma pausa e cantou a música da peça. Nessa peça conheceu a mulher de um bancário da cidade, para quem passou a trabalhar e com quem permaneceu morando muitos anos da sua vida. Cuidava das crianças e ajudava nos afazeres porque não se agradava da maneira como a empregada da casa fazia. Com treze anos começou também a cozinhar e então ficou responsável pela casa. Narra demonstrando imensa gratidão aos antigos patrões.

Na escola das irmãs maristas, dona Creusa aprendeu bordado, pintura e costura a mão. Fazia as próprias roupas, bordava as roupas velhas que ganhava e com isso garantia a admiração de todos pelo seu capricho. Na casa dos patrões havia uma máquina de costura que ninguém usava e então aprendeu a costurar assim. Para bordar ela conta que no início usava o papel que envolvia os sabonetes. Recolhia os papéis no lixo, guardava e com eles aprendeu a bordar. Como não tinha dinheiro para comprar linha desfiava

tecidos velhos. Dona Creusa casou jovem e teve seis filhos. Foi abandonada pelo marido depois de dez anos e criou os filhos sozinha. O marido teve outra mulher e filhos e faleceu em 2009. Dona Creusa tem cinco filhos homens e uma mulher. Dois destes filhos moram em Manaus. O mais velho, Jorge, já foi bancário, mas *“por causa da bebida acabou perdendo o emprego e hoje está melhorando”* porque o filho mais novo está ajudando-o. O mais novo é mecânico da Ambev. Dona Creusa se orgulha muito de ter criado bem os filhos e de todos estarem bem de vida. Diz que todos gostam de artesanato e falou muito do capricho do filho que é pescador.

Dona Creusa costurou por um tempo em Manaus, citou o nome de diversas lojas nas quais trabalhou. Hoje ela vai ao CCI todos os dias e à tarde *“costura para fora”*, mas diz que tem costurado muito pouco porque já não enxerga bem. *“Teve época que eu costurava até vestido de noiva”*. No CCI ela ensina o que aprendeu em termos de costura e artesanato. Ensina a fazer tapetes, chapéus e bonecas, tem muita criatividade e capricho no trabalho que faz. Ela diz que aprendeu muita coisa porque participava dos clubes de mães. Os filhos, às vezes, brigam com ela por ela fazer tanta coisa de graça para os outros, mas ela diz que sempre que precisou foi muito ajudada. Dona Creusa foi também uma das fundadoras da Escola de Samba Verde e Rosa, de Maués, e hoje ainda tem muito prestígio entre os integrantes. Até ano passado costurava as roupas para o desfile, mas esse ano resolveu se afastar porque já tem muito trabalho e o CCI toma bastante tempo.

Dona Creusa ficou internada em Manaus por mais de um ano, pois tinha um problema no útero e nesse período foi muito ajudada pelos amigos de Maués. Deram-lhe a passagem de avião, mandavam-lhe roupas e toda semana recebia uma carta de alguém com algum dinheiro. Por esses motivos diz que nunca vai deixar de ajudar e de fazer o que pode pelos outros.

Há três semanas eu acompanhava as atividades no CCI diariamente, já estava no final de agosto de 2010. Dona Socorro sentou-se ao meu lado enquanto esperava a Kombi sair, já com sua bolsa a tiracolo. Sempre vaidosa,

ela usa os mesmos brincos coloridos e a faixa no cabelo ora é azul ora é branca. Neste dia era branca. E os óculos, que nunca estão nos olhos, mas sim apoiados sobre a testa. Dona Socorro tem setenta e um anos e mostra bastante disposição. Olhava as mulheres bordando e me contava que também costura à tarde, em casa. Conta que não gosta é de *“vender tapetes e coisas assim”*, e ver que as pessoas não cuidam. *“Eu tenho os meus, que se tu vê tu diz que nunca foi usado de tão limpinho e branquinho que são”*. E me contou então como fazia para lavar. A filha também ajuda muito, *“lava bem que só vendo e também cozinha, mas não presta para limpar uma casa”*. Ela diz que ela mesma *“não presta para esses negócios de limpar casa”*, que gosta mesmo é de trabalhar na agricultura, de plantar, limpar e capinar. Hoje, porém, já não tem nem horta, porque o terreno é muito pequeno, e diz que se tivesse mais espaço cultivaria uma horta. Há três anos deixou de ir à roça, quando o marido adoeceu.

Contou que a última vez que foram ao interior, onde ela e o marido possuíam um sítio, o marido disse que *“não ia mais prestar. Dito e feito!”* Ela acabou o serviço, já que faltavam só mais dois pés de guaraná para colher e então foram para casa. O marido nunca mais conseguiu trabalhar e meses depois faleceu.

Dona Socorro tirou da bolsa um saquinho plástico, e de dentro dele começou a tirar papéis para me mostrar. Primeiro quis mostrar-me a foto do marido. Na foto havia o marido e a filha, no dia da formatura do curso de computação da filha. Dizia-me que o marido era muito jovem, que partiu novo demais e que sentia muita falta dele. Depois me mostrou a caderneta com a anotação da pressão arterial medida duas vezes ao mês pelo educador físico. E, por fim, um papel que havia ganho no posto de saúde com ‘Dicas para Hipertensos’ e ‘Dicas para Diabéticos’ e disse que ainda não tinha conseguido que o neto lesse para ela, pois devido aos problemas de visão não conseguia ler sozinha. Perguntei se ela queria que eu lesse para ela e ela respondeu que sim. Li as dicas, as quais ela ia comentando comigo. Disse que tinha passado a tomar bastante água, como indicava uma das prescrições a serem seguidas depois que foi ao médico. Nesta ocasião, o médico disse a ela que deveria tomar muita água para o corpo não secar. Desse modo, hoje dona Socorro diz

tomar muita água, pois ela não quer que, quando adoecer, o corpo esteja seco e demore mais a curar.

Dona Francisca e seu Manoel conheceram-se frequentando o CCI. Eles namoram há alguns anos, mas contou que infelizmente não estava dando certo desde que decidiram morar juntos. Estavam morando juntos há quinze dias apenas, mas ela ficaria lá somente até sua nora ter bebê, já que ela se mudou para a casa de seu Manoel com o filho e a nora. As coisas não iam bem entre eles porque seu Manoel morava com o filho e o neto, e segundo dona Francisca, os dois não respeitavam seu Manoel. Dona Francisca diz que não quer ver isso. Diz que todos, exceto o filho e o neto de seu Manoel, dividiam tudo, a comida e as despesas e os dois não colaboravam com nada e ainda queriam que a comida estivesse preparada quando voltavam altas horas da madrugada da rua. Dona Francisca tem 58 anos e seu Manoel 80. Dizia ela que gostava demais de seu Manoel, mas que quando este a convidara para morar com ele havia dito que morava sozinho, e assim como as coisas estavam ela não queria. Dizia que era uma pena não ter dado certo, mas que Jesus sabia o que fazia.

Seu João frequenta o CCI com a esposa, dona Domingas, que participa da aula e segundo ele, *“fala, fala, fala essa mulher”*. Fiquei feliz em saber que eles são um casal. Dona Domingas é muito extrovertida e seu João é mais calmo, os dois são muito companheiros, casados há mais de cinquenta anos. Seu João tem setenta e poucos anos, como ele mesmo diz enquanto joga dominó, utilizando-se de sementes para somar os pontos, e me explica as regras do jogo. Contou-me que moram só ele e dona Domingas e que frequentam o CCI há muito tempo. Eles têm filhos, mas nenhum mora com eles.

Após um mês em Maués conheci dona Carolina. Ela mora próximo à casa de dona Isabel. Quando passamos em frente a sua casa para buscá-la, o marido, que estava na janela, gritou que *“ela já estava lá adiante”* esperando na casa de dona Isabel. Dona Zila, ao meu lado na Kombi, comentou que o marido de dona Carolina não gosta que ela vá ao CCI e dona Sebastiana complementou dizendo que *“porque ele é sem-vergonha pensa que ela também é”*.

Dona Carolina é muito querida, carinhosa, daquelas que seguram a mão e abraçam bastante enquanto conversa. Ela tem noventa e um anos, é magra e muito bonita, tem o cabelo pintado, e na ocasião usava uma presilha de flores verdes e um brinco dourado. Disse-me que não tem nenhum problema de saúde, só as varizes que incomodam um pouco. Por conta disso, usava uma meia em uma das pernas para proteger o curativo em uma ferida provocada pelas varizes. Esta ferida, segundo ela, fazia quase um ano que estava assim e que só tem usado o remédio que o médico indicou, ainda não tentou remédio caseiro, mas não estava dando resultado.

Dona Carolina casou-se com vinte nove anos e tem quatro filhos. Um deles, Joaquim, mora em Maués, dois moram em Manaus e outra filha mora em Borba, município a oeste de Maués. Ela conta que a filha que mora em Borba já construiu uma casa no fundo do quintal, para ela e o marido se mudarem também para Borba, uma vez que já estão com a idade avançada e assim ficariam perto da filha. Dona Carolina, porém, diz que não quer ir, uma vez que não se acostumaria a outra cidade que não seja Maués.

O marido de dona Carolina era seringueiro, ao passo que ela trabalhava em casa cuidando dos filhos. Antes de casar-se, trabalhava na roça, colhia guaraná, macaxeira, fazia farinha, enfim, trabalhou muito. Por isso, quando começou a frequentar o CCI disse que não iria trabalhar com nada de artesanato porque já havia trabalhado muito na vida. Quando se mudaram para a cidade, a fim de proporcionar estudo aos filhos, o marido ficava até um mês no mato extraíndo o látex e ela trabalhava cortando pedra para fazer calçada. Assim criaram os quatro filhos.

Contou-me que gosta muito de ler a Bíblia, e como não consegue ficar parada, o marido diz em casa ela parece uma barata porque está sempre de um lado para o outro limpando alguma coisa. Disse que em uma das visitas que fez à filha, ela leu toda a Bíblia, o Antigo e o Novo Testamento, em apenas sete dias. Para ler ela usa óculos, e conta que chorou muito há tempos atrás quando não conseguia enxergar para ler, depois tudo se resolveu. Dona Carolina nunca frequentou a escola, aprendeu a ler *“com um e outro por aí”*, tinha um tio que era professor e foi ele quem começou a ensiná-la.

Ela frequenta o CCI há muito tempo, mas não vai diariamente. Como moram somente ela e o marido, tem o auxílio de uma pessoa para fazer a limpeza.

Perguntou de onde eu era, e quando eu disse que era do Rio Grande do Sul, ela citou o nome de vários municípios que ela conhece no Estado. Contou também que ela e o marido nunca tiveram muito dinheiro, mas graças a Deus nunca pediram nada para ninguém, sempre tiveram dinheiro para comer e viajar. Os dois gostavam muito de passear e se hoje o marido *“é meio preguiçoso”*, é porque já trabalhou muito na vida. Falou que já fez três viagens para a Bolívia, não até a capital, só nas cidades próximas da divisa. De Manaus até Porto Velho são cinco dias de barco, depois seguiam até a Bolívia de ônibus. A última ida foi em 2007. Conta que tem uma sandália que guarda até hoje de lembrança. *“Lá era muito bom comprar as coisas, porque eram bem mais baratas, iam com pouco dinheiro, mas quando trocavam rendia bastante”*.

Após as atividades encerradas e depois de cumprir a tarefa que eu me atribuíra diariamente, de auxiliar na arrumação das cadeiras dentro do salão, sentei-me com seu Nonato enquanto ele esperava sua vez na kombi. Ele segurava, além da pasta com o material escolar porque ele faz parte da *“turma da Leny”*, ou seja, da aula, uma muda de folhagem com a raiz, dentro de uma sacola. Falou-me que ia plantar num vaso em casa, para decorar, porque gostava muito de plantas. Disse que o quintal seu era pequeno, quase todo cimentado, mas que poderia até colocá-la na sala já que era tão bonita.

Seu Nonato tem setenta e nove anos, absolutamente não aparenta essa idade e ele disse que todas as pessoas se impressionam quando ele fala. Ele é pai da coordenadora do CCI, Janice, que estava afastada porque trabalhando na campanha política. Seu Nonato frequenta quase que diariamente o CCI desde o início de 2010. Antes vinha só de vez em quando. Ele é casado, mas sua esposa não vai ao Centro porque fica em casa cuidando da mãe que tem cem anos e está acamada. Seu Nonato e a esposa tiveram quinze filhos, mas apenas doze sobreviveram. A sogra ajudou a cuidar dos filhos e ele diz que os médicos sempre ficam admirados de ver como ele e a esposa cuidam dela. Seu Nonato é cearense e veio para o Amazonas com vinte e dois anos para trabalhar na extração de látex. Considera-se mais amazonense que cearense. Aqui encontrou a esposa e casaram-se.

Seu Nonato diz que conhece a maioria dos frequentadores do CCI desde seu tempo de juventude. Diz que nunca foi de beber e nem de fumar, por isso acha que se conserva forte. Gostava apenas de dançar. A esposa e ele dançavam bastante. Hoje em dia ele não dança, disse que não sabe mais dançar. Mesmo no CCI ele não dança, mas ressalta que não é porque sua esposa não o acompanha, porque ela não é ciumenta e sabe que no CCI estão entre amigos.

Conta que quando criança, lá no Ceará, comia muita rapadura e leite de cabra e atribui a essa alimentação seu bom estado de saúde. Não gosta de ir ao médico, *“porque se a gente vai com uma doença sai de lá com vinte, se a gente fizesse tudo o que o médico quer a gente morria”*. Seu Nonato não tem problemas de saúde, *“às vezes um resfriado só”*. A kombi chegou e seu Nonato partiu, não sem antes me contar, que tem um filho padre que mora na África e que faltam ainda dois anos para ele voltar para o Brasil, enquanto isso ele mata a saudade por telefone, mas as preocupações não diminuem e diz que não consegue nem imaginar como pode ser difícil a vida de seu filho.

Sentadas à mesa que Lucia coordena, dona Francisca B conversava com Lucia e mais uma senhora, sobre a neta, que *“já tem um peito muito*

grande e umas cadeiras largas assim ó” (indicando o tamanho com a mão) que *“já estava perdida”* e que dizia essas coisas porque enfim já tinha experiência. Reclamava do namorado da neta que já entrava até na cozinha e que da cozinha até o quarto seria um passo. A outra senhora então contou que no tempo dela o namorado ia à sala, a sala era o limite que ele poderia chegar. Dona Francisca B então completou dizendo que já havia dito para o namorado da neta que lá não era motel e que aquela casa era dela, era só emprestada para a neta e a família da menina, e que ela tinha o direito de mandar lá.

Dona Francisca B narrava a história da neta querendo enganá-la para que ela não descobrisse que seus dois filhos eram de pais diferentes. Dona Francisca havia questionado o porquê dos netos serem diferentes na cor da pele e a neta respondeu-lhe que na gravidez do primeiro havia tomado *“três garrafas de magnésia”* enquanto no segundo não tinha tomado nenhuma e por isso a criança nascera com a pele mais escura. Dona Francisca ao final do relato: *“Me engana que eu gosto”!*

Dona Tereza, muito animada e disposta com seus quase oitenta anos ria, tanto que algumas vezes sofre represálias de Marlene: *“afinal ela precisa se comportar como uma evangélica”*, ria das narrativas de dona Francisca B e contava que na sua casa também passava por situações bem parecidas com sua neta. Dizia ao mesmo tempo, que pensava que a neta deveria aproveitar essa fase da vida, e diz que quando a neta sai para as festas ela sente até mesmo inveja, porque lembra da juventude, que ela bem soube aproveitar, *“sem fazer nada de errado não, só dançava, gostava de dançar que só”*.



Imagens 53, 54, 55 e 56: Dona Teresa. Maués, agosto de 2010.

Falava-se sobre namoro na mesa do artesanato e dona Zila então contou do dia em que ouviu a vizinha reclamando do relacionamento da filha e do namorado, enquanto a filha gritava para a mãe que eles só estavam ficando. Dona Zila diz que ficou intrigada com aquilo de “ficar” e até não descobrir o que era não sossegou. Todas riram bastante com a história e dona Cândida comentou comigo que “*essas mulheres só pensam em namorado, em namorado*” e me contou ainda que a maioria das mulheres à mesa era viúva.

Enquanto esperávamos a nossa vez ficamos todas - Lúcia, dona Zila, dona Creuza e Leny - ouvindo dona Matilde falar do namoro com seu Cobra. Seu Cobra não havia comparecido hoje. Lucia contou-me que eles não moravam juntos porque a família dela não deixou, e dando sua opinião sobre o fato, disse que achava que era porque “*sabe como é, homem quer todos os dias e acho que ela já não aguenta*”. Dona Matita, como carinhosamente

Matilde é chamada no CCI, disse que eles namoram há seis anos e que já não estão assim tão juntos, mas quando se encontram ele não larga ela.

Seu Samuel ficou famoso no CCI quando, ao participar da pesquisa sobre o consumo de guaraná e longevidade, contou que tinha 40 filhos. Foi um espanto geral! A assistente social perguntou quantos filhos ele tinha e quando este respondeu, ela não conseguiu disfarçar a surpresa e falou: “*O que??? Quarenta filhos seu Samuel?*” Acho que ele próprio se assustou! Para completar a graça da história, uma senhora muito espontânea, que se encontrava sentada próxima a eles, disse: “*é verdade mesmo, ele era muito bom*”. O riso foi geral e ela imediatamente pôs-se a rir também escondendo o rosto envergonhado atrás das mãos. Seu Samuel teve três mulheres, mas não sei se são apenas as três que são as mães dos quarenta filhos.

Diariamente, meia hora antes da primeira partida da kombi para levar os idosos a suas casas, é colocada a música no salão, indicando que está feito o convite para formar os pares e iniciarem as danças. É nessa hora que seu Sabá deixa o jogo de sinuca e entra no salão. Ao mesmo tempo, dona Isabel e dona Zila abandonam a mesa onde faziam seus artesanatos e, juntamente com seu Milton, dona Zenaide e dona Matilde, se preparam para começarem as danças. Entre os homens, seu Sabá é o mais requisitado. É nesse momento também que se iniciam as jocosidades entre as mulheres, com insinuações da formação de possíveis casais para além da pista de dança do Centro.

Dona Zila e dona Sebastiana não dançam com homens no CCI, dona Zila diz que é porque nenhum deles lhe interessa, além do mais, no seu tom jocosos habitual, diz que todos lá já estão “*compromissados, basta tomar coragem para se declararem, olha a Isabel e o Sabazinho*”. Dona Sebastiana, por sua vez, diz que “*não gosta disso*”, que não dançava nem com o marido quando ele era vivo e que agora, “*depois de velha*”, continuava sem vontade de dançar com os homens, e não queria dar a impressão que estava procurando

alguém porque não é verdade. Também não queria ser motivo das piadas de dona Zila. Como há mais mulheres do que homens que se dispõem a dançar, a maioria dos pares são mesmo formados entre as mulheres.



Imagem 57: Seu Sabá e dona Maria. Maués, agosto de 2010.

Imagem 58: Seu Atinoel e dona Neuza. Maués, setembro de 2010.

Imagem 59: Seu Milton e dona Zenaide. Maués, agosto de 2010.

Imagem 60: Dona Sebastiana. Maués, agosto de 2010.

Imagem 61: Dona Zila. Maués, agosto de 2010.

Imagem 62: Seu Sabá e dona Isabel. Maués, agosto de 2010.



Imagem 63: Dona Isabel, dona Creusa e dona Sebastiana olhando uma revista de bordados. Maués, agosto de 2010.

Imagem 64: Dona Sebastiana, dona Neusarina e dona Joana na mesa do artesanato. Maués, agosto de 2010.

Imagem 65: Dona Neusarina. Maués, agosto de 2010.

Imagem 66: Detalhe do trabalho de dona Sebastiana. Maués, agosto de 2010.

Imagem 67: Dona Joana. Maués, agosto de 2010.

Imagem 68: Dona Antonieta. Maués, agosto de 2010.



Imagem 69: Dona Zenaide. Maués, outubro de 2010.
Imagem 70: Dona Amélia. Maués, setembro de 2010.
Imagem 71: Seu Samuel e seu Bento. Maués, setembro de 2010.
Imagem 72: Seu Pedro e seu Samuel. Maués, setembro de 2010.
Imagem 73: Seu Pedro e seu João. Maués, setembro de 2010.
Imagem 74: Seu Pedro. Maués, setembro de 2010.
Imagem 75: Seu João. Maués, setembro de 2010.
Imagem 76: Seu Sabá. Maués, setembro de 2010.



Imagens 77, 78 e 79: O jogo de cartas. Maués, setembro de 2010.
Imagens 80, 81 e 82: O jogo de dominó. Maués, outubro de 2010.

Os jogos no CCI reúnem homens e mulheres, no entanto, enquanto elas participam de outras atividades, os homens acabam se restringindo aos jogos,

salvo exceções daqueles que frequentam os cursos de alfabetização e, por este motivo, dividem sua manhã entre as duas tarefas.

Muitos dentre eles se conheceram no CCI e criaram relações de amizade para além do espaço do Centro, especialmente quando “descobrem” que não moram muito longe, que possuem filhos que trabalham juntos ou netos que são colegas de escola, fortalecendo assim relações de amizade.



Imagem 83: A “mesa do artesanato”. Maués, agosto de 2010.

Imagem 84: A “mesa da conversa” sendo preparada para a “hora da merenda”. Maués, setembro de 2010.

Imagem 85: Dona Francisca e dona Teresinha. Maués, agosto de 2010.

Imagem 86: Dona Zenaide, seu Paulo e dona Carolina. Maués, agosto de 2010.

Imagem 87: Dona Neusa. Maués, agosto de 2010.

Imagem 88: Dona Teresinha. Maués, agosto de 2010.



Imagens 89, 90 e 91: Espaço das aulas de alfabetização. Maués, setembro de 2010.
Imagens 92 e 93: Mural com as imagens que eu havia realizado em 2009. Maués, agosto de 2010.

3.2 Práticas Religiosas

A religiosidade completa, enquanto categoria unânime entre os interlocutores, o círculo das práticas que constroem os longevos. Para eles, de nada adianta ter cuidados alimentares e manter-se ativo se não há fé em Deus, aproximação mais que recorrente entre os longevos para tratar do seu sistema de crenças no sentido “sagrado”, “de que se tece a área do valor auxiliador” e, como desde Max Weber podemos empreender, o reconhecimento da força encompassadora das intrínsecas formas da salvação moderna, (Dias Duarte, 1983: 5 e 27). A sociabilidade e a religião se associam na manutenção dos valores familiares e de respeito ao outro, nos quais devem se basear as relações. As dificuldades na vida foram ultrapassadas, segundo eles, porque nunca deixaram de acreditar em Deus. Quando refletem sobre suas vidas, veem a longevidade igualmente enquanto um presente divino, e que nem sempre o caminho fácil, pois é preciso enfrentar a morte dos familiares, as

doenças e as dificuldades em geral, comuns à vida de todos. A crença, no entanto, faz com que os problemas possam ser superados.

3.2.1 Religiosidade e sociabilidade

Ao lado dos benefícios do engajamento para as crianças no grupo na Pastoral, Maura, Lúcia, Bezoneth e Francisca falavam-me da importância desse trabalho para os idosos. Segundo elas, a participação de dona Amélia e de dona Sebastiana nos encontros semanais proporcionava também uma oportunidade a mais para se sociabilizar e participar na sociedade. Como o trabalho era desenvolvido com crianças, elas teriam também a oportunidade de ensinar, de transmitir seus conhecimentos, visto que as duas são excelentes nos trabalhos manuais. Dona Amélia ia aos encontros acompanhada da neta, o que era visto entre as participantes, como uma forma eficaz de estreitar os laços entre elas.



Imagens 94 e 95: Reunião da Pastoral da Criança. Maués, agosto de 2010.

Antes de iniciarmos a oração fiquei conversando com dona Dulce. Foi a primeira vez que a vi no CCI. Disse-me que anda afastada por causa de um braço que lhe dói e porque passa muito tempo em Manaus: *“eu me preparo, porque eu não posso ser essas mulheres do interior, meus filhos em Manaus são da sociedade”*. Apontou na direção de dona Zenaide M. dizendo que ela

tinha quase cem anos, mas mentia que tinha setenta e poucos porque já estava caduca. Dona Dulce tem oitenta e dois anos. Contou-me que é lá da paróquia de São Francisco, que ajuda bastante lá. As igrejas são um forte marco de referência. Os idosos falam de Deus bem mais do que de guaraná. Enfim, dona Dulce conta que os padres gostam muito dela e as irmãs religiosas também porque ela é muito inteligente, ela reza, explica a Bíblia e dá a sua opinião nas reuniões.

Dona Dulce contou que toca violão e canta, mas agora está impossibilitada de fazer essa atividade porque está com dor no braço direito. Aprendeu a tocar violão sozinha, pois na família de seu pai todos sabiam tocar. Contou-me que tem parentesco com o prefeito de Parintins, que as duas filhas são professoras e uma é casada com um empresário. Tem um filho que mora em Maués e os demais em Manaus. *“Todos estudados e frequentadores da sociedade”!*

Quando ela vai para Manaus precisa *“estar apresentável”* para frequentar os mesmos lugares que suas filhas frequentam. Dona Dulce diz que passa parte do ano em Manaus com as filhas, que *“são donas de apartamento e tudo”*. Ela diz que nunca trabalhou fora, que era só seu marido quem trabalhava com comércio, enquanto ela ficava em casa cuidando dos filhos, mas que é *“estudada e bastante inteligente”*.

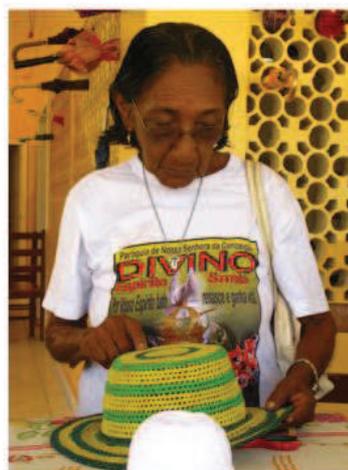


Imagem 98: Dona Dulce com a camiseta de uma festa religiosa. Maués, setembro de 2010.
Imagens 96 e 97: Preparação e celebração de culto religioso no CCI. Maués, outubro de 2010

Sempre era Lucia quem convocava a todos para entrar no salão e aguardar o início da oração. Quando chegou a irmã Maria, Lucia nos apresentou e irmã Maria contou-me que estava em Maués há cinco meses, tendo nascido em Santa Catarina.

Após todos entrarem no salão, eram aproximadamente sessenta idosos, Lucia deu início à celebração. Ela fez uma oração acompanhando um livreto e após passou a palavra para a irmã Maria. Esta por sua vez convidou a todos para cantar um hino. Começamos com o canto 'Maria de Nazaré'. Após fez uma oração e deu-se início a reza do terço. Lucia solicitou aos idosos que fossem rezar cada dezena, no total são cinco dezenas, que se aproximassem do local onde ela estava. Todos sentaram-se para rezar o terço. As três primeiras dezenas foram rezadas por homens. O segundo deles, seu Cacau, "*antigo irmão-mariano*", permaneceu em pé enquanto rezava. Após os três homens rezarem, Lucia solicitou que outras pessoas se apresentassem para dar continuidade, então seguiram-se duas mulheres. Pareceu-me que o terço é 'puxado' sempre pelas mesmas pessoas, em especial, claro, me refiro aos três senhores. Cada qual segurava seu terço, além deles algumas outras mulheres também possuíam terços entre os participantes.

A irmã Maria já estava pronta para o início das rezas, enquanto os idosos chegavam ao CCI nas terças-feiras, dificilmente ela se atrasava. Certo dia rezamos a novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Depois a irmã falou aos idosos acerca do mesmo tema da terça-feira anterior: preparação para a morte! A primeira vez que a ouvi fiquei muito impactada, neste dia fiquei observando melhor enquanto ela falava e ponderei a surpresa pelo tema. Algumas senhoras conversavam entre si e riam, outras olhavam ao longe, enfim me pareceu que muitas das pessoas que estavam lá não prestavam tanta atenção assim às palavras dela. Neste dia a irmã também estava um pouco atrapalhada, confundia-se bastante enquanto lia a oração e enquanto falava, o que também virou motivo de risos enquanto ela mantinha-se muito séria. Quando falou "*é mais fácil um camelo entrar no reino do céu*", querendo utilizar-se do provérbio "*é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino do céu*" foi a gota d'água. Em pequenos grupos as senhoras puseram-se a rir.

Djalma me falou que o momento religioso para eles é muito importante e que eles são muito apegados aos valores religiosos, que eles gostam e participam. Disse-me ele que além da religião católica, as demais também são respeitadas, que eles procuram fazer desse momento religioso não uma exclusividade para católicos, mas sim respeitando também os idosos de outras religiões, que são em bem menor número. Durante o período que observei, não percebi nenhuma atividade que não fizesse parte de uma celebração católica, inclusive pela presença da irmã Maria, assim como do terço e das orações católicas.

Na metade da reza do terço chegou a irmã Nete, irmã do Djalma, que voltou a Maués depois de três anos na África realizando sua missão evangelizadora. Ao final da celebração ela falou um pouco aos idosos sobre sua experiência na África e do quanto *“eles são atrasados em relação aos brasileiros no culto de deuses e no apego a religiões tradicionais e feiticeiros ao invés de aterem-se a Deus e a meios mais científicos de cura”*. Após a reza do terço, irmã Maria mencionou uma passagem da Bíblia que falava da preparação para a morte. Depois disso, Lucia agradeceu publicamente a visita da irmã Nete, evidenciando a satisfação e o orgulho dos idosos de Maués em recebê-la, e o grupo foi se dispersando. Um grupo foi para o ‘canto do saber’, outro para o artesanato, alguns senhores foram para o jogo de dominó, outro grupo foi para o fundo do quintal estudar a Bíblia com a Marlene e outro grupo ficou na mesa conversando.

Marlene coordena o grupo que estuda a Bíblia e pertence a outras religiões. Ela é Adventista do Sétimo Dia. Marlene pediu para eu sentar lá com ela, depois do encontro do grupo, e então me contou sobre seu trabalho. Falou de Deus e da importância do apego a ele, falou da Igreja e da sua dedicação

diária após ter feito um 'propósito com Deus': se sua filha fosse curada de uma doença que os médicos não estavam dando conta, ela faria grupos de estudo da Bíblia. Com isso mantém-se ocupada todas as noites. À tarde dedica-se a horta que tem em casa e que cultiva para consumo próprio e também para venda dos produtos.

Contou-me que já curaram, com orações, um idoso que já não ouvia mais, e que também faz um trabalho com três deles para tirá-los do alcoolismo. Contou que no Dia dos Pais visitou um dos idosos que mora sozinho e foi levar-lhe um presente, mas viu que ele havia bebido e comentou que o bom mesmo seria se ele casasse, dando inclusive a sugestão de quem deveria ser a esposa, uma das senhoras frequentadoras do CCI. Marlene dedica-se efusivamente a sua "*missão evangelizadora*" e finalizou dizendo que devemos nos apegar em Deus e que Deus é um só.

Depois da oração sentei-me à mesa ao lado de dona Antonieta, que estava risonha e bem disposta como sempre. Chamou atenção de todos na mesa para falar. Então começou a contar que na vida ela tinha um problema com Deus, que era não conseguir perdoar seu ex-marido. Começou a narrar de onde vinha a impossibilidade dela em perdoá-lo. Dona Antonieta casou-se com Seu Expedito aos dezenove anos. Um ano depois veio o primeiro filho e seguido deste, mais dez, mas somente nove filhos sobreviveram. Conta que nenhum dos filhos que teve o marido admitia ser seu. Sempre arrumava um homem para dizer que era pai de seus filhos, mas dona Antonieta diz que todos foram fruto do seu casamento com Seu Expedito.

3.2.2 O *ethos* religioso

Dona Amábile tem noventa anos. Viúva, mora atualmente em Nova Prata (RS) com a filha mais nova, e ao lado da casa de um de seus nove filhos.

Dois filhos, gêmeos, faleceram ao nascer. No primeiro encontro com dona Amábile, ela havia recém comemorado os noventa anos, em maio de 2009 e emocionada relatava a missa que teve em sua homenagem na Igreja de Vila Flores⁵⁰ e que fora rezada por um sobrinho. O evento reuniu os filhos e suas famílias. Para ela, foi uma surpresa maravilhosa, que ela não esperava que os filhos fizessem. Diz que sempre foi muito católica, sempre acreditou muito em Deus, e que se teve *“forças de chegar até aqui foi por Deus”*. Conta que antes de ficar doente ia para a missa sozinha ou com a filha, quase que diariamente, porque a Igreja Matriz não fica tão longe, assim também aproveitava e fazia uma caminhada diária como exercício. Agora doente, vai à missa apenas uma vez por semana, aos sábados, quando algum filho a acompanha, normalmente o que mora ao lado de sua casa. *“Durante a semana é a filha que vai em meu lugar”*.

Dona Amábile encontra-se bastante doente, toma diariamente remédios para diabetes, hipertensão, contensão urinária e depressão. Sua neta, que acompanhava a entrevista, explicou que há pouco tempo surgiram muitos problemas, que antes a avó era bastante independente, ia à missa caminhando, recebia a aposentadoria sozinha no banco entre outras atividades, mas há alguns meses, desde fevereiro de 2010, já não fazia mais nada disso. Sai de casa apenas uma vez por semana para ir à missa acompanhada do filho e de carro. Dona Amábile não dispensa a sesta após o almoço, e alegra-se contando que quando sai da cama a primeira coisa que faz é ler um pouco a Bíblia, pois mesmo com todos os problemas de saúde ainda consegue ler. No tempo livre que lhe sobra, diz que costuma rezar. Durante todo o tempo que conversamos, o terço permanecia em cima da mesa ao lado de onde estava sua poltrona.

⁵⁰ Vila Flores é uma pequena cidade que fica entre Nova Prata e Veranópolis, distante aproximadamente dez minutos de cada um desses municípios.

Em Veranópolis, dona Eva, que foi casada com seu Adão, era a única interlocutora frequentadora de uma igreja neopentecostal. Dona Eva assiste aos cultos e é batizada na Igreja Assembleia de Deus. No início, um de seus filhos converteu-se com ela, mas agora ele já não vai mais à Igreja. Como é bem quista por todos, o próprio pastor ou alguém que ele nomeia, se encarrega de buscar dona Eva para participar dos cultos ao menos uma vez na semana. Durante o inverno, porém, ela não vai todas as semanas, pois o culto que ela costuma assistir é aos domingos à noite, e como termina muito tarde o frio a deixa intimidada para sair. Outro motivo alegado por dona Eva que a fez diminuir as idas à Igreja, é que não tem gostado dos apelos constantes do pastor para o pagamento do dízimo, *“a é Igreja é de Deus e ele não quer o nosso dinheiro, quer é a nossa fé”*. Dona Eva disse que é bem mais feliz agora que é *“crente, como chamam os evangélicos”*, mas que é difícil os filhos entenderem. Gostaria que todos participassem da mesma Igreja, mas ela não insiste, pois, *“cada um tem sua escolha”*, porém não deixa de orar por eles.

Os últimos dois anos têm sido difíceis para vó Talita, que está com alguns problemas de saúde que a fizeram mudar de rotina e de hábitos que tanto lhe fazem falta. Antes viajava quase que mensalmente para Porto Alegre a fim de passar uns dias com os filhos. *“Ficava na casa da filha, a Stelita, que tu conheces, sabe onde mora, aí na Fernando Machado, um pouco pra lá do Zafari, aí o Carlos me visitava lá mesmo”*. Hoje restringe-se a ficar em casa, com pequenas visitas *“às amigas que ainda estão vivas”* em Veranópolis. Conta sobre essas visitas dizendo que parte dessas amigas acabaram transferindo-se ou sendo transferidas para uma casa de longa permanência que há na cidade, *“Nova Prata ainda não tem isso, mas acho que logo vão fazer, já tem o Asilo Monsenhor Zanettini”⁵¹*. Reporta-se a lembrança das

⁵¹ O “Asilo Monsenhor Sydnei Zanettini” é resultado de um projeto elaborado por um antigo padre da cidade, que dá nome a casa, e que com ajuda comunitária foi concretizado há alguns meses com o intuito de promover aos idosos da cidade um espaço, inicialmente, de encontro, atividades e lazer durante o dia, mas com expansão prevista para tornar-se uma casa de longa permanência.

amigas com uma expressão melancólica no rosto e oscila as falas entre a tristeza que elas devem sentir pela ingratidão dos filhos e a alegria de conviverem com seus pares, com as amigas e pessoas com a mesma idade, os mesmos assuntos e preocupações, e sem medo da solidão. Quem acompanha vó Talita nesses passeios são suas duas netas, oportunamente quando uma delas está de férias do trabalho ou *“consegue uma folguinha”*. Infelizmente, por causa da saúde agora bastante abalada, ela prefere não sair de casa, diz que sente muito cansaço e medo que lhe aconteça alguma coisa e sabe que quando fica doente, os filhos e a nora que moram no piso de baixo ficam muito preocupados, e não quer que eles tenham mais afazeres por conta dela.

Para casar-se com vó Talita, seu Guilherme teve que converter-se. Essa foi a exigência da noiva. Disse que não se casaria com ele se ele não se tornasse católico. Seu Guilherme era luterano mas para casar-se batizou-se e crismou-se na Igreja católica. Vó Talita conta orgulhosa o feito do noivo para casar-se com ela.

Ela é *“devota do Pai Eterno”*, acompanhando diariamente a novena por uma emissora de televisão. *“Eu rezo por toda a minha família todos os dias e continuo rezando pelo teu pai também, tenho certeza que vou ser atendida, mas diz para ele acreditar e rezar também, é todos os dias cinco da tarde”*. À Igreja já não vai mais com frequência, mas reza todos os dias, como fica em casa sozinha lhe resta bastante tempo livre, como ela mesma diz, e à noite disse que também já não dorme bem, acorda várias vezes e então reza esperando o sono voltar.

Em uma das tardes que passei com vó Talita, no final do outono chuvoso de 2009, ela me recebeu pela porta principal. A casa estava com as janelas fechadas e na sala pouco iluminada vó Talita falava da vida sofrida em contato com a doença e a morte.

Acompanhou a doença do marido - diabetes e outras complicações - durante anos cuidando dele em casa, *“nos últimos tempos dormia em uma cama daquelas de hospital”*, contava que ele nunca admitira a condição de doente, o que dificultava ainda mais os cuidados com sua saúde.

Mas o que mais fragilizou vó Talita foi a doença do filho. Ele era militar, morava em Porto Alegre e um dia, voltando para casa depois do trabalho, quando era ainda jovem, recém-casado e sem filhos, foi atropelado ao descer da lotação. Depois de alguns dias hospitalizado, aparentemente estava tudo bem, no entanto as complicações por causa do acidente foram aparecendo aos poucos. Ficara com problemas motores, já não pode mais trabalhar e sua companheira não quis continuar casada com ele. Retornou para a companhia e cuidados da mãe. Nessa época vó Talita cuidava do marido e também do filho, os dois acamados em casa. Sofria vendo os dois morrendo aos poucos, especialmente o filho, jovem e deprimido, que havia sido deixado pela esposa. Os dois faleceram e então ela se viu sozinha na casa.

Preocupou-se muito também com o alcoolismo de outros dois filhos, *“um mais controlado, mas o outro me preocupava muito porque ele sempre trabalhou com caminhão, eu tinha medo de acidente”*. Foram longos anos de tratamentos e tentativas para fazer com que o filho parasse de beber, e no mesmo mês em que deixou de beber faleceu em um acidente de trânsito. Essa perda foi a que mais marcou vó Talita. Perdia mais um filho, por quem ela havia lutado e rezado tanto para que deixasse o alcoolismo. *“Bem, tu sabes do que estou falando, tua vó também deve ter sentido a mesma coisa quando perdeu o filho, mas ela perdeu um só, já eu, perdi dois em pouco tempo”*.

Após essa narrativa, e aproximando-se o final da tarde vó Talita, convidou-me para tomar o café da tarde. Disse-me que sempre faz um lanchinho com pão, queijo e doces por volta de dezessete horas, antes do início da transmissão da novena preferida, que ela assiste pela televisão. Enquanto lanchávamos ela concluía: *“tu vê só né, eu sofri tanto, fiz tanta coisa, trabalhei muito e estou aqui, um pouco doente, mas com noventa anos, sempre acreditei muito em Deus e rezei por toda a minha família”*.

As atividades religiosas são uma prática de toda a família de Inês e Matilde. Elas relataram que a localização da casa em que moravam em Lajeado era no caminho de muitas outras localidades, sendo que tanto

viajantes como padres passavam muito por lá. Os padres que passavam ou que estavam na comunidade ou arredores tinham o costume de pernoitar na casa da família delas e assim foi-se criando uma proximidade maior com os religiosos. O pai delas também participou muito das atividades religiosas da comunidade. Como gostava de cantar, ele era o responsável pelo coral que cantava nas missas e cultos. E também, segundo elas, muitas vezes ele conduziu velórios: *“quando tinha alguém mal, quase morrendo, papai era logo chamado e às vezes, fazia velório, cantava, rezava e até encomendava a alma”*. Os pais são importantes referências na religiosidade e no gosto pelos cuidados da terra que Matilde mantém.

As duas se disseram bastante religiosas também, mesmo não se tornando freiras como as outras três irmãs. Dizem que rezam diariamente e aos domingos participam da missa ou da celebração no bairro. Antigamente iam até o centro da cidade para a missa aos domingos, *“mas com a idade a gente sente”*, dizendo que esse trajeto de quase vinte minutos de caminhada tornou-se cansativo. Elas residem no bairro Renovação, que fica ao lado esquerdo da rodovia no sentido Veranópolis – Porto Alegre, a parte mais nova da cidade. Na estante há várias imagens de santos e de Jesus Cristo e uma fotografia de uma das irmãs freiras cumprimentando o Papa João Paulo II, na oportunidade que esta teve de visitar a Itália. Mostraram-me com orgulho a fotografia. Na época em que moravam em casa com os pais, dizem que a reza do terço era diária e em família, assim como a oração antes das refeições.

Matilde diz que *“a fé move montanhas”*, acredita firmemente nisso e considera a devoção importante demais para se manter uma boa vida. As duas comentam sobre a violência e o consumo de drogas e lamentam todos esses acontecimentos dizendo que isso já estava previsto nas profecias, livro este que uma prima leu e costumava dizer a elas que não queria estar viva após os anos 60 para ver essas profecias tornarem-se realidade. Ao mesmo tempo falam que nunca quiseram casar e que veem tantas mulheres sofrendo por causa dos maridos que nunca se arrependeram da escolha que fizeram: *“esses dias mesmo, passou um homem aqui na frente, que mora logo aí, meu Deus, ele ia cambaleando, chegou aqui, tirou a camisa, bateu com ela no chão e ficava falando, parecia que estava brigando com alguém, mas não tinha*

ninguém na rua, só pense:, gente imagina quando esse homem chegar em casa, a mulher, os filhos”, relata Inês.

Na casa de dona Joana os indícios da importância da religiosidade ou da fé, como os idosos costumavam referir-se às crenças, estão manifestados por toda a casa. Na sala, ao lado do quadro com a foto do casamento está um quadro que representa a santa ceia entre Jesus e os apóstolos. No quarto do casal, um crucifixo e um rosário pendurados na cabeceira da cama e ao lado, sobre o criado-mudo há uma Bíblia. Na cozinha, a fé manifesta-se em uma imagem de Jesus, logo abaixo, sobre a geladeira, repousa uma estátua com dois anjos.



Imagem 99: Imagem religiosa na cozinha de dona Joana. Veranópolis, fevereiro de 2010.

Considerações

Os valores poderiam ser atribuídos a qualquer geração, mas como a finitude do tempo é mais visível na velhice, a perpetuação desses valores e a transmissão tomam um espaço mais importante (França, 2009). As transmissões não se dão apenas em termos subjetivos, das experiências

biográficas, mas sim de conhecimento no dia a dia, como no domínio do que a natureza tem para oferecer. As relações desenvolvidas através das trocas indicam também prestígio e uma ampla rede de relações, que considera o passado, o presente e o futuro.

É presente no imaginário social a percepção que toda história tem princípio, meio e fim. Mesmo que essa estrutura seja usada na ordem inversa para contar uma história, em algum momento nos é apresentada a explicação para que haja entendimento, ligação entre os fatos iniciais e finais, que estão correlacionados. Além disso, a história estimula a intuição narrativa, inerente ao ser humano, que tem todas as características da tradição, ou seja, um depósito de dados que nos fornecem noções para a compreensão do tema tratado. No entanto, esse depósito é sempre novo, alimentado pela transmissão sempre viva, ou seja, um depósito reativado pelo ato de re-narrar uma história capaz de enriquecer a tradição com traços novos do tempo.

A viuvez para as mulheres que encontrei talvez seja a situação mais paradoxal de mudança de vida. A perda muitas vezes significou o fim do sofrimento e não o contrário. Dessas relações, por vezes duras, restam os filhos, o que dá o significado positivo do tempo de submissão. A memória do tempo de vida a dois reorganiza boa parte do estilo de vida cotidiana.

Como assinala Heitor Frúgoli Jr. ao tratar da obra de Georg Simmel sobre as formas de sociabilidade, em que a sociedade nasce nos processos de interação microsociológicos através dos quais se constituem associações dentro das quais os indivíduos que estão em interação têm a consciência disso, essa consciência é também uma das características marcantes do social, em que os indivíduos são conscientes das ações de reciprocidade entre si. “Não há coisa ou evento que tenha um significado intrínseco ou fixo, mas que emerge apenas através da interação com outras coisas ou eventos” (Frúgoli, 2007:11). A sociedade é composta não apenas por indivíduos, mas sim, indivíduos em interação. “Sem chegar a constituir um grupo com identidade assumida, todos os indivíduos pertencem a uma rede social básica” (Velho, 1986:101). Conforme Berger e Luckmann, a “Identidade é um fenômeno que emerge da dialética entre indivíduo e sociedade”, sendo formada por processos sociais, “uma vez cristalizada é mantida, modificada ou, mesmo, remodelada pelas

relações sociais” (Berger & Luckmann, 1985:195). Essa determinação da identidade por meio das relações sociais sugere ainda, segundo os autores, que se faça a distinção entre tipos de identidade social para que assim seja possível operacionalizar o conceito de identidade durante o processo de investigação empírica.

Ao considerarem-se as ordenações temporais do trabalho da memória (Bachelard apud Eckert, 2012) como a qualidade do sujeito reflexivo, é importante lembrarmos dos ensinamentos de Alfred Schutz na interpretação da condução das práticas do ator na vida cotidiana, atentando para a intersubjetividade, para esse ator cognitivo que se desloca na experiência e que constrói seus projetos permanentemente definindo-os conforme o campo social (Schutz, 1979).

CAPÍTULO 4

Políticas da Longevidade

No curso do século XIX, através da difusão da imagem do velho proletário e a velha dona de casa reprodutora da mão-de-obra, a velhice se constituiu como problema social e enquanto um sujeito que merece atenção na elaboração de políticas, ganhando, assim, espaço nas agendas políticas (Caradec, 2009). A relação entre envelhecimento e trabalho foi modificando-se ao longo do tempo, no entanto, mantendo-se no alvo das acusações sobre os problemas que o envelhecimento pode acarretar.

Este capítulo traz a etnografia que realizei entre aqueles que se dedicam ao tema do envelhecimento, e em especial da longevidade, nos municípios de Maués e Veranópolis, sejam os profissionais da saúde, assim como aqueles que se encontram envolvidos nas políticas públicas que colaboram com a criação da “Cultura da Longevidade”.

O cenário no qual estão inseridas as políticas públicas relacionadas à longevidade em Maués e em Veranópolis também será analisado, compreendendo não apenas como as políticas desenvolvem-se no nível local, mas dentro de um movimento recente no Brasil, com mercados de consumo e de trabalho voltados para os idosos e de conquistas de políticas públicas específicas, culminando com a criação de um Estatuto do Idoso⁵². O desenvolvimento das políticas públicas para o envelhecimento da França também será abordado nesse capítulo, a partir da etnografia na França realizada durante o período de estágio doutoral.

A partir da perspectiva antropológica, os termos nos quais penso e abordo as políticas públicas, por meio da etnografia, ultrapassam os limites das instituições públicas e contemplam todos os atores envolvidos. Esta é a perspectiva que tenho buscado trazer ao longo deste trabalho, ao pensar a construção da Cultura da Longevidade em Maués e Veranópolis, e também ao mostrar como na França a construção de políticas públicas é fortemente transpassada por instituições privadas.

⁵²O Estatuto do Idoso foi aprovado em setembro de 2003.

4.1 Longevidade do homem da floresta

No contato que estabeleci com Ivana antes do primeiro campo realizado em Maués, eu tinha uma vaga ideia da pesquisa que ela e a equipe realizavam na cidade. O material que eu encontrara dizia respeito mais a expectativa dos pesquisadores com a realização da segunda etapa de coleta de material genético do que a apresentação de resultados. Além disso, justificavam a importância da pesquisa para o desenvolvimento econômico, através do turismo e produção do guaraná e a importância para a humanidade que envelhece, e que deseja que esse processo seja percorrido através de um longo caminho, ou seja, aumentando os anos de vida sem deixar de lado a “qualidade”, identificada enquanto a possibilidade de manutenção da independência e autonomia.

No dia seguinte à chegada em Maués, sintonizando a estação de rádio local, tive as primeiras informações sobre a pesquisa que era desenvolvida através da parceria UFSM/UEA/Prefeitura Municipal. Brevemente foi explicada como é realizada a seleção de idosos participantes da pesquisa. Inicialmente, agentes de saúde locais, cedidos pela prefeitura, passam nas casas a fim de identificar a presença de idosos nas moradias. Posteriormente há, por parte dos pesquisadores, uma seleção dos idosos e o envio de convites para a casa destes, para que compareçam ao Centro de Convivência de Idoso (CCI). São abrangidos todos os bairros da cidade e o pesquisador frisava a importância da leitura atenta ao convite, pois nele estão contidos o horário e a data que cada idoso deve comparecer ao centro. Cada dia da semana são atendidos moradores de diferentes bairros, havendo uma divisão entre moradores da cidade e de comunidades no interior. Estes últimos iriam compor a segunda etapa da pesquisa, em janeiro de 2010. A seguir, Euler faz um agradecimento a todos os moradores, manifestando a sua alegria com a adesão à pesquisa, agradecendo também o apoio da prefeitura e da Fundação Muraki⁵³.

Em seguida, a Secretária de Saúde tomou a palavra dizendo que a expectativa era de alcançar um número de seiscentos idosos participantes na pesquisa, mas disseram acreditar que, felizmente, esses números seriam

⁵³ <http://www.muraki.org.br/>

superados. Disseram que no dia anterior, o primeiro dia da pesquisa, foram atendidas quase duzentas pessoas. Antes de finalizar sua fala, ela adverte que os idosos devem estar em jejum para a coleta de sangue. Após esse procedimento, que é o primeiro, eles recebem alimentação para realizar os demais testes. Pela manhã são atendidos os idosos a partir de setenta anos e na parte da tarde os idosos entre sessenta e setenta anos.

Finalizada a entrevista, a emissora voltou à programação habitual e a cada intervalo era reforçada a importância do comparecimento dos idosos no CCI para participação na pesquisa.



Imagem 100: Folder da Pesquisa.
Maués, julho de 2009.

Conheci o professor Euler Ribeiro, que se apresentou enquanto coordenador da pesquisa. Após apresentar-se, imediatamente pediu para

Sheila, a mulher que eu havia conhecido do lado de fora do CCI, me apresentar para Karin, a outra pesquisadora gaúcha, da PUC, que faz parte da equipe. Karin é professora na enfermagem da PUC-RS e há pouco passara em um concurso para professora na UFRGS no qual aguardava o chamamento. Fui apresentada a mais algumas pessoas da equipe, alguns de Manaus, alguns de Maués e à Karin e ao marido, que são gaúchos. Os pesquisadores pareceram bastante empolgados com a minha presença e de Roberto, que nesse dia me acompanhara até o CCI, e principalmente com a 'oferta de mão-de-obra', não que tenhamos nos oferecido para isso, mas quando falei que eu gostaria de conhecer a pesquisa que realizavam, essa foi a maneira que viram de me aproximar de tal pesquisa. Cada vez que era apresentada a um novo pesquisador, falava brevemente no meu intuito em visitar a cidade e do interesse em fazer a pesquisa em Maués. Frisava que meu método e intuito com a pesquisa diferenciava-se do deles, deixando o mais claro possível a minha preocupação em não invadir o espaço deles e muito menos de alguma apropriação indevida dos dados genéticos que eles buscavam.

Após as apresentações fui alocada para trabalhar junto com as assistentes sociais, que preenchiam os últimos questionários do dia. O teste que esse grupo aplicava aos idosos consistia em que estes deveriam falar o nome de cinco frutas, cinco cores, cinco cidades, cinco alimentos e cinco animais, tudo dentro de um limite de tempo. O trabalho era realizado à sombra de uma árvore, aos fundos do prédio. Havia uma mesa, na qual, de um lado, posicionavam-se as assistentes sociais e do outro, os idosos que chegavam após cumprirem outras etapas dos testes. Em pouco tempo finalizaram o trabalho, enquanto eu apenas observei.

Continuamos sentadas quando os idosos pararam de chegar e conforme acabava a rotina dos outros exercícios, mais gente juntava-se ao grupo que agora já descansava sob a sombra da árvore, que aparentemente era o local mais agradável de permanecer, considerando o calor que fazia naquele meio de tarde. Perguntei sobre o trabalho delas, se elas estavam na cidade só para a pesquisa, como era estar em Maués. As três assistentes sociais eram funcionárias da prefeitura de Maués, concursadas há pouco tempo e duas delas residindo há pouco tempo na cidade. Em seguida soube que uma delas

havia se mudado para a cidade com o marido, que é gaúcho, mas residia em Mato Grosso antes de mudar-se para Maués. O marido também trabalhava na pesquisa no momento, pois é funcionário da prefeitura e foi deslocado da função durante aquela-semana. Ele é dentista e sua função no momento era aferir a pressão arterial.

Quem mais conversou foi Olinda, a funcionária mais antiga entre as assistentes sociais. Olinda trabalhava na prefeitura e fazia pós-graduação em Manaus uma vez por semana, curso esse que ela fazia questão de mencionar a cada final de frase. Ela não compartilhava a conversa com as colegas, dirigia-se apenas a mim. Olinda contou-me sobre a fama do guaraná na cidade. Disse que tinha duas amigas, duas senhoras, irmãs que moravam juntas no centro da cidade, próximo à sua casa e que foram exportadoras de guaraná durante um longo período. *“Elas tinham uma fábrica que industrializava o guaraná em pó e conhecem muito sobre guaraná. Se tu conversar com elas, elas vão te dizer tudo, qual o melhor guaraná, a melhor maneira de preparar...”* e contou que elas consomem guaraná até hoje, mas apenas aquele do qual elas conhecem o fornecedor e sempre o guaraná em bastão, ralado na língua do pirarucu⁵⁴.

No clima de ‘final de expediente’ comemos carambolas e jambo, que eu desconhecia, ambas as frutas providas do quintal do CCI e Roberto e eu fomos convidados para jantar com a equipe da pesquisa à noite. Combinamos de encontrá-los no hotel em que estavam hospedados, há quatro quadras do nosso hotel, e nos despedimos. Retornamos a pé pelo mesmo caminho que fizemos para chegar até lá.

À noite, no horário combinado, estávamos em frente ao hotel da ‘equipe de pesquisa’, como eram denominados pelos habitantes locais, para irmos ao jantar. Enfim as pessoas começaram a sair do hotel e fomos de carona para o jantar com o motorista do professor Euler, um professor de educação física da UEA do campus de Maués e um oftalmologista. O restaurante era afastado da

⁵⁴O pirarucu (*Arapaima gigas*) é um peixe da Bacia Amazônica. Alimento tradicional entre as populações ribeirinhas, seu alto valor reside em seu grande porte e no excelente sabor de sua carne, especialmente quando beneficiada seca e salgada, em mantas, substitutivo do bacalhau. As escamas são usadas como lixa de unha ou na confecção de ornamentos, e sua língua, óssea e áspera, é utilizada para ralar o guaraná em bastão. O pirarucu pode chegar a dois metros de comprimento e em média pesa oitenta quilos.
<http://www.vivabrazil.com/pirarucu.htm>

cidade e abria apenas para festas, porém, com os pesquisadores na cidade, eles foram contratados para servir almoço e jantar à equipe. A equipe que se reunia para jantar era apenas um terço daquela que trabalhava durante a tarde. Na verdade, quem se encontrava para o jantar eram apenas os pesquisadores que vinham de fora da cidade, exceto as duas mulheres que trabalhavam na prefeitura diretamente com o prefeito. Terminado o jantar retornamos ao hotel e me preparei para chegar pontualmente 6h30min no CCI, horário esse repassado por Karin como de início dos trabalhos.

No dia 22 de julho cheguei pontualmente no CCI no horário que havia combinado no dia anterior e já havia idosos, em número bastante significativo, sentados nas cadeiras disponíveis na varanda do Centro. Entrei e não encontrei nenhum dos pesquisadores. Então as funcionárias da prefeitura, que já trabalhavam organizando os idosos em fila para recolher seus nomes e dar início a ficha que deveria ser preenchida antes de ingressar na sala, indicaram que eu poderia auxiliá-las neste trabalho: perguntar para cada idoso o nome completo, a idade e me assegurar que eles estavam no CCI para participar da pesquisa.

Enquanto uma funcionária coordenava o meu andar seguindo a fila eu caminhava entre eles recolhendo as informações. Foi meu primeiro contato com os idosos, rápido, no entanto, sempre dava espaço para trocarmos algumas palavras a mais, além das informações que eu deveria pôr na ficha. Eu perguntava onde moravam, o que faziam, se estavam sentindo-se bem e passava os olhos no 'convite' enviado pela prefeitura em conjunto com o grupo de pesquisa, onde especificavam o horário e dia de comparecimento daquelas pessoas ao Centro. Aquele papel, na minha interpretação, era mais que um convite. Não digo que era incisivo ao conclamar a apresentação dos idosos ao local, mas foi redigido de forma a induzir a compreensão de que os idosos deveriam participar da pesquisa porque lhes faria bem à saúde, devido à bateria de exames oferecida. Além do mais, os ônibus cedidos pela prefeitura buscavam de casa em casa os idosos e se necessário, conforme os relatos das

funcionárias que acompanhavam os idosos no transporte, esperavam até que eles se vestissem e estivessem prontos para sair de casa. Com tantos constrangimentos, não havia como burlar o apelo.



Imagem 101: Chegada dos idosos para participação na pesquisa. Maués, julho de 2009.

Imagens 102 e 103: Coleta de sangue. Maués, julho de 2009.

Imagem 104: Mural com atividades do CCI. Maués, julho de 2009.

Imagens 105 e 106: Idosos aguardando a etapa do exame de visão, com os consentimentos em mãos. Maués, julho de 2009.

Imagens 107, 108: Etapa do questionário sócio econômico e verificação da pressão arterial. Maués, julho de 2009.



Imagem 109: Verificação da pressão arterial. Maués, julho de 2009.

Imagens 110 e 111: Etapa de avaliação física. Maués, julho de 2009.

Imagem 112: Deixando o CCI após o término da participação na pesquisa. Maués, julho de 2009.

Retornando ao ano de 2009, pela manhã, na chegada dos idosos ao CCI a fim de participarem da pesquisa coordenada por Euler Ribeiro, eu questionava-os se estavam em jejum antes de adentrarem na sala e a resposta mais frequente era que sim, *“só tomei um copo de guaraná”*. Então eu perguntava como tomavam o guaraná, o modo de preparo, qual era o melhor, se só tomavam isso pela manhã. O guaraná era a primeira coisa que ingeriam pela manhã, mas a maioria não ficava apenas com o guaraná. Tomava café também. O guaraná é preparado pelos idosos sem as misturas habituais que depois viemos a provar.

O guaraná é preparado em um copo de água com uma colher de guaraná em pó e duas colheres de açúcar, ou totalmente sem açúcar. O preferido é aquele ralado na hora, que vem no formato de bastão prensado e

defumado e que pode durar, conforme a conservação, por mais de dez anos. Mas o mais fácil de encontrar é em pó, o que facilita também a preparação. Os moradores da cidade já não produzem o seu próprio guaraná, mas no interior do município essa prática continua sendo a mais comum. Na cidade nos indicaram dois pontos de venda de guaraná *“de qualidade”*.

O trajeto que os idosos percorriam após o ingresso na sala com a ficha que eu preenchia e entregava a eles em mãos era o seguinte: Após eu entregar a ficha, continuavam aguardando do lado de fora do CCI, então eram chamados pelo nome ou número para preencherem uma ficha com mais dados (estado civil, endereço, profissão, problemas de saúde, condição da habitação, alimentação), seguiam para a assinatura do termo de aceite, depois eram encaminhados para a coleta de sangue, após faziam o teste de visão, o de aptidão física, mediam a pressão arterial e faziam o teste de raciocínio. Após passarem por todas as etapas, eram encaminhados ao lanche e aguardavam o retorno do ônibus em frente ao CCI para levá-los novamente a suas casas.

O itinerário não era exatamente cumprido dessa maneira. Por vezes as coletas de sangue antecediam a assinatura do termo que indicava que estavam cientes da participação na pesquisa. O recolhimento da assinatura do termo era realizado sem a leitura, apenas explicado aos idosos da seguinte forma: *“aqui o senhor(a) assina para poder participar da pesquisa, e não pode perder essa cópia”*.

A cada etapa que o idoso percorria no itinerário estabelecido dentro do Centro, a folha que ele segurava ganhava adesivos de diferentes cores sinalizando que ele havia cumprido mais um procedimento. Ao saírem do CCI essa ficha era recolhida junto com as demais avaliações e depositada numa caixa à espera da digitalização.

Após cumpridas as etapas no salão do CCI, da coleta de sangue, assinatura do documento acordando a participação voluntária na pesquisa e os exames de visão, os idosos eram encaminhados para a avaliação física que se dava em dois momentos: primeiro era verificado o peso e a altura e posteriormente eram feitos exercícios de alongamento. O educador físico que coordenava e realizava a avaliação é parceiro de Euler na pesquisa, professor

na universidade espanhola que desenvolve parte do estudo com os pesquisadores brasileiros.

No trajeto da pesquisa eu era a primeira pessoa que estabelecia contato com os idosos e no segundo dia recebi a ordem, de uma das funcionárias da prefeitura, de ao identificar um idoso sem a condição de realizar os testes físicos, impedi-lo de entrar na sala para participar da pesquisa. Eu deveria apenas agradecer o esforço e os enviar para casa. Expliquei que eu não poderia fazer isso e que se passasse por essa situação eu mesma a chamaria e então ela os mandaria para casa. Nesse momento o esforço de adentrar em campo entrava em choque com outras éticas que eu pensava que deveria manter.

À tarde o movimento no CCI diminuía bastante. Era o período em que os idosos de até 70 anos deveriam comparecer para participarem da pesquisa. Pela manhã apareciam cerca de cem pessoas, à tarde chegavam ao máximo vinte e cinco. Dessa forma, o trabalho ficava bem mais tranquilo, porém, o deslocamento entre as atividades se intensificava e a organização das fichas também passou a ser por minha conta. A partir das 14 horas o calor tornava-se insuportável dentro da sala, e parecia que estávamos em uma sauna.

À tarde os exames de visão sempre tinham uma fila enorme e então procurei entender qual era o impasse. Os oftalmologistas, três jovens - dois homens e uma mulher - fizeram um acordo inicial de que atenderiam apenas sessenta pacientes por dia. Ou seja, já pela manhã extrapolavam esse número. Então eles distribuíam fichas para que as pessoas retornassem à tarde ou no dia seguinte. Karin, justificando a situação, disse-me que na verdade o exame de vista nem deveria fazer parte da pesquisa, mas que, gentilmente, os oftalmologistas se dispuseram e ofereciam também este exame aos idosos.

Mais um dia acompanhando a pesquisa e segui a rotina do dia anterior. Desta vez o grupo iniciou a pesquisa mais tarde, assim aproveitei o fato de ter chegado bem cedo para conhecer um pouco mais os idosos, para além do que o trabalho que executava me permitia. Dificilmente faziam perguntas sobre a

pesquisa, mas queriam sim saber quais os médicos que estavam disponíveis. Acredito que a mobilização para se dirigir ao CCI para participar da pesquisa era pela oferta dos serviços médicos gratuitos disponíveis. Não raro chegava alguém que não cumpria o requisito da idade para poder passar pelos procedimentos de exames de saúde. Decepcionados, voltavam para suas casas com a recomendação de procurar o posto de saúde mais próximo a sua casa. Foi assim que vi um homem de 45 anos, cego, retornar para casa com a irmã depois da tentativa frustrada de obter uma consulta com algum oftalmologista. Vários idosos e mesmo seus acompanhantes reclamaram do atendimento prestado pelo oftalmologista mais conhecido da cidade, afirmando que os tratamentos dele já haviam cegado muitas pessoas.

A proporção de idosos com problemas de visão é alta e diversos deles são completamente cegos. Seu Raimundo recém passara dos 60 anos e chegou ao CCI em companhia de um amigo. Ele mora sozinho, distante do centro da cidade, gozava de saúde perfeita, como ele mesmo disse, mas há alguns meses fora acometido por uma cegueira repentina. Ele não usava nada como guia para locomoção, além do braço do amigo. O amigo era muito zeloso nos cuidados e seu Raimundo ficava ansioso quando este não estava por perto. Triste foi vê-los saindo ao sol do meio-dia para retornarem às suas casas após esperarem por uma demorada hora o ônibus aparecer sem sucesso.

No dia vinte e quatro de julho de 2009 se encerrava a coleta de material para a pesquisa coordenada por Euler Ribeiro e Ivana da Cruz. Neste dia poucos idosos foram ao CCI, mas mesmo assim a meta foi cumprida: quase seiscentos idosos participaram desta etapa da pesquisa.

Este dia marcava o fim desta etapa de pesquisa. No final da tarde me despedi e agradei a todos da equipe, os de Manaus e de Maués. Todos despediram-se gentilmente e agradeceram enormemente a colaboração no trabalho, eu fiz o mesmo.

Antes de sair perguntei para Karin se poderia levar comigo o modelo de questionários que eram aplicados aos idosos. Diante da desconversa dela,

alegando que os questionários não eram muito bem elaborados e que tinham diversas falhas, resolvi não insistir. Os questionários eram compostos de perguntas relativas à condição social dos participantes (tipo de moradia, água encanada, esgoto, estado civil, número de filhos, número de moradores na casa, renda e proveniência da mesma) e sobre saúde (doenças crônicas, realização de atividades físicas, nível de dependência, alimentação, consumo de guaraná). Enfim, concluí meu objetivo de conhecer minimamente os idosos de Maués e fiquei ansiosa com a possibilidade de dar continuidade a uma pesquisa entre eles.

4.1.1 Das expectativas com a valorização do guaraná

No terceiro dia que passávamos em Maués, em 2009, ao entardecer, horário no qual as ruas começavam a ficar movimentadas de pessoas de todas as idades que já não precisavam se proteger do sol e nem refugiar-se das altas temperaturas dentro de casa, ficamos sentados nas cadeiras que o próprio porteiro/recepcionista do hotel dispusera na calçada e conversamos com ele sobre a cidade. A primeira pergunta que ele nos fez foi se já havíamos tomado o guaraná de Maués, pergunta a qual respondemos negativamente. Então ele apontou para a quadra ao lado do hotel, para uma porta onde, segundo ele, se vendia guaraná original, sem mistura nenhuma, que devíamos comprar lá o guaraná. Perguntei quanto custava em média e fiquei bastante surpresa quando ele disse que custava em média R\$ 60,00 o quilo. Pensei que fosse bem mais barato. Segundo ele, esse guaraná já vinha ralado e teríamos que encomendar porque era um produto que vendia muito e o senhor que vendia não dava conta de preparar.

Perguntei como era o guaraná, assim vagamente, porque não sabia se era árvore, arbusto, semente ou fruto. Ele nos convidou para atravessar a rua e mostrou um pé de guaraná com folhas grandes e viçosas, porém nada me indicava que aquele era um pé de guaraná, pois infelizmente não havia flores e nem o fruto na árvore, que media aproximadamente um metro e vinte centímetros. Enquanto mostrava o pé de guaraná, falava da importância da pesquisa promovida pelo 'doutor Euler' e repetia o discurso que pela manhã

ouvimos na rádio. Dizia que graças a essa pesquisa Maués se desenvolveria, que seria conhecida no exterior, que atrairiam muito dinheiro para a cidade, porque o mundo todo tem interesse nessas coisas e o doutor Euler já havia contado que gente da Espanha queria visitar a cidade, e que assim o turismo iria se desenvolver. Relatou que ele próprio já havia visto uns holandeses interessados no guaraná produzido em Maués e que era uma pena a Antártica⁵⁵ só explorar o guaraná enquanto bebida, porque ele soubera que o guaraná pode ser usado de muitas formas. Soube disso quando os holandeses foram para a cidade e mostraram para os moradores que é possível fazer cremes, sabonetes, *shampoos* e muitas coisas com o guaraná. Falou também que a Antártica não reverte lucro nenhum para a cidade, enquanto os holandeses querem aproveitar tudo o que o guaraná pode oferecer, também e promover à cidade.

Aquele jovem homem narrava uma espera ansiosa pela entrada do capital estrangeiro na exploração do guaraná e falava com aspereza sobre a empresa Antártica, que quase foi expulsa da cidade. Assim, defendia a pesquisa realizada com os idosos enquanto uma possibilidade de explorar a cidade turisticamente, ponto esse que me pareceu de comum acordo entre os moradores locais ao longo da minha estadia na cidade.

Maués na mídia televisiva

No mês que passou tivemos em nossa cidade. Equipe da Amazonsat e TV UFAM (Flifloresta), SBT, RECORD e TV GLOBO (Globo repórter) em reportagens da longevidade. Políticas públicas sérias, aliadas a uma vida sadia e estimulada pelo guaraná, é prá mais de cem...podem c onferir!

Imagem 113: Notícia no jornal “Maués-Açú”. Maués, agosto de 2010.

⁵⁵ O Guaraná Antartica foi lançado no mercado brasileiro em 1921, como Guaraná Champagne Antartica. Desde a criação do refrigerante, a Antartica já comprava o fruto do guaraná diretamente de fornecedores da região de Maués (AM) para produzir o extrato em sua unidade em São Paulo. No final da década de 1940, a Antártica estabeleceu uma filial da companhia na região, para facilitar o comércio do fruto, realizado diretamente em Maués. Porém, o extrato do guaraná continuou sendo produzido em São Paulo até 1962, quando entrou em atividade uma unidade industrial para extração do fruto na cidade de Maués, <http://www.guaranaantarctica.com.br>. A Antártica atualmente é marca pertencente à Companhia de Bebidas das Américas (AMBEV).

4.1.2 Idosos e cidadãos: das maneiras de participar da política na cidade

Realizar a etnografia em Maués no “tempo da política” (Palmeira, 2002) foi um privilégio. O assunto se desenvolvia entre os idosos de maneiras diversas e sobre diferentes pautas, como quando dona Zila narrava que mora ao lado de um comitê e acusou as pessoas que trabalham no comitê de assaltarem sua casa, pois sabem os horários em que ela e o neto não estão em casa, ou em tom jocoso, os colegas do CCI brincavam com ela toda a vez que ela entrava na Kombi dizendo dona Zila estava trabalhando fazendo campanha, o que fazia com que nas suas raras ausências no CCI, no dia seguinte ela ficasse alguns minutos justificando o porque não havia comparecido ao Centro.

Nos primeiros dias que estava em Maués fui para uma reunião política do candidato a deputado estadual Chico Preto. O candidato e sua equipe visitou o CCI na quinta-feira pela manhã para fazer o convite aos idosos para discutirem as propostas dele à noite, em uma reunião que seria realizada com os eleitores em uma boate da cidade. Como muitos dos idosos iriam, eu fui também para acompanhá-los. No caminho encontrei dona Isabel e fui com ela até o local da reunião. A reunião teve a presença dos partidários e apoiadores do candidato, inclusive o prefeito da cidade, Belexo, falando sobre a sua trajetória em defesa da produção primária e dos produtores no Amazonas. Depois o candidato falou também, não muito em tom de fazer promessas, mas sim do trabalho já realizado, inclusive em benefício dos idosos, em especial no mutirão de cirurgias oculares e na obrigatoriedade da gratuidade ou redução de cinquenta por cento na passagem para os idosos. Quando questionou sobre a eficiência na prestação dos dois serviços, e ouviu a reclamação de alguns idosos que não conseguiram fazer valer nenhuma das duas medidas, o deputado deu de ombros e passou a outra pauta. Para ir até o local da reunião havia uma Kombi disponível para o transporte e o local estava lotado. Quase no final serviu-se Coca-Cola e guaraná aos participantes e constatei com

alguma alegria a preferencia dada pelo guaraná, fato extraordinário para mim. Depois se seguiu com o retorno para casa, na mesma condução. Segui a pé com dona Isabel.

Os comentários dos idosos sobre “a época da política” nesse dia foram em torno das mentiras que todos eles contam e das promessas nunca cumpridas. Chico Preto é especialmente lembrado porque prometeu um ônibus para o CCI, o qual os idosos esperam até hoje. Pela manhã, na visita do candidato ao CCI, quando cobrado de sua promessa, ele explicou que o ônibus ainda não havia chegado por culpa da burocracia e do governador, resposta a qual os idosos não pareceram crer.



Imagem 114: Reunião com o candidato a deputado estadual Chico Preto. Maués, agosto de 2010.

No dia 25 de agosto de 2010, no Museu do Homem de Maués, aconteceu a reunião de implantação do Conselho do Idoso, aliás, o esforço para que fosse implantado o conselho neste dia, mas nem o prefeito e nem o vice-prefeito apareceram para assinar o documento final. As atividades iniciaram às 8 horas e estenderam-se até às 19 horas, com intervalo de duas horas para o almoço. Como de costume, a Kombi buscou e levou os idosos. Um número bastante expressivo compareceu nos dois turnos, bem maior do que aquele que frequenta o CCI normalmente. Havia mais de cem idosos participando da reunião.

Os palestrantes foram o vice-diretor do Conselho Estadual do Idoso e um conselheiro. Os temas versaram em torno de direitos dos idosos, com relação ao transporte e a saúde, especialmente, assim como assistência, violência contra o idoso e funcionamento dos Conselhos em cada município. Houve a distribuição de material informativo, como a cartilha do idoso, estatuto, atendimento de saúde e informativo sobre como fazer denúncias de violência e maus tratos.

No que diz respeito à saúde, os temas comentados foram: a alimentação saudável, enfatizando o perigo do consumo de refrigerantes, especialmente para os idosos hipertensos, diabéticos e com osteoporose; os problemas em torno da depressão; e a sexualidade, alertando especialmente as idosas que têm se envolvido com meninos bastante jovens (por volta de 14 a 16 anos), conforme falou o conselheiro e o aumento dos casos de doenças sexualmente transmissíveis em razão do novo comportamento das idosas. O vice-presidente do Conselho falou das especificidades do homem da Amazônia, dizendo que esse envelhece mais cedo por fatores ambientais e assim as políticas públicas que visam a cobertura dos idosos beneficiam as pessoas a partir de cinquenta ou cinquenta e cinco anos, atendendo a especificidade local.

Os palestrantes insistiram na importância da família para o idoso e alertaram para o aumento da violência contra o idoso, partindo dos próprios filhos.

Os idosos chegaram aos poucos, alguns chegaram quando já havia transcorrido uma hora do início da atividade. Dona Amélia, dona Teresa e dona Clarisse haviam reservado um lugar para mim perto delas e não permitiram que eu me levantasse para dar lugar aos idosos que chegavam. Estes ficaram em pé por algum tempo, até serem colocadas mais cadeiras. Mas quando me levantei para fotografar, perdi o lugar. Sentei-me, então, perto de dona Creusa e dona Zila, mais ao fundo da sala. Dona Creusa tirou seu crochê já iniciado e começou a tecer, com o novelo de linha 'escondido' na bolsa. Prestava atenção à reunião e tecia. As funcionárias do CCI também estavam presentes na reunião. Na metade da manhã os idosos lancharam no Museu mesmo. Ao lado de fora havia uma mesa com salgados, pizza e refrigerante para o horário da merenda.

Dona Zila retrucava o palestrante e divertia a todos ao entorno que conseguiam ouvir as palavras que ela dizia. Ela e dona Creusa examinavam o folder da programação do dia, em que havia uma foto realizada no CCI, para ver se conheciam alguém, mas como a foto era “antiga” elas não se encontraram na imagem.

Os palestrantes eram entusiasmados e fizeram os idosos rirem e participarem bastante ao longo do dia. Logo pela manhã, antes do Hino Nacional, cantaram uma música religiosa, o vice-presidente do Conselho iniciou sua apresentação falando da importância de Deus e Jesus na vida das pessoas e ao longo do dia retomava o assunto da crença em Deus. Ele era adventista, mas sempre lembrava que o que importava era Deus e não a religião.

À tarde seguiram-se as palestras e na hora de “merendar” alguns idosos atreveram-se a entrar no Museu, na parte de exposições, pois a porta estava entreaberta. Eu já me encontrava lá. Curiosos, olharam as poucas peças expostas, tocando tudo o que viam, pois conforme diz dona Francisca B, “o olho do caboclo é a mão”.

Antes de encerrar a reunião, houve apresentação de carimbó⁵⁶ por quatro senhoras do CCI, dona Antonieta, dona Francisca, dona Domingas e uma quarta que não conheço. Dançaram muito animadas e depois da apresentação passaram a dançar com o público. Usavam longas saias, típicas da dança do carimbó. Na última etapa houve sorteio de brindes. Poucos idosos ficaram sem brindes, que eram desde jarras e garrafas térmicas até kits para manicure, pochetes e camisetas. Quem era sorteado ia para frente do palco receber o prêmio e fazer a fotografia com quem entregava. Fui convidada a participar da entrega dos prêmios, juntamente com os palestrantes e a equipe. Posteriormente, também fui convidada para conhecer as atividades do centro do idoso de Manaus.

Depois do sorteio, à espera do prefeito que não apareceu, encerrou-se o dia de atividades e os idosos foram deixados em casa aos poucos, conforme a capacidade da kombi. Enquanto esperavam sua vez, ficaram embaixo da

⁵⁶ Dança típica da região amazônica, especialmente no Pará e no Amazonas.

árvore em frente à Câmara de Vereadores, ao lado do Museu onde aconteceu a reunião. Já era noite.



Imagens 115, 116, 117 e 118: Reunião de implementação no Conselho do Idoso. Maués, agosto de 2010.
Imagem 119: Dona Zila mostrando-me antigos participantes do CCI no folder da programação. Maués, agosto de 2010.
Imagens 120 e 121: Examinando o folder da programação. Maués, agosto de 2010.

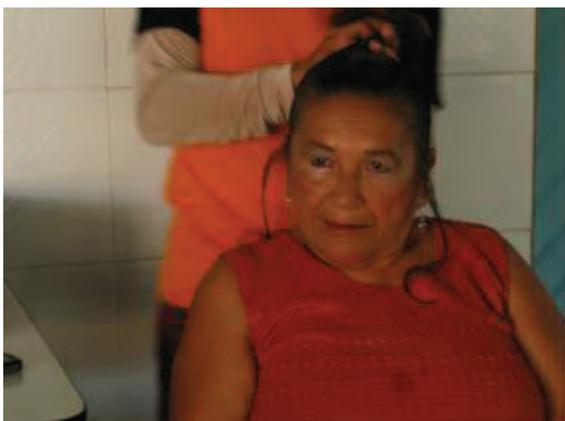


Imagens 122, 123, 124 e 125: Momentos de participação das idosas durante a programação. Maués, agosto de 2010.

Djalma disse-me que os idosos sentiam-se prestigiados quando convocados ou convidados para participarem das atividades do município, como no desfile de carnaval, na Festa do Guaraná ou em datas cívicas. Segundo seu Milton, nesses momentos era preciso “*fazer bonito*”, mostrar que “*os idosos do CCI tem valor, são inteligentes*”. O desfile comemorativo do Dia da Independência, o qual acompanhei, foi marcado por ensaios no CCI e prova de roupas, para que tudo saísse bem na data da festividade. No dia em que Djalma apresentou aos idosos o convite feito pela Prefeitura para que esses participassem do desfile, explicou que alguns iriam representando a família real portuguesa na chegada ao Brasil, enquanto outros iriam representando o

pelotão do CCI, ou seja, com as camisetas que a maioria usa diariamente para ir ao Centro.

No dia do desfile, a prefeitura cedeu uma escola localizada na rua em que ocorreria o evento, para que assim os idosos pudessem ficar acomodados antes do início da marcha.



Imagens 126, 127 e 128: Preparação para o desfile do dia da Independência. Grupo representando a família real portuguesa na chegada ao Brasil. Maués, setembro de 2010.



Imagem 129: Preparação para o desfile. Grupo representando o CCI. Maués, setembro de 2010.

Imagem 130: Posicionados na rua para o desfile. Maués, setembro de 2010.

Imagem 131: Dona Isabel. Maués, setembro de 2010.

Imagem 132: Dona Zenaide. Maués, setembro de 2010.

Imagem 133: Dona Socorro. Maués, setembro de 2010.

Imagem 134: Dona Ana. Maués, setembro de 2010.



Imagem 135: Seu Nonato aguardando o início do desfile com familiares. Maués, setembro de 2010.

Imagem 136: Dona Ana e a família. Maués, setembro de 2010.

Imagens 137 e 138: Últimos ajustes na roupa de dona Francisca. Maués, setembro de 2010.

4.2 Longevidade em Veranópolis

Em 2010, depois de realizado um ano de pesquisa de campo em Veranópolis e já tendo contato com todos os idosos que participaram diretamente desta pesquisa, procurei a Secretaria de Assistência Social do município, a fim de travar outra vertente de interlocução.

Iniciei esse percurso através da Secretaria de Assistência Social com a intenção de conhecer os responsáveis pelas políticas que se ocupam dos idosos. Mesmo com horários previamente agendados, nunca fui recebida pela secretária ou suas assistentes, o que não significou que não tenha recebido atenção, pois foi nessa secretaria que me indicaram que eu procurasse os responsáveis pela “*pesquisa de longevidade*”.

Foi em uma dessas tentativas de encontrar a secretária de Assistência Social que fui informada que deveria me dirigir ao Centro Clínico, onde

encontraria a equipe do Dr. Moriguchi, que poderiam me fornecer todas as informações para a minha pesquisa. No mesmo dia fui ao local indicado e encontrei Neide Bruscato, que prontamente disponibilizou-se a conversar comigo.

Neide Bruscato é mestre em Nutrição e coordenadora geral do “Projeto Veranópolis: Estudos sobre envelhecimento” no município. Este projeto está sediado em dois locais. No Centro Clínico, onde Neide trabalha diariamente, encontra-se a documentação e os arquivos da pesquisa. No Centro de Convivência e Longevidade, situado em uma ala do Seminário no centro da cidade, o espaço é destinado a armazenar os questionários e publicações, além de todo o material de pesquisa aplicada aos idosos. É nesse espaço que mensalmente os idosos são acompanhados pela equipe de pesquisa.

O Dr. Moriguchi, como é conhecido por todos, é o coordenador geral da pesquisa e segundo informações de Neide, visita a cidade mensalmente, passando um ou dois dias no município analisando o andamento da pesquisa. A pesquisa iniciou sob sua coordenação e de Ivana Cruz em 1994 e ao longo desses anos somaram-se publicações e pesquisas coordenadas por ele em diversas áreas da saúde.

A pesquisa de Emílio Moriguchi iniciou-se em vista a sua dissertação de mestrado em geriatria na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Posteriormente ele manteve seu interesse sobre a população longeva de Veranópolis, passando então a coordenar um grupo de pesquisa com o apoio do poder público local. Hoje, além de dar continuidade e acompanhamento à pesquisa, Emílio Moriguchi também orienta trabalhos de pesquisa enquanto professor da PUC-RS na área de envelhecimento, especialmente os desenvolvidos em Veranópolis. Anualmente, no mês de agosto, o grupo de pesquisa promove um encontro na cidade com exposição de todas as pesquisas que são realizadas no município por intermédio do projeto. Esta etapa é avaliada pela equipe como sendo de suma importância, considerando o apoio concedido pela prefeitura e a necessidade de dar visibilidade ao projeto, assim como uma prestação de contas à comunidade.

A pesquisa abrange o total da população de idosos do município e cada um deles possui uma ficha desde o ingresso na pesquisa. A ficha contém

dados sobre saúde e condições sociais dos idosos, e os pesquisadores têm acesso fácil aos dados através de categorias de busca para armazenamento das informações. Como exemplo, Neide demonstrou como poderia me fornecer uma amostra de idosos residentes no interior do município em uma faixa etária acima de oitenta e cinco anos e sem problemas de saúde.

O principal objetivo da pesquisa é promover a saúde entre os idosos e para isso os pesquisadores contam com total apoio da prefeitura, incluindo o espaço físico que utilizam e o deslocamento dos pesquisadores nas oportunidades em que vão até o município, especialmente quando vão para interior, ocasião em que contam com o apoio da Emater⁵⁷.

Neide relatou que Emílio Moriguchi faz questão de ter conhecimento sobre todas as etapas e condições salutaras dos idosos e até hoje atende pessoalmente muitos deles. Após algumas conversas, compreendi que suas idas mensais à cidade não se reduzem ao acompanhamento dos idosos pesquisados, mas também para atender no consultório que mantém no Centro Clínico e, conforme relatou Neide, seus horários de consulta são disputadíssimos. Entre seus pacientes incluem-se médicos conhecidos da região, que o buscam como geriatra para prevenir-se e ter um envelhecimento saudável.

Em Veranópolis os idosos também procuram as Unidades de Saúde dos bairros e tem o mesmo problema de centralização. Mesmo que o bairro Medianeira tenha o mesmo número de habitantes do centro, há exames ou consultas que só podem ser realizadas no Posto de Saúde Central. Os moldes nos quais a pesquisa coordenada por Emílio Moriguchi em Veranópolis é sustentada pelo poder público, em uma parceria que dura há quase vinte anos, evidente que no setor da saúde a atenção dispensada aos idosos beneficia de atendimento. A partir dos 60 anos os idosos são convidados a participar da pesquisa, como o chamativo é o cuidado com a saúde e as condições da saúde gratuita no Brasil possuem deficiências conhecidas de todos, a população em geral adere ao programa. Assim, os idosos que possuem problemas mais graves têm um acompanhamento mais frequente,

⁵⁷Órgão ligado à Secretaria do Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo de cada Estado.

encaminhamento para outros médicos, etc. Em Veranópolis apenas três interlocutores não possuíam planos de saúde privados. Os planos de saúde em geral são empresariais, ou seja, ligados a empresa onde algum filho trabalha e declara os pais como 'dependentes'. As mulheres geralmente relataram que vão sozinhas, enquanto os homens vão acompanhados das esposas, dos filhos ou dos netos, mas dificilmente sozinhos.

A busca da qualidade de vida na longevidade é o objetivo das pesquisas desenvolvidas no âmbito do projeto maior. Acessando as publicações científicas e também os materiais informativos dirigidos aos moradores, em especial aos idosos, mas importante ressaltar que não só a eles, pois é bastante enfatizada a necessidade de preparar-se para o envelhecimento com hábitos saudáveis ao longo da vida, é possível perceber a busca em aproximar as descobertas da ciência com a preocupação em manter a qualidade de vida dos idosos. Neide diz que para o projeto dar resultado, se faz necessário compreender o modo de vida dos idosos, sendo essa etapa, a de *“conversar com os idosos a mais demorada e cansativa, que a gente faz nas férias com uma equipe maior que vem de Porto Alegre”*. Além de investigar por que os idosos alcançam um índice elevado de longevidade, distinguindo-os do restante do país, a preocupação maior do projeto é mantê-los com qualidade de vida e possibilitar que eles continuem com suas atividades diárias. Para isso a intervenção focalizada na adequação nutricional é a base do projeto. Considerando que os hábitos alimentares baseiam-se na *“comida típica italiana, que é pesada e gordurosa”*, o trabalho que é realizado é o de instruir a população na diminuição do consumo de sal e gordura, em especial. Quanto ao consumo de vinho, ela destacou que há pesquisas quem vêm demonstrando que ingerir a bebida com moderação previne o envelhecimento precoce, em função da presença de antioxidantes, não só no vinho, mas no suco de uva também, esse último, com menos adeptos ao consumo entre os idosos. Para finalizar a explicação, Neide deu o exemplo da alimentação dos povos no Mediterrâneo, estabelecendo relações com as características dos hábitos nutricionais mantidos em Veranópolis, seja no consumo de produtos como o vinho ou remetendo a colonização italiana da região, na transmissão dos saberes nutricionais.

O grupo de pesquisa acompanha as atividades que a prefeitura apoia e promove para os idosos, em especial os Grupos da Longevidade. Os Grupos da Longevidade organizam-se correspondendo a demanda de idosos nos bairros da cidade. O bairro Centro é o que tem o maior número de idosos participando do grupo, com um número que passa de cem a cada encontro. Os encontros dos grupos são semanais, no período da tarde. No Centro, por exemplo, ocorrem às terças-feiras à tarde, entre 14 horas e 17 horas.

Nos encontros dos grupos, os idosos têm a opção de participar dos jogos de cartas, das atividades físicas, coordenadas por uma educadora física, ou ficar apenas conversando em pequenos grupos. A atividade unânime, da qual todos participaram nas vezes que observei o Grupo do centro, foi o “Momento da Prece”. O “Momento da Prece” é a atividade de abertura dos encontros, em que todos rezam juntos um pai-nosso e uma ave-maria e são convocados a voluntariar-se para fazer alguma prece, que não passaram de três ou quatro, como pude observar. Em seguida, as coordenadoras do Grupo dão os recados de *“utilidade pública”*. Nessas ocasiões ouvi chamadas para a Campanha do Agasalho, promovida pelo município, sorteio de ingressos para o Chá da Apae, convite para a participação em bailes para a terceira idade em outros municípios e pedido de entrega de jornais e papéis recicláveis para doação a uma família que revende esses materiais para sustentar-se. Após esse momento, os idosos dispersam-se pelo espaço do salão e escolhem as atividades às quais vão aderir. Os homens, majoritariamente, sentam-se às mesas para jogar cartas, enquanto grande parte das mulheres opta por participar das atividades físicas lúdicas que incluem alongamentos e jogos em duplas e pequenos grupos. No grupo da Longevidade do Centro o número participantes mulheres é bastante superior ao de homens. Os homens que frequentavam o grupo estavam todos eles acompanhando suas esposas. Segundo Neide, que me acompanhou na primeira vez que encontrei o grupo, essa ocorrência maior de participantes mulheres ocorre em todos os grupos da cidade.

Os Grupos da Longevidade existem somente na área urbana do município, mas Neide contou-me que mesmo nas áreas rurais eles – prefeitura, grupo de pesquisa e a Emater – fazem diversos trabalhos com os idosos.

Esses trabalhos são voltados aos cuidados com a alimentação e a saúde em geral, desde atenção a problemas de depressão até os mais corriqueiros, segundo ela, como hipertensão e diabetes. Com essa preocupação, são desenvolvidos também cursos de preparo de alimentos saudáveis e utilização de ervas na medicina tradicional, buscando segundo Neide, aliar o que eles conhecem sobre medicina natural com o que a Emater pesquisa e com o que o grupo de pesquisas vem descobrindo para manter a qualidade de vida desses idosos. Dessa forma, destaca que é atingido outro objetivo, o de fazer com que esses idosos saiam de suas casas, mantenham-se ativos na comunidade e repassem seus conhecimentos. Dessa forma, os idosos têm a satisfação de sentirem-se úteis para a comunidade, porque eles pouco saem do interior e muitos deles já deixaram inclusive de trabalhar na agricultura e acabam confinados às suas casas, convivendo apenas com os familiares.



Imagem 139: Atividade no Grupo da Longevidade. Veranópolis, junho de 2010.

Imagem 140: Educadora física do Grupo da Longevidade. Veranópolis, junho de 2010.



Imagem 141: Início do encontro do Grupo. Veranópolis, junho de 2010.

Imagem 142: Atividade. Veranópolis, junho de 2010.

Imagens 143, 144, 145 e 146: Jogo de cartas. Veranópolis, junho de 2010.

Imagens 147 e 148: Salão dos encontros do Grupo da Longevidade. Veranópolis, junho de 2010.

O segundo grupo que mais reúne idosos no município é o Grupo de Convivência Maturidade, sediado no do bairro Medianeira. O bairro é um dos que mais cresce no município e seus habitantes mais antigos não residem lá há mais de trinta anos. Dona Joana e seu Guilherme foram uns dos primeiros a estabelecerem-se no local, segundo eles próprios contaram, em uma época em que a rodovia passava em frente à casa deles e era de calçamento, não havia estabelecimentos comerciais “e nem igreja tinha”. O bairro é formado por muitos agricultores aposentados, que permanecem com suas terras no interior e mantem as idas a fim de trabalharem na terra e também aqueles que venderam e ou transferiram suas propriedades. O Grupo do bairro Medianeira possui uma ligação mais estreita com a prefeitura no que diz respeito a sua coordenação, que fica a cargo do Posto de Saúde da Família (PSF), mas as atividades propostas são similares ao Grupo da Longevidade do centro da cidade. No Grupo de Convivência Maturidade são promovidas as atividades físicas, inclusive com uma caminhada mensal pelo bairro e no Recanto Medianeira⁵⁸, totalizando um percurso de aproximadamente 1,5 quilômetros. Ao início e término da caminhada, os participantes verificam a pressão arterial. Além das caminhadas, são promovidas oficinas com a temática de cuidados com a saúde e alimentação. Não acompanhei as atividades desse grupo, apenas obtive as informações através dos relatos de dona Matilde, de dona Inês e de dona Joana, todas residentes do bairro.

Acompanhando o trabalho do grupo de pesquisa, compreendi depois de alguns encontros que de fato o único grupo que é acompanhado pelos pesquisadores é o do centro da cidade e aqueles formados no interior na ocasião de promoção de alguma atividade. Todas as vezes que interroguei Neide sobre os demais grupos, ela respondia-me que eles praticamente não existiam porque não havia participantes.

O Projeto de Prevenção de Doenças e Promoção de Saúde também foi criado na parceria entre o poder público municipal e a pesquisa sobre longevidade coordenada por Emílio Moriguchi. Após quase dez anos de investigações sobre a saúde dos longevos na cidade e um estudo em paralelo

⁵⁸O Recanto Medianeira é um espaço da congregação dos irmãos Maristas da Igreja Católica localizado no bairro e conta com uma grande área verde, com cultivo de videiras e um grande pomar, além do prédio no qual os religiosos residem.

com outros grupos etários, chegaram à conclusão da necessidade da intervenção da medicina preventiva para manter os índices de longevidade característicos da cidade. O programa foi implementado em 2002 com o objetivo de prevenir as doenças mais observadas nos idosos do município, alertando para a incorporação dos hábitos saudáveis dos idosos por parte dos mais jovens. Nos informativos consultados sobre o programa e a indicação dos hábitos a serem mantidos para se alcançar a longevidade, estão presentes cuidados com a alimentação, uma dieta com pouca gordura e sal, muitas frutas, legumes e verduras, exercícios físicos e repouso adequados, manutenção de valores familiares e da rede de sociabilidade e atenção essencial “a saúde espiritual, mantendo a fé e a esperança na vida⁵⁹”.

4.2.1 Os participantes da pesquisa em Veranópolis

A organização da pesquisa de maneira que abarque o total da população acima de sessenta anos, evidentemente fez com que todos os meus interlocutores integrassem a pesquisa sobre longevidade. Quando os idosos atingem os sessenta anos, são convidados a participar da pesquisa, com o reforço da ligação entre esta e o poder público municipal. Todas as pessoas mencionaram a pesquisa, de maneira a comprovar que se enquadravam enquanto idosos, mas principalmente demonstrando prestígio em colaborar com a construção de uma cidade “*onde se vive mais*”, ressaltando que é necessária a participação e colaboração de todos para que a cidade “*seja bem vista*”, ou seja, a participação é percebida enquanto um ato de cidadania.

A oportunidade de participar da pesquisa é vista também como uma importante ação do poder público no que diz respeito à preocupação com a saúde das pessoas. Assim como a possibilidade de proximidade com o coordenador da pesquisa, que examina pessoalmente algumas pessoas faz com que aumente o sentimento de importância em participar do projeto.

No período que realizei minha etnografia em Veranópolis, o prefeito da cidade era também médico e continuava exercendo a profissão mesmo com o

⁵⁹ <http://www.veranopolis.rs.gov.br/>

cargo no Executivo municipal. Matilde, Inês, seu Lídio, seu Guilherme, todos citavam o “seu médico” fazendo menção ao prefeito, que com o acúmulo de tal cargo parecia dar ainda mais eficácia a sua profissão.



Imagem 149: Reportagem sobre a participação de uma longeva em uma atividade do município. Jornal Correio Livre, 2009.

A atuação política dos idosos em Veranópolis se dá também através da participação das atividades promovidas pelo município em programações específicas como a Semana da Saúde e especialmente nas atividades da Semana do Idoso. A Unimed⁶⁰ também promove atividades que reúnem os idosos em caminhadas em datas como o Dia do Combate ao Tabagismo, Dia Mundial do Coração e Dia Mundial do Diabetes. A característica das atividades,

⁶⁰ Plano de Saúde mais conhecido na região, seja entre particulares ou entre empresas.

como se pode notar, é a associação com os cuidados de saúde, seja na interseção entre poder público e a pesquisa sobre os fatores que levam à longevidade, ou do poder público com instituições privadas.

4.3 Políticas públicas para o envelhecimento no Brasil

A inclusão de políticas públicas para idosos na agenda governamental foi executada a partir da década de 70, com medidas que iam ao sentido de assistência ao ingresso em instituições. A mais importante, porém, foi a criação da Renda Mensal Vitalícia (RMV) que abrangia idosos de baixo poder econômico e portadores de necessidades especiais. Na década de 80, através da Constituição, é ampliado o dever do Estado para com os idosos. Estes, porém, ainda não são contemplados com políticas específicas, sendo colocados ao lado de crianças e adolescentes no que tange às responsabilidades da família. Na década de 90 foi aprovada a Política Nacional do Idoso, mas parte das resoluções aprovadas, como por exemplo, o Conselho Nacional dos Direitos do Idoso foram postas em prática apenas a partir dos anos 2000 (Camarano & Pasinato, 2004). Em 2003 foi promulgado o Estatuto do Idoso, grande passo da Legislação Brasileira para atender às necessidades e direitos dos idosos e em adequação a propostas mundiais de cuidados para com essa população. Sempre é bom lembrar que todos esses passos foram tomados a partir de mobilizações, seja de trabalhadores, da criação de associações entre idosos e mesmo da criação da Associação Brasileira de Geriatria e Gerontologia, bem como fazem parte de uma agenda internacional de mobilizações e discussões sobre o envelhecimento populacional.

A organização nos idosos no Brasil cresce a cada ano. De diferentes maneiras coletivas eles reivindicam sua igualdade e seus direitos. Uma das reivindicações mais marcantes no Brasil foi a denominada Revolta dos Velhinhos, organizada por pensionistas e aposentados, que reclamavam um aumento dos rendimentos em 147% entre fins de novembro de 1991 a abril de 1992. Após seguiram-se lutas e manifestações contra a reforma previdenciária no governo Fernando Henrique Cardoso.

As projeções de que até 2025 o Brasil seja o quinto país com maior número de idosos (BNDS, 2011) desafia o poder público na busca de garantir uma velhice digna. A aprovação de leis e obrigações da sociedade civil e do Estado para com os idosos segue um ritmo rápido, impulsionada pela pressão das associações e movimentos, em sua maioria sob a denominação de aposentados. Isso que faz com que o Estado mantenha seu foco nas questões ligadas à previdência, no pagamento de aposentadorias e pensões, enquanto a privatização da velhice se acelera no que diz respeito ao financiamento de moradia, lazer, saúde e suprimento de outras necessidades.

No entanto, há também um número cada vez maior de associações⁶¹ criadas com o objetivo de garantir os direitos dos idosos, previstos na Assembleia de Viena em 1982 e Plano de Madri em 2002, ao nível internacional e na promulgação em 2003 do Estatuto do Idoso no Brasil, de acordo com as convenções mundiais de direitos dos idosos. As organizações civis insistem, assim, no cumprimento das leis que dizem respeito à pluralidade de conjunções às quais os idosos fazem parte. Cada associação ou instituição faz suas adaptações da cartilha do idoso, assim como os setores privados distribuem também os mesmos documentos, focalizando no interesse do que cada um deseja proporcionar ao idoso consumidor.

Para além dos informativos referentes aos direitos propriamente ditos, cresce o número de publicações informativas dirigidas às pessoas idosas. Ao mesmo tempo em que se tem enfatizado a importância da relação entre as gerações, especialmente na família, parece que as possibilidades de compartilhar a mesma revista ou mesmo jornal tornam-se mais restrita, ou seja, mostrando o descompasso de interesses entre as gerações.

⁶¹ Na página do Observatório do Idoso é possível encontrar um link com as principais associações, órgãos governamentais e grupos interessados na divulgação dos direitos dos idosos, mas que também atuam na verificação do cumprimento destes. <http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/links/index.php>



Imagem 150: Boletim informativo do Sindicato Nacional de Aposentados. Janeiro de 2010.
Imagem 151: Informativo Publicitário Comercial dedicado aos idosos, distribuído em Porto Alegre e litoral norte do RS. Novembro de 2010.

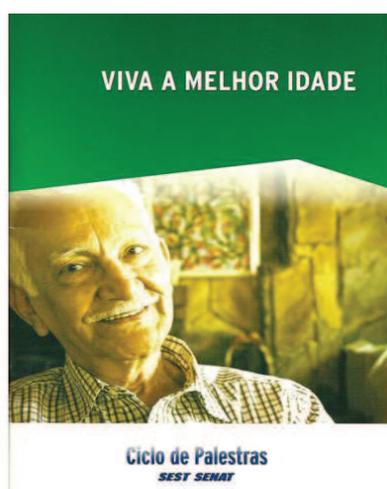
No âmbito regional, para refletir de que modo as políticas públicas em Maués e em Veranópolis estão inseridas na sociedade, trago os principais projetos sobre as políticas para idosos no Amazonas e no Rio Grande do Sul.

As principais políticas públicas para idosos no Amazonas estão conjugadas na denominada Rede de Apoio ao Idoso, que é um programa da Secretaria de Estado de Assistência Social que oferece suporte técnico e financeiro, com o intuito de promover a proteção social no atendimento aos idosos em Centros ou Grupos de Convivência, atendimento domiciliar e instituições de longa permanência. Com o objetivo de assegurar os direitos fundamentais, criando condições para promover a autonomia, a integração e a participação na sociedade, “garantindo o envelhecimento digno com qualidade de vida conforme estabelece a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) e a Política Nacional do Idoso (PNI)”.

Apesar de transmitir inicialmente a ideia de universalidade do atendimento, o público alvo são os idosos a partir de sessenta anos ou mais vulnerabilizados pela pobreza, sendo que o último critério é determinante para

receber o atendimento, conforme relatos de alguns dos informantes. A Rede de Apoio ao Idoso tampouco é acessível em todos os municípios, sendo que o próprio site do programa tem uma lista com as cidades nas quais é possível aceder aos serviços. Maués, por exemplo, não consta na lista. As disparidades entre os programas municipais e estaduais não são apenas questões de acesso, mas sim de disputas políticas, como ficou claro na tentativa de implementação do Conselho Estadual do Idoso em Maués, trazido na etnografia.

É através da parceria entre a Universidade Aberta da Terceira Idade, sediada na Universidade Estadual do Amazonas, que é desenvolvido o atendimento especializado para os idosos, com foco na área da saúde, em Maués. A UnATI é um órgão da UEA e foi criada como núcleo de ensino, pesquisa, extensão e assistência nas questões relativas ao envelhecimento, e atua em parceria com a Escola Superior De Ciências da Saúde – ESA. As atividades da UnATI/UEA⁶² iniciaram em 2007 com o objetivo de formação de recursos humanos, iniciativas e desenvolvimento de pesquisas no campo do envelhecimento, com especial atenção a identidade e “especificidade da variável étnica” e na garantia do atendimento às políticas públicas.



Imagens 152 e 153: Cartilhas distribuídas aos idosos na reunião do Conselho Estadual do Idoso em Maués. Maués, 2010.

⁶² <http://www.unati.uea.edu.br>. No site estão disponíveis todas as atividades realizadas pela UnATI e divulgação de oficinas e atividades.

Já no Rio Grande do Sul, em 2010, 9,3% da população gaúcha tinha mais de 65 anos, o que faz com que o Estado seja o quarto em número absoluto de idosos (IBGE, 2010). No Rio Grande do Sul a partir de 2000 o Estado conta com uma Política Estadual do Idoso, que foi responsável pela implementação do Conselho Estadual do Idoso (CEI) e dos conselhos municipais. Há leis específicas que regem em especial a saúde do idoso.

No Encontro da Saúde do Idoso ocorrido em outubro de 2012, atividade concebida pelo CEI e pela Secretaria Estadual da Saúde, seção Saúde do Idoso, as coordenadoras, em meio ao público composto de conselheiros e de idosos, ressaltaram que o objetivo de criação do Conselho era que esse se constituísse como um espaço para a participação e fortalecimento da democracia pelas intervenções desse grupo etário crescente, onde pudessem discutir, apresentar ideias e reivindicações. No Rio Grande do Sul, todos os municípios recebem recursos financeiros correspondentes ao número de idosos, no entanto, a aplicação dos recursos não é necessariamente em projetos exclusivos para os idosos. Em 2012 o orçamento do Estado dirigido aos idosos foi de 80 milhões de reais e em 2013 a previsão é que sejam investidos 100 milhões de reais. O repasse do dinheiro é feito para as prefeituras, que são as responsáveis pela apresentação dos projetos.

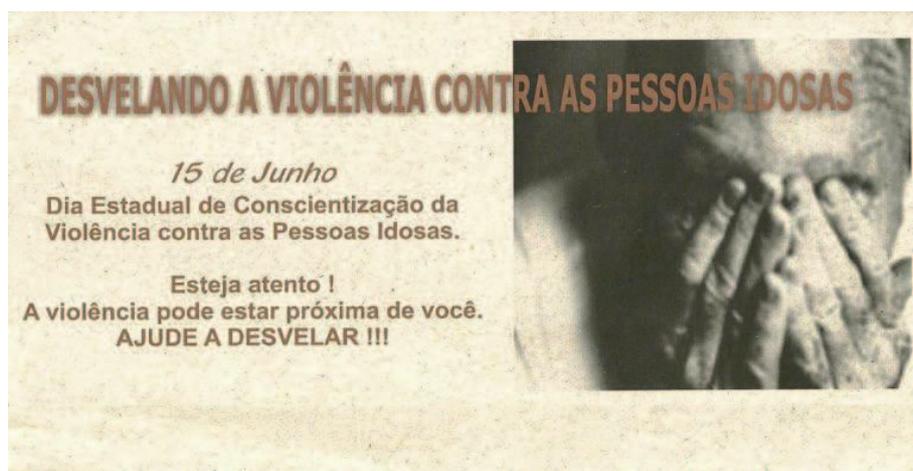


Imagem 154: Informativo produzido pelo CEI – RS com dados sobre maus-tratos aos idosos, como identifica-los e os órgãos de referência para denúncias. Junho de 2010.

Em Veranópolis, no ano de 2012, foi inaugurado o Lar de Idosos São Francisco, obra essa que há tempos era reivindicada pela população, especialmente pelos idosos. O Lar é uma instituição de longa permanência, a primeira pública no município, com capacidade para até 30 idosos, com prioridade para aqueles de baixa renda. A instalação de uma Academia ao Ar Livre na principal praça da cidade, também é promovida pelo município como uma iniciativa voltada para os idosos.

4.4 Políticas públicas para o envelhecimento na França

O elevado número de estudos desenvolvidos nas mais diversas áreas interessadas na temática do envelhecimento - e muitos deles precursores na concepção sobre as políticas especiais, nesse caso, concernentes aos idosos - faz com que seja pertinente trazer aqui um breve esboço da implementação das políticas públicas para a terceira idade na França. A investigação sobre a implementação das políticas públicas para o envelhecimento na França foram possíveis durante a realização do doutorado sanduíche em Toulouse, em contato com pesquisadores, instituições e através de revisão teórica sobre o assunto.

Com uma população de 17,5% de pessoas acima de 65 anos e onde a cada dez cidadãos, um tem mais de 75 anos, o país tem a esperança de vida ao nascer para os homens em 78,4 anos e para as mulheres 84,8 anos. Ao chegar aos sessenta anos, a esperança de vida aumenta para 82,6 e 87,2 respectivamente.

Aqui não tenho o objetivo de construir um histórico sobre a construção das políticas públicas na França, mas sim permitir que o leitor conheça períodos marcantes, assinalando momentos que considero importantes para aproximações com a questão brasileira. É importante lembrar que a construção e implementação de políticas públicas sempre fizeram parte da agenda de diversos atores. No que diz respeito aos idosos, a condição de afastamento do trabalho sempre pautou a luta, seja pelo empobrecimento quando da

inexistência de aposentadorias, seja pelas condições de saúde, enfim com a ação das diversas identidades que se reconfiguram mais claramente e ao mesmo tempo de maneira brusca, visto que interferem fortemente na maneira de se relacionar. A implementação das políticas para idosos na França tem uma forte relação com a implementação das políticas para aposentadoria, e as duas se cruzam fortemente ao longo de todo o século XX e se mantêm atuais, fomentadas pelas discussões em torno da crise financeira, com aumento das taxas de desemprego e das condições para aposentadoria. Mesmo considerando esse conjunto e sua importância, trago aqui alguns marcos das políticas voltadas em particular para os idosos, sem relação estreita com as questões da aposentadoria.

Em 1905 foi adotada a “lei de assistência aos velhos”, como pressão do movimento de trabalhadores. Em 1951 o Ministério da Saúde e da População cria a *Campagne Nationale en Faveur des Vieillards*, conhecida também como *Semaine Bleue* em contraposição a todos os demais dias do ano que seriam cinza ou nublados para o grupo que já passara dos sessenta anos. O objetivo era, com a ajuda de associações de caridade e voluntários, arrecadar dinheiro para posteriormente distribuir sob a forma de bônus para diferentes necessidades (alimentação, energia elétrica). A década de 1950 também é marcada pela criação de leis e de regulamentações quanto às instituições de internação dos idosos, com especial interesse em distingui-las dos sanatórios e hospitais.

Mas foi entre os anos 1960 e 1975 que a política francesa para o envelhecimento foi estruturada (Guillemard, 1986) em torno do modo de vida dos idosos. Em 1960 o presidente da *Caisse Nationale de Sécurité Sociale*, Pierre Laroque coloca em ação uma comissão de estudos dos “problemas face a prolongação da vida humana” (FNG, 2012). O *Rapport Laroque*, como ficou conhecido, foi publicado em 1962, e orientou as diretrizes de ação calcadas especialmente na inserção dos idosos na sociedade, dissociando-os da compreensão e necessidades econômicas no qual eram pensados até então. Assim, dissociava-os também das questões de insuficiência ou precariedade de renda. Enfim, *être âgé* tornou-se nessa nova configuração, pertencer a um novo grupo, formado por aqueles que estão na terceira idade. Nessa nova

forma de perceber o envelhecimento, as ações locais também foram extremamente importantes na aderência dos idosos a essa nova identidade, de envelhecimento ativo, e o *esprit de la comune*, ou seja, o sistema de valores de cada agente da política municipal em que estão fundadas as concepções sobre o envelhecimento (Gucher, 1998).

Nas décadas de 1960 e 1970 houve também a estruturação dos setores de ajuda nas casas dos idosos, que transformaram-se ao longo dos anos, seja na profissionalização de quem atende, na regularização do trabalho e nas diferentes configurações que essa modalidade de auxílio tem tomado, desde a ajuda na casa do idoso ou na instituição de longa permanência em que se encontra. A implementação desses serviços veio ao encontro do fechamento dos hospícios, assim denominados à época, programados pela lei de 30 de junho de 1975. Assim, os idosos que não tinham necessidade de cuidados médicos atribuídos aos hospitais, foram encaminhados para instituições que começavam a desenvolver-se para acolher esse grupo acima de 60 anos, ou para domicílios de parentes.

Os problemas habitacionais para idosos são uma constante no país. Mesmo que autores como Monique Membrado (2013) defendam que a França tem uma tradição de manter seus idosos em casa, tanto quanto em países como Espanha ou Portugal, considerados países de “tradição familiar”, não se pode negar o aumento da quantidade de *maisons de retraite*, seja através do investimento público, das associações ou dos setores privados, para fazer frente a demanda de idosos que não têm para onde ir e não podem ficar ao encargo da família. Enquanto aguardam um disputado lugar nas *maisons de retraite* ou nas habitações coletivas do Estado, é lançado o apelo à solidariedade familiar, cada vez mais visado pelo Estado.

promover atividades às pessoas com mais de sessenta anos, pode-se pensar tais instituições como um passo no atendimento social aos idosos. Com o passar do tempo e com a intenção de promover a integração geracional e não a criação de mais um espaço de exclusão dos idosos, tais universidades passaram a se denominar *Université tout âge* ou *Université du Temps Libre* e onde a *Association francophone des université tous âges* (AFUTAB) é responsável pela administração dos recursos financeiros.

A relação entre a implementação da política pública e a mudança da categoria de “velho” para terceira idade na França trouxe também novos problemas. Se por um lado valorizou-se o grupo acima de sessenta anos pelas novas configurações e novos espíritos face ao envelhecimento ativo, por outro lado aumentou a exclusão para aqueles que não possuíam a autonomia suficiente para serem considerados ativos. Com essa preocupação, e com a aparente resolução das questões dos aposentados e dos idosos ativos, as políticas públicas nos anos 1990 voltaram-se para a assistência dos idosos dependentes. Em 1997 foi criada a *Prestation spécifique dépendence* (PSD) que em 2001 passou a se chamar, após uma reforma que modificou sobretudo a maneira como é calculado o auxílio e a quem é atribuído, *Allocation Personnalisée d’Autonomie* (APA), constituindo-se em uma assistência às pessoas com mais de sessenta anos independentemente no nível de dependência, abrangendo assim um público mais amplo, que não era considerado na primeira formulação da política pública.

No ano de 2002 as políticas para os idosos tiveram como temática principal os maus-tratos. Em 2003, após o episódio da *canicule* o governo criou o *Plan Canicule*, que foi mantido sem interrupções durante cinco anos. Em 2004 foi criada a *Caisse Nationale de Solidarité pour l’Autonomie* (CNSA), parte do Plano Solidariedade e Envelhecimento, que passou a chamar a atenção sobre as relações entre as gerações. Em 2006 aparece a primeira política pública com o foco na população com mais de oitenta anos, o *Plan Solidarité Grand Âge*. Mantendo o foco nas relações geracionais, o ano de 2012 foi escolhido como o Ano Europeu para o Envelhecimento Ativo e da Solidariedade Inter Geracional, que como indica o título dos “projetos”, visava a conscientização dos idosos - mas não somente destes – acerca das

necessidades do desenvolvimento ou manutenção da sociabilidade através do investimento individual perante a sociedade e a família, como prerrogativa na busca de visibilidade e conservação da sua autonomia de decisão e escolha.



Personne âgée	
<p>COMPRENDRE : Selon l'âge, le corps ne réagit pas de la même façon aux fortes chaleurs.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mon corps transpire peu et a donc du mal à se maintenir à 37°C. - La température de mon corps peut alors augmenter : je risque le coup de chaleur (hyperthermie). 	<p>AGIR : Je mouille ma peau plusieurs fois par jour tout en assurant une légère ventilation et...</p> <ul style="list-style-type: none"> - Je ne sors pas aux heures les plus chaudes. - Je passe plusieurs heures dans un endroit frais ou climatisé. - Je maintiens ma maison à l'abri de la chaleur. - Je mange normalement (fruits, légumes, pain, soupe...). - Je bois environ 1,5 L d'eau par jour. Je ne consomme pas d'alcool. - Je donne de mes nouvelles à mon entourage. - Si je prends des médicaments, je n'hésite pas à demander conseil à mon médecin traitant ou à mon pharmacien. 

Imagens 159, 160 e 161: Folder informativo sobre a *canicule* relativa aos cuidados com os idosos. Junho de 2012.

A constante preocupação com o aumento do número de pessoas com mais de 65 anos faz com que anualmente sejam criados programas que chamem atenção para o grupo através de questões diversas⁶³, em alguma

⁶³ No site da Fundação Nacional de Gerontologia francesa é possível encontrar a lista completa das políticas públicas e estudos financiados pelo governo sobre o envelhecimento. Site www.fng.fr

delas observa-se uma continuidade de interesse ao longo dos anos, enquanto outras passam mais de uma década sem retornar a pauta. A responsabilização da qualidade do próprio envelhecimento, através das campanhas que chamam atenção para o *Bien Vieillir* e a insistência da solidariedade inter geracional faz parecer que o governo deseja cada vez mais privatizar o envelhecimento, seja no sentido dos encargos com assistência social, de saúde ou familiar. A crise mais uma vez é o motivo para tal encaminhamento das políticas públicas, em que o governo não possui o número suficiente de pessoas para se encarregar de cuidados médicos na casa dos idosos e tampouco a possibilidade de benefícios mais condizentes com o custo de uma instituição de longa permanência.

Considerações

A etnografia deste capítulo mostra a construção das políticas públicas entre os três atores: os idosos, através da participação nas pesquisas biomédicas em Maués e em Veranópolis; os pesquisadores; e os municípios, que se baseiam nas investigações e interesse científico para mobilizar os idosos, explorando a descoberta da nova vocação de cidade longeva. Os idosos, por sua vez, respondem ao apelo do município e fomentam o investimento municipal, formando assim um círculo que se mescla entre as diferentes participações de cada ator.

O privilégio dado à descrição do processo biomédico foi uma opção para mostrar a longevidade enquanto uma política de Estado, interligada a discursividade científica, representada pelas ciências da saúde, que ainda hoje são as que detêm autoridade na busca pela longevidade, transmitida em manuais de qualidade de vida.

Os idosos por sua vez, quando narram a sua experiência de alcançar a longevidade, se reportam também a existência de tais pesquisas para comprovar suas falas, suas narrativas biográficas sobre a manutenção de um estilo de vida saudável e ativo como os princípios para se chegar aos oitenta anos sem a aparência de tê-los.

A diferença de alcance entre as duas pesquisas não é a discussão principal, mas são trazidas aqui para mostrar duas diferentes etapas de processos de investigação semelhantes, que têm o mesmo objetivo: identificar fatores genéticos e ambientais que favoreçam a longevidade. Após os primeiros resultados da pesquisa em Veranópolis são incluídos também a colaboração dos fatores sociais para a elevada esperança de vida da população. Enfim, processos que conjugam a parceria entre o interesse científico e o poder público na criação das políticas públicas voltadas para os idosos e que nos deixam também algumas questões para pensar: O que as cidades ganham com essa nova vocação? Uma mudança de status e um movimento que já começa na Europa e Estados Unidos de construção de lugares para “velhos”? Onde aparecem os problemas de segregação? E a estrutura necessária nessas cidades que se pretendem enquanto longevas?

Enfim, foram duas experiências etnográficas bastante diferenciadas no acesso às pesquisas que fomentaram e instituíram as cidades no quadro de ‘municípios onde se vive mais’.

CAPÍTULO 5

O processo de envelhecer: dilemas presentes

O tema do envelhecimento vem se consolidando como uma área interdisciplinar de estudos no sentido estrito do termo, onde não apenas é considerado o que os diversos profissionais que se dedicam à temática pensam e escrevem, mas que está se consolidando enquanto um espaço em que os diferentes estudiosos trabalham e pesquisam lado a lado. No início dessa pesquisa fui convidada pela minha orientadora, Cornelia Eckert, a participar das reuniões do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento⁶⁴ e nesse espaço de discussão pude perceber a interação entre profissionais da área da Antropologia, da Psicologia, da Educação Física, da Enfermagem e da Educação, no constante esforço de construção de saberes sobre o processo de envelhecer. A participação e discussão em uma disciplina na Faculdade de Enfermagem também foi um recurso importante na minha iniciação a temática e conhecimento de outras perspectivas de abordagem do envelhecimento, para além daquelas das ciências humanas, especialmente da Antropologia e na Sociologia.

A criação de um campo dedicado especificamente aos estudos sobre a população envelhecida, o da gerontologia, é capaz de congrega as diversas áreas do conhecimento que se interessam pela temática, promovendo dessa forma uma visão e discussão interdisciplinar. A gerontologia surge com o aumento da população e idosos. A partir da compreensão da construção cultural e social das fases da vida, mas também enquanto um processo biológico, o envelhecimento na Antropologia se constitui enquanto um problema social não apenas pelo seu crescimento populacional, mas sim no intuito de compreender o envelhecimento humano através de quem vivencia esse processo, respeitando a pluralidade de condições e experiências,

⁶⁴ O Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento é vinculado à Pro-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e se constitui enquanto espaço de discussão e promoção de atividades relacionadas ao tema no espaço institucional assim como concedendo apoio a órgãos promovidos pelas Secretarias Estaduais e Municipais no que diz respeito aos idosos, além disso, o Núcleo também mantém atividades conjuntas com a Universidade Aberta da Terceira Idade.

desconstruindo a ideia de homogeneidade dessa fase da vida e as noções de valorização ou desvalorização que a gerontologia tende a estabelecer sobre o envelhecimento (Membrado & Clément, 2010).

É no interstício de compreender a construção da longevidade enquanto um processo biológico, social e político presente ao longo da etnografia e que se atravessam sem cessar, que desenvolvo esse capítulo.

5.1 Envelhecimento: paradoxos, disputas e contradições

Com o aparecimento de uma ciência específica no século XX, denominada gerontologia, que se propõe a estudar as dimensões biológica, psicológica e social do envelhecimento, os estudos sobre esse processo entram de fato na pauta e como objeto para diversos domínios, tornando-se um sujeito de estudo interdisciplinar e abordado de diferentes maneiras. A gerontologia surge para englobar nos seus estudos as questões culturais, sociais e psicológicas, a medicina, a fisiologia e a nutrição e busca assim constituir-se enquanto porta-voz dos discursos oficiais sobre longevidade e envelhecimento, fundada sob a hipótese problemática de que na velhice haveria uma homogeneização das experiências, minimizando inclusive diferenças culturais, étnico-raciais e de classe, esse é o pressuposto que funda a gerontologia enquanto um campo específico de estudos (Arcand, 1982).

Os estudos mais recentes sobre o envelhecimento, baseados na proliferação e dados estatísticos, de problemáticas, de novas configurações sociais, apontam que há uma tentativa de desconstruir a experiência da velhice enquanto homogênea, tratando assim de compreender o processo de envelhecimento a partir da heterogeneidade⁶⁵ dos sujeitos que a categoria tem a pretensão de englobar, “ou então procurar reconstruir a suposta homogeneidade colocando-a sobre novas bases” (Debert, 1999:41). A

⁶⁵ Beauvoir já atentava para a heterogeneidade do processo de envelhecimento especialmente no que tange à luta de classes. Essa determinaria a maneira pela qual um homem é surpreendido pela velhice, somando-se a saúde, a família etc: “Qualquer afirmação que pretenda referir-se à velhice em geral deve ser rejeitada porque tende a mascarar este hiato” (Beauvoir, 1990:17 apud Silva Sobrinho, 2007:82).

Antropologia e a Sociologia são as áreas que têm se destacado nessa conversão dos estudos que buscam compreensões sobre o processo.

Atualmente, diversos estudos desconstruem cada vez mais o envelhecimento enquanto uma experiência homogênea e os estudos micros sociais ganham um destaque cada vez maior, tratando de especificidades territoriais, migratórias, étnicas-raciais e de classe. Mesmo os estudos biomédicos, criticados muitas vezes por não considerarem as especificidades sociais, consideram cada vez essas particularidades das populações estudadas, como o que ocorre em Maués e Veranópolis, por exemplo.

As condições singulares do envelhecimento, fazendo com que este se constitua enquanto um fenômeno multidimensional e dinâmico, são observadas em diferentes sociedades, coletivos e na experiência individual dos sujeitos, conduzindo estudos também em uma perspectiva etnogerontológica (Kollewe, 2011).

A justificativa dos estudos antropológicos sobre o envelhecimento, no entanto, não parte somente do pressuposto de que a categoria velhice passa a constituir-se enquanto um problema social a partir do seu crescimento populacional. Estudos como de Vincent Caradec (2007, 2009), Anne-Marie Guillemard (2003) e Monique Membrado (2002; 2010) indicam que a taxa de envelhecimento proporcional à população não é maior atualmente do que no início do século XX, por exemplo, defendendo assim que o que orienta a preocupação com o envelhecimento é na verdade uma preocupação com o sistema econômico seja em relação à mão-de-obra ou ao sistema de aposentadorias.

Os conceitos transformaram-se ao longo do tempo, da interação entre campos de estudo e em diferentes sociedades. O esboço dos conceitos que tratam socialmente do processo de envelhecimento que trarei aqui são aqueles pensados para dar conta do fenômeno em estudos no Brasil e na França, não necessariamente construídos nessas sociedades, mas que contribuem na compreensão dos fenômenos nesses locais por parte dos estudiosos e também que são utilizados enquanto categorias nativas.

5.1.1 Das questões Biológicas

“... A caixa de Pandora foi então aberta, e de lá escaparam a Senilidade, a Insanidade, a Doença, a Inveja, a Paixão, o Vício, a Praga, a Fome e todos os outros males, que espalharam pelo mundo e tornaram miserável a existência dos homens a partir de então. Epimeteu tentou fechá-la, mas só restou dentro a Esperança, uma criatura alada que estava prestes a voar, mas que ficou aprisionada hermeticamente na caixa”. Mito de Pandora

Os estudos sobre as diferentes fases da vida humana não são recentes, nem mesmo algumas das preocupações ligadas a esses períodos. No entanto, o valor atribuído a quem vive o processo de envelhecimento no seu último estágio difere ao longo da história, nas sociedades, nas crenças.

Na mitologia grega, quando Zeus envia Pandora para na terra semear os males, a velhice configura entre eles, característica de uma sociedade que cultua a beleza física e que associa a velhice à degradação do corpo e da alma, à miséria humana (Puijalon & Trincaz, 2000). Os mitos sobre o envelhecimento permeiam diversas sociedades⁶⁶ e as tentativas para prolongar a vida antes de chegar à velhice também são inúmeras. A busca por elixires, o investimento de alquimistas e navegadores em fórmulas ou produtos que prolongassem a juventude, são tentativas e desejos que ultrapassaram períodos históricos e mantêm-se atuais. A juventude eterna é a felicidade suprema e pensar na causa ou consequência nesse jogo moveu os primeiros estudos sobre o envelhecimento.

No ano de 1260 o escritor Philippe de Novare⁶⁷ pensava, acerca da divisão da vida humana, em quatro etapas cronológicas. Seus manuscritos de *Les quatre âges de l'homme* têm 42 capítulos dedicados à infância, 69 capítulos que tratam da juventude, 74 sobre a vida adulta e enfim, os 27 últimos capítulos tratam sobre a velhice. O menor interesse sobre a última

⁶⁶ Grécia Antiga, sociedades ameríndias, Europa medieval.

⁶⁷ Freville, Marcel de. *Des quatre âges de l'homme : traité de moral de Philippe de Novare*. Paris: Didot, 1888.

etapa da vida não é um fenômeno novo nas sociedades e mesmo se nos últimos anos é possível verificar o crescimento do interesse nessa etapa, cabe refletir as causas e caminhos pelos quais segue o empenho em conhecer mais sobre a velhice.

A obra *Roman de la Rose* traz também uma interpretação da velhice na época medieval. O livro que tem sua primeira parte escrita e finalizada por Guillaume de Lorris por volta de 1230 e trata sobre “a arte de amar”. A velhice, percebida como um período intermediário onde quase não se vive mais, mas ainda não se está morto, é retratada por Lorris na *Allégorie de la vieillesse* com todas as acusações que poderiam recair sobre os velhos nesse período, em especial às mulheres. Seguindo a mesma divisão cronológica das etapas da vida de Phillipe de Navarro, Guillaume de Lorris compara a velhice ao inverno, estabelecendo a relação com o período do ano de frio, sem cores e infrutífero, como um ciclo que teve seu início de vida na primavera e chegando o inverno chega também a seu fim.

O pouco interesse voltado aos avós reenvia a uma imagem da velhice consagrada a um período de devoção. É o momento em que o cristão deve voltar-se a Deus em razão de sua saúde. A boa velhice é então descrita na Idade Média como um período para “retirar-se do mundo”, inspirada no modelo monástico a regra a seguir é desligar-se do mundo e aproximar-se de Deus (Legros & Casman, 2001).

Durante os períodos de maior espiritualidade, em que a beleza é procurada para além do corpo, ou seja, apoiada em outro ideal estético, abstrato, como na Idade Média, os velhos têm um duplo significado: o da sabedoria manifestada pelos cabelos brancos e a barba à imagem de Deus majestoso e aquele do pecado marcado pela alteração física da pele, simbolizando assim a constante dualidade entre o bem e o mal ou Deus e o Diabo (Puijalon & Trincaz, 2000:64).

No século XVII as famílias começam a reduzir-se e a velhice é o estágio da vida representado como excessivo (Birman, 2012). No entanto, é nesse período que se encontram os primeiros registros de uma especialidade voltada para os velhos. A *Géromie* passa assim a figurar no *Dictionnaire universel de*

médecine de 1747 como a parte da medicina encarregada dos estudos e prescrições de uma dieta aos velhos.

No século XVIII, através da literatura e da filosofia, retorna-se a insistência da ideia do retorno sobre si na velhice, que favorece o desenvolvimento da consciência do tempo e conseqüentemente, da duração da vida em uma perspectiva linear.

Nos fins do século XVIII e início do século XIX por ocasião do malthusianismo, os velhos tornam-se fortemente objeto de estudos médicos. Era necessário 'combater' o envelhecimento para assegurar recursos econômicos suficientes. Obedecendo a essa lógica, o interesse sobre o envelhecimento volta-se para a descoberta das doenças associadas à velhice e o mito da juventude eterna renasce. Os tratados e escritos sobre as táticas para conservar a saúde e a arte de manter-se eternamente jovem ou de buscar o rejuvenescimento se multiplicam e esse movimento será observado ao longo do século seguinte. Os estudos de economistas e demógrafos ganham novo fôlego e o aumento do número de velhos amplia as questões sobre o envelhecimento e a longevidade, enquanto evidência da vitória da ciência sobre a natureza o que por sua vez, reforça os estudos do lado medical responsável pelo prolongamento da vida.

Conforme aponta Guita Debert, há uma tendência contemporânea em rever os estereótipos associados ao envelhecimento: "A ideia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal", aonde a experiência de vida e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de realizar projetos abandonados em outras etapas e estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e mais velhos (Debert, 1999:14).

A categoria velhice não é natural, mas socialmente produzida. As fases da vida como a infância, a adolescência e a velhice não são essências que os indivíduos adquirem com o avanço da idade cronológica. Pelo contrário, os processos biológicos são elaborados simbolicamente com rituais que definem fronteiras entre idades pelas quais os indivíduos passam e que não são

necessariamente as mesmas em todas as sociedades (Debert, 2003:51), assim como as idades não são os fatores explicativos dos comportamentos humanos.

Se o envelhecimento é um fenômeno natural, porque hoje na sociedade ocidental contemporânea ele transformou-se em um problema? Para Michel Billé e Didier Martz (2012) há duas explicações possíveis, uma da ordem econômica-política e a outra da ordem antropológica, sendo que as duas se interligam conforme as conjunturas. A primeira é parte do liberalismo que repousa sobre as leis do mercado e sobre uma doutrina utilitarista, que não se concilia com quem não é útil. Demandando um sacrifício necessário e repousando essencialmente na liberdade individual, o liberalismo não pode se conciliar com a igualdade de todos. A segunda é a exclusão como condição necessária ao funcionamento das sociedades, dos grupos, dos indivíduos e ao seu equilíbrio e o que resta é encontrar quem são os indivíduos que apresentam os sinais de fraqueza, de vulnerabilidade e que possuem marcas de diferença, que são as principais características daqueles que são excluídos através da produção de normas com a função de traçar linhas de separação que marginalizam, isolam e excluem. Para os autores, o exemplo mais claro é o da normalização do corpo, onde não se diz precisamente como deve ser o corpo considerado normal, mas as imagens, a publicidade, os discursos sobre a nutrição do corpo, o esporte, a saúde e a estética agem como dispositivos que tratam de nos fazer compreender o que é um corpo dentro da normalidade.

Também no âmbito das ressignificações atribuídas ao processo de envelhecer e da tentativa de positivar a imagem do idoso, surge a categoria de envelhecimento ativo, que conforme publicação da Organização Pan-Americana de saúde, diz respeito ao “processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (Who, 2005:13).

O envelhecimento ativo além de dar conta dos aspectos diretamente ligados à saúde, fundamentais para a manutenção da autonomia (referente a decisões mentais) e da independência (referente às habilidades físicas), trata ainda das políticas de direitos humanos referentes aos idosos, da sua independência, participação, dignidade, assistência e auto-realização. Ou seja,

os pressupostos do envelhecimento ativo envolvem concepções sociais do que é envelhecer com qualidade.

A definição de qualidade de vida na terceira idade não é consensual na literatura sobre envelhecimento, porém, de maneira geral, associa-se a aspectos biomédicos que dizem respeito à deterioração e as limitações funcionais do corpo (Clement; Rolland; Thoer-Fabre, 2005), remetendo assim às 'técnicas corporais' descritas por Marcel Mauss (Mauss, 1974) para o alcance de um envelhecimento sadio e a continuidade da participação no mercado capitalista.

A capacidade funcional dos idosos, trazida aos estudos sobre envelhecimento através da gerontologia na década de 60, contribuiu para a positivação da imagem não apenas a partir dos próprios idosos, mas também da sociedade em geral que passa a preocupar-se com metas e programas que deem conta não apenas da doença, mas da saúde dessa população.

Simone Korff-Sausse (2012) escreve sobre a conotação negativa da palavra dependência e defende de que quanto mais se fala em dependência, mais se impede a autonomia dos idosos. Esta crítica é direcionada às áreas da saúde e à influência que estas têm na construção de conceitos de saúde que são utilizados mundialmente para dar conta de uma população extremamente diversa, mesmo dentro de uma mesma faixa etária. É necessário um processo de aceitação da dependência para dar-se autonomia, conceito esse visto como positivo pela gerontologia e que não analisa profundamente o termo imbricado de uma ideologia que culpabiliza o indivíduo e que transmite uma falsa ideia de liberdade.

A idade cronológica que corresponderia ao período de dependência é a denominada quarta idade, associada aos aspectos negativos da velhice, diferenciando-se assim da terceira idade. A quarta idade é, em geral, acima de 75 anos em países com a esperança de vida como no Brasil, mas corresponde principalmente às condições de dependência e autonomia. Os limites entre quarta idade e quinta idade não possuem um recorte tão claro como aquele que conhecemos em relação à terceira idade e mesmo que se torna mais nítido entre a terceira e a quarta idade. A definição mais corrente faz a correspondência entre as pessoas com mais de 100 anos e a quinta idade.

As áreas que mais se detêm nas explicações sobre o fenômeno do envelhecimento são ainda aquelas ligadas à saúde e áreas correlatas. Ainda assim os estudos que se dedicam ao estudo da população acima dos 60 anos estão interessados na busca daqueles idosos que muitas vezes são idealizados nos grupos de terceira idade enquanto dinâmicos e alegres e pouca atenção está voltada aqueles que adentraram na já denominada quarta idade e que, como aponta Britto da Motta, prenuncia uma quinta idade, que segundo a autora, ninguém quer estudar ou conhecer (Britto da Motta, 2002). No Brasil, entre as pessoas com mais de 80 anos, 64,3% possuem alguma limitação funcional, sendo que 69% dos idosos apresentam alguma doença crônica e 73% das pessoas com mais de 60 anos utiliza apenas o SUS (PNAD, 2008).

Estudiosos de diversas áreas estão de acordo sobre domínio da medicina no que tange as regras impostas ao envelhecimento e ao que é envelhecimento. Os primeiros escritos sobre o envelhecimento tratavam dos aspectos biológicos desse processo, assim como os primeiros conceitos e estudos científicos foram realizados pelo domínio da medicina. A crença contemporânea ainda repousa na busca de 'soluções' pela via medical para desacelerar ou distanciar cada vez mais esse período que nos confronta cotidianamente com a finitude.

O antigo modelo de pensar o processo de envelhecimento carregava consigo uma superposição da natureza sobre a cultura, resultado da dicotomia herdada da supremacia do pensamento cartesiano enquanto condutor da ciência. Procurando mostrar a construção das dicotomias, para assim propor uma nova forma de análise que se distancie de oposições centradas em dois polos, quais sejam natureza e cultura ou mente e ambiente, a Antropologia desempenhou um papel importante. A partir do trânsito por diversos campos do conhecimento, como a biologia, a psicologia, a filosofia e a antropologia, e refletindo sobre a tensão mente e ambiente Gregory Bateson (1972) propõe o estudo de uma "ecologia da mente", através da qual deseja romper com a separação mente, enquanto propriedade interior, de dentro do indivíduo e ambiente, como exterior a esse indivíduo, a parte de fora do seu corpo. Bateson realiza sua tarefa de propor uma nova epistemologia - ecologia da mente - através do raciocínio abduutivo e suas envolviam as seguintes

questões: do que o homem é feito? O que é a diferença? E principalmente, o que é a mente? Através dessas questões, buscava entender o resultado da soma organismo e ambiente, a ligação entre a mente e o mundo. Para tanto, destaca-se a importância das relações para esse autor, pois é na ação e na interação que conhecemos os contextos e o que liga os seres uns aos outros. É a ação e interação que nos permitem conhecer e re-conhecer o mundo.

O conceito de mente de Bateson (1972) é baseado na proposição de que a mente não está limitada a fronteira da pele, sendo um agregado de componentes onde a interação é acionada por meio das ideias. Sempre o processo de representação servirá de filtro, logo o mundo mental é somente mapas de mapas de mapas, ao infinito. A ideia central é a de que nós criamos o mundo que percebemos, não porque não exista uma realidade do lado de fora de nosso corpo material, mas porque selecionamos e editamos a realidade que nós vemos, para que esta se conforme às nossas crenças sobre em que tipo de mundo vivemos. O próximo passo é entender como são construídas as “ideias que nós fazemos das coisas”. Ideias para o autor são algo muito amplo, e define-as como sinônimo de diferença - a diferença é abstrata -, as ideias são “diferenças que produzem diferenças”. A observação e a experimentação são sempre constituídas de informações de diferenças. São essas informações de uma diferença que tornam possíveis a eclosão de *ideias* e os processos de suas *representações*, de suas *enunciações*, de suas *conceitualizações* e de suas *interpretações*. A partir dessas conclusões, Bateson (1972) enuncia uma crítica ao conceito de identidade, pois a diferença não é propriedade das coisas, mas sim das relações que estabelecemos, compreensão fundamental para interpretar o processo de envelhecimento e os embates entre identidades que são adquiridas ou atribuídas através da experiência cotidiana e da temática tratada na esfera pública e médica.

Contemporaneamente, através do diálogo com diferentes disciplinas, Tim Ingold (2000) propõe o paradigma ecológico para pensar a tensão natureza e cultura através do conceito central de *landscape* (paisagem). O conceito de paisagem utilizado pelo autor indica perspectiva, horizonte aberto e é constituído pelo engajamento ativo dos humanos e não humanos, na tentativa de colapsar essa dualidade natureza e cultura. Unem-se através da

paisagem o sujeito, a natureza e a cultura, pressupondo um processo de inter-agencialidade. A “ecologia da vida”, a qual situa a interação humana e a ação no interior do contexto de um engajamento no processo, mutuamente constitutivo, entre povos e seus ambientes (Ingold, 2000:28). Ela exige que se repense a própria compreensão da vida. A vida é o “desdobrar criativo de um campo de relações inteiro no qual os seres emergem e assumem a forma particular que assumem em relação com outros”.

A educação da percepção enquanto uma *habilidade adquirida* processualmente, que Ingold trabalha através do conceito de *skill*, e no sentido de uma relação ativa, vai ao encontro da sua tese de que formas de percepção são também formas de (inter) ação no ambiente, constituindo-se na vida e não apenas na mente. A *habilidade*, não como propriedade individual do corpo, mas de um sistema total de relações constituído pela presença do agente em seu ambiente. A habilidade corporificada é incorporada pelo organismo-pessoa através de um processo de desenvolvimento, sendo concomitantemente conhecimento prático e prática do conhecimento. Pessoa-organismo é o agente para Ingold, ou seja, ao mesmo tempo organismo em uma rede de relações ecológicas com outros organismos, e pessoa em uma sub-rede de relações com outras pessoas-organismo.

Traçando ainda um paralelo entre Ingold e Bateson além daquele da importância da relação, seja para o desenvolvimento das habilidades ou para desessencializar as diferenças, há ainda uma consonância entre os autores no que diz respeito aos desdobramentos da percepção e da mente, respectivamente, que se dão na relação com o ambiente e com o mundo, atribuindo um grande peso às relações para a construção das suas teorias. No entanto, para além dessas relações, há em Bateson o que Ingold denominou de revelação. Para Bateson, são chaves que abrem as portas da percepção porque atuam como pistas que vão entrelaçando dados da experiência. O mundo se revela aos poucos para uma mente imersa em conexões entre várias mentes. A posição de Ingold é a de que “através da aquisição progressiva das chaves, as pessoas aprendem a perceber o mundo ao redor delas” (Ingold, 2000:22). Para Ingold, “a experiência não faz a mediação entre mente e natureza, uma vez que estas não são separadas em primeiro lugar”. A

experiência é integrante do mundo e o movimento de atenção dos agentes está voltado ao movimento dos aspectos do mundo. Logo, todo conhecimento está fundamentado na experiência, ressaltando a importância que a intencionalidade possui para a fenomenologia. “Não temos que pensar o mundo para vivermos nele, mas precisamos viver no mundo para pensá-lo” (Ingold, 2000). Uma vez que a mente não está separada da natureza, defende-se também que a experiência não faz a mediação entre ela e a natureza.

Além da crítica dos autores sobre a concepção cartesiana racionalista de pensamento dicotômico, há neles a preocupação com o ofício do antropólogo ou o papel que a antropologia pode desempenhar para reverter o quadro, colapsando essas dicotomias e principalmente colocando-se no ponto comum onde estão divididos esses papéis que permitem definir as coisas entre natureza e cultura. A interdisciplinaridade na superação de dicotomias é um dos caminhos apontados, em que a filosofia, a psicologia, a biologia e a antropologia são exploradas conjuntamente, deixando clara a relação entre os campos do conhecimento e o modo como os conceitos perpassam esses campos do conhecimento, sendo reapropriados e ressignificados constantemente.

No mesmo formato de construção dicotômico, a influência da biopolítica criou um impacto sobre a construção das percepções sobre o processo de envelhecimento. A ação da biopolítica, responsável pela medicalização da vida (Foucault, 1979) fomentou a imagem do idoso isolado, “denarcisado” e produziu a melancolia com a ideia de que os velhos não tem memória presente e estão sempre ligados ao passado e contemporaneamente aposta na imagem, através da apropriação do conceito de terceira idade na década de 70 e 80, na plasticidade de pensar o envelhecimento que valoriza os idosos biologicamente e socialmente, desde que travestidos de juventude (Birman, 2012).

Mais uma vez está presente a necessidade de conformar as pessoas idosas, seja qual for o preço, aos modos inexistentes de um envelhecer bem, conforme a crítica de Billé e Martz (2012). Como esses indivíduos nos remetem à imagem do que teremos à nossa frente, isso nos incita a destruir essa imagem, transformá-la ou rejuvenescê-la, insistindo na ideia de envelhecer sem tornar-se velho, em um estratagema para encobrir o nosso

destino, dissimulado pela ideia de organizar a saúde e mesmo de prolongar a vida. Na medida em que a longevidade tornou-se um indicador dominante da saúde de uma população, durar a todo preço é a palavra de ordem dos pesquisadores, médicos, políticos e de parte dos indivíduos, frente a outros valores como a dignidade e a liberdade dos indivíduos. A ideologia de prevenção e da busca pelo risco zero faz parte do envelhecer bem e para isso é necessário que aceitemos viver sob a vigilância médica para minimizar riscos.

A indagação sobre o sentido de envelhecer em uma sociedade do efêmero, que impõe um saber biomédico para prolongar a vida sem perdas ou carências, é recorrente não só entre estudiosos, mas também entre os próprios sujeitos que repensam a sua trajetória.

Envelhecer é durar e durar forçosamente leva tempo. Ainda segundo Billé e Martz, a característica da ideologia do envelhecer bem é de evacuar a questão do tempo, porque o tempo, não em si mesmo, mas o tempo que passa, o tempo que resta para viver, não é compatível com a ideia que possamos, apesar dele, envelhecer bem. Fundado sobre o medo, o envelhecer bem é uma determinação que exerce uma verdadeira tirania sobre quem envelhece, que inculca uma ideologia de prevenção, de precaução e de performance que visa demonstrar o sucesso do programa de envelhecer bem.

O envelhecer bem, enquanto conceito, se apoia na criação da necessidade de ter projetos de vida para normalizar os indivíduos, com o objetivo de morrer o mais tarde possível e com boa saúde. Inicialmente, quem envelhece deve ter um bom comportamento e isso significa não estar doente, o que auxilia na explicação do aumento da medicalização da velhice. O exterior, a aparência do corpo, fica por conta da indústria de cosméticos. Produtos antirrugas, antienvelhecimento e anti-idade por pouco não se tornam produtos “anti-velhos”. Outra regra é a adoção de uma maneira de se vestir, de um penteado ou corte de cabelo. O envelhecer bem mostra dessa forma sua relação com o corpo, estruturado no modo de gestão econômica do mesmo. O corpo é um capital que é necessário gerenciar e investir. Envelhecer bem é também uma performance, especialmente sexual. É importante seduzir, manter relações amorosas e sexuais mesmo se o corpo não corresponde. Para isso

foram criados subterfúgios e o medicamento Viagra é o melhor exemplo de como manter-se performático (Billé e Martz, 2012).

Giuseppe Baldacci (2012) considera que a noção recente de envelhecimento celular⁶⁸ tem também aumentado a busca pela eterna juventude através da medicalização. Para os leigos, segundo ele, que não compreendem a diferença, ocultada pela medicina, entre envelhecimento de células e de organismo, o investimento em medicamentos que promovem a juventude eterna movimentam a economia dos laboratórios e promovem uma ideia de bem estar associada à juventude e, na falta dessa, de medicalização para tornar-se o mais jovem possível. A contrapartida é quando o envelhecimento passa a ser um medicamento, produzindo mesmo “vacinas anti-câncer”⁶⁹.

Para compreender o tempo e a memória no trajeto antropológico⁷⁰ dos sujeitos, a proposta de Thomas Csordas (2008) é considerada pertinente para este estudo. O paradigma da corporeidade visa a compreensão dos sujeitos na cultura, surgindo na perspectiva da antropologia psicológica e na direção da fenomenologia, propondo que o corpo não é definido enquanto um objeto a ser estudado em relação à cultura, mas é o sujeito da cultura, sua base existencial.

“A cultura é escrita sobre os corpos” de modos diferentes em cada sociedade. É no modo como essas imagens das nossas percepções sobre o corpo são inscritas que o antropólogo deve direcionar sua atenção, além de observar como é realizada a construção das identidades através da imagem do corpo (Featherstone, 1994:50). A produção social do corpo e as diferenças de representações desenvolvem-se dentro de uma gama de possibilidades e variações dentro de cada sociedade, caracterizando-se dessa forma como um processo heterogêneo, sem tratar-se, conseqüentemente, de “assumir a

⁶⁸ A noção foi elaborada em 1961.

⁶⁹ Pesquisa em curso sobre a eficácia de células cancerosas presentes no organismo de pessoas idosas na produção de vacinas anticâncer.

⁷⁰ O trajeto antropológico orienta o processo de intercâmbio incessante no plano do imaginário, entre pensamento e matéria, o sentido e as coisas, o mundo das ideias e o mundo dos objetos, as *pulsões subjetivas* e as *intimações objetivas*. O trajeto antropológico traduz o universo por excelência das imagens e o simbolismo imaginário como parte integrante da dialética que funda a coerência entre o sentido e o símbolo na construção da homogeneidade da representação (Rocha, 2008:2).

existência de uma consciência e percepção social universal da imagem do corpo” (Featherstone, 1994:51).

O *habitus*, enquanto mediação universalizante, se investe de dupla função, na sua relação com estruturas objetivas é o princípio gerador de práticas, enquanto na sua relação com um repertório total de práticas sociais é o princípio unificador. O colapso das dualidades na corporeidade exige que o corpo, enquanto figura metodológica, seja ele mesmo não-dualista, isto é, não distinto de – ou em interação com – um princípio antagônico da mente. Quando o corpo é reconhecido pelo que ele é em termos vivenciais, não como um objeto, mas como um sujeito, a distinção mente-corpo se torna muito mais incerta, transformando-se assim no terreno existencial da cultura, onde há a articulação entre sujeito e objeto.

“O corpo humano é uma entidade visível e esta visibilidade tem um importante papel na comunicação entre pessoas e nos encontros da vida social” (Featherstone, 1994:52). O corpo é um lugar de comunicação humana e conforme assinala Judith Butler, constitui identidades na medida em as institui através da estilização de determinados gestos e movimentos reconhecidos pela audiência do cotidiano (Butler, 2004:19) e a vida humana “é primariamente baseada sobre os seres humanos que são visíveis uns aos outros”. “Eis a dupla capacidade do nosso corpo: ver e ser visto, sendo a base para nossos julgamentos sobre o status e o valor dos outros nossa observação dos seus corpos” (Featherstone, 1994:54).

5.1.2 Das questões políticas

O envelhecimento populacional⁷¹ é tratado na esfera pública e privada e as preocupações são diversas, majoritariamente, ligadas à qualidade de vida, à criação de políticas públicas, ao sistema de previdência e as próprias redefinições e concepções de discursos e nomenclaturas ligados a essa etapa da vida. E não raro essas discussões são vinculadas ao tema do

⁷¹ Nesse caso o conceito de envelhecimento populacional equivale a processo de envelhecer e não ao conceito utilizado na demografia que faz referência ao aumento do número de pessoas com mais de 60 anos.

desenvolvimento urbano (cidades, metrópoles), estilo de vida moderno-contemporâneo e desenvolvimento científico-tecnológico.

Ao mesmo tempo em que o declínio acentuado e sistemático da fecundidade vem ocorrendo, os idosos, ou seja, o segmento com 60⁷² anos e mais de idade, conforme o IBGE, tem seu peso relativo aumentado no total da população e assiste assim ao aumento da longevidade. Enquanto as projeções para a virada do século eram de que o Brasil contasse com uma população acima de 65 anos superior a 8,7 milhões (Berquó,1999:38), os dados divulgados pelo IBGE em setembro de 2008 divulgam um número de pessoas acima de 60 anos que se aproxima de 20 milhões de idosos, o que corresponde a mais de 10% do total da população nacional. Conforme o IBGE, estes dados revelam que o país encontra-se em processo de envelhecimento populacional, o que evidencia a crescente preocupação dos setores públicos e privados com relação a esse debate.

Em todos os países a expectativa de vida aumentou consideravelmente no último século e este fenômeno tem sido atribuído pelos gerontólogos à melhoria dos níveis de nutrição e dos serviços de saúde. Ao examinarmos os dados do censo populacional tem-se dimensão do movimento acelerado em que tem ocorrido o aumento da expectativa de vida. Em vinte anos a expectativa de vida no Brasil aumentou 10 anos. Em 2000 a expectativa de vida no Brasil era de 64,8 anos para os homens e 72,5 para as mulheres. Em 2012, a expectativa de vida ao nascer do brasileiro atingiu a média de 74,08 anos. No ano 2010 a participação da população com mais de 65 anos era de 7,4% sobre o total de habitantes (IBGE, 2011). As últimas projeções indicam que esse segmento será de 15% da população no ano de 2020, aproximando o Brasil aos países mais desenvolvidos em termos de números absolutos e de participação dos idosos no somatório da população, além de caracterizar o processo de envelhecimento brasileiro entre um dos mais velozes no mundo⁷³. O Centro Latinoamericano e Caribeño de Demografia - CELADE, órgão da Comisión Económica para América Latina y el Caribe - CEPAL, das Nações

⁷² Conforme definição da ONU é considerada idosa as pessoas acima de 60 anos nos países em desenvolvimento e a partir dos 65 anos nos países desenvolvidos, onde a expectativa de vida é maior.

⁷³ <http://www.fundaj.gov.br/tpd/117a.html>. Página consultada em novembro de 2009.

Unidas, classifica o envelhecimento brasileiro como um processo moderado avançado (IBGE, 2008).

No Japão, 23,1% de pessoas tem mais de 65 anos, sendo este, proporcionalmente, o país com o maior número de idosos⁷⁴, com uma esperança de vida que atinge a média de 83,9 anos. Estelle Ducom (2010, 2012) traz alguns números sobre seus estudos na relação entre envelhecimento e cidade no Japão, chamando atenção para problemáticas pouco exploradas quando se trata de envelhecimento. Segundo ela, o número de crimes, especialmente furtos em lojas e supermercados, cometidos por pessoas com mais de 65 anos, é de 25% em todo o país. Entre grande parte dos que cometem os crimes e com a consciência do sistema de punição japonês, figura a possibilidade de receber a assistência do Estado enquanto prisioneiro, mostrando uma realidade em que o aumento do número de pessoas com mais de 65 anos que não é atendida pelo Estado ou que não possui condições econômicas de financiar sua velhice não ocorre apenas nos países considerados em desenvolvimento, que sofrem constantemente com a acusação de não estarem preparados para acolher o aumento de idosos. Outra estatística trazida pela mesma autora diz respeito a média de idade das pessoas que não possuem moradia, que em 2003 atingia os 56 anos, mostrando o empobrecimento econômico na velhice e um aumento de 50% no número de moradores nas casas de longa permanência entre 2005 e 2010.

As categorias de idade enquanto construções históricas e sociais são constitutivas de realidades específicas, uma vez que operam recortes no todo social, estabelecendo direitos e deveres diferenciais em uma população, definindo relações entre as gerações e distribuindo poder e privilégios. Pierre Bourdieu ressalta que a manipulação das categorias de idade envolve uma verdadeira luta política, na qual está em jogo a redefinição dos poderes ligados a grupos sociais distintos em diferentes momentos do ciclo da vida, afirmando que ao tratar das divisões por idade é dever do pesquisador lembrar que elas são uma criação arbitrária (Bourdieu, 1983).

⁷⁴ Em seguida vem a Alemanha, a Itália e a França (dados de 2010).

Michel Billé e Didier Martz (2012) também mostram uma preocupação quando conceitos como envelhecer bem, envelhecimento ativo ou *bien vieillir*⁷⁵ torna-se uma ideologia, transformando-se em verdade e em um princípio explicativo dominante e único. Esta ideologia forma um sistema de interpretações definitivas, ou quase, do mundo, um sistema de valores, dizendo o que convém fazer e pensar e a partir do qual se afirma o que é uma boa ou má vida, mais ou menos digna. A aplicação de tais conceitos se transformaria em um projeto individual, coletivo e político, que considera o custo que pode ter o envelhecer mal para si e para a sociedade. Por que desejar a longevidade se ela é associada ao avanço da idade? Ao fundo desse paradoxo mais uma característica da ideologia do envelhecer bem: envelhecer e permanecer jovem, ou envelhecer sem tornar-se velho, é isso que é imposto através do que os autores denominam tirania do envelhecer bem.

Paradoxalmente o tempo da velhice e da aposentadoria, comunicado como um período de relaxamento e de diminuição das atividades, acaba sucumbindo à tirania do envelhecer bem, mais opressor à medida que o tempo passa: seja autônomo, tenha um projeto, faça seus orçamentos, sociabilize-se. Isso é o que os manuais de psicologia e gerontologia incitam. Os autores são enfáticos ao dizer que a sociedade atual faz com que os idosos paguem pelo preço da nossa finitude. Quando a velhice é vista como o período que nos separa da morte, nós acabamos por perder a capacidade de pensar também que a velhice é o tempo que nos permite ainda viver. A presença massiva dos idosos na sociedade faz com que tenhamos que conviver iminentemente com a morte, na medida em que o outro é também um constitutivo de mim. Mesmo que empenhemos todas as nossas energias para distanciarmo-nos da morte, os velhos mostram que nossa tentativa é inútil, testemunhando em seus corpos o futuro que nos espera. A percepção de qualquer sinal disforme faz com que objetivemos o outro e comecemos a olhar para ele no que lhe falta em relação a nós. O termo 'bem' nos introduz no mundo do valor, onde as coisas, as ações e os seres valem uns mais do que os outros, um mundo, enfim, do que deve ser e do que é obrigatório ser, fazendo com que nos submetamos a essa tirania para não correr o risco do estigma ou de um tratamento social indesejável. O

⁷⁵ Conceito original na obra

envelhecer bem, colocado simplesmente, conforme os autores, não enfrenta nenhuma oposição, mas quando se apresenta sob a forma de norma com todas as características apresentadas, acaba tornando a velhice cada vez mais intolerável, especialmente nas sociedades ocidentais onde o valor do trabalho e da performance, do desejo e da potência, da ação e do êxito são dominantes.

Segundo Anne-Marie Guillemard (2009, 2011, 2012) o processo de envelhecimento é colocado como um problema da população ativa e a principal questão em jogo é como equilibrar as finanças do Estado com uma população aposentada maior que uma população assalariada, promovendo políticas de emprego e não de aposentadoria, uma gestão preventiva do capital humano. A proposição da autora é do aumento da idade de aposentadoria, baseada na distinção entre trabalhadores manuais e intelectuais, visando o percurso laboral e não o tempo de trabalho. Na França, por exemplo, a idade média de saída do trabalho é de 58,9 e de ingresso na aposentadoria é de 61,8, isso quer dizer, que entre a aposentadoria e a saída do mercado de trabalho essas pessoas engrossam as cifras do desemprego. Segundo ela, assim seriam resolvidos os problemas de financiamento das aposentadorias. Em meio a uma severa crise econômica enfrentada na Europa e com altas taxas de desemprego, as sugestões da autora recebem críticas, seja a partir dos jovens que estão excluídos do mercado de trabalho, seja a partir dos aposentados que são obrigados a manter-se no trabalho por não terem condições financeiras para garantir o mínimo necessário no seu envelhecimento. As críticas enfatizam que o que é verdadeiramente resolvido na proposição da autora é o enriquecimento de quem tem boas condições de trabalho, como chefes de empresa, e em contraponto o aumento da exclusão dos jovens, que são os mais afetados pelo desemprego e dos idosos que trabalharam em profissões precárias ou com baixos salários, fortalecendo um sistema capitalista liberal pautado na atividade enquanto o maior valor do sujeito.

A perspectiva através da qual Bosi analisa a relação construída entre aposentadoria e envelhecimento sugere que há uma “moral oficial que prega o respeito ao velho mas quer convencê-lo a ceder seu lugar aos jovens, afastá-lo delicada mas firmemente dos postos de direção”, desejando vê-lo numa

posição passiva e de dependência, em que necessita de cuidados para 'seu próprio bem' (Bosi, 1994:78) e aponta ainda as épocas de desemprego, nas quais os velhos são especialmente discriminados. O olhar pessimista de Bosi sobre o processo de envelhecimento o associa ao afastamento do mundo do trabalho que transforma o idoso em um pária e promove uma união desse processo de afastamento do trabalho com a senilidade que começa prematuramente com a degradação da pessoa que trabalha.

A noção que temos de velhice decorre mais da luta de classes que do conflito de gerações. É preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira (Bosi, 1994:81).

Considerando-se que a passagem de trabalhador a aposentado coincide com o período definido nos termos da lei de previdência social no Brasil como o ingresso na terceira idade, cabe compreender como são articuladas as representações sobre a aposentadoria e o envelhecimento e de que forma estas incidem nos projetos de vida e familiares, no trabalho e no lazer dos aposentados.

A experiência contemporânea, que dissocia a aposentadoria e a velhice, é vista como uma consequência da ampliação do trabalho assalariado para as camadas médias e outros setores sociais e profissionais. Passando a abarcar setores com níveis mais altos de aspirações e de consumo, a aposentadoria deixa de ser uma forma de assegurar apenas a velhice dos mais pobres (Debert, 1999:59). Os dados trazidos pela pesquisa realizada pelo IBGE sobre a contribuição previdenciária analisam a população com idade acima de 65 anos ou mais, faixa em que os trabalhadores urbanos passam a ter direito à aposentadoria por idade e os carentes ao benefício da Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS, mostra que em 2007, 84% dos idosos recebiam aposentadoria ou pensão, sendo que a proporção de idosos residentes em áreas rurais que recebem benefícios é um pouco superior à urbana (88,0% e 83,6%). Os idosos brasileiros com 65 anos ou mais de idade que continuam trabalhando eram 22,5% em 2007, sendo que 74,7% destes são aposentados

(IBGE, 2008). Considerar que o fato de o idoso continuar trabalhando significa uma participação ativa na sociedade e minimiza o isolamento e a discriminação, encobre outros fatores, como a necessidade de trabalhar para prover economicamente as famílias, visto que o número de idosos chefes de domicílio tem aumentado a cada ano no país.

Cabe analisar também como esse grupo é pensado e representado nas instâncias de políticas públicas preocupadas com o aumento significativo de aposentados no Brasil neste início de século e com a expectativa de que esse crescimento seja ainda maior nas próximas décadas. Analisar através dessa esfera permite identificar a intervenção que a construção pública que é feita desse grupo social acaba por constituir os sujeitos no nível individual. Além disso, torna-se fundamental mostrar como os aposentados vêm se constituindo em atores importantes no processo político atual e o que isso revela a respeito da situação dos idosos na sociedade brasileira contemporânea (Simões, 2003). Avanços importantes foram feitos nesse sentido, como o estabelecimento do Estatuto do Idoso e dos programas de saúde específicos de atendimento a essa população.

5.1.3 Das questões sociais

A compreensão e a maneira de perceber os fenômenos da vida humana mudam, se transformam, se constroem o tempo todo e não há nenhuma surpresa em que, acompanhando esse processo de conhecimento, a mudança de conceitos também entre nesse jogo permanente, assim, as noções sobre o envelhecimento evidentemente acompanham esse movimento (Beauvoir, 1970). Tratar da conceituação do envelhecimento é confrontar-se ao agismo⁷⁶, termo que consiste em atribuir características a alguém baseadas apenas no fator cronológico. O agismo é considerado como uma atitude negativa que visa depreciar os indivíduos devido a sua idade e é associado majoritariamente aos idosos. O termo foi elaborado em analogia a racismo (Puijalon & Trincaz,

⁷⁶ Criado em 1969 nos Estados Unidos pelo gerontólogo Robert Butler em referência as discriminações contra os idosos em uma sociedade que valoriza a produtividade, a força, a atividade, a juventude e definições estritas de beleza.

2000). As idades da vida não são mais consideradas como etapas sucessivas de uma história de vida única, mas sim em grupos sociais a serem gerenciados que manifestam vigorosamente a segregação. Os conceitos atribuídos a cada etapa da vida também correspondem a essas diferenciações estabelecidas pelo critério geracional.

O conceito de velhice, que traz uma leitura singular das transformações orgânicas e fisiológicas ligadas à idade cronológica, foi sendo paulatinamente substituído pelo conceito de envelhecimento, concebido enquanto um processo social e biológico, considerando o sujeito como um todo. O envelhecer, que acabou por muito tempo sendo construído como uma imagem dominante de idade de lamúria, dificuldades e problemas (Arcand, 1982) é hoje pensado como uma etapa da vida com tanta qualidade como qualquer outra, seja em termos biomédicos ou culturais e sociais.

A categoria velhice está sendo desconstruída. Várias formas de doença antes especificadas e atribuídas à velhice são agora vistas como passíveis de ocorrer em qualquer fase da vida. Há, portanto, um sentido de que os velhos são iguais a todos nós e a possibilidade de uma imagem mais positiva da velhice no ocidente (Featherstone, 1994:69).

Nesse mesmo processo, o conceito de terceira idade muda o enfoque e passa a perceber a velhice como dinâmica, criando a necessidade de definir esse período com outro conceito, positivando a imagem do envelhecimento em uma nova posição epistemológica ética, estética, política e social (Birman, 2012). A terceira idade surge como a arte do bem viver, caracterizada pelo envelhecimento ativo e independente, como ideia também de não associar o envelhecimento à aposentadoria, mas sim à continuidade de projetos de vida.

As pessoas acima de 60 anos passam a ser vistas também de maneira diferente no setor econômico. Se antes representavam apenas ônus para o Estado e as políticas de previdência pública, hoje cresce o mercado de oferta de serviços para esse segmento populacional, visto como um dos mais ascendentes em termos de consumo. Conforme Alda Britto da Motta, a terceira idade passa a ser considerada um setor bastante lucrativo para organizadores e gestores de atividades que oferecem seus serviços sob o lema de uma

“velhice saudável” (Britto da Motta, 2002). Dessa forma, o envelhecimento passa a ser uma área de interesse de estudos entre economistas e demógrafos pelas consequências que gera na economia em seus amplos aspectos.

A terceira idade é uma categoria que abrange a construção social das categorias de idade e que pressupõe a desvinculação, que era corrente, da aposentadoria coincidindo com o fim da vida. Foi a partir da década de 60 que se insere o período da terceira idade entre a maturidade e a velhice. Há uma ressignificação onde a “acusação” de velhice passa por uma mudança de percepção, que vê a terceira idade como a “arte do bem viver”, caracterizada pelo envelhecimento ativo e independente (Peixoto, 2003). O aumento da expectativa de vida é fundamental na criação dos parâmetros para ‘novos’ estágios do curso da vida.

Concomitante à nova configuração das etapas da vida, especialmente no que diz respeito a etapas intermediárias de envelhecimento, como a terceira idade, reconfiguram-se também as aposentadorias, que deixam de ser um período apenas de descanso e passam a configurar-se enquanto mais uma etapa para construção e realização de projetos. “A velhice começa a ser vista como um estágio de aposentadoria ativa e o declínio físico a ela associado torna-se um fenômeno que pode ser progressivamente eliminado” (Featherstone, 1994:63).

A aposentadoria deixa de ser um marco a indicar a passagem da velhice ou uma forma de garantir a subsistência daqueles que por causa da idade, não estão mais em condições de realizar um trabalho produtivo. As mudanças no aparelho produtivo, que levaram a uma ampliação das camadas médias assalariadas, são acompanhadas de uma nova linguagem empenhada em alocar o tempo dos aposentados. Nela, as idades não são mais marcadores pertinentes de comportamentos e estilos de vida... Meia-idade, terceira-idade, aposentadoria ativa não são interlúdios maduros entre a idade adulta e a velhice, mas estágios apropriados para a concretização de sonhos adiados em outras etapas da vida (Debert, 1999:19).

Segundo Jean Mantovani e Monique Membrado (2000), a qualidade do envelhecimento sustenta-se a partir da manutenção da identidade do sujeito

forjada ao longo da sua existência, preservando em alguma medida o papel desses indivíduos. O sujeito não assume a identidade de velho o tempo todo, não se constituindo a velhice em um fato total porque ninguém se sente velho em todas as situações (Debert, 1999; Britto da Motta, 2002), salientando assim a necessidade de perceber as demais identidades que compõem os sujeitos que adentraram na velhice.

A noção de *déprise*, na concepção de Monique Membrado e Serge Clément (1995; 2010) foi construída a partir da análise de narrativas biográficas de pessoas com 75 anos ou mais e que parecia dar conta das formas de relação entre si e o mundo durante o processo de envelhecimento e dos efeitos do viver na cidade sob essa experiência. A *déprise* é um processo complexo e contínuo de ajustamento, de recomposição, de seleção e de mudanças de interesses que jogam na passagem do tempo e que contempla a dimensão individual e social. Tenta, ainda, dar conta da complexidade do processo de envelhecimento, mais do que trabalhar na tentativa de positivação da experiência de envelhecer a partir dos 65 anos, se pensarmos no contexto brasileiro, carregada da ideia de valorização ou desvalorização ainda bastante presente na concepção de envelhecimento que cria e desenvolve a gerontologia.

Concomitante a construção de novos conceitos, a urgência de encontrar uma via de reflexão sobre o envelhecimento, com o objetivo não somente de compreender esse processo, mas também de aprender como ser velho, se apresenta como um imperativo. A velhice não é somente um estado, mas sim uma maneira de ser, que tem suas exigências e é necessário combater a ideologia do envelhecer bem, incutida no discurso de medicalização e de nutrição, nas roupas e na relação que nós temos com nosso próprio corpo, nas múltiplas publicações sobre o envelhecimento e na mídia, no medo que temos da morte e nas ideologias nas quais nos apoiamos (Billé & Martz, 2012).

Na revista *Notre Temps*, que acompanhei algumas em edições⁷⁷ é curioso perceber que a imagem da capa não corresponde à imagem que os idosos têm de si, assim como não é a imagem que temos de alguém com mais de 60 anos. A modelo da capa e as fotos internas que apresentam coleções de

⁷⁷ Além de impressa, a revista está disponível no site www.notretemps.com

vestimentas não estão no mesmo compasso das demais ofertas publicitárias, que oferecem, sobretudo, pacotes turísticos em que estão inclusas terapias para o tratamento de doenças, casas em cidades turísticas do sul da França ou litoral da Espanha e produtos do dia-a-dia, como suportes para escadas, adaptações para banheiros, planos para garantir seu próprio enterro e pulseiras para ter seus passos controlados pelos filhos ou acompanhantes.

As revistas dirigidas para a terceira idade deixam de lado mesmo as diferenças de gênero, sempre tão marcadas durante as demais etapas cronológicas, à medida que a identidade geracional sobressai às outras.



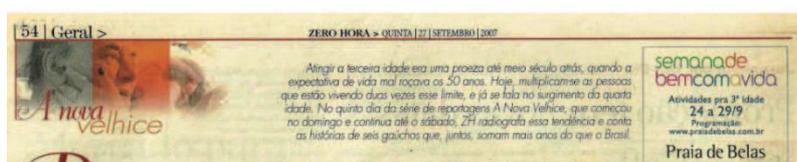
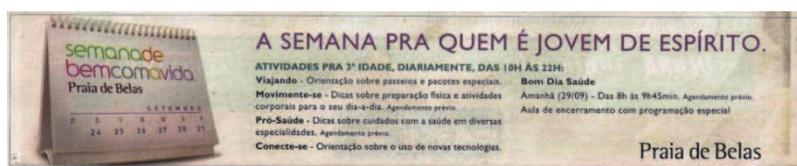
Imagem 162: Revista mensal para a terceira idade, *Notre Temps*. Fevereiro de 2012.
 Imagens 163 e 164: Publicidades encontradas na mesma revista. Fevereiro de 2012.

Seniors e *retraités*, conceitos que estão sempre em relação ao afastamento do mundo do trabalho, emergem na interpretação de outra face do envelhecimento, estreitamente ligada ao envelhecimento ativo e correlatos. Hélène Eraly (2012) mostra através de sua etnografia a emergência e proliferação dos *salons pour seniors*⁷⁸ que oferecem e permitem a manutenção de uma identidade ligada a atividade e que passa pela consumação, generalizando a exigência de realização de si através do consumo e construindo agências e serviços especializados voltados para o setor dos *seniors marketing* (Gilleard & Higgs, 2011). Se no Brasil os concursos de *Miss*

⁷⁸ Eventos para a terceira idade.

para a terceira idade baseiam-se em requisitos de beleza e simpatia, bastante subjetivos, em Bruxelas o conceito de envelhecimento ativo alcança os concursos de *Miss e Mister seniors* onde a questão colocada aos candidatos ao posto é por que você se considera o mais ativo?

Nesse imperativo imposto pelo consumo, a autora conclui que aqueles que não têm meios financeiros e culturais de consumir centralizam a sua existência ou manutenção de identidade sobre o trabalho e que entre estes, a noção de *bien vieillir* não constaria no seu vocabulário. Mesmo que em contextos diferentes de etnografia e de capital econômico, é importante marcar que a conclusão da autora entre a relação do que é envelhecer bem, com a manutenção da identidade de trabalhador, não é a mesma que verifico em Maués e Veranópolis, onde a possibilidade da atividade laboral, assim como das demais atividades consideradas como trabalho, que sugerem o que é envelhecer bem, não pautada somente na necessidade mas sim em termos valorativos da construção de si.



Imagens 165 e 167: Chamada para eventos na Semana do Idoso, acompanhando um encarte especial do jornal Zero Hora que durante uma semana fez reportagens sobre o envelhecimento no Rio Grande do Sul. Zero Hora, setembro de 2007.

Imagem 166: Chamada para o Salon des Seniors. Revista Notre Temps. Fevereiro de 2012.

É nesse conjunto que cabe destacar a necessidade de atender às duas dimensões do trabalho: sua repercussão no tempo subjetivo do entrevistado e sua realidade objetiva no interior da estrutura capitalista, sendo que a fusão do trabalho com a própria substância da vida se dá na memória de outros entrevistados (Bosi, 1994:475), considerando que “o “valor-trabalho” é intrínseco à ideologia da sociedade moderna e individualizante, mas, impregnado de seu contrário, sustenta princípios de complementaridade e reciprocidade” (Eckert, 2003:175).

A compreensão da construção social dos significados conferidos à velhice e ao processo do envelhecimento torna-se pertinente, especialmente tratando-se da sua relação com o mundo do trabalho e dos valores que estes aposentados atribuem à sua experiência de vida, às novas práticas e concepções envolvidas nas formas contemporâneas de perceber o processo de envelhecimento, ao trabalho e à aposentadoria.

É preciso compreender que os sentidos e a própria vivência da velhice não são estáticos, mas sim processos e por isso faz-se necessária a revisão da associação entre o fim do trabalho e a entrada na velhice e mais que isso, uma redefinição dos diferentes estágios da vida (Debert, 1999:49). Essa abordagem justificaria a necessidade de estabelecer novos recortes nos estágios de envelhecimento baseados na idade e no nível de independência dos idosos, ao mesmo tempo em que critica as pesquisas sobre o envelhecimento que englobam na categoria “velhos” os indivíduos com 60 anos ou mais, sugerindo-se assim recortes diferenciados mais significativos para essa população (Debert, 1999:62). A cultura da longevidade surge como conceito chave para compreender essas pessoas, na sua experiência de envelhecer ligada à cidade, na construção da identidade geracional.

No estruturalismo figurativo de Gilbert Durand, o social transcorre em construção permanente através de dispositivos simbólicos substancializados em processos ricos de sentido, os quais convocam o tempo passado como explicação do tempo presente pela presença de invariantes e onde se conjuga a memória como veículo de significados diferentes que o presente convoca em relação aos mesmos significantes (Rocha, 2008:2).

A multiplicidade dos cursos de vida, mostrada no estudo de Phillippe Áries (1981), é hoje um valor no ocidente, que vem se disseminando a partir da modernidade capitalista e que passou a segmentar as idades. Podemos observar que cada vez mais as faixas etárias tendem a desdobramentos, denominando a toda essa crescente demarcação de fases como a colonização do curso da vida, onde cada etapa congrega problemas e soluções específicas.

Dentro desse quadro, conforme aponta Mike Featherstone (1994:54), a juventude é eleita a idade-padrão, por valorizar a afirmação do indivíduo, sua autonomia para fazer projetos e escolher uma trajetória de acordo com o repertório de um campo de possibilidades.



Imagem 168: Reportagem sobre longevidade na França, que aponta duas perspectivas de encarar o aumento da esperança de vida, do ponto de vista individual é apresentada como uma chance o que para a sociedade representaria um fardo.

Revista Sciences Humaines. Dezembro de 2011.

Dessa forma, tratar do curso da vida humana enquanto um processo, ou seja, tomando-o como um tempo vivido pelas pessoas e dessa forma social e culturalmente organizado, significa que devemos abordá-lo a partir de uma perspectiva plural, considerando a multiplicidade da possibilidade de organização dos ciclos e cursos de vida nas diferentes sociedades e ao longo da história. Os ciclos devem ser percebidos, para sua compreensão, enquanto um processo total e não com partes isoladas. No entanto, é preciso ultrapassar também o limite imposto pela Sociologia, de contemplar tudo o que é humano enquanto construção social, pois essa perspectiva limita e é contrária as “exigências do processo de envelhecimento e do corpo humano” na tentativa

de negar as pré-condições biológicas e os limites do corpo e dos processos vitais (Featherstone, 1994:50), que impõe limites inclusive na vida social. Ao problematizarmos o corpo e seus cursos ao longo do tempo, aflora então a discussão da intersecção da biologia e da cultura apontada por Mike Featherstone.

A identidade do ser longo vivo constitui-se nesse processo de reconhecimento do corpo com base na experiência narrada e sentida, e torna-se válida na medida em que é vivenciada através de horizontes imaginativos que possibilitam esse compartilhamento de experiências e construção de uma identidade.

Considerações

Esse capítulo apresentou de maneira teórica a construção da longevidade nas perspectivas políticas, biológicas e sociais e evidenciou, assim como ao longo da etnografia, a impossibilidade de considerar apenas uma dessas categorias para a compreensão de tal fenômeno. Os limites de conceitos como dependência ou autonomia ou as diversas possibilidades interpretativas de tais conceitos ocorrem tanto por parte de especialistas quanto com os idosos.

Assim como o ritmo da cidade é cada vez mais veloz, as mudanças que temos das imagens dos idosos também mudam rapidamente. Se em algumas cidades as pessoas acima de 60 anos representam um problema, há cidades que recriam o papel dos seus idosos, como é o caso de Maués e Veranópolis, pautadas no enlace entre poder público e biomedicina, por uma atenção aos longevos em suas formas criativas de viverem a nominada “cultura da longevidade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar ao fim desse trabalho de tantos envolvimento afetivos e emocionais, com tantos interlocutores envolvidos e, igualmente, de possibilidades de análise suscitam mais questões do que propriamente conclusões. O porquê de algumas tomadas de decisões, de alguns caminhos teóricos percorridos, o privilégio de algumas descrições, não me oferece a sensação de segurança da tomada de decisão, mas sim da produção de trabalho não finalizado, com infinitas possibilidades de investigação e uma dívida com tantos interlocutores que se fizeram presentes ao longo desse percurso.

As opções etnográficas nessa tese foram guiadas do início ao fim pelos interlocutores, construídas em uma relação dialógica, em que eles apontaram as melhores formas de entrada em seus universos, assim como o respeito ao tempo imposto por eles, não apenas de aproximação para a interlocução, mas também nas narrativas, que entrelaçam passado, presente e futuro. O percurso teórico é proposto nas entrelinhas das escolhas e no capítulo 5 e, mais especificamente, buscamos sintetizar as principais orientações

Etnografar na cidade contemporânea é estar diante do jogo da pluralidade do sujeito, atores da vida cotidiana. São diversidades de trajetórias, de biografias, de memórias, de continuidades e descontinuidades. Mas nossa investigação recaiu, igualmente, sobre as homogeneidades. A escolha de tratar do tema da longevidade, se relaciona a administrações urbanas em duas cidades interioranas que desenvolvem uma política pública relacionada ao bem estar do idoso. Com este enfoque, é possível verificar certas homogeneidades na construção da cultura da longevidade em Maués e Veranópolis.

Ao longo dessa escrita me interroguei sobre a pertinência de utilizar o termo no singular ou no plural e optei por manter o termo no singular, considerando que uma cultura é formada por diversos fatores, como mostram os enlaces que trouxe ao longo dos capítulos; por outro lado, há culturas, no plural, considerando que a longevidade não é construída sobre os mesmos pressupostos em sociedades diferentes.

A construção das narrativas, assim como a memória e o ritmo da vida, tem um movimento de idas e vindas. O que, por vezes, pode dificultar a leitura, respeitou o próprio ato de reflexão do sujeito no mundo, que olha para a sua trajetória e a revive, recria e reconstrói permanentemente. Na memória narrada é realizada a associação da experiência individual na experiência coletiva, mostrando que não há uma separação entre presente, passado e futuro que ela é constantemente trabalhada, possui movimento e, como as lembranças são evocadas e associadas, é possível perceber como é feita a reconstituição desse tempo vivido.

O fator cidade-cidadania é um elemento agregador, assim como, as relações na família. A identidade de pertencimento dos idosos às cidades caminha ao lado do sentimento de valorização através dos projetos públicos, seja na valorização dos seus conhecimentos, como as práticas nutricionais, por exemplo, ou pelo destaque na valorização da identidade geracional. Não existe um panóptico, em que as pessoas são obrigadas a seguir a risca, eles seguem tendo suas vidas em suas expressões diversas, mas se sentem valorizadas nas cidades longevas, lembradas pelo poder público e que abrigam a longevidade, que contrapõe o que eles relatam que veem nos jornais ou na televisão sobre a exclusão dos idosos.

Mesmo que essas cidades tomem a identidade geracional como a principal identidade, os idosos mostram através das suas práticas que eles não estão restritos a identidade de „velho“. Mesmo a identidade geracional, ela é acionada de diversas maneiras nas relações familiares, com os amigos ou com os serviços públicos.

A qualidade do envelhecimento está ligada à manutenção da identidade do sujeito ao longo da vida, preservando o papel desses indivíduos. Mais do que recorrer a conceitos que são importantes para estabelecer direitos aos idosos, mas que, por outro lado, homogeneizam as experiências, induzindo a estigmatização daqueles que não aderem a tais conceitos, especialmente quando se trata do que é qualidade de vida, dependência e autonomia.

A qualidade do envelhecer é medida pela capacidade de manter-se ativo, autônomo, seja gerenciando suas finanças, nas relações sociais e nos cuidados de si. Consumo e economia tem uma relação estreita, em que pela

indústria farmacêutica ou de produtos para „tornar a vida mais fácil“ até pacotes de viagens, a ordem é participar do sistema econômico: se não é possível produzir, a obrigação é de consumir. A própria construção social da identidade do grupo em questão, ou seja, os valores culturais compartilhados, especialmente o valor-trabalho que organiza o grupo “em tempos e espaços vividos e pensados como encompassadoros da coletividade, pela comunhão de um modo de pertencimento diverso” (Eckert, 1993:12).

O consumo também está em foco nas cidades dos longevos, afinal elas buscam uma nova vocação turística através da promoção da longevidade e também não deixam de ser laboratórios de pesquisas. Essas cidades promovem novas vocações em que a identidade geracional é evidenciada.

O investimento na saúde da população idosa é uma das características, entre outras que foram trazidas ao longo da tese, das cidades contemporâneas. Na infância, o investimento é feito em educação, na idade adulta sobre o trabalho e na terceira idade, na saúde. No entanto, não é apenas nas políticas públicas que a saúde é focada, mas também na responsabilização do indivíduo, não apenas nas políticas para idosos, mas também naquelas que visam „prevenir“ a velhice, atribuindo-lhe um status de doença e não de um processo natural, político e social. A visão fragmentada do envelhecimento faz com que os idosos sejam categorizados em duas etapas: “tem um momento em que temos ainda um corpo e há um momento em que somos um corpo” (Riita Liisa Heikkinen, 2000:472), ou seja, despidos de relações, de memórias, de espaço no mundo, são tomados enquanto um problema ao qual seria preciso fazer frente, e a medida para diminuir custos e aumentar investimentos seria durar, mas sem atrapalhar.

Com o foco da implementação de tais políticas, assim como, das investigações biomédicas e da fomentação da cultura da longevidade enquanto vocação, é importante dizer que os idosos fazem uso dos serviços de saúde pública, especialmente através da implantação dos PSF nos bairros. Em Maués, as reclamações foram mais correntes. Há dois postos de saúde que os interlocutores frequentavam: o do bairro Ramalho Junior, onde morava a maioria dos idosos e o do Centro, que mesmo aqueles de outros bairros precisavam recorrer porque alguns exames eram realizados somente lá. Em

Maués não teve relatos de idosos que possuíam planos de saúde. Ir para Manaus para consultas médicas era sinal de poder aquisitivo mais elevado, mesmo que o médico fosse pago pelos filhos, como normalmente o era quando se dirigiam para Manaus ou pelo sinal de gravidade, cabe notar que uma viagem para Manaus implica uma viagem de 20 horas. Os interlocutores que foram à Manaus de avião não iam para consultas e sim internamentos urgentes, e nesse caso, pagos pela prefeitura. Ouvei ao menos três relatos de morte na espera de transferências para Manaus.

Percebemos a relação da obrigatoriedade do Estado em prover a saúde e a barganha das próprias instituições estatais de usar os médicos e o acesso a saúde como moeda de troca na participação das pesquisas e na promoção das cidades. De qualquer forma, não se pode negar que é através da parceria entre poder público e pesquisas biomédicas que as políticas públicas para idosos começaram a se desenvolver nos municípios e que tem tornado as cidades referências na atenção aos idosos. No caso de Veranópolis, é possível avaliar de forma mais ampla o alcance dessa intervenção, visto que a parceria iniciou há quase vinte anos, nota-se que as políticas se antecipam mesmo às implementadas nacionalmente. Ou seja, a atenção que começa a ser dispensada atualmente em políticas nacionais, ou mesmo da aprovação do Estatuto do Idoso, que tem partes dedicadas à saúde, em Veranópolis se iniciou ainda na década de noventa.

A atenção à saúde, principalmente para a população carente e onde as questões geográficas, como em Maués, dificultam os deslocamentos, é reconhecida pelos idosos. Assim como, os espaços de sociabilidade, de solidariedade e de lazer, também garantidos como parte do projeto das políticas públicas de investimento na longevidade, permitem a positividade da imagem dos idosos, entre eles mesmos e na sociedade.

A ligação entre o que denomino de categorias que constroem a longevidade é marcada o tempo todo através das narrativas dos idosos, em que as questões de nutrição, das atividades físicas, representadas, sobretudo, na valorização do trabalho e a sociabilidade marcada pelo ato de transmissão de conhecimentos, mantém o corpo do longo, porque é no corpo que se solidificam as experiências. O corpo não só físico, mas que tem na memória o

reconhecimento de si. Os arranjos da memória se dão através das práticas cotidianas, seja nos grupos de terceira idade, nas redes de vizinhança e na família, especialmente pela relação com os netos.

Os dramas da vida, a solidão e, principalmente, as mortes são partilhados entre todos. A ausência da figura masculina é lamentada quando havia sinais de companheirismo, mas evidente que as traições e, em alguns, casos agressões também se sobressaem. Com a morte ou separação, em alguns poucos, casos essas mulheres tomaram o espaço da rua, antes confinadas à vida doméstica.

Quanto aos dramas enfrentados pelos homens e pelas mulheres com o avanço da idade, a valorização do trabalho mais uma vez entra em cena. Os homens relutam com esse distanciamento do espaço da rua, de ir ao trabalho, de manter relações sociais com os colegas do trabalho, com os amigos que se reúnem no bar; enquanto as mulheres, já habituadas ao espaço da casa, sofrem à medida que não conseguem mais organizar a casa ou fazer a limpeza como gostariam, assim como, quando os filhos saem de casa ou diminuem as visitas dos netos.

Cabe também entre tantos questionamentos, refletir sobre como é visto o envelhecimento a partir dos sistemas de valores: é o tempo da não juventude, da aposentadoria, seria assim um tempo de negação? A própria negação da vida, já que alguns autores mostram que o medo que temos de envelhecer e a busca desenfreada por retardar essa etapa ou dissimulá-la, retardar sua chegada, é porque não é a morte que faz oposição à vida, e sim o envelhecimento, em associação direta a morte social do indivíduo (Elias, 1990; Clément, 2007).

As questões relativas ao trabalho, à nutrição, à sociabilidade e à religião na construção diária do que é longevidade são indissociáveis e são práticas que se complementam entre si. Os valores atribuídos se entrelaçam: é no trabalho na terra que se nutre e dá força ao corpo, que mantém as relações sociais através de trocas de ensinamentos e mesmo produtos do trabalho paciente de plantar e cuidar para poder colher. Enfim, são categorias inseparáveis que promovem a longevidade e que independentes não possuiriam a mesma eficácia.

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011.
- ALVES, Andréa Moraes. *A dama e o cavalheiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo, Ática, 1989.
- ARCAND, Bernard. La construction culturelle de la vieillesse. *Anthropologie et Sociétés*, Québec : Département d'anthropologie, Université Laval. vol. 6 no 3, 1982.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- BALDACCI, Giuseppe. Le vieillissement comme médicament. In: Colloque Dynamiques du Vieillissement. Paris: Université Paris VII, 2012.
- BARNES, John Arundel. Redes sociais e processo político. In: *Antropologia das sociedades contemporâneas: Métodos*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- BATESON, Gregory. *Steps to an Ecology of Mind*. São Francisco: Chandler, 1972.
- BEAUVOIR, Simone de. *La vieillesse*. Paris: Idées/Gallimard, 1970.
- BÉCOT, Jacques; GUYAR, Jean; JEAN, Denis. Adapter le territoire: enjeux et avenues. In: *Vieillissement: Santé et Société – Défis et Perspectives*. Quebec: Pulaval, 2007.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BERQUÓ, Elza. Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: *Velhice e Sociedade*. Campinas – SP: Papirus, 1999.
- BILLÉ, Michel ; MARTZ, Didier. *La tyrannie du "bien vieillir"*. Paris: Le Bord de l'eau, 2010.
- BIRMAN, Joel. Le troisième âge comme une nouvelle lecture du processus d'envelhecimento: subjectivation et biopolitique. In: Colloque Dynamiques du Vieillissement. Paris: Université Paris VII, 2012.

BITTENCOURT, Luciana Aguiar. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: *Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papyrus, 1998.

BOETSCH, Gilles; RABINO-MASSA, Emma. Vieillesse et évolution: regard anthropologique sur l'allongement de la durée de la vie. In : *Global Bioethics: problemi di bioetica*, 2002.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOTH, Elizabeth. *Família e Rede Social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976

BOURDELAIS, Patrice. L'âge de la vieillesse. In : *Histoire du vieillissement de la population*. Paris : Éditions Odile Jacob, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

_____. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. In: *Cadernos Pagu* (UNICAMP), v. 13, n.13, p. 191-221. Campinas, 2000.

_____. "Envelhecimento e sentimento do corpo". In: *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

_____. Viúvas: o mistério da ausência. In: *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, v. 7, p. 7-34. Porto Alegre, 2005.

_____. O Final da Vida no Século XXI. In: *Revista Mediações* (UEL), v. 17, p. 9-25. Londrina, 2012.

BRUNER, Edward. 1986. Ethnography as Narrative. In: *The Anthropology of Experience*. Chicago: Illinois University Press, 1986.

BUTLER, Judith. Performative acts and gender constitution: an essay in phenomenology and feminist theory. In: *The Performance Studies Reader*. London: Routledge, 2004.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In: *Os Novos Idosos Brasileiros, muito além dos 60?* Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CARADEC, Vincent. L'épreuve du grand âge. In: *Retraite et Société. Le vieillissement au grand âge*, número 52. Paris: Cnav, 2007.

_____. *Sociologie de la vieillesse et du vieillissement*. Paris: Armand Colin, 2009.

CARBONNELLE, Sylvie. Du “vieillissement de la population” aux multiples formes du “vieillir”. In: *Penser les vieilles Regards sociologiques et anthropologiques sur l'avancée en âge*. Paris: Éditions Seli Arslan SA, 2010.

CHERUBINI, Bernard. Réconcilier les âges avec la cité. In: *Vieillesse: Santé et Société – Défis et Perspectives*. Québec: Pulaval, 2007.

CLÉMENT, Serge ; ROLLAND, Christine ; THOER-FABRE, Christine. Usages, normes, autonomie : analyse critique de la bibliographie concernant le vieillissement de la population. Recherche du Ministère de l'Équipement, des Transports, du Logement, du Tourisme et de la Mer, et la Direction générale de l'Urbanisme, de l'Habitat et de la Construction (PUCA), Université Toulouse Le Mirail - CNRS, février 2005.

CLÉMENT, Serge. Le discours sur la mort à l'âge de la vieillesse. In: *Retraite et Société. Le vieillissement au grand âge*, numéro 52. Paris: Cnav, 2007.

COMAROFF, Jean; COMAROFF, John. Naturalizando a nação: estrangeiros, apocalipse e o Estado pós-colonial. In: *Horizontes Antropológicos*, v. 7, n. 15. Porto Alegre, 2001

CRUZ, Ivana Beatrice Mânica da; MORIGUCHI, Emílio. *Projeto Veranópolis: Reflexões sobre envelhecimento bem sucedido*. Veranópolis: Ed. Oficina da Longevidade, 2002.

CSORDAS, Thomas. *Corpo/Significado/Cura*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

DA MATTA, Roberto. *A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e a morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DANTAS, Amauri. O Guaraná. In: *Um, dois, três, era uma vez...*. Belém: Falangola editora, 1984.

DEBERT, G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: *A aventura antropológica*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp, 1999.

DEBERT, Guita Grin. A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: *Velhice e Sociedade*. Campinas - SP: Papius, 1999.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

DIAS, Juliana Braz. A vocação comparativa da antropologia: caminhos para novas investigações. In: *Anais do 36º Encontro Anual da Anpocs*, Águas de Lindóia – SP, de 21 a 25 de outubro de 2012.

DIAS DUARTE, Luiz Fernando . Pluralidade religiosa nas sociedades complexas e religiosidade das classes trabalhadoras urbanas In: *Três Ensaios Sobre a Pessoa e Modernidade*. Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 41, 1983.

_____. Da vida nervosa das classes trabalhadoras urbanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

DUCOM, Estelle. Le vieillissement au Japon, aspects démographiques, politiques, sociaux. In: Colloque Dynamiques du Vieillissement. Paris: Université Paris VII, 2012.

DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus*. São Paulo: Edusp, 1992.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, 1988.

DUTTON, Paul. La retraite, le vieillissement et la mort aux États-Unis et en France. In: Conférence du Laboratoire Framespa-UMR 5136, Thématique Santé et société, Université de Toulouse II-Le Mirail, 26 avril 2012.

ECKERT, Cornelia. *Memória e Identidade: Ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: mineiros do carvão (La Grand-Combe, França)*. Porto Alegre: Cadernos de Antropologia, número 11, 1993.

ECKERT, Cornelia. Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica. In: *Revista Humanas*. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, nº 19, Porto Alegre, 1998.

ECKERT, Cornelia. Saudade Em Festa e A Ética da Lembrança. In: *Revista Estudos Feministas*, v. 5, n.1, p. 182-192, Rio de Janeiro, 1997.

_____. A vida em outro ritmo. In: *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

_____. Cultura do medo e cotidiano de idosos porto-alegrenses. In: *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 2, n.4, p. 33-71, Joao Pessoa, 2003.

_____. Memória e Trabalho: Etnografia da duração de uma comunidade de mineiros de carvão (La Grand-Combe, França). Curitiba: Editora Appris, 2012.

ECKERT, Conelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Imagem recolocada: Pensar a imagem como instrumento de pesquisa e análise do pensamento coletivo. In: *Iluminuras: Série do Banco de Imagem e Efeitos Visuais*, 8. Porto Alegre, 2000.

_____. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2005.

ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ERALY, Hélène. Le rôle de la consommation dans le processus de vieillissement: les salons pour seniors face aux paroles de jeunes retraités belges. In: *Les enjeux économiques, sociologiques et politiques du vieillissement*. Lille, 2012.

FARINA, Geraldo. *Memórias do cotidiano*. Nova Prata: Gráfica e Ed. Comunicação Impressa Ltda, 1987.

FEATHERSTONE, Mike. O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento. In: *Textos Didáticos*, IFCH/UNICAMP, 1 (13), 1994.

FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe. *Comida: uma história*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. *Folheando o Passado: Estudo Antropológico Sobre Memória e Identidade Social na Velhice*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), PPGAS-UFRGS, Porto Alegre, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica . Curso no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANÇA, Maria Cristina Castilhos. A cidade narrada na memória dos velhos habitantes de Teotônia (RS): estudo etnográfico de memória intrageracional e compartilhada sobre as experiências transmitidas na relação entre avós e netos. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), PPGAS-UFRGS, Porto Alegre, 2002.

_____. Memórias Familiares em Festa: estudo antropológico dos processos de reconstrução das redes de parentesco e trajetórias familiares. Tese (Doutorado em Antropologia Social), PPGAS-UFRGS, Porto Alegre, 2009.

Freville, Marcel de. *Des quatre âges de l'homme : traité de moral de Philippe de Novare*. Paris: Didot, 1888.

FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. Simmel e as formas de sociabilidade. In: *Sociabilidade Urbana*. RJ, Zahar, 2007.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GILLEARD, Christopher; HIGGS, Paul. Consumption and aging. In: *Handbook of Sociology of Aging*: Springer Verlag, 2011.

GRAEFF, Lucas. *O "Mundo da Velhice" e a cultura asilar: Estudo antropológico sobre memória social e cotidiano de velhos no Asilo Padre Cacique, em Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), PPGAS-UFRGS, Porto Alegre, 2005.

GUCHER, Catherine. *L'Action gérontologique municipale*. Paris: L'Harmattan, 1998.

GUÉRIN, Serge. *L'invention des seniors*. Paris: Hachette Littératures, 2007.

GUILLEMARD, Anne-Marie. *L'Âge de l'emploi*. Paris : Ed. Armand Colin, 2003.

_____. L'emploi des jeunes et celui des seniors va de pair. In: *La Tribune*, 13 juillet 2010.

_____. *Les défis du vieillissement. Âge, emploi, retraite : perspectives internationales*, Paris, Armand Colin, 2010.

GURAN, Milton. *Fotografia: suporte da memória, instrumento da fantasia*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HEIKKINEN, Riita-Liisa. Ageing in an autobiographical contexto. In: *Ageing and Society*, 20, 2000.

IBGE. Censo Demográfico. Características Gerais da População, 2000.

_____. Síntese de Indicadores Sociais – Uma análise das condições de vida da população brasileira 2008. Estudos e pesquisas, informação demográfica e socioeconômica, número 23, 2008.

_____. Indicadores Sociodemográficos e de saúde no Brasil. Estudos & Pesquisas informação demográfica e socioeconômica, número 25, 2009.

_____. Síntese de Indicadores Sociais – Uma análise das condições de vida da população brasileira. Estudos & pesquisas, informação demográfica e socioeconômica, número 29, 2012.

INGOLD, Tim. *The perception of the Environment. Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. Londres: Routledge, 2000.

INSEE. Estimations de population et statistiques de l'état civil. In: *Institut National de la Statistique et des Études Économiques*, 2013.

KOLLEWE, Carolin. *Etnogerontología. Enfoques y Perspectivas*. Colima: Casoenac, 2011.

KORFF-SAUSSE, Simone. Apport de la clinique du handicap à la reflexion sua la dépendence. In: Colloque Dynamiques du Vieillissement. Paris: Université Paris VII, 2012.

LAW, John. Notes on the Theory of Actor Network: Ordering, Strategy and etergeneity. In: *Systems Practice*, vol.5, n. 4. (Tradução de Fernando Manso). Disponível em: <http://www.necso.ufrj.br>, 1992.

LEGROS, Bernadette Bawin ; CASMAN, Marie-Thérèse. Vieillir au féminin : quiétude ou inquiétude ? In: *Cahiers du Genre*, número 31, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Le Triangle Culinaire. In: *L'ARC*, n. 26, 1985.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. *Autoridade e Afeto. Avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

_____. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

LOMNITZ, Larissa. Globalização, economia informal e redes sociais. In: *Redes sociais, cultura e poder*. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

LUSA, Ireno Udilo. *Família Lusa –Luza e descendes*. Nova Pádua, 2010.

MAGNANI, José Guilherme C ; TORRES, Lilian de Lucca. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, Edusp, 1996.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARCUS, George. Ethnography in/of the Wordl System: The emergency of Multi-Sited Ethnograpy. In: *Annual Review of Anthropology*, n. 24, 1995.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: *Sociologia e Antropologia*. Vol. I. SP, EPU/EDUSP, 1974.

MEMBRADO, Monique. Le soutien aux personnes âgées et les relations intergénérationnelles : enjeux de définition et de genre. In: *La valeur des liens. Hommes, femmes et transactions familiales*. Toulouse: Editions des Presses Universitaires du Mirail, Collection Les Anthropologiques, 2009.

_____. Déprise et engagement dans le monde des hommes et des femmes après le passage à la retraite. In: *Vie et vieillissement*, Revue trimestrielle de l'Association québécoise de gérontologie, vol 10, n°1, 2012.

MEMBRADO, Monique; CLEMENT Serge. Expériences du vieillir : généalogie de la notion de déprise. In: *Penser les vieilleses, Regards anthropologiques et sociologiques sur l'avancée en âge*. Paris: Éditions Seli Arslan, 2010.

MEMBRADO, Monique; DRULHE, Marcel; CLEMENT, Serge; MANTOVANI, Jean. L'expérience du voisinage: propriétés générales et spécificités au cours de la vieillesse. In: *Cahiers Internationaux de Sociologie* Vol.CXXIII, 2007.

MOCELLIN, Maria Clara. *Narrando as Origens: um estudo sobre a memória mítica entre descendentes de imigrantes da região colonial italiana do Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) PPGAS - UFRGS, 1993.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo. A Diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

PALMEIRA, Moacir. Política e Tempo: nota exploratória. In: *O Dito e o Feito: Ensaio de Antropologia dos Rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade.... In: *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

PRICE, Richard; PRICE, Sally. Os direitos humanos dos quilombolas no Suriname e na Guiana Francesa. In: *Antropologia, Diversidade e Direitos Humanos Diálogos Interdisciplinares*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

PUIJALON, Bernardette ; TRINCAZ, Jacqueline. Dire la vieillesse et les vieux. In : *Gérontologie et Société. Vieillesse ordinaires*, nº138, septembre 2011.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo I. Campinas – SP: Papyrus, 1994.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Aventura antropológica de narrar a cidade: nas trilhas da antropologia urbana e da antropologia da imagem. In: *Iluminuras*, v. 19, Porto Alegre: 2008.

SCOTT, Russell Parry. Envelhecimento e Juventude no Japão e no Brasil: idosos, jovens e problematização da saúde reprodutiva. In: *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio. O sujeito e a processualidade histórico-social. In: *Discurso, Velhice e Classes Sociais*. Maceió: EDUFAL, 2007.

SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SIMMEL, George. Indivíduo e sociedade nas concepções de vida dos séculos XVIII e XIX. In: *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SIMÕES, Júlio Assis. “A maior categoria do país”: o aposentado como ator político. In: *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SIQUEIRA, Monalisa Dias de. *Quem convida é a mulher: experiências femininas e subversão nos bailes de dança de salão*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.

SIQUEIRA, Monica Soares. Na Lapa tudo é permitido! A Lapa sob o olhar e a experiência de travestis das antigas. In: *Iluminuras*, v. 19, Porto Alegre, 2008.

STUCCHI, Deborah. O curso da vida no contexto da lógica empresarial: juventude, maturidade e produtividade na definição da pré-aposentadoria. In:

Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

TRINCAZ, Jacqueline ; PUIJALON, Bernardette. Vieillir en terre hostile. In: *Penser les vieillesses, Regards sociologiques et anthropologiques sur l'avancée en âge*. Paris: Éditions Seli Arslan, 2010.

_____. Heureusement, ça ne dure qu'un jour ! In: *L'anniversaire*. Clermont-Ferrand, Presses Universitaires Blaise Pascal, 2008.

_____. Les actions intergénérationnelles. Pour une valorisation de l'expérience des vieux. In : *L'expérience professionnelle et personnelle en question*. Paris: L'Harmattan, Logiques sociales, 2007.

VALENTE ROSA, Maria João. *O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa*. Lisboa: FFMS, 2012.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

_____. *Subjetividade e Sociedade uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

VICENTE TOMÁS, Licínio Manuel. *Conjugação dos tempos de vida. Idade, Trabalho e Emprego*. Lisboa: Editora Mundos Sociais, 2012.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. In: *Mana* 8 (1), 2002.

WAGNER, Helmut R. (Org. e Introdução). *Fenomenologia e relações sociais*. Textos escolhidos de Alfred Schütz. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WEBER, Florence. *Trabalho fora do trabalho: uma etnografia das percepções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1987.

WEBER, Max. Conceito e categorias da cidade. In: *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WEBER, Regina. *Os operários e a colmeia*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.

ZANINI, Maria Catarina. *A italianidade no Brasil meridional- a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). USP, São Paulo, 2002.

SITES PESQUISADOS

www.bndes.gov.br

www.guaranaantarctica.com.br/produtos/guarana-antarctica.aspx

www.ibge.gov.br

www.fng.fr

www.fundaj.gov.br/tpd/117a.html

www.muraki.org.br/

www.notretemps.com

www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/links/index.php

www.saude.rs.gov.br

www.satere.com.br/lendas.ph

www.scp.rs.gov.br

www.seas.am.gov.br

www.unati.uea.edu.br

www.veranopolis.rs.gov.br

www.vivabrazil.com/pirarucu.htm